



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (IH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA (POSGEA)
DOUTORADO EM GEOGRAFIA

NÚBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO

**PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E PAISAGEM DE PEDRO AFONSO:
CIDADE HISTÓRICO-RESILIENTE DO ESTADO DO TOCANTINS**

Brasília, DF

2021

NÚBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO

**PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E PAISAGEM DE PEDRO AFONSO:
CIDADE HISTÓRICO-RESILIENTE DO ESTADO DO TOCANTINS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília – UnB, como requisito para obter o título de Doutora em Geografia.

Linha de Pesquisa: Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Luiza Peluso.

Brasília, DF

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N244p Nascimento, Núbia Nogueira do.
Patrimônio, memória e paisagem de Pedro Afonso: cidade histórico-resiliente do Estado do Tocantins. / Núbia Nogueira do Nascimento. – Brasília, DF: UnB, 2021. 228 f.; il.; mapas.
Orientadora: Profa. Dra. Marília Luiza Peluso.
Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA/UnB).

1. Geografia cultural. 2. Patrimônio. 3. Memória. 4. Paisagem 5. Pedro Afonso - TO.
I. Título. II. Tocantins.

CDD 21. ed. - 302

Bibliotecária responsável: Núbia Nogueira do Nascimento CRB-2 /1393

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

NÚBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO

**PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E PAISAGEM DE PEDRO AFONSO:
CIDADE HISTÓRICO-RESILIENTE DO ESTADO DO TOCANTINS**

Defesa de tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília – UnB, como requisito para obtenção do título de Doutora em Geografia. Aprovada em _____ de _____ de 2021, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Marília Luiza Peluso (Orientadora-Presidente)
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Glória Maria Vargas Lopes de Mesa (Examinadora interna)
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho (Examinador interno suplente)
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Rosane Balsan (Examinadora externa)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Profa. Dra. Maria de Fátima Oliveira (Examinadora externa)
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Aos meus pais, que me ensinaram o valor das nossas memórias!

AGRADECIMENTOS

Lembrar das pessoas que fizeram parte da trajetória da tese é árduo e também passível do esquecimento. Por isso, antecipadamente, peço desculpas por não mencionar todos os envolvidos.

À Universidade Federal do Tocantins (UFT), pela licença concedida em um período em que a educação e a aquisição de conhecimentos se tornaram algo tão efêmeras, mas esperamos por dias melhores.

Aos colegas de profissão do SISBIB (UFT)...

Emanuele Eralda, Nilo Marinho, Atilena, Roseane Pires e Edson e aos demais colegas dos outros Campus, pelo entusiasmo pelo meu retorno e torcida no início. A Ordália, pela companhia desde a hospedagem no hotel para o processo seletivo do doutorado, as idas e vindas ora de ônibus ora de avião. Sua parceria foi de muita alegria e muito entusiasmo.

Aos amigos....

A todos aqueles que são e se fazem presente na minha vida presencial e no meio virtual, impossível lembrar e citar todos, mas sintam-se inclusos neste agradecimento.

Aos professores....

Everaldo da Costa e Illia Sizzo, por todo aprendizado experienciado por vocês. Gostaria ainda de agradecer a Rosane Balsan pelo início e parceria contínua na vida acadêmica e o regozijo a novos projetos. E à professora Maria de Fátima, que me fez viajar em suas obras sobre o nosso Tocantins.

Aos profissionais com o material para a pesquisa...

À equipe do Museu Histórico de Pedro Afonso, Raimundinha, Sebastiana, Sandra, Gláucia, obrigada pela receptividade e pelo apoio ao pesquisador. Ao escritor local, Lourivan Castro, por compartilhar seu conhecimento. À Secretaria de Cultura do Município, pelo total apoio. Em especial ao professor pedro-afonsino Fabrício, um nome marcante na contemporaneidade, fundador das praças ecológicas, defensor das causas sociais. Meus sinceros agradecimentos por todo material de pesquisa, pelas fontes documentais e pelo tempo disponibilizado para a coleta de dados percorrendo o centro histórico e me mostrando quão fascinante é a cidade e por todo profissionalismo e dedicação à memória e à história de Pedro Afonso.

Aos pedro-afonsinos, pela alegria vista nos olhos ao falar de sua cidade. Agradeço a disponibilidade de cada entrevistado (a) que aceitou este desafio de nos contar suas memórias, uns desde a infância e outros desde que chegaram à cidade, mas que hoje se sentem pertencentes à mesopotâmia do Tocantins. Suas histórias de vida fizeram toda diferença na tese.

À minha orientadora Marília Luiza Peluso

Uma gratidão ter sido orientada por uma professora com tantos anos dedicados ao magistério, orientações e ainda continua na ativa. Com tanto conhecimento, dedicação pela pesquisa e critério pela escrita. As orientações geralmente eram aos domingos, obrigada por ter dedicado seu dia de descanso para me repassar o conhecimento. Sua bagagem intelectual e sua humildade te faz grande. Meus sinceros agradecimentos!

Aos secretários do curso do POSGEA/UnB, Jorge e Agnelo, obrigada pela prestatividade de sempre.

Meu maior patrimônio...

Aos meus pais Orcina e Antoninho, minha fortaleza, meu refúgio, onde eu me encontro com minhas melhores memórias. Às minhas irmãs Darlene e Soraia, por proporcionarem momentos de alegria e por me encorajar sempre.

Ao Carlos Eduardo, meu esposo e companheiro em todos os momentos, principalmente nas coletas de dados para esta pesquisa. Sua calma e tranquilidade foram essenciais nesse processo. Obrigada por embarcar comigo nesta caminhada chamada vida e por me presentear pelo bem mais precioso “nosso filho”. À minha sogra Leonilda e à minha cunhada Suzely, pelo suporte na reta final e por todo apoio.

Ao Guilherme, que foi luz e fonte de inspiração para o término!

Ao meu Deus, a Ele dedico toda honra e toda glória!



BECK, Alexandre. **Quadrinhos e tirinhas**, 2017. Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/162568252679/tirinha-original>. Acesso em: 16 jun. 2021.

PEDRO AFONSO

Como eu me sinto feliz,
Em te ver assim engalanada,
Cheia de encantos,
Cheia de festas,
Cheia de Magia,
A distribuir o teu riso esplêndido de fada,
Cheio de perfumes,
Cheio de alegria,

Pedro Afonso!
Quanto eu o sinto integrada no meu ser
Vivendo na minha vida,
Palpitando no meu coração.
Em ti encerra a fase mais querida
De minha adoração.

O teu nome é o eco da felicidade
Que ressoa aos meus ouvidos
Como hino de vitória
À tua história.
Vejo passar diante dos meus olhos
O teu drama de sofrimento
Sobre um palco de dor,
Cheio de lágrimas,
Cheio de amargor,
Transformando em glória, pelo teu valor.
Vejo-te carregando ao Calvário a tua cruz
E por terra cair como Jesus.

Quanto sofri!
Sem poder tornar-me um Cirineu.
Enxugando no manto da esperança
As lágrimas que verti.
A luta, a desdita,
Foi o beijo de Judas
Que manchou o nome teu.

Quanto tempo passaste adormecida
Entre os vales dos teus rios,
Sob o pesadelo da dor,
Até que as mãos níveas dos Arcanjos
Ergueram a lousa do túmulo em que
baixaste
E como Jesus também ressuscitaste.

Minha terra!
Eu me ajoelho
Diante do teu sacrifício
Vencido pelo civismo do teu povo.
Como te sinto toda em mim
A pulsar fibra por fibra do meu ser,
Sinto-te nas tuas matas,
Nos teus rios,
No céu azul onde fulgurante brilha,
O teu ardente sol,
Que banha de luz tuas palmeiras,
Tão goianas, tão brasileiras.

Cem anos hoje completas
Que fincou o primeiro marco,
Que assinala a tua fundação,
E és para mim tão frágil, tão pequenina,
Que cabe toda em meu coração.

Quero hoje proclamar,
Aos céus, aos anjos, aos homens,
Os meus íntimos desvarios
Na canção delirante
Do meu peito escaldante
De amor filial.
Quero cingir num infinito abraço
O globo inteiro de tua topografia,
E em teu regaço maternal,
Depositar a palma
Do teu Natal.

Quero de joelho beijar,
O teu solo bendito,
Que é o meu próprio lar!
Quero, cantando, depositar
Em tua frente encanecida,
A coroa de glória de tua primasia,
Unigênita filha de Rafael Taggia.

(MIRANDA, 1973, p. 79-81)

RESUMO

A tese integra uma pesquisa sobre patrimônio, memória e paisagem da cidade histórica de Pedro Afonso, estado do Tocantins, sendo uma pesquisa inédita. Trata-se de verificar a gênese bem como a dinamicidade de como o patrimônio é lembrado pelos cidadãos e pessoas de outras regiões. A preservação do patrimônio na cidade tem sido desafiadora em virtude das modernizações agrícolas na região, assim, denominamos a cidade como histórico-resiliente. Trata-se de uma teorização nova da cidade que se mantém mesmo em decorrência de novas transformações. Tem-se de forma estrutural a análise da paisagem geográfica por meio dos objetos que se fazem presente na cidade. Uma das etapas compreende, como proposta, a análise dos testemunhos em relatos orais obtidos junto aos personagens homenageados pelo prêmio Rafael de Taggia e da sociedade civil, totalizando oito entrevistados. A pesquisa visa, num primeiro momento, a uma discussão sobre o embasamento teórico do patrimônio, memória e paisagem de Pedro Afonso, bem com à sua conexão com a cidade, que se iniciou com um povoado, posteriormente com o desmembramento do estado do Tocantins do estado de Goiás, o que determinou novas configurações espaciais. A metodologia está alicerçada na pesquisa histórica e documental com verificação *in loco* com a observação do patrimônio e as memórias revisitadas por meio das entrevistas orais. E as paisagens por meio dos imóveis existentes na cidade. Utilizamos como instrumento de análise um roteiro de entrevista contendo vinte questões abertas. O objetivo final de tese é analisar a manutenção do patrimônio da cidade histórica de Pedro Afonso, identificando os elementos que fazem a cidade histórico-resiliente e investigar se houve mudança na paisagem da cidade advinda da chegada da agricultura e do agronegócio ou mesmo as iniciativas das políticas públicas aplicadas ao município. Como resposta para a sociedade, faremos uma apresentação e delimitação da área histórica de Pedro Afonso para um possível tombamento futuro dos órgãos competentes do patrimônio. Esta será a nossa contrapartida social na condição de pesquisadora.

Palavras-chave: Geografia cultural; paisagem; memória; patrimônio; Pedro Afonso-TO.

ABSTRACT

The thesis integrates a research on heritage, memory and landscape of the historic city of Pedro Afonso, state of Tocantins, being an unprecedented research. It is about verifying the genesis as well as the dynamism of how heritage is remembered by city dwellers and people from other regions. Preserving the city's heritage has been challenging due to agricultural modernization in the region, thus we call the city historic-resilient. It is a new theorization of the city that is maintained even as a result of new transformations. There is a structural analysis of the geographic landscape through the objects that are present in the city. One of the stages comprises, as a proposal, the analysis of testimonies in oral reports obtained from the characters honored by the Rafael de Taggia award and civil society, totaling eight interviewees. The research aims, at first, at a discussion about the theoretical basis of Pedro Afonso's heritage, memory, and landscape, as well as his connection with the city, which it has begun with a village, later with the dismemberment of the state of Tocantins from state of Goiás, which determined new spatial configurations. The methodology is based on historical and documentary research with on-site verification with the observation of heritage and memories revisited through oral interviews and landscapes through the existing properties in the city. We used as an instrument of analysis an interview script containing twenty open questions. The final objective of the thesis is to analyze the maintenance of the heritage of the historic city of Pedro Afonso, identifying the elements that make the city historic-resilient and investigate whether there was a change in the city's landscape resulting from the arrival of agriculture and agribusiness or even the initiatives of public policies applied to the municipality. As a response to society, we will make a presentation and delimitation of the historical area of Pedro Afonso for a possible future overturning of the competent organs of heritage. This will be our social counterpart as a researcher.

Keywords: Cultural geography; landscape; memory; patrimony; Pedro Afonso-TO.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Mapa de localização das cidades históricas de Goiás e do Tocantins	25
Figura 2 -	Mapa de localização dos municípios da região de Matopiba	33
Figura 3 -	Mapa de tipologia de desempenho dos municípios da região de Matopiba em um conjunto selecionado de indicadores de riqueza e bem-estar	34
Figura 4 -	Igreja São Pedro	56
Figura 5 -	Frente da atual Igreja São Pedro	57
Figura 6 -	Personalidades premiadas com a Comenda de Mérito Frei Rafael de Taggia	60
Figura 7 -	Biblioteca municipal Olímpio Dias Furtado	66
Figura 8 -	Instituto Messias Tavares	68
Figura 9 -	Pedro Afonso entre o Rio Tocantins e Rio do Sono	69
Figura 10 -	Passarela de Pedro Afonso	70
Figura 11 -	Rampa do Rio do Sono	71
Figura 12 -	Rio do Sono	72
Figura 13 -	Fachada do Colégio Cristo Rei	75
Figura 14 -	Parte interna do Colégio Cristo Rei - Pedro Afonso	77
Figura 15 -	Área externa do Colégio Cristo Rei – Pedro Afonso	78
Figura 16 -	Placas de sinalização dos pontos de memória	98
Figura 17 -	Antiga Escola Agroartesanal de Pedro Afonso (1975)	101
Figura 18 -	Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus de Pedro Afonso	104
Figura 19 -	Antiga Escola Agroartesanal e o IFTO – o arcaico e o novo dividindo o mesmo cenário	105
Figura 20 -	Antiga Escola Agroartesanal e o IFTO – fundo da instituição	107
Figura 21 -	Libertação dos jegues (1968)	109
Figura 22 -	Jegue no transporte de água	111
Figura 23 -	Seu Erotides Costa Machado e seu barco	113
Figura 24 -	Barco João Paulo II	115
Figura 25 -	Balsa de Pedro Afonso	115
Figura 26 -	Ruínas dos pilares da ponte não concluída de 1970 e os pilares da nova ponte em construção em 2007	117
Figura 27 -	Ponte Prefeito Leôncio de Souza Miranda	118
Figura 28 -	Casa dos Padres	119
Figura 29 -	Casarão da Família Noletto	120
Figura 30 -	Praça do Mangal	122
Figura 31 -	Mercadão municipal de Pedro Afonso	124
Figura 32 -	Quiosques ao lado do Mercado Municipal	126
Figura 33 -	Matadouro público de Pedro Afonso	127
Figura 34 -	Mapa da rota aérea feita por Lysias Rodrigues	129
Figura 35 -	Pista do Aeroporto de Pedro Afonso	131
Figura 36 -	Acidente aéreo em Pedro Afonso	132
Figura 37 -	Rodovia BR - 235 - Pedro Afonso	135
Figura 38 -	Fachada do Museu Histórico de Pedro Afonso	141

Figura 39 -	Praia do Dunga - Rio do Sono	144
Figura 40 -	Capela Lagoa da Cruz	146
Figura 41 -	Praça da Matriz São Pedro	153
Figura 42 -	Rua Barão do Rio Branco	153
Figura 43 -	Imóveis da Rua Barão do Rio Branco	154
Figura 44 -	Rua Getúlio Vargas	156
Figura 45 -	Prefeitura Municipal de Pedro Afonso	157
Figura 46 -	Delegacia Regional da Receita	158
Figura 47 -	Tiro de Guerra	159
Figura 48 -	Rua Constâncio Gomes	160
Figura 49 -	Banco Mercantil do Brasil	161
Figura 50 -	Rua Benjamin Constant	162
Figura 51 -	Pedro Afonso em 1968	162
Figura 52 -	Primeiro Hotel de Pedro Afonso	163
Figura 53 -	Rua Anhanguera	164
Figura 54 -	Rua 15 de Novembro	166
Figura 55 -	Praça Ecológica Pedro Souza Pinheiro	167
Figura 56 -	Clube de Mães Sempre Unidas	169
Figura 57 -	Mapa do perímetro das ruas históricas de Pedro Afonso	170
Figura 58 -	Mapa de pontos turísticos culturais de Pedro Afonso	172
Quadro 1 -	Formação administrativa de Pedro Afonso	43
Quadro 2 -	Prefeitos de Pedro Afonso	44
Quadro 3 -	Lista do patrimônio/memória de Pedro Afonso	97
Quadro 4 -	Os dez patrimônios de Pedro Afonso	151
Quadro 5 -	Imóveis da Rua Anhanguera e da Rua Barão do Rio Branco	171

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAR-P.A	Associação de Crédito e Assistência Rural de Pedro Afonso
AMA	Amigos do Meio Ambiente
ANA	Agência Nacional de Águas
Apae	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAN	Correio Aéreo Nacional
CNN	Centro Norte Notícias
COAPA	Cooperativa Agroindustrial do Tocantins
COED	Cooperativa de Educadores de Pedro Afonso
Covid	(Co)rona (Vi)rus (D)isease
DPHAN	Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
DRE	Delegacia Regional de Ensino
EIA	Estudo de Impacto Ambiental
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFTO	Instituto Federal do Tocantins
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
KNBTB	Associação de Agricultores e Jardineiros Católicos Holandeses
MEC	Ministério da Educação
PIB	Produto Interno Bruto
Prodecer	Programa de Desenvolvimento do Cerrado
RIMA	Relatório de Impacto Ambiental
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
VA	Valor Adicional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
	CAPÍTULO II	
2	METODOLOGIA: RELEMBRANDO AS MEMÓRIAS POR MEIO DAS FALAS	19
	CAPÍTULO III	
3	AS CIDADES HISTÓRICAS DO TOCANTINS	25
3.1	Caracterização da cidade setentrional: Pedro Afonso	29
	CAPÍTULO IV	
4	PEDRO AFONSO: DE ALDEIA A CIDADE	39
	CAPÍTULO V	
5	MEMÓRIA COMO FERRAMENTA PARA O NÃO ESQUECIMENTO DO PATRIMÔNIO E DA PAISAGEM	80
5.1	Patrimônio: o conector da memória	83
5.2	Da memória urbana às paisagens	87
5.3	As faces do conceito paisagem	88
	CAPÍTULO VI	
6	OBJETOS COMO MARCAS DA PAISAGEM	95
	CAPÍTULO VII	
7	DELIMITAÇÃO DA ÁREA HISTÓRICA DE PEDRO AFONSO	148
7.1	Contexto das ruas históricas	151
7.1.1	Rua Barão do Rio Branco	152

7.1.2	Rua Getúlio Vargas	155
7.1.3	Rua Constâncio Gomes	159
7.1.4	Rua Benjamin Constant	161
7.1.5	Rua Anhanguera	163
7.1.6	Rua 15 de Novembro	166
8	CONSIDERAÇÕES	174
	FINAIS	
	REFERÊNCIAS	178
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	
	APÊNDICE B -	189
	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	
	APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS	
	ANEXO A -	227
	PROJETO APROVADO NA PLATAFORMA BRASIL ESTUDOS FUTUROS	228

1 INTRODUÇÃO

Patrimônio, memória e paisagem, eixo central deste estudo, são conceitos amplamente visíveis na cidade de Pedro Afonso. Tem-se o patrimônio histórico composto pelas estruturas físicas existentes na cidade, com mais ênfase no denominado “sítio histórico”, onde foram construídas as primeiras casas, fruto da gênese do povoamento à margem do Rio Tocantins. Já a memória é composta por lembranças e acontecimentos ocorridos nestes imóveis: são os *causos*, as histórias contadas e repassadas para a posteridade. O patrimônio material e imaterial juntamente com a memória torna-se importante na medida em que a população se identifica com suas lembranças e os imóveis existentes compostos na paisagem, assim, internalizam como suas histórias, mantendo fortes suas raízes com a terra de origem e com o lugar que habita.

O patrimônio pode ser apreciado por meio dos monumentos, enquanto a análise e o ponto de vista dos monumentos seriam as memórias. As memórias, por sua vez, podem ser interpretadas sob vários olhares, conforme a percepção visual do leitor. Por trás de uma imagem, pode haver vários significados em diferentes públicos. Este olhar multifacetado corresponde às linguagens, pensamentos e conceitos adquiridos pela vivência pessoal ao longo dos anos.

Pedro Afonso é uma cidade no interior do Tocantins fruto de uma ocupação antiga do território, que está passando por um processo de modernização como as demais cidades tocantinenses após o desmembramento do estado de Goiás em 1988. Pedro Afonso torna-se uma cidade peculiar, pois conta fortemente com a presença do agronegócio e conseqüentemente da modernização agrícola. Esta conjuntura fez com que pessoas de diversas regiões viessem residir na cidade, principalmente em virtude do trabalho na área da agricultura. Com isso, os novos moradores desconhecem ou têm poucas oportunidades de conhecer o patrimônio existente na cidade, que apresenta um vasto patrimônio material e imaterial. É uma das cidades tocantinenses que tem um grande potencial para o tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Com o movimento de modernização do campo, iniciado principalmente nas regiões sudeste e sul do Brasil, a migração chegou à região setentrional, além do êxodo rural do campo para cidade na própria região. Podemos citar a modernização

agrícola trazida pelo Matopiba¹, por exemplo, o que vem provocando a vinda de imigrantes. Os recém-vindos e parte dos moradores desconhecem o passado de Pedro Afonso e, dessa maneira é importante manter e salvaguardar o patrimônio da cidade por meio da memória, que é o que propõe a presente tese.

Neste sentido surgem algumas perguntas problematizadoras:

- a) De que forma a modernização está adentrando o estado do Tocantins, trazendo novos valores que podem levar a esquecer o patrimônio e a memória das cidades?
- b) De que modo a modernização afeta a preservação do patrimônio e conseqüentemente a memória e o que se pode ser feito para evitar ou amenizar esses efeitos?
- c) De que forma o patrimônio poderá ser lembrado por meio da memória em face das transformações sofridas na paisagem de Pedro Afonso?
- d) Como pode ser mantido o patrimônio na memória dos cidadãos para as gerações futuras?

Para responder às perguntas, o estudo tem como **objetivo geral** analisar a manutenção do patrimônio da cidade de Pedro Afonso, identificando os elementos que fazem a cidade histórico-resiliente desde as perspectivas das memórias dos sujeitos. Para sustentar esta premissa, estabelecemos alguns **objetivos específicos**:

- a) identificar as alterações na paisagem da cidade de Pedro Afonso;
- b) comparar os imóveis que sofreram transformações no sítio histórico;
- c) analisar a opinião dos moradores em relação às principais modificações existentes no sítio histórico;
- d) verificar, por meio dos relatos orais, quais os fatos marcantes da cidade para sua permanência na memória dos cidadãos nos dias atuais.

Analisamos a manutenção do patrimônio por meio da paisagem geográfica e a recuperação da memória por meio de relatos orais, identificando os elementos que fazem a cidade histórico-resiliente.

A cientificidade é uma dependência da teorização e da voz dos sujeitos do trabalho a ser realizado. O levantamento do patrimônio material e imaterial vai ser

¹ Matopiba é uma fronteira agrícola que compreende os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Esses estados fazem parte da expansão territorial para a produção de grãos em larga escala.

feito em Pedro Afonso. Estes dados analíticos serão fundamentais para identificar o patrimônio considerado marcante na memória dos sujeitos. Assim, poderemos rever as imagens de como o patrimônio era antes do processo de modernização e como está o patrimônio nos dias atuais. Com base nos levantamentos e opiniões dos participantes da pesquisa, é feito um mapeamento fotográfico da paisagem geográfica, composta pelo seu patrimônio, incluindo as festas culturais e as manifestações locais².

As falas orais dos sujeitos darão subsídios para reforçar o que foi visto em campo por meio das transformações da paisagem em algumas áreas da cidade. A manutenção do patrimônio e o seu reconhecimento como cidade histórica no estado do Tocantins tornam-se alguns dos pilares essenciais para a discussão proposta neste estudo.

Assim, sugerimos três **hipóteses** para investigação ao longo desta tese:

- a) com o advento da modernização, a cidade histórica de Pedro Afonso ainda se mantém resiliente em preservar a memória do lugar;
- b) o tipo de arquitetura existente no sítio histórico de Pedro Afonso, compreendendo a colonial, a moderna e a *Art déco*, que influencia tanto na preservação do patrimônio quanto em sua permanência no espaço geográfico;
- c) o agronegócio e os novos moradores contribuem para o bloqueio da manutenção da memória de Pedro Afonso, pois os moradores recentes talvez desconheçam o patrimônio urbano a ser preservado.

As hipóteses vão auxiliar no diálogo com a parte empírica e serão verificadas no decorrer da escrita.

A tese está estruturada da seguinte forma, na Introdução constam os componentes que justificam a pesquisa na compreensão das temáticas abordadas, dos objetivos gerais, específicos, hipóteses e justificativa.

No capítulo 1, discutiremos a metodologia adotada para a construção da tese. São utilizadas fotografias para análise da paisagem por meio das marcas evidenciadas na cidade representada pelos objetos. Neste mesmo espaço, serão analisados os discursos dos entrevistados sobre suas memórias vivenciadas ou contadas, que se refletem nos objetos patrimoniais disponíveis na cidade. As entrevistas foram realizadas com os cidadãos mais antigos e os atuais, destacando

² Não foram feitas as análises das festas culturais em razão da suspensão dos atrativos religiosos e das manifestações locais durante este período de pandemia de 2020/2021.

as subjetividades pessoais por meio das falas, dialogando com as imagens ou mesmo com os acontecimentos antigos, que, de alguma forma, marcaram a memória da população pedro-afonsina. A pandemia da Covid 19 impossibilitou-nos a realização das entrevistas face a face, assim, elas aconteceram de forma remota por meio do *google meet*.

No capítulo 2, vamos discorrer sobre uma breve caracterização das cidades históricas no Tocantins, bem como sobre a importância dos órgãos de proteção para salvaguardar o patrimônio, garantindo as memórias. A discussão sobre o conceito cidade histórico-resiliente será aprofundada neste capítulo.

No capítulo 3, é abordada a história de Pedro Afonso, bem como o processo de sua gênese, compreendendo o povoamento, a vila e a constituição de cidade. Ainda neste capítulo, são discutidas as fases transitórias da pesquisa até chegar ao objeto final de estudo.

O quarto capítulo trata-se de uma discussão teórica sobre as definições de patrimônio, memória e paisagem e sua relação com os impactos culturais e sociais na construção de uma memória coletiva e de formação de identidades.

No quinto capítulo, serão relacionados e interpretados alguns objetos que evidenciam as marcas na paisagem de Pedro Afonso.

No último capítulo, destacamos as ruas mais antigas e os imóveis nelas presentes e traremos um possível quadrante de tombamento e uma margem do entorno. Será disponibilizado um mapa destacando as ruas marcantes da cidade conforme informações obtidas pelos sujeitos das entrevistas.

CAPÍTULO II

2 METODOLOGIA: RELEMBRANDO AS MEMÓRIAS POR MEIO DAS FALAS

A primeira etapa da pesquisa foi uma visita *in loco* à cidade de Pedro Afonso no intuito de utilizar a percepção do lugar. Observar a paisagem de forma exploratória, bem como se havia monumentos, casarões e/ou manifestações artísticas e culturais. No próximo passo, propomos um diálogo com os sujeitos/atores da pesquisa para conhecer a cidade, os hábitos e os costumes. É uma análise sobre a opinião dos moradores em relação às modificações existentes nos sítios históricos da cidade de Pedro Afonso, observando quais elementos na paisagem são considerados patrimônio pelos cidadãos.

Digo que este é o primeiro passo entre o pesquisador e o entrevistado. Aqui são iniciados todos os olhares na construção social do indivíduo previstos pela psicologia social de Moscovici (1978).

Ao descrever a memória, podemos dizer que ela está alicerçada em dois caminhos para a recordação: a memória fotográfica e a memória das pessoas por meio dos testemunhos orais vistos no decorrer do texto pelas falas dos entrevistados. A memória fotográfica por meio das paisagens vistas e interpretadas teoricamente, ao mesmo tempo se alinhando às falas dos sujeitos que foram entrevistados.

A pesquisa está alinhada em um contexto histórico e documental com verificação *in loco* com a observação do patrimônio local e as memórias revisitadas por meio dos relatos orais. Por meio da memória fotográfica, serão adotadas algumas interpretações e análises concernentes ao patrimônio material e imaterial. Esse patrimônio representa os símbolos mais representativos da cidade, que serão reafirmados ou não pelas entrevistas.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, visto abordar questões analíticas e descritivas, que, como afirma Fachin (2006, p. 81), “é caracterizada pelos seus atributos e relaciona aspectos não somente mensuráveis, mas também definidos descritivamente”. Um dos focos de análise é a recuperação da memória por meio do olhar ao patrimônio da cidade, bem como questões centradas nas etapas de vida vivenciadas na cidade, principalmente para os conterrâneos. Este estudo está

inserido na perspectiva metodológica dos relatos orais e da história de vida, estando incluso no vasto campo da memória.

A pesquisa foi sistematizada em entrevistas semiestruturadas com a seleção dos sujeitos que receberam o Prêmio Frei Rafael de Taggia³ na cidade de Pedro Afonso no ano de 2019, moradores mais antigos e novos, residentes na cidade⁴. Na entrevista, normalmente as perguntas são abertas e o entrevistador prossegue com a entrevista de forma natural, com diálogos informais (MARCONI; LAKATOS, 1999). A escolha da metodologia torna-se crucial para delimitação dos possíveis entrevistados, pois depende da resposta deles para a estratégia de organizar os depoimentos mais representativos e essenciais para realização dos relatos orais (ALBERTI, 2005)⁵.

No que concerne à metodologia adotada para análise das entrevistas, inicialmente propomos duas opções de escolha: primeiramente, um grupo de quinze personalidades pedro-afonsinas, homenageadas com a Comenda Frei Rafael de Taggia no ano de 2019. Este evento ocorre anualmente e tem como objetivo homenagear as personalidades que marcaram a história de Pedro Afonso (Fig. 6). Além dos homenageados, conta-se também com a participação de um grupo de pessoas mais jovens para testemunhar sobre as memórias da cidade.

Em virtude da Pandemia do Covid 19, a estratégia de pesquisa precisou ser alterada, pois seria inviável a ida, neste momento, para a cidade de Pedro Afonso, bem como o contato direto com os entrevistados, uma vez que parte dos entrevistados era idosa e pertencia ao grupo de risco. Por este motivo, as entrevistas foram impossibilitadas de serem realizadas presencialmente. Neste viés, a pesquisa esteve relacionada à análise do discurso dos sujeitos de Pedro Afonso. Foram selecionadas oito pessoas para a participação, tendo as entrevistas sido

³ A premiação Frei Rafael de Taggia acontece desde 2018 no qual se estabelece uma seleção de dez personalidades da cidade para serem premiadas devido sua contribuição social para a cidade. Para que a seleção ocorra de modo imparcial a escolha dos personagens é feita por um historiador e duas professoras aposentadas todos residentes em Pedro Afonso.

⁴ Essa escolha baseou-se na indicação do ativista cultural e morador local, Fabricio Rocha de Souza. Assim, damos voz aos sujeitos que participam e se faz a cidade histórico-resiliente.

⁵ O primeiro contato com os possíveis entrevistados da cidade de Pedro Afonso se deu em ocasião de visita anterior por intermédio do professor, historiador, morador da cidade e ativista da cultura local. Por ter um convívio diário com os possíveis entrevistados, o professor foi o nosso acesso de comunicação e intermediário.

gravadas por meio da plataforma do *google meet*, posteriormente transcritas manualmente.

Antes de iniciar as perguntas, os entrevistados foram informados do teor da pesquisa e de que a entrevista estaria sendo gravada para mais adiante transcrever as falas. Antes de iniciar a gravação, solicitamos autorização de reprodução de imagem e voz, gravada pelo *Google Meet*, nos passando o direito de disponibilizar as informações para fins de pesquisa de doutorado.

Utilizamos como instrumento de análise um questionário de entrevista contendo vinte questões abertas (Apêndice A), que foram perguntadas sequencialmente a cada participante. A resposta dos entrevistados foi livre e espontânea. O tempo foi livre para cada participante: uns com muitas lembranças, outros já recordaram os fatos mais marcantes vivenciados. As perguntas, por sua vez, foram organizadas de forma sistemática, partindo das recordações da infância aos dias atuais e aos momentos vivenciados na cidade em relação ao patrimônio material e imaterial.

A caracterização dos entrevistados foi pensada da seguinte forma: no grupo de oito pessoas, havia um sujeito que recebeu o prêmio Rafael de Taggia, dois funcionários da Coapa (Cooperativa Agroindustrial do Tocantins) e os outros cinco compostos pela população local. Em relação ao gênero e idade, não houve distinção, mas a medida da disponibilidade de fornecer as entrevistas que, assim, foram concedidas. Assim que as entrevistas foram acontecendo de forma *on-line*, encontramos um impasse entre o público mais idoso em relação ao acesso à tecnologia e à conexão local, pelo fato de não ser eficiente. Tivemos um caso em que a entrevistada tentou entrar pelo celular por mais de três vezes com ajuda do neto, mas, por ser uma pessoa idosa e não ter muita habilidade com a tecnologia, e como a conexão era por meio de dados móveis, houve dificuldade para a conclusão desta entrevista.

Por meio da história oral desses sujeitos, propomos narrativas para exemplificar pelas falas as reflexões obtidas pelos personagens. A proposição do estudo é fortalecer o conceito de cidade histórico-resiliente, para tal, teremos um exercício e um esforço para conceituar conforme o que foi analisado com as imagens fotográficas, bem como com as entrevistas realizadas com os moradores. As perguntas feitas nas entrevistas têm como proposta estimular o entrevistado a abordar o tema em diferentes aspectos como lembranças que remetem ao passado

com uma busca incessante e o afloramento da memória pessoal e coletiva, seja por meio de fotografias, pinturas, obras de arte, artigos de periódicos, fontes de informações diversas ou mesmo fatos que marcaram a história de Pedro Afonso.

Alberti (2005) aconselha que uma entrevista presencial rica em particularidades, com maior extração de detalhes, dure em média duas horas, mas para este público, se notarmos um cansaço por parte dele, poderemos parcelar a entrevista em dois dias, totalizando duas horas. Mas, se o entrevistado se sentir motivado e quiser continuar, vamos dar prosseguimento. Em virtude da mudança das entrevistas por meio digital, o tempo foi estipulado pelo próprio entrevistado.

De acordo com Alberti (2005, p. 102), “o ideal numa situação de entrevista, é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistadores [...]”. Assim podemos concluir que, pela confiança adquirida por esta cumplicidade, seja possível uma reflexão na interpretação do passado. A pesquisa tem um roteiro de vinte e duas perguntas (Apêndice A). Ao término da entrevista, agradecemos o nosso entrevistado e/ou entrevistada pela contribuição em nos relatar seu testemunho. Salientaremos quão importante será seu relato para a composição e elaboração da pesquisa de doutorado, reunindo fatos e memórias dos cidadãos que contribuirão para compreender a paisagem geográfica da cidade.

O exercício de conhecer um pouco mais o íntimo da cidade de Pedro Afonso se deu com os diálogos entre os sujeitos. A grande maioria dos entrevistados são moradores e conhecem bem a cidade. Já outros vieram para Pedro Afonso tempos depois, seja por oportunidade de trabalho ou mesmo outros motivos, mas já se apropriaram do lugar e se tornaram peças fundamentais para a construção da memória social, alicerçada em valores adquiridos e interiorizados com o reconhecimento de se fazer pertencente à própria cidade.

A abordagem está diretamente ligada ao vínculo emocional nos recordadores ao lembrar sua vida na infância, juventude e na idade adulta. Ultrapassar esse íntimo pessoal requer a confiança depositada na pesquisa que proporcionará um legado memorável para a cidade nos anos futuros.

Como afirma o entrevistado D

[...] eu acho que a memória é ter essas pessoas guardadas na mente das que vai passando de geração a geração. Daqui 30 a 40 anos, vão saber que tal pessoa contribuiu com o nosso município. Eu acho que é uma memória. (Entrevistado D, 2021, informação verbal).

Durante as falas sobre as respostas, é nítido notar a emoção dos sujeitos em razão de algumas passagens ou fatos que marcaram a memória da cidade e dos entrevistados. A lembrança se torna então um processo de retornar ao passado e degustar as emoções vivenciadas e experienciadas durante o trajeto da vida. Assim, “a lembrança é passado completo em sua reconstituição a mais minuciosa. É uma memória registradora [...]” (NORA, 1993, p. 15).

De acordo com o entrevistado G, a memória está sendo reconstruída por meio do Museu

A memória é exatamente esse desafio que a gente tem a todo momento de resgatar as nossas tradições. A memória de Pedro Afonso é uma memória que está sendo reconstruída a partir da implantação do Museu. Nos anos de 2000, a gente tinha uma memória não materializada. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

De acordo com o entrevistado H, entende-se por memória:

Memória significa a história contada e escrita de tal forma que nos permita ter conhecimento de que e como surgiu Pedro Afonso, a forma como surgiu, o processo de evolução ao longo dos anos, isso é que eu entendo. (Entrevistado H, 2021, informação verbal).

Já o entrevistado F afirma que:

Memória é a gente guardar as boas lembranças de tudo aquilo que se passou da sua época, da primeira chegada do primeiro cidadão que inaugurou Pedro Afonso, que foi Rafael de Taggia, aos dias de hoje. Então a memória é que nós não esqueçamos o que fomos, o que somos e o que poderemos ser, baseados nisso. (Entrevistado F, 2021, informação verbal).

Durante as falas, foi nítido notar a expressão facial e o tom de voz ao rememorar momentos vividos, sendo que, em várias passagens, nosso entrevistado estava envolvido na narrativa como sujeito da sua vida revelada. As expressões

poderiam ter sido mais focadas se as entrevistas tivessem sido realizadas presencialmente e, assim, poderíamos ter notado a expressão corporal que diz muito sobre os pontos onde tocamos o sujeito interior. Um dos entraves encontrados por ter sido a entrevista via *google meet* foram a comunicação corporal, as expressões notadas, que foram apenas as faciais, e os gestos com as mãos, diferentemente das entrevistas realizadas presencialmente em que há uma análise completa das expressões corporais e faciais do sujeito entrevistado. Assim, a memória revelada se dará pelos relatos orais vivenciados, pelas histórias de vida de parte da população pedro-afonsina.

No capítulo a seguir, serão vistas a caracterização das cidades históricas bem como a construção do conceito “cidade histórico-resiliente”.

CAPÍTULO III

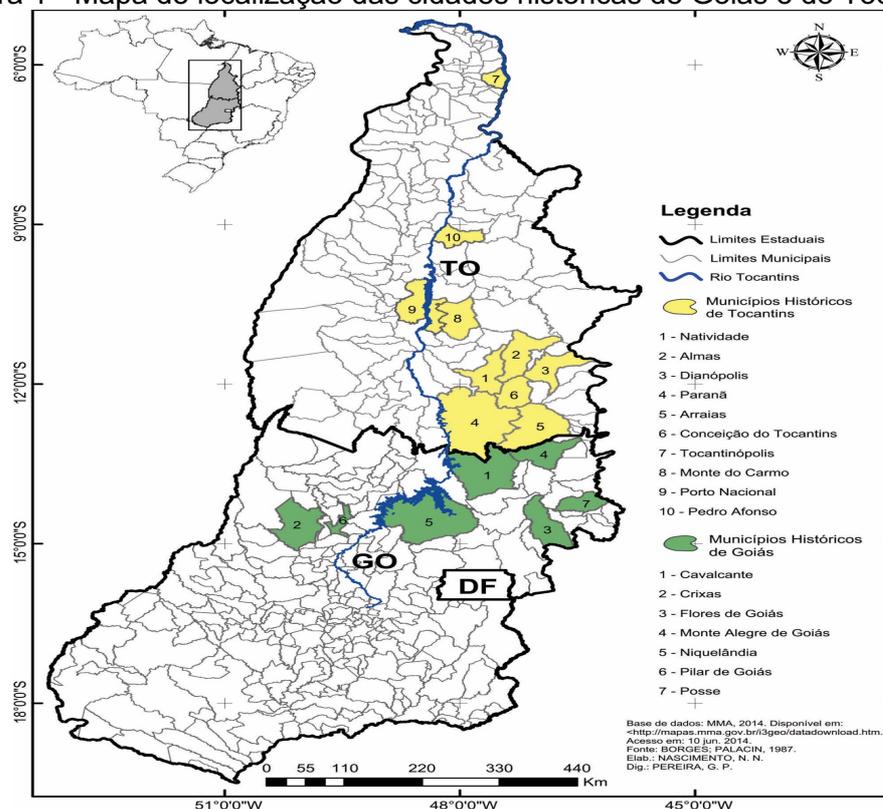
3 AS CIDADES HISTÓRICAS DO TOCANTINS

As cidades históricas advêm de um longo processo de transformações e modernizações no decorrer dos anos e contam com instituições de proteção para monitorar o uso de seus patrimônios materiais e imateriais.

Podemos citar as cidades patrimonializadas Porto Nacional e Natividade do Tocantins e as cidades histórico-resilientes Pedro Afonso, Arraias, Paranã, Conceição do Norte, Almas, Dianópolis, Monte do Carmo e Tocantinópolis, também do Tocantins. Para contextualizar, usaremos como referencial os autores Borges e Palacin (1987), precursores em se tratando da memória histórica e geográfica de Goiás-Tocantins também conhecido como o norte goiano.

Conforme um estudo sistemático e classificatório detalhado na obra de Borges e Palacin (1987), podemos verificar as cidades consideradas históricas pertencentes ao estado de Goiás e Tocantins antes do desmembramento no ano de 1988 (Figura 1).

Figura 1 - Mapa de localização das cidades históricas de Goiás e do Tocantins



Fonte: Borges e Palacin (1987). Adaptado por Núbia N. do Nascimento (2014).

Ao observar detalhadamente o mapa acima, podemos verificar que o estado do Tocantins (antigo norte goiano), em termos quantitativos, apresenta um maior número de cidades históricas. Nesse sentido, Santos (2008, p. 173) assevera que “o lugar torna-se a testemunha da memória das coisas fixadas na paisagem criada, o que possibilita a consolidação e a produção de um espaço simbólico que reorganiza a cada instante os sentidos de objetos, lugares, pessoas e discursos”. Quando Santos (2008) menciona “coisas fixadas”, podemos associar às estruturas físicas presentes no território, ou seja, os bens materiais e monumentos que ainda resistem nas cidades históricas, nos monumentos e na imaterialidade local. Essas “coisas” também podem ser dimensionadas pela subjetividade das manifestações culturais, simbolizadas pelo patrimônio imaterial como festas populares, contos locais ou mesmo histórias de família.

Neste estudo, trataremos patrimônio, memória e paisagem como categorias de análise da geografia e a relação entre os personagens entrevistados como forma de interação entre os moradores e a cidade.

A cidade patrimonializada é aquela que tem alguma característica marcante, tanto na sua estrutura ou mesmo no modo de fazer e existir, tendo o mérito de ser reconhecida nacionalmente pelos órgãos de proteção, como, por exemplo, o IPHAN, órgão de proteção nacional do patrimônio. Já as cidades histórico-resilientes, conceito aprimorado nesta tese, são aquelas cidades históricas do Estado tão importantes para a memória e a história da população tocantinense quanto as cidades patrimonializadas. Porém, não são tombadas, mas têm todas as características de uma época passada, incluindo arquitetura, dialetos locais e sua cultura enraizados nos vários elementos simbólicos.

Assim como as cidades de Porto Nacional e Natividade constituem a memória e a história dos tocantinenses, outras cidades também têm seu valor. A cidade de Pedro Afonso é um exemplo por ter uma representatividade em termos culturais para o estado do Tocantins, contribuindo principalmente para a cultura imaterial da região com suas festas populares e religiosas.

Por ser uma cidade um pouco distante dos principais centros comerciais e da região desenvolvimentista do estado, a capital Palmas, há um pouco de dificuldade para o acesso para as pessoas que não têm um meio de condução. De Palmas para Pedro Afonso, há apenas uma empresa de transporte rodoviário que faz este trajeto, somente um horário por dia. Apesar do acesso limitado, a cidade tornou-se mais

habitada após 2007 com a construção da ponte sobre o Rio Tocantins, ligando a cidade de Tupirama a Pedro Afonso, recebendo então as duas empresas Bunge e Coapa e, conseqüentemente, os migrantes vindos de outros estados, trazendo consigo as modernizações advindas dos maquinários agrícolas e da mão de obra qualificada.

Mesmo com os processos modernizantes da agricultura, Pedro Afonso se torna cidade histórico-resiliente por manter viva na memória dos cidadãos a importância da materialidade e da imaterialidade presente na história da cidade, evidenciada pelos pontos de memória e manifestações locais.

A escolha do termo “cidade histórico-resiliente” resultou de uma discussão com um olhar específico para a etimologia da palavra e sua similaridade com a realidade de Pedro Afonso. Antes de decidir o título da tese, ficamos em dúvida entre as conceituações do termo “resistente” ou “resiliente” por serem palavras semelhantes, porém com significados distintos.

A palavra “resistente”, segundo o Dicionário de Evanildo Bechara (2011), vem de “resistência” e tem uma gama de significados. Tem origem na física, capacidade de uma força se opor a outra, também tem a característica de ser durável, sólida, ao mesmo tempo, sem se deteriorar. Ou seja, é a capacidade da firmeza de não deixar se abater e, principalmente, de resistir a qualquer obstáculo.

Mas surgiu uma indagação, posto que, por mais que o bem imóvel seja resistente às intempéries físicas ou mesmo humanas, somente a resistência não é o suficiente, ou consideramos que não seja o ideal. É necessária a “resiliência”, que nada mais é que a junção da sua adaptação e recuperação para que a posteridade possa usufruir deste patrimônio na tentativa de manutenção das suas características originárias.

O termo “resiliente” consiste na capacidade rápida de adaptação e recuperação. Com base nesta definição, percebemos que o patrimônio se identifica mais com este conceito. Os imóveis, por exemplo, por mais que sofram alguma modificação ao longo dos anos como uma porta, uma janela, ou mesmo uma mudança do telhado, eles se mantêm com sua raiz originária, não perdem seu valor, nem sua identidade para a população local. O termo histórico que antecede a palavra “resiliente” está associado ao contexto da cidade de Pedro Afonso, que consideramos uma cidade histórica por ter vestígios e marcas na paisagem,

simbolizando um passado evidenciado por suas manifestações arquitetônicas e culturais.

Não basta apenas existir para resistir, deve-se ter a capacidade de se adaptar a quaisquer intempéries e não perder seu significado. Um imóvel por si só não tem como lutar para ser resistente, mas tem como se recuperar pelas transformações sofridas pela resiliência presente na memória das pessoas através das lembranças atribuídas ao objeto.

Bechara (2011) atribui o seguinte significado para resiliente: o termo resiliência corresponde à elasticidade, ou seja, à capacidade de retornar ao seu estado de equilíbrio após sofrer uma alteração ou agressão. Mas o termo admite também outras definições, tais como “surge como produto da interação entre o sujeito e o meio em que está inserido”. (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011, p. 263). Podem ser mencionados oito sinônimos para a palavra resiliência: reação positiva face aos imprevistos, superação, recuperação, resistência, força, invulnerabilidade, inatacabilidade e estoicismo. Na física, a resiliência é definida como a “capacidade de um material de absorver energia na região elástica” (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011, p. 264).

Nas pessoas, a resiliência está ligada ao “sentimento de confiança que o indivíduo apresenta de que os obstáculos podem ser superados” (YUNES, 2003, p. 79). A resiliência, então, representa uma reação por meio de domínio dos contratempos, por meio do aprendizado, voltando ao estado anterior.

Apesar de o termo ter origem na física, a resiliência foi mais adotada pelas ciências humanas, em específico na psicologia, do que pelas ciências exatas (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011). Em psicologia, considera-se a “resiliência – de modo geral”, como “a capacidade para se recuperar de abalos sofridos ou de se abalar e voltar ao que se era antes do abalo” (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011, p. 264).

O termo resiliência urbana é abordada por Pacheco (2012) no que tange à produção do espaço urbano nos estudos das dinâmicas das cidades, principalmente a resiliência dos comércios e do sistema varejista das cidades e sua transformação. Neste estudo, abordamos a resiliência no cerne do tratamento histórico no qual a cidade está inserida social e culturalmente desde o primeiro povoado, logo em seguida ao núcleo que se constituiu em cidade. Pedro Afonso é resiliente e histórica

por apresentar monumentos e sujeitos que representam a dinâmica da construção social e memorial da cidade, por isso a denominamos histórico-resiliente.

Trata-se de um termo usado em duas áreas do conhecimento, por que então não usá-lo na geografia e nos estudos destinados ao patrimônio, memória e paisagem?

Adota-se o termo “resiliência” da psicologia ao patrimônio. No patrimônio, há aspectos direcionados à superação e à recuperação de monumentos em cidades não patrimonializadas, advindas da modernidade ou da ação do tempo, tornando-se, assim, uma cidade histórico-resiliente.

Por essa linha de análise, as cidades tocantinenses não patrimonializadas com seu núcleo urbano de formação anterior à década de 1960 que tendem a manter parte das edificações originárias são resilientes. Assim, percebemos que a resiliência está nos imóveis, nos casarões, nas igrejas, nos museus, por meio das pessoas que comungam das lembranças e vivências. Temos uma dinamicidade e uma capacidade de recordar a paisagem da cidade pela memória presente nos cidadãos, tornando-a histórico-resiliente.

A resiliência é resistir, sobreviver e viver, pois tem a capacidade de superar e se manter frente às diversidades da modernidade e do mundo global. É uma reafirmação da sua identidade com suas características individuais. A resiliência se dá na mente das pessoas do presente por meio da memória que, ao verem o objeto na paisagem, dotam-no de novo sentido. Tem-se a percepção de um passado que se mantém nas lembranças que atribuem ao objeto. Neste sentido, é o passado vivificado.

Neste passado vivificado, vê-se o patrimônio por meio de objetos representados pela simbologia expressa nos monumentos e nas histórias que remetem às lembranças desde o início do povoamento de Pedro Afonso, arraigadas na cultura portuguesa.

3.1 Caracterização da cidade setentrional: Pedro Afonso

Toda pesquisa até chegar a seu tema final perpassa por vários ajustes e reajustes e com esta pesquisa não foi diferente. A discussão foi extensa até chegar ao tema “Patrimônio, memória e paisagem em Pedro Afonso, cidade histórico-resiliente no Estado do Tocantins”. Primeiramente pensamos em estudar todas as

idades às margens do Rio Tocantins localizadas no estado, aproximadamente dez. Pensamos nesta possibilidade, pois seria um rememorar historiográfico sobre o antigo estado de Goiás, o que culminou no norte goiano ser o atual estado do Tocantins.

O estudo seria exploratório e iria abranger as dez cidades consideradas históricas no território tocantinense, antigo norte goiano. Este pensamento veio após a conclusão do mestrado em 2014, que continha uma apresentação de mapa segundo as conceituações de Borges e Palacin (1987).

Neste mapa, Figura 1, estão localizadas todas as cidades históricas tocantinenses entre os anos de 1722-1972, que ficavam às margens do Rio Tocantins. Naquela época eram consideradas as cidades mais importantes tanto pelo quantitativo populacional, quanto pela economia, pois eram cidades ribeirinhas, sendo o transporte fluvial o principal meio de ligação entre pessoas e mercadorias trazidas para a região e aquelas exportadas para outros lugares.

Após algumas discussões, resolvemos reduzir o quantitativo das cidades tocantinenses para um mínimo de duas⁶.

Percebemos depois que para uma pesquisa de doutorado seria muito extenso e esgotante o estudo das dez cidades. Quem sabe, em um outro momento, fazer um relato de viagem ao percorrer essas cidades e contar seu processo histórico-geográfico?

Houve uma segunda linha de pensamento, pois nesse cenário o estudo iria incluir apenas duas cidades tombadas pelo IPHAN no estado do Tocantins, Natividade e Porto Nacional. A cidade de Natividade tem destaque no estado do Tocantins por ter sido a primeira cidade tombada, ainda no território goiano, e Porto Nacional, a segunda cidade, sendo tema de estudos recentes. A dissertação defendida por Nascimento (2014) trata da discussão do processo de tombamento do centro histórico de Porto Nacional e do turismo cultural. Após este período, outros estudos tiveram notoriedade com suas pesquisas: Bonfim (2019), por exemplo, estuda as joias nativitanas com origem portuguesa, acessório indispensável usado pelas mulheres nas festas religiosas da padroeira e nas romarias do Senhor do Bonfim.

⁶ Esta primeira ideia do projeto de doutorado foi apresentada na III Oficina de Pós-Graduação Brasil-México, composta pelos professores Everaldo Batista da Costa (UnB), Ilia Alvarado Sizzo (UNAM – México) e Rodrigo Valverde (USP).

As duas cidades já haviam sido temas em vários debates do seu patrimônio e memória. Por este motivo, pensamos em não mais escolher uma cidade tombada, mas, sim, uma cidade que ainda não tenha passado por um processo de patrimonialização. Ou seja, aquela cidade que não passou por um processo de patrimonialização, entretanto, por mais que não seja patrimonializada, tem um significado simbólico e pessoal para a população local.

Neste sentido, surge a terceira hipótese e pensamos em Monte do Carmo por ser uma cidade histórica e ter características originais com sua forte cultura imaterial no estado do Tocantins, principalmente com a festa realizada todos os anos no período de julho, a Caçada da Rainha⁷. Mas, após um estudo exploratório, verificamos que já havia trabalhos belíssimos, inclusive a tese de Messias (2010), relacionada a um estudo das festas religiosas sobre o reflexo do patrimônio imaterial em Monte do Carmo. Este trabalho está incluído também no rol de pesquisas que tratam da cidade de Natividade, uma tese bem elaborada, contando todo o processo histórico da cidade e das festas religiosas.

Ao verificar o trabalho, notamos que havia semelhança com o que estávamos propondo para a pesquisa na cidade de Monte do Carmo. Por este motivo, decidimos que o objeto de estudo não seria mais esta cidade. Começamos então a pensar em outra alternativa.

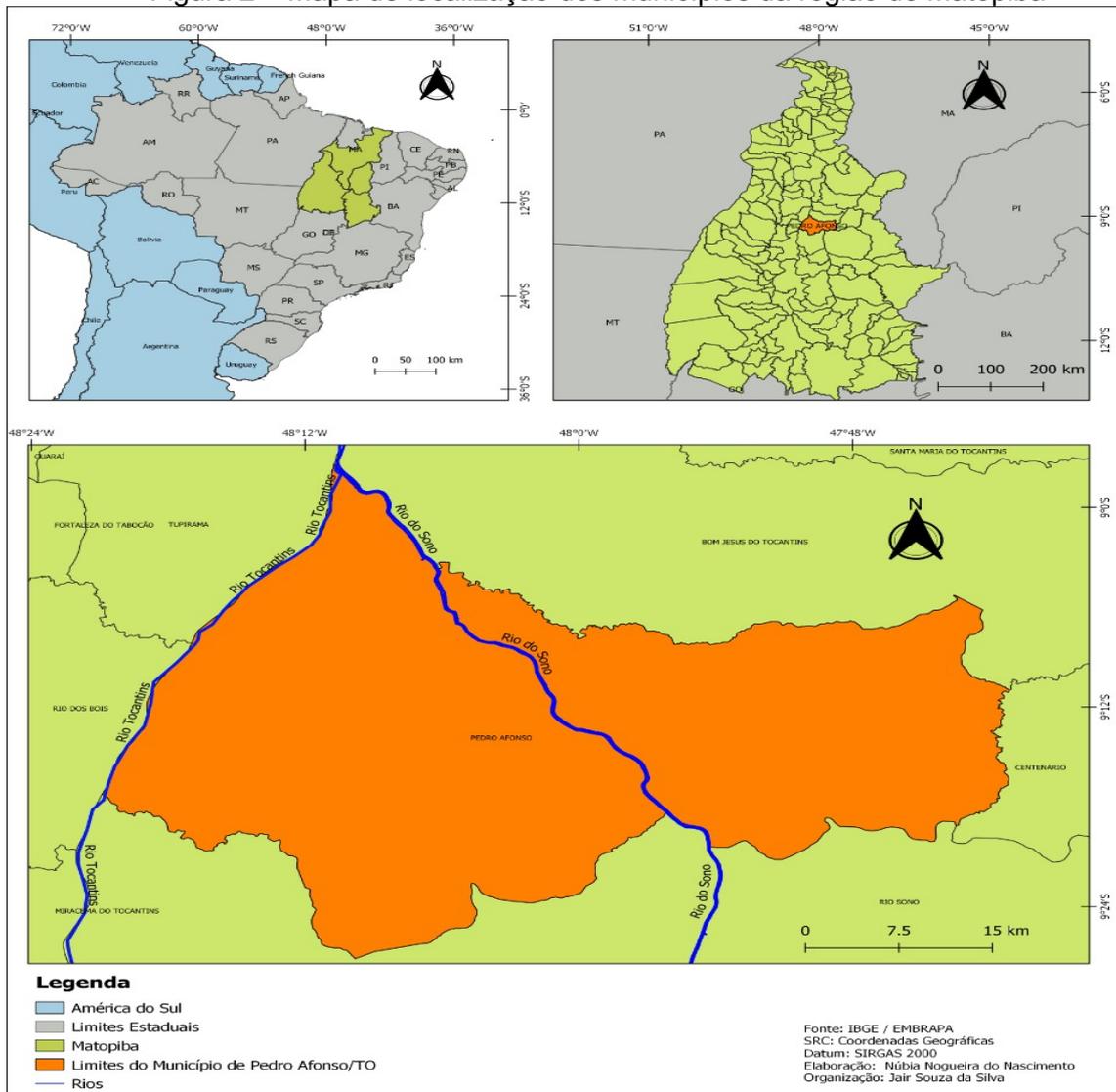
Neste sentido, temos a área do Matopiba, que abrange quatro estados - Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia - e trata de uma reserva de exploração da terra para o agronegócio, compreendendo o cultivo de grãos. Assim fizemos uma pesquisa para descobrir quais cidades do estado do Tocantins localizadas na área do Matopiba mais produzem e exportam grãos e se há presença de indústrias multinacionais nesta área. Com base neste levantamento, selecionamos duas cidades - Arraias e Pedro Afonso - tendo surgido aqui a quarta possibilidade de pesquisa para a tese.

⁷ É uma festa religiosa católica, tradicional na cidade de Monte do Carmo, celebrada no mês de julho há, aproximadamente, duzentos anos. A procissão se dá ao som do tambor e de vários personagens como rei, rainha, caçadores, caretas, batedores de tambor e os dançadores. Conta com a presença dos caretas fantasiados com máscaras para animar o público. Durante a dança, são servidas algumas bebidas, como licores de jenipapo, tamarindo, acerola, abacaxi, caju e murici. Após o cortejo nas ruas, é celebrada uma missa em nome de "Nossa Senhora do Rosário". E, por fim, a rainha eleita nesta festa religiosa recebe os foliões em sua casa, onde são servidos lanches e mais bebidas (MESSIAS, 2010).

Matopiba corresponde, no total, a trezentos e trinta e sete municípios. Destes, cento e trinta e nove estão localizados no estado do Tocantins, sendo Pedro Afonso um dos municípios mais ricos na produção de soja nesta área. E a cidade de Arraias está inserida na categoria dos municípios moderados (BUAINAIN; GARCIA; VIEIRA FILHO, 2017). Matopiba é considerada uma região de grande expansão agrícola na atualidade, compreende o bioma Cerrado dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia e responde por grande parte da produção brasileira de grãos e fibras com uma produtividade promissora. Nos quatro últimos anos, somente o Estado do Tocantins expandiu sua área plantada a um ritmo de 25%. (EMBRAPA, 2020).

No relatório apresentado por Favareto (2018), destaca-se a cidade de Arraias, classificada como um dos municípios moderados e, por outra perspectiva, Pedro Afonso, como um dos municípios mais ricos em produção de grãos na região do Matopiba. Segundo relatório coordenado por Favareto (2018, p. 54), a cidade de Pedro Afonso “pertence ao grupo dos municípios ricos e não havia nenhum daquele estado entre os campeões da soja no Matopiba”. A Figura 2 mostra um mapa com a localização dos municípios da região de Matopiba.

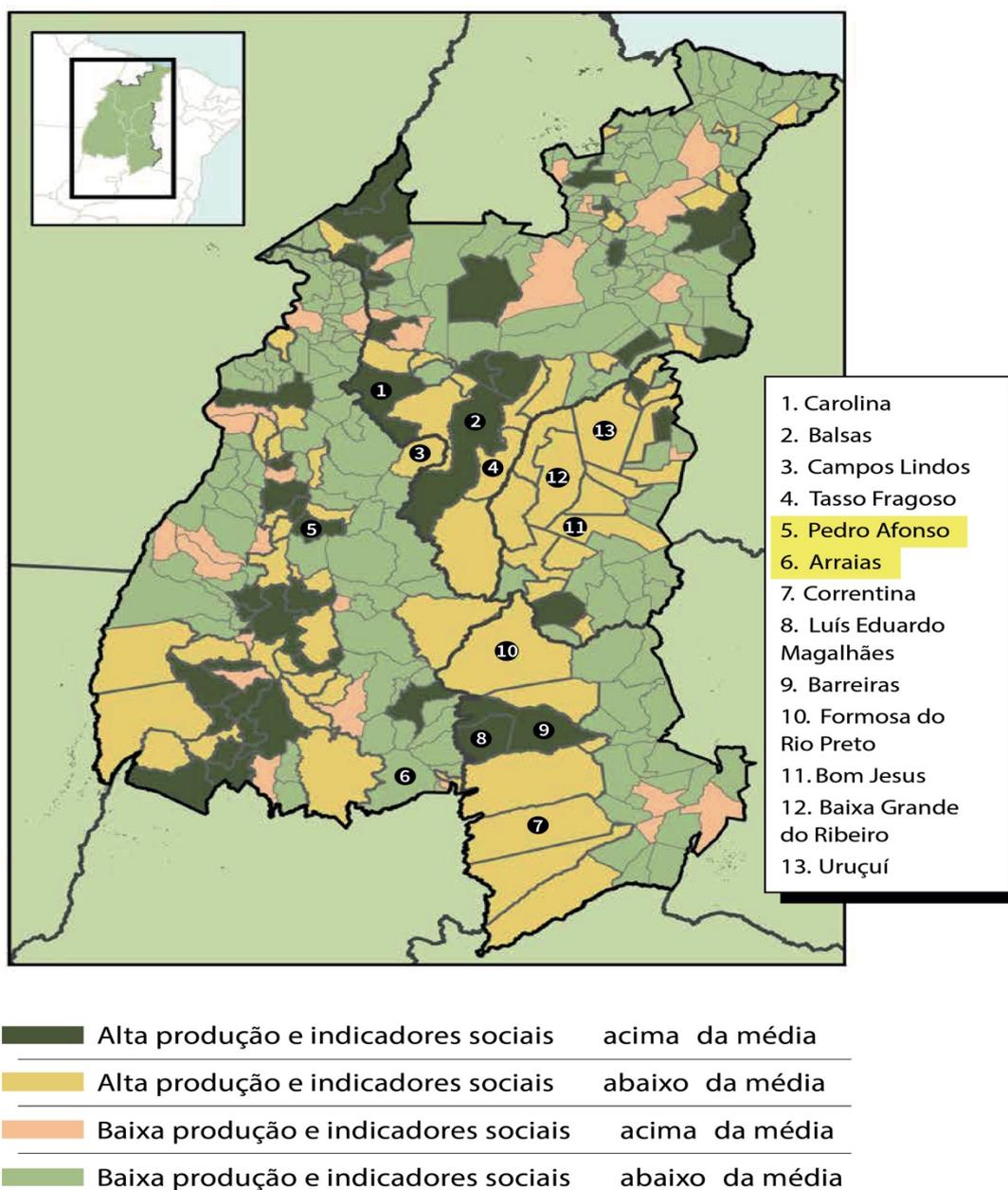
Figura 2 – Mapa de localização dos municípios da região de Matopiba



Fonte: Elaborado por Núbia N. do Nascimento e organizado por Jair S. da Silva (2020).

No mapa seguinte, Figura 3, podemos verificar a presença das duas cidades, Arraias e Pedro Afonso, a cidade de Pedro Afonso se destacando por apresentar uma alta produção de grãos e indicadores sociais acima da média. Arraias, por sua vez, tem uma baixa produção, e seus indicadores sociais estão abaixo da média.

Figura 3 – Mapa de tipologia de desempenho dos municípios da região de Matopiba em um conjunto selecionado de indicadores de riqueza e bem-estar



Fonte: Elaborado por Greenpeace, tendo como referência Favareto *et. al* (2018). Editado por Ana Karolina.

Neste sentido, verifica-se que a cidade de Arraias não teria tanto impacto na produção de grãos quanto na exportação, por isso, não seria tão atingida pela modernização e não responderia a nossas hipóteses. Contudo, traçamos a última linha de pensamento para a pesquisa de doutorado.

Pensou-se em Pedro Afonso, uma cidade que ainda preserva um patrimônio por meio dos objetos e que atualmente vem sendo atrativa para investidores em razão do solo fértil para a produção agrícola em larga escala.

A última decisão consiste no estudo intitulado “Patrimônio, memória e paisagem em Pedro Afonso: cidade histórico-resiliente no Estado do Tocantins”, aprovado pelo Comitê de Ética e disponível na plataforma Brasil para realização da pesquisa (Anexo A). Trata-se de uma cidade histórica, não havendo tantos estudos científicos na área do patrimônio e memória como as outras cidades mencionadas anteriormente. Trata-se de responder a nossas indagações de pesquisa pelos personagens e pela sua paisagem geográfica em transformação.

Durante o doutorado, foram escritos aproximadamente cinco projetos até chegar ao objeto final de análise. É natural este tipo de acontecimento e indecisão para escolha da área a ser estudada, tanto na delimitação do tema, quanto entre outros fatores. Mas é necessário que as ideias estejam claras para que a pesquisa seja como ponto de partida e consigamos fazer uma leitura e contextualizar os fatos para que o leitor visualize e se conecte pela escrita.

Para certificar o ineditismo do trabalho sobre o patrimônio, memória e o estudo da paisagem geográfica da cidade de Pedro Afonso, procedemos a um levantamento de temas nas principais bases de dados e acervos virtuais, como a base de teses e dissertações do IBICT (BDTD), que reúne todas as teses e dissertações publicadas no Brasil em uma única plataforma. Também pesquisamos nos Periódicos da Capes, em que estão indexados os artigos em periódicos nacionais e internacionais, e no “*google scholar*”, em que estão disponíveis conteúdos acadêmicos. Em nenhum deles encontramos material sobre Pedro Afonso na área de patrimônio, memória e paisagem, o que motivou a opção pela cidade.

Dessa maneira, o estudo propõe observar a cidade de Pedro Afonso inserida na área do Matopiba, uma região com potencial agrícola na atualidade. Vamos discutir este município tocantinense para análise da paisagem transformada do sítio histórico, em virtude da vinda de multinacionais para esta pequena cidade no interior do Tocantins. Propõe-se apresentar um estudo mostrando a cidade histórica do Tocantins que sofreu maior impacto econômico com a predominância do agronegócio na região.

Matopiba é considerada uma região com grande potencial agrícola na atualidade e em sua totalidade territorial, desta região, será analisada a cidade de Pedro Afonso. A proposta desta pesquisa é desenvolver um estudo que mostre o impacto que Matopiba trouxe para a preservação e a conservação desta cidade histórica, bem como a transformação da paisagem e como a modernidade atingiu, direta ou indiretamente, a população pedro-afonsina.

O Tocantins, por ser um estado jovem, tem sua cultura com características da cultura goiana, suas histórias e memórias ainda estão enraizadas mesmo após seu desmembramento no final dos anos 80. O estado do Tocantins foi criado no ano de 1988, concomitantemente com a última reforma da Constituição Federal Brasileira, e passou a ser autônomo, desvinculado do estado de Goiás. De acordo com Rodrigues e Santos (2015), o estado do Tocantins, conhecido como “antigo norte goiano”, foi constituído inicialmente por 79 municípios, com uma área de 277.321,9 km², integrando a Região Norte. Neste ponto, podemos perceber os primeiros indícios da consequência da modernização com o desmembramento do estado.

Um ano antes da divisão territorial entre os estados de Tocantins e Goiás, houve o tombamento de Natividade, a primeira cidade no norte goiano a receber o reconhecimento de patrimônio nacional no ano de 1987. Somente vinte e um anos depois, a segunda cidade, Porto Nacional, foi tombada em nível nacional em 2008, agora já em território tocantinense. Porto Nacional veio com o propósito de afirmar a identidade, a memória e a história da população tocantinense (NASCIMENTO, 2014).

O Tocantins é um estado basicamente ligado à produção agrícola que no decorrer dos anos vem passando por um processo de espacialidade seletiva de modernização agrícola que impacta as cidades com a vinda de novos atores sociais de vários estados, para os quais as tradições locais podem não ter o mesmo valor. Principalmente com a inserção do Matopiba, outro modelo de modernização em que indústrias de grande porte se instalam nos municípios em decorrência da rentabilidade econômica e em virtude da modernização agrícola. Assim, resulta na migração rural-urbana, o que impacta as cidades, pois ocorre uma intensa procura por moradia e emprego.

De acordo com a entrevistada C, a vinda da modernização é favorável ao município:

Eu acho importante porque são duas empresas que oferecem muitos empregos para Pedro Afonso e para a região, nas cidades vizinhas. Eu acho muito importante que elas permaneçam por muito e muito tempo. (Entrevistada C, 2021, informação verbal).

Enquanto a entrevistada B mantém certa dúvida com as alterações na cidade:

[...] a cidade cresceu, houve muitos investimentos na questão de moradia, muitas pessoas vieram pra cá e começaram a investir em Pedro Afonso, a cidade cresceu para todos os lados. Você vê, Pedro Afonso cresceu muito, então a questão do aluguel, de escola teve que se adequar para poder receber a população, que era bem pouquinha e, de repente, dobrou. A cidade teve que se adequar a essa questão de moradias de melhorar o tipo de moradia que existia, porque as casas eram muito humildes em Pedro Afonso, e de repente as pessoas tiveram que pensar em moradias melhores para acolher essas pessoas que vinham de fora, pessoal do sul e de todas as regiões do Brasil. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

Além da geração de empregos, a supervalorização da cidade foi uma das consequências advindas com a chegada das empresas de grande porte. Assim, as cidades correm o risco de ter seu patrimônio e suas culturas locais ameaçadas.

A cidade de Pedro Afonso, desde sua gênese, sofreu transformações na paisagem, principalmente no que se refere aos imóveis localizados nas áreas mais antiga da cidade, no sítio histórico. Entretanto, a cidade resiste ao abandono público por meio de suas manifestações tradicionais e culturais das personalidades da localidade.

Trata-se de entender a memória viva como fonte primária pelos relatos orais fornecidos pelos atores sociais para fundamentar o conceito previamente citado sobre “cidade histórico-resiliente”. Pedro Afonso tem uma característica peculiar: é uma cidade que recebeu duas empresas, a multinacional Bunge e a COAPA (Cooperativa Agroindustrial do Tocantins), especialista no ramo alimentício do agronegócio e na produção de etanol. Ou seja, em virtude da rotatividade de pessoas, a cidade está em constante transformação, com várias culturas advindas de outros estados, atraindo profissionais de vários lugares do Brasil para exercer o trabalho no ramo da agricultura e do agronegócio.

Por se tratar de cidade-patrimônio, conceito aprimorado por Costa (2015), propõe-se fundamentar o conceito de “cidade histórico-resiliente” em Pedro Afonso. Cidades histórico-resilientes são aquelas que mesmo com os processos de

modernização, especulação imobiliária e/ou transformações na área urbana mostram tenacidade de permanência da mesma paisagem de origem.

São cidades que têm fragilidade por contar com poucos recursos para a manutenção do patrimônio e seu desenvolvimento e, mesmo diante de todas as transitoriedades existentes, tendem a manter sua originalidade. Tornam-se histórico-resilientes, pois mesmo com o processo de modernização e transformação da paisagem, essas cidades, ainda com suas vicissitudes, tendem a manter suas características originais.

Este conceito será mais bem fundamentado nas pesquisas de campo, quando teremos subsídios necessários para compor o conceito com elementos da localidade. Tendo como referência conceitos sobre memória, patrimônio e paisagem, é iniciada uma discussão para entender este processo em que a cidade se encontra, buscando compreender principalmente até que ponto a vinda de pessoas de outros lugares faz com que as tradições, modos e costumes sejam esquecidos ao longo do tempo.

O capítulo 3 trata da chegada ao tema que culminou neste estudo e da caracterização de Pedro Afonso, bem como de seu histórico e sua trajetória como povoado, vila e cidade. Por este processo, destacam-se as marcas na paisagem por meio dos monumentos.

CAPÍTULO IV

4 PEDRO AFONSO: DE ALDEIA A CIDADE

Autores contemporâneos de peso conseguiram trazer estudos aprofundados sobre os aspectos históricos voltados para a explicação da gênese dos núcleos urbanos e sua formação como cidade desenvolvimentista. Furtado (2007) direcionamos no livro “Formação econômica do Brasil” aos ciclos econômicos brasileiros desde sua origem, a partir da ocupação territorial por meio dos fluxos de renda e crescimento econômico ancorados em três pilares - agricultura, pecuária e mineração -, bem como as crises econômicas vivenciadas por essas etapas.

Outro autor contemporâneo que reforça esta mesma linha de pensamento é Prado Júnior (2011), que nos fez viajar em sua obra “Formação do Brasil contemporâneo”, no capítulo em que aborda o período colonial e remete-nos às lembranças de um passado revisitado do Brasil desde a sua formação, com a abertura das aldeias e a miscigenação do índio, negro e branco, tornando o Brasil um país multicultural. Ainda na obra, nos capítulos seguintes, também nos faz recordar dos processos econômicos, desde a agricultura de subsistência até a indústria de grande porte. Essa retrospectiva da reorganização social brasileira e sua modernização até os dias atuais tornam-se uma base teórica para entendermos os processos de evolução e transformação vivenciados pelas cidades no interior do Brasil, assim como de Pedro Afonso.

Pedro Afonso é uma das cidades mais antigas do Tocantins, na atualidade com 123 anos de emancipação, conforme a Lei Estadual nº 179, e mais de 174 anos de história, conforme o primeiro registro da chegada de Frei Rafael de Taggia, posteriormente, vinculada, historicamente com a passagem das bandeiras e com o descobrimento de ouro no norte goiano (Quadro 1).

A cidade de Pedro Afonso teve seu primeiro núcleo formado na segunda metade do século XIX, como estimam Borges e Palacin (1987). É marcada por ser uma cidade localizada à margem do Rio Tocantins e do Rio do Sono. Teve sua origem ligada à catequese dos índios e seu desenvolvimento esteve diretamente relacionado às etapas de navegação do Rio Tocantins na segunda metade do século XIX (BORGES; PALACIN, 1987).

No ano de 1847, Frei Rafael de Taggia, missionário capuchinho, esteve na cidade, ainda um povoado, para catequizar os índios Xerentes. Havia apenas uma povoação antiga, da qual se tem pouca informação, só dados de que constava um povoado. Neste período da chegada de Frei Taggia, tem início nova povoação, com a chegada dos colonizadores portugueses. Em 8 de janeiro de 1848, pela resolução nº 4, Frei Rafael de Taggia obteve do governador da província a criação do arraial, dando início a uma vida social. Em 5 de agosto de 1849, por uma lei provincial emitida pelo comendador Pádua Fleury, foi dado o nome de Pedro Afonso, em homenagem ao Príncipe D. Pedro Afonso de Orleans e Bragança (1848-1850)⁸, segundo filho da família Imperial. (BORGES; PALACIN, 1987).

Um documento relatado por Frei Rafael de Taggia no ano de 1852 traz um pouco sobre os modos de vida e os costumes da população pedro-afonsina, que, em sua grande maioria, era composta basicamente por indígenas das etnias Xerentes, Xavantes⁹, Krahôs (TAGGIA, 1898).

Ao chegar às terras indígenas e se deparar com uma imensidão de água e um terreno inexplorado, usado apenas para o consumo, Taggia viu que a cultura e os hábitos daquele povo eram diferentes dos seus. Mesmo assim passou a viver com uma integração mútua e com as diferenças interculturais, afirmando “por ora só cabe conserval-os como nossos amigos. As próprias superticoes que lhe são tão familiares oferecem argumento para poder dizer-se que são inclinados ao culto religioso”¹⁰ (TAGGIA, 1898, p. 121). Nesta citação, frei Rafael de Taggia leva em consideração os costumes das duas etnias predominantes de Pedro Afonso em meados 1898, os Xerente e os Krahôs. Na interpretação de Taggia, os índios tinham seus costumes e sua religião própria por meio de rituais e adorações pelos seus deuses e, por isso, deveria haver respeito pelas diferenças culturais, como visto na citação seguinte de Taggia

⁸ Filho de Dom Pedro II, também conhecido por Pedro II do Brasil.

⁹ Rafael de Taggia menciona a tribo Xavante apenas uma vez, não se sabe ao certo o que aconteceu pelo seu desaparecimento; as que predominavam na região naquela época eram os Xerentes e os Krahôs. De acordo com Graham (2008), os Xavantes sofreram um acentuado decréscimo populacional nas diferentes fases do contato com os civilizados. Frei Rafael de Taggia assinala que, em 1852, residiam no aldeamento de Teresa Cristina, hoje município de Tocantínia (TO), à beira do Rio Tocantins, cerca de 4.000 índios “Xavante” e “Xerente”. Em virtude desta separação, temos a hipótese de que o desaparecimento dos Xavantes se deu por discussões territoriais, migrando para o estado de Mato Grosso.

¹⁰ Estrutura ortográfica correspondente ao ano de 1898.

Admitem a poligamia, e o divorcio. Contam os mezes por luas. Fazem festas particularmente em tempos de fartura, colheitas de roças, e de caçadas prosperosas. Tingem-se de varias cores, e os jogos entre os quaes é o mais celebre o da Zora [atualmente corrida das Toras] de Buriti, em cujo divertimento disputam-se as forças correndo, e nesse andar ligeiro tomando uns do hombro de outros a mesma Zora. (TAGGIA, 1898, p. 121).

Neste trecho seguinte, Frei Rafael de Taggia mostra preocupação com a população de Pedro Afonso, também podemos notar uma das primeiras alterações na paisagem com a chegada dos portugueses a um ambiente que era basicamente indígena

O conseguimento pois da dupla civilização são a influencia activa do governo, acompanhada de despezas e providencias a respeito, grande e desvelada paciência do reverendo missionário, bom director ornando de desinteresse e patriotismo, officiaes e artistas para ocupar em serviços uteis os selvagens, feitorias, e mais medidas que o sapientissimo governo poderá tomar, para que todos os sacrificios não fiquem inutilizados. (TAGGIA, 1898, p. 121).

Frei Rafael de Taggia teve uma importante função para o desenvolvimento da cidade, buscando trazer melhorias para Pedro Afonso e para população. Mas por outro lado, com a chegada dos portugueses, foram iniciadas as modificações feitas ao longo dos anos.

Frei Rafael de Taggia nasceu em 23 de fevereiro de 1812 na cidade de Genova, Itália. Ingressou na ordem dos capuchinhos em 1828, saiu de Roma com destino ao Rio de Janeiro e no mesmo ano para o estado de Goiás, em específico, para cidade de Goiás Velho, hoje Cidade de Goiás. No ano de 1847, no final de julho exatamente no dia 26-07-1847, ele chega a Pedro Afonso com a missão de catequizar os índios Xerentes e outros índios predominantes na região: os Kraôs, Xavantes e os Guajajaras¹¹. (MIRANDA 1973).

Verifica-se que a cidade de Pedro Afonso mantém suas características originárias em termos materiais. Mas, por outro lado, segundo Miranda (1973), Pedro Afonso perdeu suas características indígenas, lembrando que várias tribos indígenas viviam na região antes de Frei Rafael de Taggia chegar ao povoado. Após a chegada, com a catequização do missionário aos povos indígenas, de certa forma houve uma aculturação. É o que afirma Teixeira no prólogo do livro de Miranda:

¹¹ As tribos Guajajaras hoje predominam na região do estado do Maranhão.

Pedro Afonso perdeu logo suas características indígenas, transformando-se em povoado sertanejo. Em 1849 contava com 800 habitantes. Criadas a vila e a paróquia, levanta-se a Igreja de São Pedro no lugar da primitiva capelinha coberta de palhas e palmeiras (TEIXEIRA, 1973, p. 13).

A cidade passou alguns períodos ora com mais habitantes, ora com menos, e não se sabe ao certo quais as causas dessa redução populacional. Conforme os escritos de Maranhão (1990), no ano de 1900, Pedro Afonso contava com aproximadamente 500 habitantes, um pequeno aglomerado de pessoas simples, vindas de outras regiões em virtude da exploração da mangabeira, que fornecia o precioso látex para a confecção de borracha.

Uma das hipóteses pode ser atribuída à crise econômica da borracha ou mesmo à rixa entre famílias por questões políticas, acarretando diminuição dos cidadãos.

Oliveira traz algumas memórias sobre a gênese de Pedro Afonso:

Em 1861, a cidade é elevada à categoria de Vila. No ano de 1880, segundo informações do juiz de direito de Porto Imperial, Pedro Afonso contava com vinte casas, das quais dezessete eram de telha, e uma igreja arruinada. Diz ainda que a situação não era nada animadora: o aldeamento estava decadente, e a escola de primeiras letras fora transferida para Leopoldina [atual cidade de Aruanã, estado de Goiás], em razão de ser frequentada apenas por dez alunos (OLIVEIRA, 2007a, p. 5).

Naquela época, no norte goiano, o progresso era quase nulo, mas havia cidades em que a circulação de mercadorias e pessoas emergiam de forma acelerada, aquelas predominantemente às margens do Rio Tocantins, que atravessa todo o estado. O Rio Tocantins tem sua nascente na Serra Dourada, estado de Goiás, fazendo-se presente nos estados de Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará, finalmente desembocando na Baía do Marajó, PA. É, sem dúvida, uma das riquezas naturais do estado, atravessando gerações, cada uma com suas narrativas e memórias.

A vida administrativa de Pedro Afonso se iniciou no ano de 1887, com a Lei 801, de 1º de dezembro, que elevou o lugar à categoria de Vila em 14 de julho de 1888 (MIRANDA, 1973). Pedro Afonso era muito importante por questões econômicas, pois a cidade dispunha em larga escala da produção de látex e tinha no rio um esplendor natural com abundância da água para a navegação fluvial.

A cidade tornou-se autônoma somente no ano de 1898, pela Lei nº 179, de 25 de julho, e passou a ser uma cidade independente desvinculada de Porto Nacional (Quadro 1). No mesmo ano, foi criada a paróquia subordinada à de Porto Nacional, denominada “São Pedro”, sendo o primeiro vigário, Frei Rafael de Taggia, que a ocupou até sua morte, com 80 anos, em 5 de outubro de 1892, metade da sua vida foi dedicada à cidade de Pedro Afonso. De acordo com os escritos de Miranda (1973), Rafael de Taggia foi o missionário que mais prestou serviços ligados à religião e à catequese nas antigas aldeias do Alto Tocantins.

O Quadro 1 mostra a divisão administrativa territorial do município até o ano de 1948, quando Pedro Afonso passa a ter seis distritos.

Quadro 1 - Formação administrativa de Pedro Afonso

Resolução provincial nº 19	23 de agosto de 1858	Pedro Afonso era vinculado ao município de Porto Nacional
Lei provincial nº 801	1 de dezembro de 1887	Pedro Afonso era vinculado ao município de Porto Nacional
Lei Estadual nº 179	25 de julho de 1898	Pedro Afonso se desvincula do município de Porto Nacional
Divisão administrativa	1911	O município de Pedro Afonso compõe os seguintes distritos: Pedro Afonso, Piabanha, Buenos Aires, Olho D'água, Guarirobal, Santa Maria do Araguaia e Couto Magalhães
Divisão administrativa	1933	Pedro Afonso é dividido em dez distritos: Pedro Afonso, Barriguda, Boa Sorte, Buenos Aires, Cangalha, Guarirobal, Nova Roma, Olho D'água, Piabanha e Porto do Sítio
Decreto-Lei Estadual nº 557	30 de março de 1938, vigente no período 31/12/1936 a 31/12/1937	Pedro Afonso, Barriguda, Boa Sorte, Cangalha, Santanópolis e Tocantínia
Decreto-Lei Estadual nº 1233	31 de outubro de 1938, vigente no quinquênio 1938-1943	Pedro Afonso, Itacajá, Boa Sorte, Primavera, Santanópolis e Tocantínia
Decreto-Lei Estadual nº 305	1944-1948	Pedro Afonso permanece com seis distritos – Pedro Afonso, Craolândia (ex-Primavera), Itacajá, Lizarda (ex-Boa Sorte), Piacá (ex-Santanópolis) e Tocantínia.

Fonte: Miranda (1973). Elaborado por Núbia N. do Nascimento (24/03/2020).

No Quadro 1 percebemos que Pedro Afonso sempre manteve relações de ligação com uma ou mais cidades, seja por questões territoriais ou mesmo por relações político-econômicas. Hoje, Pedro Afonso é uma cidade independente, mas que mantém um vínculo muito próximo com duas cidades circunvizinhas em que o rio se torna um elemento fundamental na união. O Rio Tocantins, de um lado, ligando a cidade de Tupirama, e o Rio do Sono, do outro, ligando a cidade de Bom Jesus do Tocantins. A primeira com distância aproximada de 9 quilômetros, e a segunda com distância aproximada de 8 quilômetros de Pedro Afonso. O Quadro 2 cita os prefeitos de Pedro Afonso e respectivas épocas de mandato.

Quadro 2 - Prefeitos de Pedro Afonso

Prefeito	Ano de mandato
Cel. Honório Nogueira Daniel Ferreira dos Anjos	Intendente Década de 1910
Bertoldo Brito Paranaguá Jaime de Medeiros Queiroz Numeriano Bezerra de Castro	Intendente 1911-1919
Raimundo Barreira de Oliveira	Intendente Década de 1920
Cantídio Ferreira Machado	Intendente 1927-1929
José Correia de Almeida	1930-1932
Manoel de Góes Moreira	Intendente 1933-1937
Júlio Nóbrega	Intendente Federal 1938-1946
Antero Batista de Abreu Cordeiro	1939-1941
Pedro Tavares dos Reis	1942-1945
Pedro Tavares dos Reis	Intendente Federal 1947
Ademar Amorim	1948-1950
Nelzir José Pedreira	1951-1954
Raimundo Gomes Ferreira	1955-1958
Florisval Vasconcelos Rêgo João Ferreira de Brito (vice-prefeito)	1959-1960
José de Souza Porto João Ferreira de Brito (vice-prefeito)	1961-1964
Ademar Amorim Pedro de Souza Parente (vice-prefeito)	1965-1968
Justino da Silva Lustoza	1969-1972
Ademar Amorim	1973-1976
José Edgar de Castro Andrade	1977-1982
Dr. Mário Sales	1983-1988
José Edgar de Castro Andrade	1989-1992
Antonio de Souza Aguiar	1993-1996
José Combas Almeida	1997-2000
José Wellington Martins Belarmino	2001-2004

José Wellington Martins Belarmino	2005-2008
José Júlio Eduardo Chagas	2009-2012
Jairo Soares Mariano	2013-2016
Jairo Soares Mariano	2017-2020
Joaquim Pinheiro Filho	2021-2024

Fonte: Miranda (1973) e Museu Histórico de Pedro Afonso (2020). Elaborado por Núbia N. do Nascimento em 25/03/2020.

Com o desenvolvimento econômico da cidade, sentiu-se a necessidade de um juiz de direito na comarca de Pedro Afonso, sendo nomeado para assumir esta responsabilidade o Dr. Pedro Pinheiro de Lemos em meados de 1912 e início de 1913.

Com o governo dos Caiados, em Goiás, em 1913, Pedro Afonso era governado pelos seguintes dirigentes:

Ocupavam os cargos, como autoridades locais, os seguintes senhores: Bertoldo Brito Paranaguá, Intendente Municipal; José Martiniano Borges, Juiz Municipal; João Belchior de Almeida, Delegado de Polícia; Caetano Tavares dos Reis Pinto, Escrivão do Registro Civil; Sebastião Nogueira, Coletor Estadual; José Bernardo da Silveira, Coletor Federal; Maria Angélica dos Reis Pinto, Agente dos Correios; Othon Maranhão, Professor Primário do sexo masculino; Anna Dias de Britto, professora do sexo feminino. (MIRANDA, 1973, p. 37).

Percebe-se que a política em Pedro Afonso era designada por indicações do governo de Goiás, composta boa parte de pessoas ligadas às forças armadas, exceto os professores. Considera-se uma forma disfarçada de submissão às ordens do poder regente.

4.1 Pedro Afonso: a cidade setentrional do Tocantins

O século XX foi marcado com o desenvolvimento de Pedro Afonso, pois era uma das cidades privilegiadas no ciclo da borracha da mangabeira. Seu destaque servia como um elo entre o norte e o nordeste brasileiro com um comércio que se estendia entre a Bahia e o Araguaia – Xingu (Porto Franco do Araguaia – hoje Couto Magalhães e Conceição), entre os anos de 1910 e 1914, atingindo o apogeu da borracha, de acordo com os escritos de Borges e Palacin (1987). A entrevistada B argumenta que poucos pedro-afonsinos conhecem esse importante período econômico que a borracha trouxe para a cidade

[...] os mais novos têm que saber de toda essa história de Pedro Afonso porque hoje nas escolas os nossos alunos não sabem que Pedro Afonso já produziu borracha, daqui de Pedro Afonso saía borracha pra Belém, daqui saía carne para Belém nos barcos a motor. Esse patrimônio, essa história e toda essa história comercial nós estamos perdendo, isso porque os livros que existiam, acho que ainda existem alguns de Nana Britto, alguns escritores que escreveram, mas isso não é divulgado. A história de Pedro Afonso é muito rica e falta divulgar. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

Por falta de divulgação da população e incentivos da gestão, a história de Pedro Afonso não é tão vista como a das demais cidades históricas do Tocantins.

A cidade de Pedro Afonso está situada entre dois rios: o Tocantins, banhada pela margem direita com suas águas mansas e límpidas, belas praias fluviais e com um aumento de fluxo em épocas de altas temporadas: e o Rio do Sono, à margem esquerda, outro símbolo natural e memorável para os pedro-afonsinos. O entorno é composto por um arsenal de árvores inclusive a barriguda¹² em meados dos anos de 1980-1990, destacada até os dias atuais compondo a mata ciliar.

Miranda (1973), professora e ativista na área da educação no norte goiano, natural da região de Pedro Afonso, tinha um olhar enaltecido sobre as questões locais. Uma das primeiras mulheres a registrar a história da cidade por meio das falas das pessoas e de suas experiências, afirma que a cidade passou por três marcos de periodização: do surgimento da aldeia, até 1914; de 1914 a 1930, época marcada pelo afastamento do presidente Washington Luís e pelo fim da República Velha, conseqüentemente do sistema oligárquico¹³, e o terceiro período, de 1930 aos dias atuais.

O segundo marco, ainda quando Pedro Afonso era considerado um pequeno povoado, devido aos poucos habitantes, em sua grande maioria rurais, houve um acontecimento com a ordem do governador da época:

[...] o governador do Estado, em 1914, criminosamente, por política, mandara uma horda de jagunços que chacinou o povo e queimou as casas, saqueando tudo. E dizer-se que no Brasil tinha então um presidente da República! Nada aconteceu a esse energúmeno.

¹² De nome científico *Ceiba speciosa*, também conhecida com nome popular de barriguda ou paineira, esta árvore, fica às margens do Rio do Sono, próximo à Praça Ecológica. Este nome é devido à sua estrutura, troncos grossos, raízes profundas e copa arredondadas com muitas folhas.

¹³ Conhecido como a Política do Café com Leite com o desmembramento do poder estatal de São Paulo e Minas Gerais.

Agora lutam os bons goianos para levantarem outra vez sua cidade, sua riqueza e sua instrução. (RODRIGUES, 1987, p. 141).

Rodrigues (1987), em uma das viagens aéreas, lembra-nos das chacinas políticas de 1914 e das histórias contadas quando fez um roteiro aéreo pelo Tocantins, quando a cidade de Pedro Afonso era uma das mais simbólicas com um comércio ativo, contava com um vasto planalto coberto de áreas verdes e uma população densa.

No ano de 1930, houve o fim do sistema oligárquico. Neste período, a junta militar assume o poder, concomitantemente à revolução triunfante com a renúncia do presidente do Brasil, Washington Luís, assumindo logo em seguida, Getúlio Vargas em 1930. Essa fase também é lembrada pela passagem da Coluna Prestes¹⁴ pela cidade de Pedro Afonso.

A Coluna Prestes¹⁵ foi um acontecimento histórico brasileiro, comandado por Luís Carlos Prestes. A comitiva percorreu vários estados, inclusive Goiás, pela insatisfação com a República Velha, exigindo alguns direitos como o sigilo do voto e o curso primário gratuito, entre outros.

A Coluna Prestes causou um grande tremor. Relata Anna Britto Miranda (1973) em seu livro “História de Pedro Afonso” que a passagem da Coluna Prestes pelo norte goiano foi um verdadeiro transtorno e pânico para a população pedroafonsina. A grande maioria da população deixou a cidade, abandonou suas casas, outros correram para o mato em busca de abrigo e esconderijo até passar esse período de turbulência.

A comitiva passou por Pedro Afonso no final de 1925 e seguiu para Tocantinópolis (BUNGE, 2014). A passagem da Coluna Prestes pela cidade causou marcas profundas na memória dos cidadãos. Miranda ainda afirma em tom de lamento pela população: “destruíram tudo o que estava ao alcance de suas mãos, queimaram os arquivos, e alguns dos moradores mais retardatários sofreram vexames, inclusive algumas chicotadas, acompanhadas de deboches”. (MIRANDA, 1973, p. 20).

¹⁴ Coluna Prestes foi um movimento histórico, político-militar ocorrido no Brasil em meados dos anos 1925-1927, liderado por Luís Carlos Prestes, que era contra o regime oligárquico, pela insatisfação com o governo de Artur Bernardes, que fazia parte da República velha, conhecida também como a República Café com Leite.

¹⁵ Os relatos sobre da Coluna Prestes são divergentes: em alguns lugares ela é elogiada, em outros, não. Em Pedro Afonso a passagem não deixou boas lembranças de acordo com a memória dos moradores da cidade, como recorda Miranda (1973).

Os autores Miranda (1973) e Rodrigues (1987) reforçam o momento histórico difícil por que passou Pedro Afonso, agora tendo que reerguer a cidade em razão da devastação física e psicológica deixada pelos membros da tropa a mando do governador em 1914. Com todas essas passagens compostas pelos momentos marcantes da cidade por revoluções, chacinas, hoje são pouco lembrados pelos cidadãos, talvez por falta de memória ou mesmo por descuido dos órgãos de preservação do patrimônio, estudiosos e/ou população local para ativar as lembranças e não abalar o esquecimento.

Neste mesmo período, o comércio local começou a se desenvolver, alguns comerciantes pedro-afonsinos faziam o transporte dos seus produtos como couro de boi, látex, peles de animais silvestres e gado para o estado do Maranhão e para cidade de Belém. Na volta, aproveitavam a viagem trazendo ferramentas e produtos da região, como sal, querosene e tecidos, em geral. Houve grandes personalidades que impulsionaram o comércio nesta época (MIRANDA, 1973).

Entre essas personalidades, destaca-se o Senhor Solino Pessoa, idealista, trabalhador, que é lembrado por ter aberto uma estrada para facilitar o fluxo entre as cidades de São Marcelo¹⁶ e Galhão¹⁷ no transporte de mercadorias que vinham da Bahia, por considerar mais promissor e melhor custo-benefício. Da cidade de Galhão a Porto Franco, as mercadorias eram transportadas nas costas de burro e de Porto Franco a Pedro Afonso, transportadas pelo rio em balsas feitas de talos de buriti (MIRANDA, 1973).

Na mesma época, alguns comerciantes, percebendo o solo fértil, começaram a desenvolver atividades agrícolas com grandes plantações de cana-de-açúcar em meados de 1910 a 1914. Miranda (1973) afirma que Pedro Afonso se apresentava como o primeiro município agrícola e pastoril, considerado o mais rico em pecuária da região.

A agricultura, bem desenvolvida, produzia muito arroz, milho, feijão, farinha de mandioca, bem como batata, inhame e gergelim. Todos esses produtos, os que não eram vendidos na cidade de Carolina, única praça consumidora, eram vendidos para o consumo da cidade. O [rio] Tocantins era a única via de transporte, com que se contava naquela época. (MIRANDA, 1973, p. 29-30).

¹⁶ Povoado no estado da Bahia.

¹⁷ Onde hoje é a cidade de Mateiros-TO.

Atualmente a cidade de Pedro Afonso é composta, em larga escala, pela utilização da terra para produções de soja e cana-de-açúcar. Em termos de variedades de produtividade, podemos notar que, de meados de 1910 a 1948¹⁸, a população pedro-afonsina era beneficiada por uma agricultura de subsistência, comercial, mas não exploradora, diferente dos dias atuais. Agora, tem-se a exploração da terra para o acúmulo do capital, fator primordial para gerar lucro e riqueza. Pedro Afonso se destaca nas exportações comerciais, ocupando a terceira posição no PIB *per capita* do estado e o primeiro lugar na microrregião. O Produto Interno Bruto (PIB) é um indicador síntese de fluxo de novos bens e serviços finais produzidos durante um período (IBGE, 2021). Para o entrevistado G, a Bunge foi o início de oportunidade e geração de tecnologia

[...] a cidade, muito boa e acolhedora, é uma cidade com uma perspectiva muito grande de futuro, principalmente da atualidade essa questão da produção da Bunge, essa ideia toda que se constrói a cada momento de tecnologia aqui na nossa cidade e agora implantou o IFTO, a cidade está andando, né. E a gente tem que ter perspectiva, sou funcionário público atualmente, então tem uma certa estabilidade morar aqui e sou feliz, morando aqui em Pedro Afonso. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Para a entrevistada A:

A Coapa trouxe abertura de áreas e a produção, aumentou muito a produção de soja, é que a **Coapa foi a primeira e pioneira na produção do plantio de soja aqui no estado e quando o pessoal viu que o nosso cerrado era bom, começou a vir muita gente de fora, então foi muito importante.** E a Bunge, por sua vez, trouxe a indústria, né, é uma coisa que nunca tivemos. Desenvolveu muito, no início como eu te disse foi um pouco complicado pois veio muita gente de fora pra os dois municípios, que não tinham praticamente estrutura nenhuma foi Pedro Afonso e Bom Jesus, mas acho que já se superou, já se humanizou isso. (Entrevistado A, 2021, informação verbal, grifo nosso).

De acordo com a entrevistada A, a Coapa serviu de abertura para o incentivo de atrair outras empresas, visto que o cerrado tinha terras férteis para o plantio.

Por outro lado, também favoreceu a população com a geração de empregos.

Como afirma o entrevistado G:

¹⁸ As datas mencionadas propõem seguir uma ordem cronológica conforme os escritos encontrados sobre os acontecimentos registrados em Pedro Afonso. Os saltos em determinado tempo se deram pela omissão de informações referentes à cidade.

[...] a Coapa é considerada uma empresa de grande porte ligada à questão agrícola. É uma empresa que tem uma maior capacidade de armazenamento de grãos no estado, os filhos da Coapa lá que a gente tem em Pedro Afonso têm o poder de armazenamento muito grande. A Coapa é uma cooperativa que implantou e se tornou uma grande empresa aqui da região, **emprega muitas pessoas, e** implementou também a ideia de cooperar na nossa região, que não tinha muito a ideia de cooperativa e, a partir da implantação da Coapa em 1998, aí essa ideia de cooperativismo foi lançada. Essa sementinha foi plantada e tem dado frutos, a gente tem a Cooperativa de Educadores de Pedro Afonso (COED), que é uma escola que nasceu a partir dessa perspectiva de cooperativa. A gente tem a loja Agroveterinária da própria Coapa, tem também a própria sede da empresa, que a gente considera de grande porte para nossa região, sem falar que ela tem a maior capacidade de armazenagem de grãos do Estado do Tocantins. A gente tem a Bunge, que é uma multinacional, a usina da Bunge foi implantada em 2007, mas precisamente o projeto, mas a usina mesmo foi já inaugurada em 2012. É uma usina ativa na produção de cana-de-açúcar e biodiesel e assim ela trouxe uma perspectiva econômica muito grande para cidade nacionalmente porque **ela praticamente emprega todas as famílias de Pedro Afonso**. Nas famílias, sempre tem alguém que está empregado lá, alguém que trabalha hoje na Bunge [...] Devido à instalação dessa multinacional, **sempre tem alguém da família que está trabalhando lá** ou no serviço público, ou em alguma empresa aqui dentro da cidade. **Então quase todas as famílias aqui estão assistidas por essa multinacional do ponto de vista de empregabilidade**. (Entrevistado G, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Para o entrevistado H:

Bunge primeiro porque ela tem um empreendimento sucroalcooleiro aqui que tem **uma empregabilidade alta, fornece um bom número de empregos. E, a Coapa também, não tantos empregos, mas ela permite um fortalecimento da micro e pequena empresa aqui da cidade**. Isso é fácil entender porque nós temos duas cadeias produtivas aqui, com essas duas empresas, a Bunge e a Coapa. (Entrevistado H, 2021, informação verbal, grifo nosso).

De acordo com a entrevistada A:

A Bunge se consolidou na prestação de serviços, né, **então antes ela trazia muita gente de fora, foi assim um pouco complicado, mas agora ela tem retido os talentos da região**. A mão de obra está assim, capacitando para o pessoal trabalhar com ela, então é importante. (Entrevistada A, 2021, informação verbal, grifo nosso).

As palavras grifadas na fala do entrevistado H, reforçam o lado positivo que essas duas empresas trouxeram para a cidade e o quanto a cidade se desenvolveu

com sua chegada. Mas uma crítica que podemos levantar na entrevistada A é sobre o investimento qualificacional de pessoas de fora, mas esta concepção vem sendo mudada com o tempo, havendo investimento nos talentos da cidade. As duas empresas também contribuem com a questão social da cidade, principalmente a Coapa, como afirma o entrevistado G:

A Coapa trouxe essa ideia de cooperativismo e acaba tendo trabalho social muito relevante a Coapa sempre está no meio das ações que envolvem o benefício da comunidade através de doação de alimentos. Em 2020 teve uma atuação bastante significativa na mobilização de doação de alimentos quer seja alimentos da cesta básica tradicional; quer seja alimentos do campo como abóbora e milho. Então a Coapa puxou uma campanha muito relevante que levou comida para muitas mesas aqui dos pedro-afonsinos. Sempre a Coapa tem feito isso, a Coapa sempre se deu aqui através do trabalho social; tem a parte dos cooperados que eles produzem e divide a questão do lucro. Mas assim sempre a Coapa tem se preocupado com todas questões sociais de todos os seguimentos daqui: do esporte, ação social, cultura a Coapa sempre está apoiando, ela tem essa participação. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Já a Bunge é vista por esta concepção

Já a Bunge foi implantada, mas o legado social dela ainda está em construção. A Bunge tem algumas participações inclusive ela fez um projeto paralelo ao museu daqui de resgate da memória local, mas esse projeto não teve continuidade, eles começam aí param. E, também há uma pressão muito grande do impacto ambiental que a empresa trouxe para cidade. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Conforme o entrevistado G, a contrapartida da Bunge nas questões sociais ainda é incipiente em comparação com a Coapa, que está sempre desenvolvendo e ajudando nas questões sociais da cidade.

Conforme o último relatório da Secretaria da Fazenda do Estado do Tocantins sobre o PIB e as contrapartidas dos municípios, Pedro Afonso estava entre um dos cinco municípios no valor adicional (VA)¹⁹ da agropecuária, o que reforça o fato de

¹⁹ O Valor Adicional (VA) é contribuição ao PIB em relação às atividades econômicas, neste caso, está relacionado ao valor agregado à agricultura.

ser uma das cidades mais influentes no ramo da agricultura no estado do Tocantins (TOCANTINS/SEFAZ, 2021)²⁰.

As indústrias disponíveis na cidade para o abastecimento agrícola fazem uso da água do Rio Tocantins para a irrigação das plantações de soja, cana-de-açúcar e outros grãos. O estado do Tocantins faz parte da bacia hidrográfica Tocantins-Araguaia e, conseqüentemente, segundo as informações da Agência Nacional de Águas (ANA) (BRASIL, 2019), é um dos estados brasileiros mais abundantes em água. É notório que iria demorar um bom tempo para que os rios pudessem secar, mas conforme os relatos obtidos pela população pedro-afonsina, esse fato está sendo notado pelos cidadãos, como consta numa reportagem regional. Afirma o entrevistado “[...] que durante toda sua vida não tinha visto o Rio Tocantins secar”²¹. Como afirma o entrevistado G:

Principalmente nos últimos três anos o Rio Tocantins, aqui próximo de Pedro Afonso, tem secado muito rápido no mês de verão e as pessoas sempre associa que lá no local de captação da água começa a assorear o rio nesse local. Eles tem o maior pivô parece de irrigação central do mundo era na Bunge, não sei se ainda é mas até um tempo atrás eles tinham esse pivô de irrigação que saia irrigando a cana todinha a partir de pegar a água dessas nascentes, desse local onde eles fazem a coleta da água e aí as pessoas questionam muito sabe, se esse benefício que a Bunge traz hoje se lá na frente não pode ser o malefício então nós estamos nesse dilema. Pedro Afonso na verdade vive um dilema, até onde esse desenvolvimento da Bunge aonde coloca a comida dentro de casa das famílias pedro-afonsinas que eu acredito que deve empregar de 30% a 35% da nossa população, mais ou menos nessa proporção aí que a Bunge consegue empregar. E, se está sendo viável a longo prazo ou se é uma coisa que realmente vai ter êxito no futuro em relação ao meio ambiente. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Há também outros problemas ambientais em risco, não apenas a água, podemos citar o desmatamento de áreas para uso da agricultura, gerando, como

²⁰ Para mais informações, consultar a tabela do PIB das cidades do Estado do Tocantins. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/544373/>. Acesso em: 4 jan. 2021.

²¹ Podemos verificar nesta reportagem outro exemplo de reclamação dos moradores da cidade em virtude da estiagem do Rio Tocantins. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/11/25/video-mostra-trecho-do-rio-tocantins-praticamente-seco-apos-usina-comecar-a-operar-em-capacidade-maxima.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2020.

consequência, extinção de animais silvestres no cerrado, entre outros fatores. Assim, afirma a entrevistada B:

O outro lado vem a questão ambiental, né, que, às vezes, a questão da cana, né, a questão de toda essa agressão ao meio ambiente. Todo mundo sabe que com uma empresa dessas que chega à cidade é claro que vem toda, por mais que eles tragam pessoas pra dar cursos para falar sobre essa questão, mas a gente sabe que lá no fundo a agressão ao meio ambiente é muito clara. Mas a Bunge trouxe muitas oportunidades, a Coapa chegou há muitos anos, primeiro que a Bunge, ela veio através do Prodecer III e começou a explorar a região do cerrado, vem por toda essa questão de abrir matas e termina tirando toda essa questão de reserva, por mais que eles falam que deixam uma parte preservada, mas termina que os agricultores... a ganância é muito grande, você vê que áreas enormes... você vê que fica pouca área de mata. Mas é uma empresa que agrega valores de trabalho de rendas pra cidade, tem a questão da cultura, então, assim, tem seu lado positivo e o lado negativo. Infelizmente o progresso vem com tudo isso. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

Como reafirma o entrevistado G:

As pessoas acham interessante pois trouxe muito emprego para as famílias, mas, ao mesmo tempo, a própria comunidade se questiona se esse desenvolvimento é temporário ou depois de exaurir o solo a empresa vai embora. Como é que vai ficar essa situação com a terra já infértil e improdutiva! Então, há muitos questionamentos em torno desse presente e desse futuro próximo que a gente não sabe, né. Então, assim, a Bunge em si não passa aquela confiança do ponto de vista de permanência duradoura e também da questão ambiental, que tem sido muito questionado. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

De acordo com o entrevistado G, há uma preocupação por parte da população sobre a permanência da empresa na cidade, pois se acredita que, após usufruir do solo e da hidrografia presente na cidade, a empresa tomará outro destino. Reforçando a fala anterior, os autores Lopes e Braz (2007) complementam

No entorno da cidade de Pedro Afonso, a vegetação nativa já se encontra descaracterizada em diversos trechos, tendo as matas ciliares do Rio Tocantins e seus tributários sido suprimidas total ou parcialmente para o plantio de culturas de subsistência, ou formação de pastagens. A entrada de gado nas matas ciliares também é um fator preocupante, pois o pastejo e o pisoteio pelos animais causam grandes alterações no sub-bosque. Extensas formações de cerrado em bom estado de conservação ainda podem ser observadas, mas o

futuro dessas áreas ainda é incerto, pois a cultura de soja tem se expandido rapidamente na região, e grandes áreas de vegetação nativa já foram suprimidas. (LOPES; BRAZ, 2007, p. 530).

Talvez seria interessante uma proposta para que as indústrias de agricultura na região de Pedro Afonso adotassem políticas de reuso da água ou mesmo um estudo de impacto ambiental (EIA/RIMA) ou mesmo uma reanálise da outorga do uso da água, caso essas indústrias não tenham. Uma vez que a irrigação da agricultura de soja e da cana-de-açúcar na região é intensa, bem como o uso da ocupação do solo para pastagem de terras com plantações de grãos em potencial. A aplicação dessas propostas seria essencial para a preservação do meio ambiente a longo prazo.

Em um futuro não muito distante, possivelmente, vamos notar grandes mudanças acarretadas pelo desequilíbrio do ciclo hidrológico. Com a falta de planejamento urbano para gerir os recursos hídricos, poderão ocorrer sérios problemas ambientais na região do município. Futuramente, teremos alguns impasses com a falta de água e até mesmo uma possível diminuição das indústrias na região de Pedro Afonso em virtude da abundância de água utilizada na irrigação dos plantios nos dias atuais, que são abastecidos pelo Rio Tocantins e pelo Rio do Sono.

O próximo item evidencia algumas marcas na paisagem entre o passado e o presente, bem como uma breve comparação concernente às mudanças nos monumentos patrimoniais.

4.2 Pedro Afonso no passado e no presente: palco cultural do norte goiano

A presença do missionário Rafael de Taggia (1847) em terra fértil e a construção da igreja São Pedro (1889) proporcionaram intercâmbio entre as cidades de Pedro Afonso, Porto Nacional e a cidade de Carolina, no estado do Maranhão, com as questões religiosas e econômicas. Como afirma Miranda (1973), várias famílias de Carolina, Porto Nacional e Boa vista se faziam presentes para participar das festividades religiosas, mantendo, assim, um elo. Já a questão econômica se dava principalmente pelo trajeto que era feito pelo Rio Tocantins no transporte de mercadorias ligando Pedro Afonso à cidade de Carolina-MA (SODRÉ; RAMIRES, 2018).

Decorrente desta ligação e da chegada do Missionário Taggia, houve uma transformação da paisagem da igreja pequena destinada ao povoado indígena, que passa para uma igreja maior para atender os moradores de Pedro Afonso. Nota-se que alguns elementos foram alterados, como a rua pavimentada e a troca do telhado e das janelas, antes em madeira, substituídas por vitrais (Figura 4).

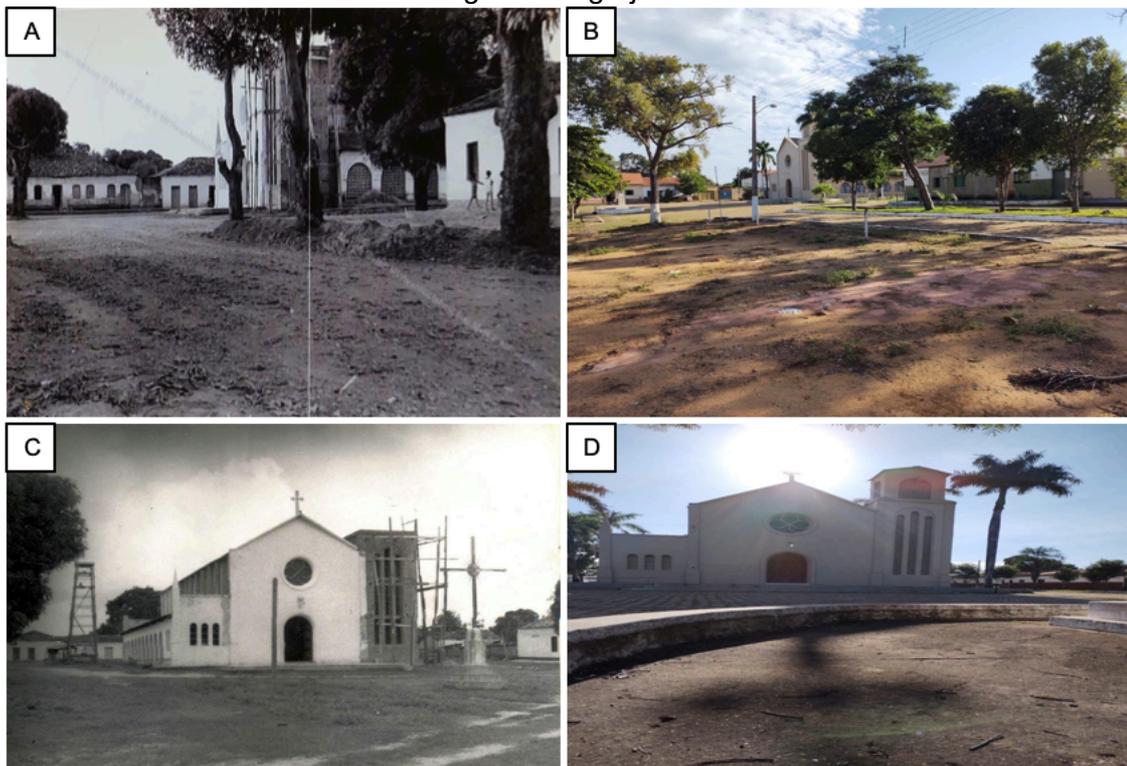
Para análise da paisagem de Pedro Afonso, “nós selecionamos aquelas qualidades da paisagem em particular que são ou possam ser úteis para nós.” (SAUER, 1998, p. 29). São úteis, pois mostram uma manutenção religiosa, mas, ao mesmo tempo, preservando algumas características originárias que se fazem presentes na memória dos cidadãos. A paisagem é composta por imagens reveladas e não reveladas e, neste sentido, “a paisagem é materialidade, formada por objetos materiais e não materiais” (SANTOS, 1997, p. 71). Assim, “a paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou se modifica para acolher uma nova atualidade, uma inovação.” (SANTOS, 1997, p. 73). Essas modificações nos centros históricos, em alguns casos, se tornam incipientes levando em consideração as grandes transformações que ocorrem no restante da cidade em virtude de os processos de industrialização serem intensos.

De acordo com Miranda (1973, p. 25), “no ano de 1888 iniciou-se a construção da Igreja de São Pedro, que ia substituir a capelinha coberta de palhas de palmeiras.” Conforme a citação anterior, antes da Igreja de São Pedro, havia uma outra capela menor no lugar. Para atender o máximo possível de fiéis, houve necessidade de aumentar o espaço da igreja com intenção de atender os cidadãos locais. Assim, a paisagem é o movimento de pessoas, trabalhos e atividades, mudando constantemente a produção do espaço sobre o território. Já a “espacialização é sempre o presente, um presente fugindo, enquanto a paisagem é sempre o passado, ainda que recente.” (SANTOS, 1997, p. 73).

A paisagem não é estática, ela é dinâmica e está em constante transformação, principalmente em lugares mais populosos em que o processo de modernização e industrialização é maior para atender as necessidades locais. Por outro lado, pequenas cidades também podem ter sua paisagem modificada em razão de vários fatores, incluindo o estabelecimento de indústrias nas pequenas cidades ocasionando a vinda de vários profissionais e trabalhadores para o mercado de trabalho. Essas pessoas contribuem para o aumento populacional, o que acarreta uma dinâmica de novos hábitos e costumes na cultura original da cidade, como

ocorreu em Pedro Afonso com a vinda da Coapa e da Bunge. A Figura 4 mostra a Igreja de São Pedro.

Figura 4 – Igreja São Pedro



Fonte: Figuras A e C, acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Figura B e D, foto tirada por Núbia N. do Nascimento em 11-02-2020.

Nota: Figura A - Corresponde ao ano entre 1930-1940. Figura C, ao ano de 1960. Figuras B e D – correspondem aos dias atuais.

A Figura 4 mostra que a Igreja de São Pedro ainda mantém suas estruturas originais, pois as modificações são bem sutis, como a construção da segunda torre na lateral da Igreja no ano de 1960. Miranda nos traz em detalhes a descrição das ruas na década de 1910 e a preservação da cidade. Afirma que, “entre 1910 e 1914, a cidade possuía (15) ruas muito bem tratadas e arborizadas, uma praça em frente à igreja, em forma do círculo, também arborizada com jaqueiras e fruta-pão, onde se encontravam os melhores estabelecimentos comerciais” (MIRANDA, 1973, p. 30). De acordo com a entrevistada B:

A parte histórica, as duas primeiras ruas, a Barão do Rio Branco e a Rua Anhanguera estão preservadas, assim, alguns moradores descaracterizaram as próprias casas, mas os próprios moradores sentiram essa necessidade de melhorar. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

Em contrapartida, o entrevistado D afirma que há casas antigas, e “na Rua Anhanguera e na Rua Barão do Rio Branco, ainda existem casas mais antigas.” Assim como outra entrevistada, “na rua Anhanguera, existem muitas casas ainda, e na Rua Barão do Rio Branco, que são as duas ruas da cidade que mais têm casas históricas.” (Entrevistada C, 2021, informação verbal).

A praça ainda existe em frente à Igreja São Pedro, mas sem suas características originais, não há bancos para se sentar e os estabelecimentos não existem mais em volta da praça. Há uma área aberta cimentada que só identificamos que um dia foi uma praça pelas memórias presentes nas falas da população local e pelos escritos de Miranda (1973). Sua utilidade foi se perdendo ao longo dos anos, sendo atualmente utilizada como ponto de encontro para o consumo de substâncias lícitas e ilícitas.

Figura 5 – Frente da atual Igreja São Pedro



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento, Figura A - 11-02-2020 e Figura B – 19-06-2021.

Nota: Figura A – frente da Igreja e início da Rua Barão do Rio Branco. Figura B – lápide de Frei Rafael de Taggia.

Nos aspectos urbanísticos, na composição das cidades coloniais, temos a igreja no centro da cidade, com uma simbologia de respeito e proteção para a sociedade local. Ao chegar a Pedro Afonso, Frei Rafael de Taggia fixou uma cruz entre a igreja São Pedro e o Rio Tocantins como uma marca de fé e prosperidade para um novo povoamento que iria se formar a partir da sua chegada. Atualmente esta cruz está no mesmo local simbolicamente lembrando a cruz original. Afirma Miranda (1973, p. 21) que “ao tomar posse da terra, num lugar em que pareceu propício, ergueu, no solo virgem, na confluência do rio, em ponto escolhido, o

símbolo da fé – a cruz – e deu a bênção à primeira cabana [...]”. Como relata a entrevistada B

O lugar mais importante da cidade em primeiro é a Igreja Matriz o ponto histórico da cidade, né, ali é onde tudo começou. É onde Frei Rafael chegou, já fez uma barraquinha, já deu aquela bênção e ali é o ponto de chegada. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

A igreja São Pedro é um símbolo de crença para a população local. Ao entrar na igreja, podemos perceber a lápide revestida de azulejos onde se encontram os restos mortais do Frei Rafael de Taggia (Figura 5-B), considerado um local sagrado e memorável para os cidadãos, como afirma a entrevistada E:

[...] eu considero bastante relevante a Paróquia de São Pedro, pois conta a história da criação de Pedro Afonso, inclusive os restos mortais do Frei Rafael de Taggia, que foi um dos fundadores de Pedro Afonso, estão dentro da Igreja da Paróquia de São Pedro. Entrevistada E, 2021, informação verbal).

E reafirma a entrevistada B:

A Igreja Matriz está bem preservada, nós temos a praça da Igreja Matriz ali, onde aconteceram várias atrocidades, tem uma escada que ela poderia ter sido resgatada e não foi. Tem a Rua da Cruz, onde Frei Rafael implantou a primeira cruz, tem toda uma história. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

A construção da Igreja São Pedro foi o primeiro indício da cultura religiosa pedro-afonsina. Em segundo, entre 1910 e 1914, aproximadamente, houve a formação de uma orquestra por iniciativa do professor Felinto Cavalcante composta por oito membros. A cidade também tinha uma banda de música composta por doze pessoas.

A mesma cumpunha-se dos seguintes elementos: Cecília Cavalcante (Bandolim), Emília Rodrigues do Nascimento (Flauta), Sílvia Ferreira dos Anjos e Anna Dias de Brito (Violão), Aquisameque Gomes Belém e Anastácio Rodrigues do Nascimento (Flauta), João Belchior de Abreu e Felinto Cavalcante (Violão). Possuía ainda a cidade uma bem montada banda de música com 12 (doze) figuras da alta sociedade. Eram componentes os seguintes Srs. Aquisameque Gomes Belém, Antônio Cristino Cortes, João Belchior de Abreu, Auro Pinheiro, Honorato Rodrigues da Silva, Sebastião Nogueira, Oton Maranhão e André Brito Paranaguá. (MIRANDA, 1973, p. 31).

Assim era composta a cultura sertaneja do norte goiano com sua orquestra e a banda que faziam suas apresentações em datas simbólicas e festivas da cidade, ou mesmo em algum ato político ou como retribuição de boas-vindas aos visitantes que chegavam à cidade como forma de agradecimento por sua presença.

Frei Rafael de Taggia é lembrado até os dias atuais, por ter sido um missionário que saiu da França e começou a vida em um local totalmente desconhecido e habitado praticamente por índios nativos da região. Para homenagear sua memória e os atos realizados até vir a se constituir a cidade de Pedro Afonso, todo ano acontece a Comenda de Mérito Frei Rafael de Taggia (Figura 6), para a qual são selecionadas em torno de dezoito pessoas para uma homenagem simbólica de personalidades que marcaram a história centenária do município. É feita uma seleção por indicação da sociedade por alguma atividade desenvolvida ao longo dos anos ou mesmo pela arte de criar e fazer. A escolha se dá sem a distinção de gênero ou classe social, podendo ser selecionado desde uma lavadeira até um empresário, pois todos tiveram participação importante para o desenvolvimento econômico e social da cidade.

Figura 6 – Personalidades premiadas com a Comenda de Mérito Frei Rafael de Taggia²²



Fonte: Acervo digital da Prefeitura de Pedro Afonso (2020).

A foto acima corresponde aos personagens da cidade de Pedro Afonso homenageados no ano de 2019. Foi a última homenagem realizada presencialmente antes da pandemia iniciada no ano de 2020.

Uma das celebrações tradicionais de Pedro Afonso era a Festa do Imperador, realizada anualmente no dia 8 de setembro, para lembrar a vida no Brasil Império acompanhada pela tradicional Folia do Divino Espírito Santo, e a Festa da Imperatriz. As três festas eram celebradas no mesmo dia, com a abertura da Folia do Divino Espírito Santos, logo, a Festa do Imperador, em seguida a Festa da Imperatriz (MIRANDA, 1973). Pode-se notar que a cidade de Pedro Afonso foi palco dos hábitos e da cultura portuguesa. As festas do Imperador e da Imperatriz deixaram de ser comemoradas na cidade desde 1913. Hoje restam apenas memórias.

Ainda Miranda (1973) nos faz lembrar de como acontecia a procissão da Festa do Imperador e da Imperatriz.

²² Fotografia disponível em: <http://www.pedroafonso.to.gov.br/24-personalidades-recebem-comenda-frei-rafael-de-taggia>. Acesso em: 30 mar. 2020.

O cortejo se dava da seguinte forma: a Imperatriz seguia com sua folia levando Nossa Senhora do Rosário, percorrendo as ruas de Pedro Afonso, cantando e recebendo valores singelos para a santa. O total arrecadado era destinado às despesas das velas utilizadas durante a procissão, à festividade e também às decorações da igreja. O cortejo seguia da seguinte forma:

Às sete horas da manhã, partia o cortejo da casa do velho imperador, isto é o que havia reinado no ano anterior, rumo à casa do novo imperador, que ia constituí-lo. Alí chegando, juntavam-se os dois cortejos compostos de membros das famílias imperiais, as damas de honra, ministros, condes e guarda imperial, compostos de coroneis, capitães, envergando as suas fardas de gala. Empunhavam garbosamente os seus espadins rumo à igreja. Lá chegando, encontravam o sacerdote, postado à porta para recebê-los. O padre então retirava da cabeça do velho imperador a coroa, depositando-a em uma salva de prata e seguia rumo ao trono, alí previamente erguido. Subiam os dois imperadores, sentavam-se um à direita, o outro à esquerda, ladeados pelos príncipes e pela guarda imperial. (MIRANDA, 1973, p. 33).²³

Após este trajeto de celebração, o padre descia do altar, ao som de um coro, depositava a coroa na cabeça do novo imperador, que tomava posse assentado no seu trono. Após a coroação, o padre era responsável por conduzir o sorteio para o novo imperador, que reinaria no ano seguinte. De acordo com Miranda (1973, p. 33), “à leitura do sorteio, seguia-se um silêncio, de respeito impressionante. Quando se ouvia o nome do sorteado, as palmas se sucediam, o sino badalava festivamente saudando o novo imperador.”

Após o sorteio, a festividade continuava, o sorteado saía da igreja e já ingressava com a família real coroada e seguia em direção à casa do imperador reinante. Eram servidas grandes latadas de palmeiras²⁴, em mesas enfileiradas para a distribuição de café, chocolate, bolos e outras variedades (MIRANDA, 1973). O cortejo era acompanhado de música e fogos, as bebidas eram servidas à vontade para o povo, conforme as condições financeiras do imperador coroado.

A festa da Imperatriz era realizada com a mesma programação, diferenciando a decoração. Era organizada por roupas femininas reportando à época da cultura portuguesa. As famílias de nível social elevado pediam para confeccionar suas

²³ Estrutura ortográfica correspondente o ano de 1973.

²⁴ Miranda (1973) não explica com clareza o que seriam as latadas de palmeiras, mas nos leva a entender que seria a distribuição de palmitos nas latas para o consumo na festa do Imperador no século XIX.

vestimentas com antecedência, com alguns adereços, detalhes nos vestidos e chapéus, que eram feitos nas cidades de Salvador (BA) ou São Luiz (MA) (MIRANDA, 1973). Nesta época, vinham muitas famílias de Carolina, Porto Nacional, Boa Vista²⁵, e era considerado o período mais animado do ano não só a comemoração religiosa, como a social, com os bailes luxuosos, cheios de requinte e muita ostentação. Esses festejos, remetendo à cultura e trajes portugueses, foram realizados até 1913, desaparecendo em 1914, em razão de disputas entre as famílias locais. Foi uma mudança tão grande que Miranda (1973) a compara com uma revolução de 1914²⁶.

Um patrimônio imaterial que desapareceu, mas se mantém vivo na memória dos cidadãos pedro-afonsinos. O desaparecimento das festividades locais religiosas remetendo à cultura portuguesa nos faz lembrar da semelhança e da existência de algumas folias com trajes e foliões no estado do Tocantins, como a Folia do Divino Espírito Santo em Natividade-TO e em Monte do Carmo, que se mantém até os dias atuais.

Nos dias atuais, há outras festas religiosas na cidade como relata o entrevistado F “[...] uma das festas tradicionais de Pedro Afonso que também faz parte da lembrança da minha infância e juventude. Os festejos de São Pedro que eram feitos na frente da igreja, nesse vão que hoje é uma praça, sempre teve.”

Temos também a festa de São Lázaro, como afirma o entrevistado G “[...] o festejo de São Lázaro que tem que ter os cachorros, faz comida e dá para os cachorros junto com o povo. O povo come normal do lado, o cachorro com o prato que é uma tradição que se tem aqui.”

Podemos observar os relatos de outros festejos existentes na cidade:

²⁵ Atual cidade de Tocantinópolis-TO.

²⁶ Um acontecimento drástico comparado a uma revolução em razão das disputas políticas entre os candidatos Jaime Medeiros Queiros e Othon Maranhão que “[...] fizeram com que a campanha tomasse rumos diferentes e inexplicáveis, fomentados e alimentados por ambições descabidas [...]” (MIRANDA, 1973, p. 38). Essas divergências vinham de questões familiares ligadas à herança. Um dos candidatos não aceitou a perda das eleições e afirmou em tom de ameaça “[...] se não haviam ganho pelas urnas ganhariam pelas armas [...]” (MIRANDA, 1973, p. 38). Ficou marcada na história de Pedro Afonso por este período sombrio. No dia 1º de abril de 1914 “[...] às duas horas da manhã, deu-se a tomada da cidade e ouviram-se os primeiros gritos de alarme, businas, chocalhos, baterias em latas velhas, xingatórios imorais, com maior desrespeito às famílias indefesas.” (MIRANDA, 1973, p. 39-40).

Aqui em Pedro Afonso acontece ainda a folia do Divino Espírito Santo, as pessoas ainda têm essa tradição, ano passado devido à questão da pandemia não tivemos a folia de Reis, mas as pessoas fazem a folia de Reis, fazem a do Divino Espírito Santo. **Eles saem fazendo de casa em casa, daquela mesma forma de antigamente e aí depois no dia do Divino Espírito Santo, se reúnem, as pessoas colaboram e tem aquela comida e a reza.** Então, todo ano ainda acontece em Pedro Afonso, tem a folia de Reis e a folia do Divino Espírito Santo e os festejos de São Pedro ainda acontecem também. Ano passado, devido a pandemia, não tivemos, só a parte de liturgia. (Entrevistada B, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Na parte grifada, a entrevistada B afirma ainda existir o festejo do Divino Espírito Santo, mas a procissão e a forma como acontece a celebração é diferente da existente nas cidades de Natividade e Monte do Carmo, que ainda mantém suas características enraizadas na cultura portuguesa com a presença do Imperador e do Capitão do Mastro, entre outros personagens.

A festa de São Pedro tem uma dinâmica diferenciada: a procissão é feita no Rio Tocantins, até o encontro do Rio do Sono, como afirma a entrevistada C:

A festa de São Pedro tem uma procissão no Rio Tocantins, aí esse ano devido à pandemia desde o ano passado não se comemora, mas eu já participei. Participei também da festa do Divino da Folia de Reis, eu acompanhava por um pequeno trecho, nessas eu tenho conhecimento e participei. A procissão é do Rio Tocantins, vai da Igreja, a saída da igreja e vai todo mundo através de barcos, balsas, aí retornava novamente para Igreja. Ia até o pontal, que é o encontro dos dois rios, que aqui em Pedro Afonso é formado pelo encontro de dois rios, ia até lá e retornava. Só o ano passado e esse ano devido à pandemia não foi realizado. Esse ano é em junho, talvez possa mudar esse cenário que está tendo hoje e que possa ser novamente retornado. (Entrevistada C, 2021, informação verbal).

Complementa o entrevistado G,

O festejo de São Pedro não foi realizado no passado por causa da pandemia a gente deixou de realizar, mas em 2019 foi realizado o festejo. Já não é um evento tão grande porque se tornou mais um evento festivo, o povo diminuiu, mas mesmo assim quando é na época eles fazem aquelas barraquinhas na frente da igreja, vendem as comidas típicas, às vezes eles pegam o padroeiro e vão no meio do Rio Tocantins de barco, fazem aquela procissão jogam flores no rio e fazem orações no rio andando de barco. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Segundo o entrevistado G, anteriormente ao ano 2007, antes da construção da ponte que liga as cidades Tupirama e Pedro Afonso, a procissão era feita por

balsa no Rio Tocantins, transportando o Santo São Pedro²⁷. Assim era feita a travessia juntamente com as voadeiras, que saíam da praia do Rio do Sono e, como era temporada de praias, atraía muitos devotos e turistas. Durante a procissão, o Santo permanecia na balsa principal e os barquinhos/voadeiras formavam um círculo em volta desta balsa, cantando e rezando durante toda a procissão.

Conforme a entrevistada E

Aqui nós temos dois padroeiros, São Pedro e Santo Afonso. Então na de São Pedro temos os festejos em tempos normais, que são os nove dias e na de Santo Afonso a gente tem a novena que é feita no final do mês de julho e a quermesse que é feita lá pelo mês de agosto e setembro. (Entrevistada E, 2021, informação verbal).

Os festejos religiosos são bem notados na cidade como uma representação simbólica e ao mesmo tempo uma forma de homenagem a Frei de Taggia por sua devoção, como afirma o entrevistado G

Recentemente acompanhei a festa de São Sebastião, a gente fez no Setor Aeroporto 2, teve a reza do terço e depois teve um momento da culinária que foram os bolos manguão, bolo de tapioca, esses bolos que fazem aqui. A equipe do museu, a Raimundinha que trabalha comigo foi fazer uns bolos aqui no Museu para ajudar. À noite a gente foi e levou, teve a reza e depois a de São Lázaro. Nós já estamos preparando a de São José, já estamos organizando para ter. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Além das festas religiosas, há outras festas na cidade que vêm se tornando tradicionais, como a festa da Apae, que não se enquadra nas festividades religiosas, mas que já é uma tradição local, como afirma o entrevistado F:

Tem hoje aí a tradicional festa, não sei se entra aí nesse rol que você pergunta, em apoio a Apae que constantemente programa festividades para que tenha retorno e apoio aos seus alunos. A Apae também passou a adotar o boi no rolete que se tornou e está se tornando tradicional. A festa dos garis em que se arrecadam fundos para aqueles que mais precisam. Então Pedro Afonso na minha leitura sempre foi muito atuante nesses festejos e/ou festas em prol da comunidade no todo. (Entrevistado F, 2021, informação verbal).

A festa da Apae é realizada anualmente no mês de setembro com o famoso boi no rolete e um jantar simbólico com a finalidade de arrecadar fundos. É cobrada

²⁷ A procissão é realizada todo dia 29 de junho.

uma taxa de ingresso e, em contrapartida, são oferecidos um jantar e um o show com bandas para alegrar a noite. O boi no rolete é assado por um gaúcho voluntariamente desde que começou essa festividade, agora está sendo repassado para o neto para continuar com a tradição.

As festas religiosas e festejos locais estão enraizados desde sua gênese, apesar de alguns festejos terem sido extintos com o passar dos anos, incluindo a festa do Imperador e a festa da Imperatriz. Ainda há outros festejos recentes que simbolizam a tradição de um povo ligado à religião e à sua cultura local como já citado.

Após as rivalidades entre famílias, a cidade teve um período de decadência. Um dos motivos do declínio da cidade de Pedro Afonso se deu por dois fatores: divergências políticas, rivalidades comerciais e a crise da borracha em todo norte goiano (Tocantins), tendo a cidade vivido um atraso por aproximadamente uma década (BORGES; PALACIN, 1987).

Segundo Miranda (1973), quando a cidade começou a reviver em 1930, a festa do Divino e a Folia do Divino Espírito Santo foram substituídas pelos festejos do Padroeiro São Pedro, que acontece no dia 29 de junho, até os dias atuais. Neste período, conforme os escritos, podemos presenciar o cuidado com a memória e a questão cultural da cidade para comprovar o idealismo e o amor às letras.

Para contextualizar Pedro Afonso, contamos com alguns materiais fornecidos pela comunidade, uma vez que a existência de documentos históricos sobre a cidade ainda é incipiente, justamente por não possuir um acervo público para o armazenamento das informações documentais, que estejam disponíveis para pesquisadores e comunidade em geral. Até no estado do Tocantins, houve certa dificuldade para reunir os dados históricos ou mesmo um dossiê da cidade e tivemos fontes documentais através do Museu Histórico e Cultural e do Acervo do Centro Norte. Já lembrando o renascimento de Pedro Afonso, foi fundada no ano de 1928 a primeira biblioteca da cidade, a Biblioteca Henrique Silva, sendo Narciso Olímpio de Medeiros, o primeiro bibliotecário, e Antônio Amorim, o auxiliar.

Em 1950, a biblioteca foi reinstalada, com todo o acervo de livros existentes, tendo como patrono José Ludovico de Almeida. Permanece inscrito no Instituto Nacional do Livro seu primitivo nome Henrique Silva, esse goiano ilustre, de saudosa memória, sob cuja direção circulou no Estado de Goiás e na colônia goiana do Rio a primeira revista *Informação goiana* (editada na antiga Capital

Federal), divulgadora das possibilidades do Brasil Central. (MIRANDA, 1973, p. 49).

Não há dados sobre o desaparecimento da primeira biblioteca Henrique Silva, mas há registros de outras bibliotecas que existiram na cidade após essa, como a Biblioteca Olímpio Dias Furtado (Figura 7).

Figura 7 - Biblioteca municipal Olímpio Dias Furtado



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso (Figura A). Figuras B e C, fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento em 19-02-2020.

Na frente da antiga biblioteca está a Rua Anhanguera, uma das primeiras a compor o núcleo de formação da cidade (Figura 7-B). Já na lateral, onde residia a professora Anna Britto Miranda, localiza-se a Rua Getúlio Vargas (Figura 7-C).

Conforme informações locais, a professora Anna Britto era uma das que mantinham a biblioteca em funcionamento e também era apreciadora das letras (Informação verbal)²⁸.

²⁸ Informação concedida por Fabrício de Souza.

As manifestações culturais eram de vários suportes e sentidos. O primeiro jornal da cidade de Pedro Afonso chamava-se “A Luz”, era um jornalzinho manuscrito fundado em 1920 por Silvina de Souza Brito, estudante e sobrinha de Anna Britto Miranda. Em 1934, outra estudante, Maria da Conceição Tavares, começou a publicar seus escritos em outro jornalzinho manuscrito, denominado “A vida”, que passou a circular semanalmente até 1935, quando foi substituído pelo “O Norte”, sendo o primeiro jornal com algumas edições datilografadas, vindo a desaparecer no mesmo ano.

Em 1940, os estudantes Messias Tavares²⁹ e Álvaro Maranhão Japiassú lançaram o terceiro jornal manuscrito, “O Colegial”, que circulou pelo período de dois anos. Nesta época, a cidade de Pedro Afonso vivia uma efervescência cultural e tinha três jornais, principais meios de comunicação e de informação local. As informações eram baseadas na vida de Pedro Afonso e de seus habitantes. Os jornais desapareceram, mas foi mantida a cultura de noticiar, escrever e evidenciar os fatos relacionados à cidade até os dias atuais, dando continuidade com o jornal Centro Norte Notícias (PORTAL CNN).

De acordo com Miranda (1973, p. 109), “convém lembrar que a primeira função exercida por Manoel Messias Tavares [1938] foi a de copiar dados estatísticos a respeito da produção agropastoril do Município de Pedro Afonso, destinados ao recenseamento geral de 1940”.

Messias serviu à população intelectualmente desde a juventude por ter sido um dos articuladores da valorização e do cultivo da história local; foi um dos membros fundadores da Academia Tocantinense de Letras. Em 2016 fundou o Instituto Cultural Messias Tavares, Figura 8, que visa a fomentar a educação, cultura e incentivo à leitura. Messias era advogado, político e servidor público, teve uma vida bem movimentada no ramo das letras, tendo publicado alguns livros como “A Viagem do Tempo”, “Vozes do Tempo” e “Resistência Democrática” (ATITUDE, 2020).

²⁹ Para mais informações, segue uma reportagem realizada pela Secretária de Educação do Governo do Estado do Tocantins. A indicação de reconhecimento ao advogado foi feita em razão do trabalho do estudioso que, aos 83 anos, teve três livros publicados. A Fundação Messias Tavares é um local destinado ao incentivo à leitura, instalado na casa centenária onde cresceu. Para mais informações a reportagem completa segue disponível em: <https://secom.to.gov.br/noticias/escritor-manoel-messias-tavares-recebe-homenagem-na-flit-de-pedro-afonso-77387/>.

Figura 8 – Instituto Messias Tavares



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento em 11-02-2020.

O acervo tem aproximadamente 15 mil obras, incluindo livros, periódicos, e conta com fotos da história de Pedro Afonso. É uma instituição privada, mas aberta à comunidade mediante agendamento ou aviso prévio com o atual responsável, filho do Senhor Messias.

Manoel Messias Tavares veio a falecer em 2020, mas chegou a presenciar a inauguração e o funcionamento do Instituto. Messias deixou um legado para a posteridade, o reconhecimento da valorização da memória e da história local e regional.

Pedro Afonso está inteiramente vinculada ao aspecto geográfico da paisagem entre a cidade e o Rio do Sono e o Rio Tocantins. Existe uma relação afetiva em valorizar os rios como fonte de memória para os cidadãos, atribuindo, dessa forma, um valor histórico e indissociável da cidade a seu sítio histórico, como afirma o entrevistado G:

[...] eu nasci e me criei na cidade onde a gente tem a presença de dois rios e isso sempre foi um fator muito importante para gente que é morador aqui ter os rios, né! Enquanto muitas cidades não têm a presença do rio aqui nós sempre teve dois rios para a gente tá se divertindo, passando a infância. Sempre a infância da maioria das crianças daqui se dá na beira do rio, né! Antigamente se pescava muito na beira do rio, minha avó lavava roupa na beira do rio, então a nossa história está muito ligada ao rio. Meu avô era barqueiro, tinha um barco e fazia a travessia de pessoas da cidade Rio Sono até Pedro Afonso. E também de Pedro Afonso a Itapiratins, Tocantins. Então minha vida sempre esteve ligada à questão ribeirinha, a gente tem essa situação de pertencimento então seja pela concessão de ribeirinho legítimo. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Na imagem seguinte, podemos verificar a cidade de Pedro Afonso ao centro formando uma ilha, separada à esquerda pelo Rio Tocantins, unindo-se à cidade de Tupirama. E à direita, separada pelo Rio do Sono, ligando-a à cidade de Bom Jesus do Tocantins, como podemos ver no mapa de Figura 9.

Figura 9 – Pedro Afonso entre o Rio Tocantins e Rio do Sono



Fonte: BUNGE (2014).

Na figura anterior, podemos perceber uma linha branca ligando a cidade de Pedro Afonso à cidade Bom Jesus, na superfície de um amontoado de areia, a praia do Dunga. Esta linha na figura, que atravessa as duas cidades, representa a passarela Modesto e Rosária Sales, construída em 2003 em estrutura treliçada de aço e tem “[...] 433,70m de extensão, 2,60m de largura, 15 apoios, 14 vãos de 31m, escada de acesso à praia com 20m de altura e 107 degraus e cobertura metálica

iluminada [...]” (TOCANTINS, 2020, p. 1). Esse trajeto facilita o ir e vir da população que reside em Bom Jesus e trabalha em Pedro Afonso ou vice-versa.

O trânsito é intenso no início da manhã quando os moradores de Bom Jesus estão se deslocando para o trabalho em Pedro Afonso e no final da tarde ao retorno do trabalho, uma característica da migração pendular. O acesso a esta passarela é permitido apenas para pedestres e ciclistas. Além de ser um cartão postal da cidade, pois no meio da passarela ao olharmos do lado esquerdo conseguimos visualizar o encontro do Rio Tocantins com o Rio do Sono; estando na ponte, ao olharmos o lado direito também é possível visualizar a praia do Dunga (Figura 12). É considerada a maior passarela de pedestres do estado do Tocantins (Figura 10).

Figura 10 - Passarela de Pedro Afonso



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografia A, acervo do Museu Histórico Frei Rafael de Taggia. Fotografias B, C e D, tiradas por Núbia N. do Nascimento em 10-02-2020 e 19-06-2021.

Uma característica marcante na passarela é a presença de uma escada no meio da ponte que dá o acesso à praia Rio do Sono para a população pedroafonsina e para a população bonjesuina. Trata-se de um apoio social para que todos

possam aproveitar a praia. Uma vez que a travessia para a praia Rio do Sono é feita por voadeiras³⁰ ou canoas, é cobrada uma taxa, mas nem todos têm condições financeiras para pagar a travessia. A escada³¹ torna-se um elemento essencial para o acesso da população menos favorecida (Fig. 10 C e D). De acordo com o entrevistado D, a passarela compõe

[...] o símbolo mais representativo que eu vejo em Pedro Afonso é a passarela que liga as duas cidades Pedro Afonso a Bom Jesus, fica sobre o Rio do Sono e tem aproximadamente 500m de extensão. É uma passarela muito bonita, um símbolo muito importante para a cidade. (Entrevistado D, 2021, informação verbal).

A passarela Modesto e Rosária Sales representa o progresso e a cultura social atribuída ao objeto expresso na população pedro-afonsina. Lembrando que em décadas anteriores o trajeto era mais difícil, com a existência da rampa próximo ao Rio do Sono (Figura 11). Eram atracadas as canoas com remos, pequenos barcos a motor e voadeiras com motor 15, considerado um pouco mais veloz na travessia ligando uma cidade a outra.

Figura 11 – Rampa do Rio do Sono



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento em 10-02-2020.

³⁰ As voadeiras são comparadas com canoas em semelhança, a diferença é que são motorizadas, com potência de motor de popa 15 Hp.

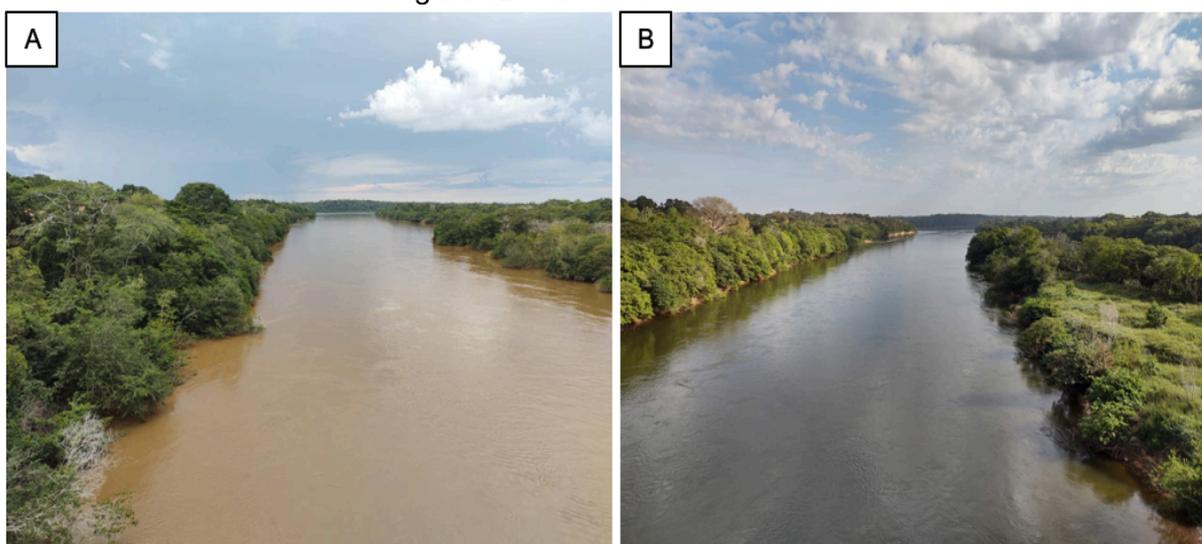
³¹ Atualmente, a escada e o acesso a praia estão desativados desde 2020 em virtude da pandemia da Covid 19.

Conforme os escritos de Miranda, esta rampa foi inaugurada no ano de 1965 na administração do prefeito Ademar Amorim, “foi ainda inaugurada por ele a rampa do Rio do Sono, que preenche uma das grandes necessidades locais, uma vez que Pedro Afonso encontra-se ligado ao seu Bairro ‘BOM JESUS’ e à cidade de Tupirama.” (MIRANDA, 1973, p. 103).³² De acordo com Castro (2018, p. 19), “a Rua 15 de Novembro era a mais movimentada da época, devido à rampa do Rio do Sono, onde fica hoje a praça ecológica Pedro Souza Pinheiro.” Ainda conforme o autor, como não existia ponte, por isso vinha um grande número de pessoas da zona rural fazer as compras em Pedro Afonso. Assim, os viajantes deixavam seus pertences, prendiam os animais em Bom Jesus e atravessavam o rio nas balsas para fazerem suas compras.

Conforme os escritos, o prefeito Ademar Amorim se destacou por ser um representante político que pensava na coletividade e nas melhorias para a cidade. Nesta época, Pedro Afonso foi do arcaico ao moderno, marcada por várias realizações como água potável na cidade, torneiras públicas, esgoto, encanação pública, entre outras benfeitorias.

A Figura 12 mostra a paisagem do lado esquerdo, vista da passarela que liga a cidade de Pedro Afonso a Bom Jesus do Tocantins.

Figura 12 - Rio do Sono



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografias A e B tiradas por Núbia N. do Nascimento em 10-02-2020 e 19-06-2021.

³² Nesta época, Bom Jesus era um bairro de Pedro Afonso-TO.

Na figura anterior, podemos verificar o encontro do Rio Tocantins com o Rio do Sono. O Rio Tocantins localiza-se mais no final da imagem, com uma cor mais clara, meio esverdeada, e o Rio do Sono tem a cor mais amarronzada (Figura 12-A). Em virtude da época em que a fotografia foi tirada, a água se encontrava nesta cor por ser um período de alto índice pluviométrico. Mas, segundo relatos, na época da estiagem a água do Rio do Sono tende a clarear como visto na Figura 12-B. Como visto nas imagens, as fotos foram tiradas em épocas diferentes do ano, assim podemos ver nitidamente a mudança da coloração da água do Rio do Sono. Os rios têm um valor simbólico para a população pedro-afonsina, em especial o Rio do Sono, como afirma o entrevistado G:

O lugar mais importante de Pedro Afonso que eu considero é o Rio do Sono, porque é um local com o qual a comunidade sempre interagiu, que é a questão do rio. Então o Rio do Sono que é o rio que margeia o lado direito aqui da nossa cidade. Eu acho que é o Rio do Sono o local mais importante porque todo desenvolvimento, toda relação que a gente estabelece no lazer, no encontro e da perspectiva de sustentabilidade está relacionada ao rio. Aí tem o Rio Tocantins, mas o Rio do Sono é mais relacionado com o nosso pertencimento porque a gente sempre usou mais para banhar, para lavar roupa, então a qualidade de água é melhor, né, inclusive o rio nasce lá em Mateiros no Jalapão, daí tem uma água mais limpa. Então é um rio que representa mais, até porque também a praia do Rio do Sono era a praia que a gente tinha e era mais tradicional, sempre foi nesse rio, então a população sempre esteve ligada mais ao Rio do Sono aqui na cidade, a passarela passa por cima do rio a outra ponte, então é um local de memória mais relevante acho que é o Rio do Sono. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Isso mostra que a valorização do rio permanece na memória dos cidadãos até os dias atuais. O rio foi fonte de transporte ligando uma cidade a outra, também tendo os jegues como autores da condução e do transporte de água para o abastecimento da cidade, além de servir como forma de lazer, função em que este último permanece até hoje. Já os primeiros itens estão na memória daqueles que viveram nesse tempo ou mesmo ouviram os mais velhos contar.

Nas décadas de quarenta e cinquenta, houve uma nova conjuntura para o desenvolvimento local. Uma ligação aérea direta com a capital Belém possibilitou a instalação de um centro de comércio de gado e foi inaugurado o Ginásio Cristo Rei, proporcionando o curso normal regional, fazendo de Pedro Afonso um centro de atração e referência em educação para região naquela época.

A cidade de Pedro Afonso foi referência no desenvolvimento da educação local e das cidades vizinhas no antigo setentrional goiano. Por um projeto apresentado à Assembleia Legislativa do Estado pelo deputado Souza Porto, em 1948, foi criado o Curso Normal Regional, passando a funcionar em 1949 (MIRANDA, 1973). Relembra Maranhão quando a professora lhe apresentou o colégio

Estando de férias escolares, a Professora Nana Brito, destacado elemento social da cidade, distinguiu-me com um convite para mostrar-me as instalações do ginásio Cristo Rei e Juca Reis, também se dignou mostrar-me o belo edifício do Departamento da Fazenda. (MARANHÃO, 1990, p. 108).

Conforme as memórias de Maranhão, percebemos que a professora Ana Britto mantinha uma admiração pelo patrimônio da cidade, disponibilizando-se apresentar os imóveis de relevância presentes na cidade.

O Colégio Cristo Rei funciona até os dias atuais e é considerado um patrimônio memorável para os cidadãos, com uma fachada virtuosa com colunas grossas, ainda mantendo as estruturas originárias. Como afirma o entrevistado D, “o Colégio Cristo Rei é um colégio tradicional é de muito tempo. Hoje eu acho que seria o imóvel mais importante dentro da cidade, de referência seria o Cristo Rei, imóveis públicos.” (Entrevistado D, 2021, informação verbal).

A rua em frente ao colégio ainda é em bloquete desde a década de 60, estrutura que está sendo modificada na cidade para pavimentação asfáltica, mas grande parte da área histórica ainda permanece com este tipo de calçamento, como podemos visualizar na Figura 13.

Figura 13 – Fachada do Colégio Cristo Rei



Fonte: Fotografias A e B tiradas por Núbia N. do Nascimento em 10-02-2020.

Nota: Figura A - entrada principal do Colégio. Figura B - frente do Colégio

Nos dias atuais, o Colégio funciona do ensino primário até o nono ano. É uma escola estadual com regime e administração ligados à igreja católica da cidade, na sua fundação “foram verdadeiros denodados neste mister o Dr. Átila de Carvalho, Padre Pedro Pereira Piagem e Padre Cícero de Souza” (MIRANDA, 1973, p. 85). Ainda, conforme a autora:

Com o funcionamento do Curso Normal Regional e os seus resultados satisfatórios, veio a necessidade de um curso de Admissão ao Ginásio. Por iniciativa dos professores Nelzir José Pedreira, Bernardino Ribeiro, Pedrolina Zanina e Silva, Anna Britto Miranda, foi traçado o plano da criação do Ginásio e não se fez esperar. De mãos dadas, o corpo doente, perseverante, zeloso e de acentuado amor à causa da educação, fundou o Ginásio Cristo Rei. Esse ato, que merece aplauso de toda região, se deu em 10 de agosto de 1952. A cidade progredia, com entusiasmo, no setor educacional. (MIRANDA. 1973, p. 85).

Com a regularização pelo Ministério da Educação (MEC) no final de 1954, o colégio começou a receber alunos de diversas partes do Brasil, tinha uma base elementar do ensino e socialização. Conforme o material elaborado pela Bunge (2014), as famílias buscavam uma educação de qualidade e o colégio tinha estas características “[...] além de oferecer um criterioso currículo educacional, preparava os alunos para a vida, ou seja, fornecia educação humanística e religiosa, pautada nos valores éticos e humanos” (BUNGE, 2014, p. 69).

O Colégio tem uma ampla estrutura, é impossível entrar e não se apaixonar por sua arquitetura, que remete a uma época de traços coloniais. O espaço é amplo desde a entrada. Conta com uma passarela e plantações de árvores frutíferas no lado esquerdo da entrada, como pés de caju, entre outras, com predominância do oiti³³.

O Colégio tinha como objetivo a inserção dos alunos, em especial os mais carentes. Neste sentido, contava com o apoio de doações da Comissão Central, ligada ao município para ajudar com alguns mantimentos e/ou objetos escolares para os alunos. Como afirma a citação de Miranda:

[...] eram atendidos com os recursos fornecidos pela Comissão Central à classe pobre da cidade, alimentos, vestuários e medicamentos. Mantinha ainda a Presidente vinte alunos pobres no Grupo Escolar, fornecendo livros, fardas, calçados e merenda. Com as pequenas dotações enviadas pela Comissão Central, a Presidente Municipal conseguiu a construção do prédio, de acordo com a planta recebida em 1952. (MIRANDA, 1973, p. 74).

O Colégio Cristo Rei tem algumas características estruturais pertencentes a obras do período colonial. Um vasto espaço, no detalhe interno do telhado, os caibros ainda em madeira maciça são utilizados para suspensão. O espaço tem uma ampla claridade, fornecendo ao ambiente luz natural. As portas e janelas são grandes para valorizar a iluminação e a ventilação. Na composição das cores na pintura externa dos casarios, em sua maioria, predominam os tons terrosos, “com sua fachada de estuque branco projetada como um retábulo ultrabarroco, entre duas torres de telhas vermelhas [...] nos quais se repete o intrincado tratamento de estuque branco da fachada” (BURY, 2006, p. 107-108) (Figura 14).

³³ Denominada pelo nome científico *Licania tomentosa* (Benth.), o oiti é predominante em regiões com temperaturas elevadas, tem frutos comestíveis, sendo muito utilizada na arborização urbana por sua copa repleta de folhas (FLORA DO BRASIL, 2021).

Figura 14 – Parte interna do Colégio Cristo Rei - Pedro Afonso



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento em 10-02-2020.
 Nota: Figura A - acesso às salas de aula. Figura B - hall de entrada do Colégio Cristo Rei.

Em 1952, Pedro Afonso recebeu Boa Ventura Ribeiro da Cunha, catedrático do Colégio Pedro II³⁴ e membro do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, que retornou à cidade para a inauguração de algumas escolas. Sua chegada foi digna de honra, sendo notificada anteriormente pelo deputado da época, José de Souza Porto, o qual recebeu o novo professor, juntamente com os demais pedro-afonsinos, no aeroporto da cidade. (MIRANDA, 1973).

Boa Ventura, filho da terra, então proferiu a seguinte fala: “vim instalar escolas para com o livro e a pena substituir os rifles, os punhais assassinos que desgraçaram a nossa terra, mas não a destruíram de todo porque ali havia gente da antiga e da nova geração” (MIRANDA, 1973, p. 75).

Este foi o ponto de partida para o desenvolvimento da educação em Pedro Afonso, quando “foram instalados diversos cursos de Alfabetização de Adultos não só em Pedro Afonso, como também em Tupirama e Bom Jesus” (MIRANDA, 1973, p. 75).

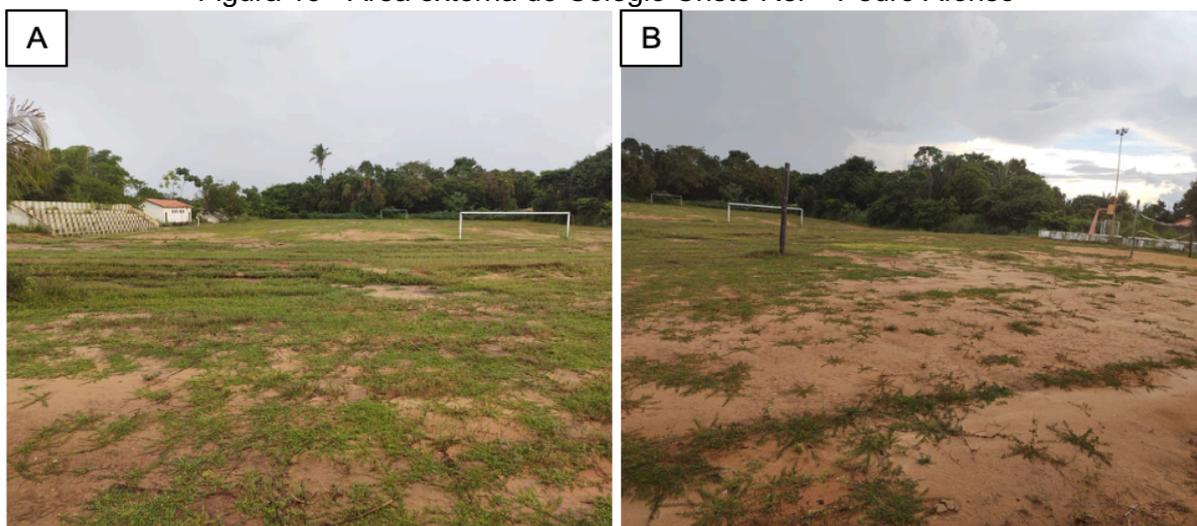
³⁴ É uma instituição ensino público federal, localizada no estado do Rio de Janeiro. É o terceiro colégio mais antigo do país. Naquela época, quem se formava nessa instituição tinha prestígio de valorização intelectual para os pedro-afonsinos.

A sua importância é lembrada pela entrevistada E:

Nós temos o Colégio Cristo Rei, que tem muitas memórias porque é um colégio muito antigo. E boa parte da população pedro-afonsina passou por lá e ainda passa, pois é a única escola pública estadual do município.” (Entrevistada E, 2021, informação verbal).

A Figura 15 mostra o espaço externo do Colégio Cristo Rei e uma ampla quadra de esportes com uma arquibancada na área de futebol e uma quadra de voleibol.

Figura 15 - Área externa do Colégio Cristo Rei – Pedro Afonso



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografias A e B tiradas por Núbia N. do Nascimento 10-02-2020.

Nota: Figura A – Campo de futebol. Figura B – Quadra de voleibol.

Um detalhe importante observado na Figura 15, no final das duas quadras de esportes voleibol e futebol, notamos a presença de várias árvores, uma mata de proteção ciliar, pois logo após essa mata está localizado o Rio do Sono, que passa atrás do Colégio Cristo Rei.

Pedro Afonso foi um marco no desenvolvimento intelectual e atrativo com o progresso de uma cidade desenvolvimentista. Entretanto, após a construção da ponte sobre o Rio Tocantins, houve novas oportunidades de expansão da fronteira, tornando-a ponto atrativo para investimentos e abertura de indústrias no ramo da agricultura.

Algumas empresas multinacionais encontraram em Pedro Afonso solo fértil para produção agrícola e o agronegócio. Podemos citar a empresa Bunge e a

Cooperativa Agroindustrial do Tocantins (COAPA) - usina de produção de etanol, que estão na cidade desde meados de 2009 e 2012, respectivamente. Assim, segundo Oliveira, Santos e Pereira (2014, p. 14), “o crescimento repentino da população fomentado pela Usina causou um aumento significativo na procura por imóveis que gerou uma valorização do ramo imobiliário [...]”. Mas acarretou uma drástica mudança na cidade principalmente no tecido urbano e nas relações de propriedade de terra, passando a proporcionar possibilidades de lucro que antes não existia (OLIVEIRA; SANTOS; PEREIRA, 2014).

Em setembro de 2019, a Bunge passou a se chamar BP Bunge Bioenergia, com 50% de participação³⁵. É considerada uma das empresas líderes no Brasil no ramo de bioeletricidade, etanol e açúcar. Foi criada para atender a crescente demanda de biocombustíveis e bioeletricidade (BP BUNGE, 2020).

Por meio da paisagem local, alguns monumentos, em suas inscrições, trazem a importância do objeto como um símbolo de representação, dando vida e potencializando o lugar de pertencimento.

No capítulo 4, veremos discussões dos conceitos patrimônio, memória e paisagem e a relação com Pedro Afonso.

³⁵ Os outros 50% de participação não foram informados no site da BP BUNGE.

CAPÍTULO V

5 MEMÓRIA COMO FERRAMENTA PARA O NÃO ESQUECIMENTO DO PATRIMÔNIO E DA PAISAGEM

A memória nos faz lembrar dos acontecimentos que remetem à história oral e a relatos testemunhados, como, por exemplo, dos campos de concentrações no período do holocausto em Auschwitz pelos nazistas na Alemanha no século XX. Um momento de grande opressão e assassinato em massa, um verdadeiro genocídio em que houve muitas mortes e torturas. Os sobreviventes foram fonte de memória para que a posteridade pudesse reavivar esse momento histórico e angustiante para quem presenciou e viveu esta conjuntura dolorosa. Como relata Pollak (1992) no que se refere a alguns exemplos de personagens que relataram sobre a Guerra de Normandia de 1940, bem como sua libertação e os traumas que ficaram na memória.

Pierre Nora traz uma discussão sobre a memória e os lugares de memória. A memória está disponibilizada pelas lembranças dos momentos vividos, seja na infância, ou um acontecimento que marcou a individualidade ou mesmo a coletividade. Por isso, “à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi [...]” (NORA, 1993, p. 15). Halbwachs (1990) foi o criador da categoria “memória coletiva” ao tratar a memória, não apenas na dimensão individual, mas dos sujeitos, pois as memórias não podem existir isoladas de um grupo social. Pedro Afonso torna-se um lugar de memória por ritualizar acontecimentos e passagens que ainda permanecem vivas nas recordações dos sujeitos.

Para Halbwachs (1990), a memória é um processo de reconstrução coletiva, em que as lembranças individuais são um reflexo das lembranças coletivas. Concordando com o autor, as lembranças, mesmo que individuais, serão sempre coletivas, pois não há memória isoladamente, as memórias são construídas em conjunto, seja por membros familiares, amigos próximos, datas marcantes, entre outros. Por isso, “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos.” (HALBWACHS, 1990, p.

45). Assim, Pollak (1992) escreve que os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva estão relacionados aos acontecimentos vividos pessoalmente, ou pelo grupo, ou pela coletividade. Além dos acontecimentos marcantes, “a memória é constituída por pessoas, personagens.” (POLLAK, 1992, p. 201).

Segundo Nora (1993, p. 7), há sempre uma “curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia, estando ligada a este momento particular da nossa história.” Neste sentido, “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos a necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história.” (NORA, 1993, p. 8). Para o autor, os lugares de memória são os principais arsenais de informação e conhecimento de um tempo passado.

A memória também pode ser revista e lembrada por documentos. Para Foucault (2008, p. 8), “o documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, memória; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar status e elaboração à massa documental de que ela não se separa.” Já Roseman (2000, p. 124) afirma que “os depoimentos constituem documentos humanos, muito mais do que históricos [...]”. Nesta amplitude, “a história, em sua forma tradicional, se dispunha a ‘memorizar’ os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que [...] a história é o que transforma os documentos em monumentos [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 8). Ainda em relação ao documento, para Foucault

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações. É preciso desligar a história da imagem com que ela se deleitou durante muito tempo e pela qual encontrava sua justificativa antropológica: a de uma memória milenar e coletiva que se servia de documentos materiais para reencontrar o frescor de suas lembranças; ela é o trabalho e a utilização de uma materialidade documental (livros, textos, narrações, registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc.) que apresenta sempre e em toda a parte (FOUCAULT, 2008, p. 7).

Ao concordar com o autor, podemos notar o valor expresso nos documentos para a recuperação da memória, tendo em vista que o documento está diretamente alicerçado aos registros palpáveis e, muitas vezes, armazenado em arquivos e

bibliotecas. É importante salientar que não só apenas os materiais inertes e palpáveis de informação são considerados documentos. Assim, tratamos a oralidade também como “documentação do sujeito vivo”. Torna-se um documento exposto pela história de vida ou mesmo pela história oral, baseado nas experiências, na recuperação da memória para nos trazer registros, muitas vezes, não documentados no meio físico.

Nas palavras de Portelli (2000, p. 69) “[...] parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento.” Além das informações contidas e testemunhadas pela memória coletiva, ela se torna sempre presente, partindo de que “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que lhe confortam; ela se alimenta de lembranças [...]” (NORA, 1993, p. 9).

A história oral e a história de vida são uma ferramenta usada para documentar as falas humanas, tornando-os documentos escritos, assim denominamos como a “documentação do sujeito vivo”. Neste sentido, “a memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento [...]” (NORA, 1993, p. 9).

A memória funciona como uma categoria do imaginário representada por lembranças e por imagens refletivas na rememoração dos acontecimentos e momentos vividos ou repassados, como argumenta a entrevistado G:

A gente tinha uma memória assim: as pessoas falavam com a gente em uma praça, quando íamos visitar uma pessoa idosa ela contava, **mas precisávamos materializar essa nossa memória** através de tese, de conclusão de curso mestrado, doutorado, pós-graduação, enfim, a gente precisava materializar essa memória. Então saímos colhendo esse tipo de material que tem história de Pedro Afonso, o livro de Anna Britto Miranda, Setentrião Goiano, **nesse livro que a gente tem da nossa cidade a gente começou a tentar resgatar essa memória**. A memória igual você perguntou em Pedro Afonso como é que você vê essa memória, é a memória de reconstrução, a gente está no processo de pesquisa muito ampla, muita coisa a se descobrir, a se materializar e principalmente tornar pública [...]. A nossa memória de Pedro Afonso tem que ser resgatada para ser valorizada para divulgação que a gente pretende fazer. (Entrevistado G, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Na fala em destaque, percebemos que ainda há poucos livros físicos que retratem a memória de Pedro Afonso. Muitas histórias ou fatos que ocorreram na cidade pela falta de material documentado são contados pela população mais idosa. Conforme Bosi (1994), transmitir lembranças de pessoas idosas remete sempre à arte de narrar. Haverá sempre dois tipos de narrador: “o que vem de fora e narra suas viagens e o que ficou e conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita.” (BOSI, 1994, p. 84).

5.1 Patrimônio: o conector da memória

Para que a memória seja reavivada é imprescindível uma lembrança marcada por momentos, épocas e períodos. Essas lembranças são ativadas por objetos disponíveis na paisagem. Essa paisagem, por sua vez, poderá ser marcada por ciclos revistados pelos pontos de memória³⁶ por meio de fotografias, pinturas, desenhos, entre outras artes que rememorem o passado, despertando o imaginário dos sujeitos.

O patrimônio inserido nas paisagens se faz presente nos sujeitos, despertando a memória pela contação de histórias, dos causos locais, das rodas de conversas e principalmente na expressão de reviver o passado, trazido de sentimentos pelo tempo vivido. O patrimônio como conector da memória torna-se protagonista de um lugar por redirecionar os sujeitos a visitar o passado.

Quando mencionamos as palavras “proteção e preservação do patrimônio”, tem-se um termo denotativo ao relacionar a memória das cidades, monumentos, sítios históricos ou mesmo o modo de fazer e criar. Para preservar e salvaguardar o patrimônio, destaca-se a Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como instituição mantenedora do patrimônio mundial.

Para que o patrimônio seja inserido na listagem da UNESCO, há um processo e estudos direcionado a cada dois anos destinado a uma avaliação. Após a análise e comprovação de que o patrimônio mencionado contribuiu ou contribui para a história e memória mundial, então ele passa a ser inserido como um dos patrimônios reconhecidos mundialmente. Atualmente no Brasil, há vinte e dois patrimônios,

³⁶ Bibliotecas, museus e arquivos são considerados pontos de memórias por armazenar e disponibilizar objetos e ou informações que integram a cultura nacional, regional ou local.

distribuídos em dezesseis estados³⁷, que estão listados na UNESCO como reconhecimento da cultura e sua contribuição na memória mundial³⁸.

Para que a manutenção do patrimônio atinja a posteridade, conta-se com instituições mantenedoras para sua preservação e/ou restauração. Tem-se, além da UNESCO, no nível internacional, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), inaugurado em 13 de janeiro de 1937, pela Lei nº 378, assinada pelo então presidente Getúlio Vargas (IPHAN, 2015). A primeira instituição tem como principal característica a preservação da cultura mundial, a segunda instituição tem como base fundamental a regulamentação e a fiscalização do patrimônio brasileiro, em que se destacam bens materiais, sítios arqueológicos e os bens imateriais como dança, música, arte e pintura, como são feitas, mantidas e vividas. Estas organizações internacionais e nacionais estão preocupadas com a permanência dos bens patrimoniais para a geração futura, havendo, por isso, políticas sérias estabelecidas para salvaguardar o patrimônio brasileiro.

O IPHAN originou-se dos esforços de Gustavo Capanema³⁹, então Ministro da Educação e da Saúde, que, em 1936, com a ajuda do escritor e intelectual Mário de Andrade, propôs um anteprojeto que daria início ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), mudando posteriormente de nome para Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), por meio do Decreto-lei nº. 8.534, de 1946 e, a partir de 1970, denomina-se IPHAN (REZENDE *et al.*, 2015). As iniciativas do IPHAN, desde sua origem, foram o reconhecimento do patrimônio brasileiro não identificado; após a identificação, compunha o rol da lista de patrimônios preservados e reconhecidos.

O IPHAN visa a promover a memória do Brasil também por meio do patrimônio e da preservação das cidades históricas. Usam-se instrumentos de fiscalização e regulamentação pelo processo de tombamento para que haja uma preservação por meio de políticas de conservação e/ou restauração, em parceria com estado e município, em que o bem está localizado.

³⁷ O patrimônio considerado mundialmente encontra-se nos estados de Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Sul, Brasília, Piauí, São Luís, São Paulo, Espírito Santo, Amazonas, Mato Grosso, Sergipe e Goiás.

³⁸ Atualmente, existem vinte e dois patrimônios culturais/naturais, incluindo parques nacionais, florestas, ilhas, entre outros. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list>. Acesso em: 12 jul. 2020.

³⁹ Ministro da Educação e Saúde de 1934 a 1945, iniciou no período de Getúlio Vargas e ficou onze anos neste ofício.

No Tocantins, a sede do IPHAN localiza-se na capital Palmas e um escritório regional na cidade de Natividade e tem como função a fiscalização das cidades históricas, em especial, as cidades patrimonializadas: Natividade e Porto Nacional. Além da fiscalização, conta com uma equipe responsável pela disseminação, recuperação e conservação do patrimônio tocantinense, seja ele material ou imaterial.

Confirmando as iniciativas do IPHAN na preservação da cultura e da memória do Brasil por meio de monumentos, Velho (2001, p. 10) afirma que “não existe vida social sem memória”. A possibilidade de interação depende de experiências e expectativas culturalmente compartilhadas. Dessa maneira, existem os órgãos de proteção para a manutenção das heranças deixadas, transformadas em patrimônio para futuras gerações, visto que assim:

O patrimônio cultural serve, assim, como recurso para produzir as diferenças entre os grupos sociais e a hegemonia dos que gozam de um acesso preferencial à produção e distribuição dos bens. Os setores dominantes não só definem quais bens são superiores e merecem ser conservados, mas também dispõem dos meios econômicos e intelectuais [...] (CANCLINI, 1994, p. 97).

Um das justificativas que podemos mencionar e concordar com Abreu (1998, p. 78) quando escreve que no que tange “[...] à velocidade eletrizante do período atual de globalização, que tem dado origem a uma busca ansiosa de referenciais identitários por parte das sociedades” é que é necessária a preservação. Em virtude do acelerado modo de produção e industrialização, a paisagem está sendo modificada com mais rapidez e o que nos resta é o patrimônio mantido pelos monumentos para recordar o passado vivificado pela memória.

Podemos mencionar alguns patrimônios, sejam arquitetônicos ou paisagísticos, dos quais se orgulham os brasileiros por mostrar toda sua exuberância de requinte, estrutura física, arquitetônica e também os cuidados existentes para sua manutenção em que o belo se distingue literalmente do simples. Mas há também o patrimônio descuidado, sem zelo e sem prestígio, confundindo-o com o que chamamos de descaso com o patrimônio público, principalmente em regiões menos desenvolvidas em que automaticamente são esquecidos pelo estado e pelos governantes. Como aponta Villaça, ao se constituir cidade em virtude do

planejamento, a mesma passou a ser vista “[...] da cidade bela para cidade eficiente, da cidade do consumo para cidade da produção” (VILLAÇA, 2010, p. 199).

Neste mesmo eixo, Canclini (1994) faz uma contextualização do patrimônio em duas alternativas. Primeiro, o patrimônio não inclui apenas a herança de um povo, mas também os bens culturais visíveis e invisíveis. Segundo, há uma administração da política patrimonial em relação à conservação dos bens produzidos no passado, relacionando-os com o presente. O autor reconhece que “o patrimônio de uma nação também se compõe dos produtos da cultura popular: música indígena, textos de camponeses e operários, sistemas de autoconstrução e preservação dos bens materiais e simbólicos elaborados por todos os grupos sociais” (CANCLINI, 1994, p. 96).

Neste sentido, patrimônio é tudo aquilo que é lembrado por meio de hábitos, ritos, costumes e valores, passando de geração em geração, configurando o que Milton Santos (2011) chamou de rugosidade da paisagem, vestígios passados agregados ao presente. Assim, podemos perceber que tudo o que usamos, todas as obras modificadas e não modificadas constituem as rugosidades no espaço e tempo, formando uma totalidade. Esta totalidade está arraigada aos objetos que integram o espaço, “a busca da totalidade, na dinâmica territorial, pressupõe a análise dos lugares patrimonializados em sua amplitude, pois o real é o processo de cissiparidade, subdivisão e esfacelamento” (COSTA, 2014, p. 249).

Segundo Costa (2015, p. 48), “a cidade-patrimônio deve ser pensada e gestada em sua totalidade, quando parece vigorar abordagens teóricas unidirecionais e práticas de planejamento uniescalares em relação as referidas cidades”. A ideia de totalidade está nos objetos e nas ações, seus sistemas são novas totalidades que se compõem em contínuo movimento. Ainda conforme Santos (2012, p. 72), a ideia de totalidade é “tudo o que existe na superfície da terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida.”

Em outras palavras, traduz-se aqui a existência de patrimônios e monumentos na cidade histórico-resiliente no estado do Tocantins. A autora Cruz (2012, p. 96) explica que “[...] a patrimonialização do patrimônio é a institucionalização de mecanismos de proteção do chamado patrimônio cultural, material e imaterial.” Assim, “a patrimonialização do centro histórico nada mais é que a reprodução

técnica do capitalismo a que os homens dão forma, conteúdo e função.” (NASCIMENTO; BALSAN, 2017, p. 132).

5.2 Da memória urbana às paisagens

O termo “memória” abordado neste estudo vai além da fisiologia. Vamos recapturar a memória dos sujeitos da cidade de Pedro Afonso sobre os momentos marcantes e fatos histórico-geográficos da mudança da paisagem.

Existem várias formas de manter viva a memória de um determinado local, as lembranças de uma época vistas pelas paisagens ou mesmo pelos monumentos existentes por meio de construções que simbolizam o memorial das cidades, como museus, casas de culturas, bibliotecas, igrejas e outros. Como afirma Pollak (1989, p. 11), “sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas.”

Assim, “a busca da identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca de raízes, uma busca de passado” (ABREU, 1998, p. 79). A identidade desses lugares é mantida e conservada por pessoas que ali habitam e não deixam de praticar suas atividades diárias, tornando, assim, sua cultura parte existente da memória urbana.

Neste sentido, de acordo com Costa (2015, p. 51), “os significados de um sítio histórico e da memória urbana extrapolam os limites do território institucionalizado, pois correspondem as instituições de existência ditadas pelos rumos da política sobre o espaço”. Assim, para entender a manifestação da memória por meio do território, existe um percurso calçado no respeito àqueles que vivenciaram e conceberam seu espaço da vida ativa, através de depoimentos orais (COSTA; PELUSO, 2013).

De acordo com o Andriolo (2016), estudos sobre paisagens têm recentemente sido elaboradas no cruzamento de três referências: o simbólico, o iconográfico e o ambiente geográfico. O autor também complementa na definição, podendo ser elementos naturais em relação à experiência cultural, sobretudo na referência às paisagens “nacionais” dos pintores, em marinas e montanhas. O simbólico se constitui na parte sensível das manifestações culturais e na valorização dos objetos (monumentos). O iconográfico destaca-se pela representação que é tida do objeto

por meio da pintura, escultura, fotografia ou mesmo pela admiração de sua forma e função presente no ambiente geográfico que se encontra.

Abreu (1998, p. 82) nos contextualiza que a “memória é uma categoria biológica/psicológica que diz respeito à capacidade de armazenagem e conservação de informações.” Com base nas ideias de Castriota (2009), os lugares registram memórias significativas para os grupos que com elas se identificam. Estes lugares podem então passar por algumas interferências em virtude de vários fatores, tais como o convívio social, familiar, profissional ou pessoal, fazendo com que a memória possa ser esquivada ou não lembrada.

Assim, “[...] as cidades do país vêm hoje se engajando decisivamente num movimento de preservação do que sobrou de seu passado, numa indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias” (ABREU, 1998, p. 80). Conforme Costa e Steinke (2013, p. 174), “a busca da preservação do patrimônio cultural parece revelar uma compensação à angústia de perda do passado e à efemeridade do presente.”

Com a globalização e o exacerbado mundo do consumismo, essa perda está cada vez mais acelerada. A sociedade está cada vez mais em busca de substituições e de uma nova mercadoria, novo monumento, nova cidade, nova memória, novo patrimônio e nova paisagem, vivendo, assim, uma sociedade do cansaço.

5.3 As faces do conceito paisagem

A palavra “paisagem” é um termo polissêmico e nos remete a vários significados, desde aspectos ligados à pintura, literatura ou mesmo à paisagem dada como forma do vegetal na natureza. No dicionário, este termo é expresso pela natureza no sentido amplo da palavra (montanha, vegetação, campos, relevos, florestas etc.) ou advindo da forma artística (escultura, pintura, desenho, fotografia, gravura etc.).

De acordo com Gomes (2001, p. 55), “a paisagem ressurgue como possibilidade de revisitação das práticas culturais e de campo de revelação das atitudes dos homens [...]”. Segundo Melo (2001), a paisagem é um dos conceitos mais antigos estudados na geografia, afirmando a abordagem como “ciência das paisagens”. Contudo, “[...] a paisagem tem seu valor principal dado como

representação da materialização da memória” (RIBEIRO, 2007, p. 57). Milton Santos (1997) definiu paisagem como sendo tudo aquilo que nossa visão alcança. Ainda afirmou que a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção. E essa percepção, que pode ser dada e sentida, “é sempre um processo seletivo de apreensão” (SANTOS, 1997, p. 62).

Segundo Sauer (1998), a paisagem na geografia é apresentada para definir um conceito de unidade geralmente relacionado à área e à região. A paisagem pode ser definida como “uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais” (SAUER, 1998, p. 23). Para Gomes (2001), a paisagem emerge como possibilidade de reconciliação na ciência geográfica e na contribuição das representações dos elementos da cultura e da natureza.

Carl Sauer, considerado o pai da geografia cultural, em sua tese argumentou a existência de dois tipos de paisagem: a natural e a artificial. O que o autor denomina de forma natural é aquela paisagem que não passou por nenhuma transformação exógena causada por elementos físicos ou químicos, como água, vento, entre outros, em que a vegetação é transformada por forças climática, entrando aqui os aspectos essenciais da geomorfologia. Difere, portanto, da paisagem artificial, aquela que sofreu modificações tanto por agentes da natureza como pela ação antrópica em descaracterizar o ambiente (SAUER, 1998). Assim, corroboram no que tange aos preceitos da paisagem, que é a percepção vista, dada e sentida por um povo sobre sua marca no decorrer dos anos. (SANTOS, 1997; SAUER, 1998; COSGROVE, 1998).

Assim, “a paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto a paisagem natural é aquela em que não houve intervenção humana”, segundo Santos (1997, p. 64), afirmando ainda que a paisagem é sempre heterogênea. Ou seja,

A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número dessas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial. (SANTOS, 1997, p. 65).

Conforme Santos (1997), quanto mais complexa for a vida social, mais seremos um mundo artificial. E de certa forma faz sentido, pois anos atrás tínhamos vários meios de comunicação como o rádio, telefone, computador, aparelho celular.

Hoje com a internet, podemos ter todos esses meios de comunicação em um único aparelho, o celular, com a mesma tecnologia, ou mesmo superior à de antes em virtude de os processos tecnológicos estarem cada dia mais evoluídos, assim é, também, com o patrimônio. Pela ação do tempo, o patrimônio adquire novos sentidos e formatos por meio de uma sociedade artificial e, mesmo adquirindo novas configurações, ele ainda consegue manter sua originalidade por meio dos sentidos e da memória existente do lugar.

Corroborando Sauer (1998), para este estudo não vamos dar tanta ênfase aos aspectos da área que possam ser mais importantes para o geólogo no estudo da composição da terra e que não serão aprofundados aqui. Vamos nos aprofundar nas qualidades físicas da paisagem, que “são aquelas que tem valor de *habitat*, presente ou potencial” (SAUER, 1998, p. 29).

De acordo com Sauer (1998), a paisagem pode ser vista como sítio ou unidades bilaterais. A primeira, paisagem, está diretamente relacionada à área em que se encontram os recursos naturais propriamente ditos: rios, florestas etc. Já a segunda, denominada por Sauer como unidades bilaterais, é marcada pela ação do homem sobre a área, manifestada por expressões culturais. Por isso, “as ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural. Pode haver uma sucessão dessas paisagens como uma sucessão de culturas” (SAUER, 1998, p. 43). É o que notadamente está na cidade de Pedro Afonso, onde as mudanças são características da paisagem marcada pela ação do homem por meio de diversas modernizações, seja na paisagem rural ou na urbana. Mas, principalmente pelas expressões culturais, manifestadas pela junção dos tocantinenses e outras culturas. Assim, “a paisagem cultural então é sujeita à mudança pelo desenvolvimento da cultura ou pela substituição de culturas” (SAUER, 1998, p. 43).

Segundo Sauer (1998, p. 43) “[...] em geografia não nos preocupamos com a energia, costumes ou crenças do homem, mas com as marcas do homem na paisagem”. No presente estudo, estamos analisando essas marcas obtidas pelos testemunhos das documentações orais dos nossos sujeitos vivos, participantes das entrevistas.

Uns dos primeiros pensadores da história do pensamento geográfico a sistematizar de uma forma ampla os estudos sobre a descrição das paisagens foram Alexandre von Humboldt (1769-1859) e Paul Vidal de La Blache (1769-1859), os quais defendiam os argumentos de que o homem podia transformar o meio por

intermédio de suas ideias possibilistas, inserindo na sociedade o desenvolvimento político, econômico, social e cultural.

De acordo com Sauer (1998, p. 22), “os objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação”. Ou seja, tudo que compõe o espaço, como os monumentos, em específico na área histórica, os casarios, museus, igrejas ou mesmo a praça são objetos que mutuamente mantêm uma inter-relação entre paisagem e a sociedade. No sentido de inter-relação, estamos em consonância com Gomes (2001) ao afirmar que:

A paisagem é denotada pela morfologia e conotada pelo conteúdo e processo de ruptura e representação. A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que por sua vez, é condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos, e da esfera e da lembrança e da lembrança recorrente. A paisagem só existe a partir do indivíduo que a organiza, combina e promove arranjos do conteúdo e forma dos elementos e processos, num jogo de mosaicos. (GOMES, 2001, p. 56).

A paisagem vista por estes autores está relacionada diretamente à análise morfológica, na qual se consideram apenas os aspectos materiais de cultura. Sob esta ótica, a análise da paisagem cultural perdurou entre as décadas de 1940, 50 e 60 (MELO, 2001). O que difere da perspectiva proposta para este estudo, em que a análise da paisagem é vista não apenas através do olhar vindo das questões estéticas, mas também das questões sociais, culturais e patrimoniais. Por um outro lado, suponhamos que na paisagem da década de 40, 50 e 60 predominassem mais os aspectos morfológicos e as questões naturais em virtude de não haver tantos processos intervencionistas na natureza. Provavelmente seja por este motivo que não se relacionavam com a paisagem tecnificada dos dias atuais.

Como afirma Luchiari (2001, p. 10)

Após vários séculos, a reunificação do planeta afastou inúmeras ameaças naturais, possibilitou o controle de muitos processos, que antes eram somente naturais, mas não eliminou a preocupação com a problemática da base territorial da sociedade. Ao contrário, estas preocupações aumentaram no período contemporâneo.

Na explicação sobre o processo de transição da paisagem, Luchiari (2001) destaca que a representação das paisagens foi alterada susceptivelmente na história. Afirma que no Ocidente Medieval a paisagem não existia como representação. Somente a partir do século XVI, a paisagem emergiu com novos significados para a literatura e a pintura, pois havia um sentimento de natureza, não de unidade, mudando agora sua configuração. Neste raciocínio, estamos em consenso com Luchiari (2001, p. 13), em que:

Em cada época, o processo social imprime materialidade ao tempo, produzindo formas/paisagens. As paisagens construídas e valorizadas da sociedade revelam sua estrutura social e conformam lugares, regiões e territórios. A paisagem é a materialidade, mas é ela que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas. Por conseguinte, as mudanças morfológicas na paisagem não são inócuas e não podem ser analisadas em aparatos às práticas sociais. A produção de um novo contexto material altera a forma/ paisagem e introduz novos objetos, funções, valores e intencionalidades. (LUCIARI, 2001, p. 13)

Conforme a autora, a paisagem foi ganhando novos significados e configurações com o passar dos anos. Nos dias atuais, o termo paisagem representa na geografia uma pluralidade de significados, desde a parte simbólica quanto a forma.

Corroborando Luchiari (2001), para a geografia cultural, a paisagem sempre representou a expressão do material do sentido que a sociedade dá ao meio onde está. Por isso, “a paisagem contemporânea é uma concepção híbrida, carregada de natureza e cultura, de processos naturais e sociais; a paisagem não se esgota, não morre” (LUCIARI, 2001, p. 21).

Por uma preocupação ambiental, questiona-se haver a morte da paisagem? De fato, é o que acompanhamos claramente nos noticiários⁴⁰ e nos institutos de pesquisas ambientais, como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁴⁰ As degradações em áreas ambientais têm aumentado com o decorrer dos anos, os altos índices de desmatamentos, queimadas ilegais têm assustado os brasileiros. Segundo o Relatório Anual de Desmatamento (MAPBIOMAS, 2019), a área do cerrado é a segunda mais atingida no quesito desmatamento, com 408,646 (ha) de área devastada, perdendo apenas para a região da Amazônia, com 770.148 (ha). Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/alerta.mapbiomas.org/relatorios/MBI-relatorio-desmatamento-2019-FINAL5.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

O que percebemos é uma aceleração da destruição da paisagem nativa para construção de pastagens para agricultura de grãos, principalmente a soja, cana-de-açúcar, milho, arroz, entre outros, o que causa uma devastação muito grande na terra, principalmente para os que vivem da terra, como várias comunidades indígenas que habitam no estado do Tocantins. Podemos mencionar outros fatores negativos, como os agrotóxicos e o mercúrio, que têm atingido o lençol freático, o que pode causar danos à saúde das comunidades que vivem das terras e principalmente os ribeirinhos, aqueles que bebem e se alimentam dos recursos naturais retirados da localidade.

O processo acelerado de urbanização, industrialização e desenvolvimento capitalista faz com que haja a morte das paisagens antigas e sua substituição por novas. Essas alterações já foram questionadas por Castiglioni, Parascandolo e Tanca (2015), que tentam de forma sucinta expor seus argumentos das alterações da paisagem nas discussões da Conferência do Clube de Roma no ano de 2013⁴¹ sobre os estudos de paisagem, considerando principalmente as questões sociais e democráticas. Assim, a paisagem é resultado de uma construção coletiva, produzida por práticas sociais, culturais, materiais e imateriais. É a etapa final de processos históricos que foram liderados por uma pluralidade de atores, tornando-as democráticas, e moldando o território.

Neste sentido, a morte da paisagem seria uma nova versão da forma, da aparência e da estética, moldada pela sociedade contemporânea em vez daquelas existentes anteriormente. Como afirma Leenhardt (2018, p. 50), “desde a metade do século XX, florestas inteiras começaram a definharem, oferecendo o espetáculo aterrorizante de seus galhos ressequidos. A morte ecológica se constitui, portanto na última aba deste rápido passeio no horizonte.” Segundo o autor, em toda a região em que a paisagem é marcada por terrenos industriais formou-se uma paisagem devastada no início dos anos 90, que foi denominada de paisagem de morte social e ecológica. O autor ainda afirma que a morte da paisagem é “a morte tal como ela se reflete nos objetos que ocupam nosso espaço visual; a morte como o que conduz ao desaparecimento da vida animal (poluição dos mares) e da vida vegetal (chuva ácida, guerras tradicionais e agricultura extensiva)” (LEENHARDT, 2018, p. 48).

⁴¹ Conferência do IV EUGEO, realizada em Roma, na sessão temática de número 5, foram discutidos estudos sobre paisagem, mediados por Benedetta Castiglioni (Universidade de Pádua).

Por isso a paisagem não pode ser resultado de evoluções técnicas e econômicas sem consultar os cidadãos e deve ser tratada de forma democrática, reconhecendo seu papel, sobretudo em nível local e regional (CASTIGLIONI; PARASCANDOLO; TANCA, 2015)

Luchiari (2001) complementa que, “tomada pelo indivíduo, a paisagem é forma e aparência. Seu verdadeiro conteúdo só se revela por meio das funções sociais que lhe são constantemente atribuídas no desenrolar da história” (LUCHIARI, 2001, p. 13). É da natureza da paisagem se transformar. Portanto, se consideramos que as paisagens são construídas socialmente, elas não se esgotam, o que se esgota ou se degrada são os recursos naturais ou o uso da paisagem (LUCHIARI, 2001).

No capítulo 5, tem-se a metodologia utilizada para nos dar subsídios, por meio da teoria, para identificar as transformações deixadas na paisagem por meio dos objetos em Pedro Afonso.

CAPÍTULO VI

6 OBJETOS COMO MARCAS DA PAISAGEM

Ao se constituir como “cidade”, Pedro Afonso passou por vários processos. Conhecida como a travessa dos gentios, era habitada por comunidades indígenas, sendo o Rio Tocantins uma das principais vias de acesso para o escoamento de pessoas, mercadorias e produtos. Com o passar dos anos, houve o desenvolvimento da pecuária, assim, foram gradativamente aparecendo outras atividades no setor primário, secundário e terciário. Conforme Choay (2006), os arquitetos, engenheiros e geógrafos foram os primeiros profissionais a tratar a cidade em sua perspectiva histórica, bem como estudar as formações urbanas contemporâneas.

Choay (2006) ainda complementa que até meados da segunda metade do século XIX, os estudos históricos “se preocupavam com a cidade do ponto de vista de suas instituições jurídicas, políticas e religiosas, de suas estruturas econômicas e sociais; o espaço é o grande ausente” (CHOAY, 2006, p. 178). O espaço ausente ao qual a autora se refere seriam justamente os estudos realizados da cidade em sua totalidade, incluindo sua morfologia urbana e o espaço urbano.

As cidades contemporâneas desempenham papel social e cultural pela interação e circulação de mercadorias e pessoas. Há uma transição da paisagem antiga para uma paisagem moderna. Neste sentido, a paisagem é composta de vários momentos e sobreposição de momentos passados e presentes, como escreve Santos:

A paisagem não se cria de uma vez só, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção naquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que tem idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. (SANTOS, 1997, p. 66).

Por isso, percebemos as diversidades de formas nos conjuntos e nas harmonias nos sítios urbanos, em especial, nas cidades históricas. Podemos notar um emaranhado de tipos de imóveis divergentes sobre a paisagem, causando uma imagem com várias características acompanhada dos seus momentos históricos

vividos por aquela sociedade em várias épocas. Ao realizar um breve passeio na cidade histórica de Pedro Afonso, com um olhar seja de turista, de pesquisador(a), ou mesmo por curiosidade, podemos perceber que grande parte dos imóveis já não têm a mesma harmonia, seja na arquitetura, no todo ou mesmo em suas partes, como janelas, portas, telhados.

Há muitas mudanças na paisagem que podem ser notadas na cidade de Pedro Afonso, incluindo imóveis, construções de pontes, demolições de casas, e/ou reformas nos imóveis disponíveis na área histórica. Esses imóveis sofreram algumas modificações ao longo dos anos, principalmente após a construção da Ponte Prefeito Leôncio de Sousa Miranda, pelo Projeto de Lei N.º 1.595-C, de 2007 (TOCANTINS, 2007), como pode ser observado em uma visita *in loco*, percorrendo a cidade e analisando a transformação da paisagem. Nesta análise, percebemos que alguns monumentos, mesmo com a ação do tempo e a ação antrópica, conseguiram manter grande parte das suas características originais.

Uma das hipóteses se refere à estagnação da cidade anteriormente a 2007, pois se encontrava longe das modernizações que ocorriam no Tocantins com a mudança da capital e a vinda da agroindústria. O isolamento também é um fator importante, pois para se chegar à cidade era necessário usar a balsa como meio de transporte para travessia do Rio Tocantins até a cidade. Devido ao atraso com os recursos de modernização, talvez tenha sido uma das características precursoras para a manutenção e preservação do patrimônio na cidade histórico-resiliente.

De acordo com o material elaborado pela Bunge (2014), que lista os principais bens culturais na cidade de Pedro Afonso, vamos destacar alguns destes bens materiais e imateriais presentes na cidade, que fazem parte da história e da memória dos pedro-afonsinos.

Quadro 3 – Lista do patrimônio/memória de Pedro Afonso

Nome	Categoria	Localização	Estado anterior 2014-2015	Estado Atual 2020/2021 ⁴²
4ª Companhia de Polícia de Pedro Afonso	Formas de expressão	Urbana	Na memória	Na memória desde 1965, foi transferida para Araguaína
Arte da renda de Bilros	Saberes e ofícios	Urbana	Ativa	Ativa
Bancrêvea Clube de Pedro Afonso (BCPA)	Lugares	Urbana	Em risco	Em risco
Casa do Estudante do norte Goiano (Cenog)	Formas de Expressão	Urbana	Na memória	Na memória desde 1960
Casa do motor da Luz	Lugares	Urbana	Ativa	Ativo, Clube de Mães Sempre Unidas
Colégio Cristo Rei	Lugares	Urbana	Ativo	Ativo
Colunas Prestes em Pedro Afonso	Formas de Expressão	Urbana e rural	Na memória	Na memória
Devoção a Maria	Celebrações	Urbana	Ativa	Ativa
Festejo de São Pedro	Celebrações	Urbana	Ativo	Ativo
Igreja Batista	Lugares	Urbana	Ativa	Ativa
Igreja Matriz de São Pedro	Lugares	Urbana	Ativa	Ativa
Ilha do Rio Tocantins	Lugares	Urbana	Ativa	Ativa
Lenda do Rio Sono	Formas de expressão	Urbana	Na memória	Na memória
Lenda da Lagoa da Cruz	Formas de expressão	Urbana	Na memória	Na memória
Libertação dos jegues	Celebrações	Urbana	Na memória	Na memória
Memória da enchente 1980	Celebrações	Urbana e rural	Na memória	Na memória
Ponte Prefeito Leôncio de Souza Miranda	Lugares	Urbana e rural	Ativa	Ativa
Praça Coronel Lysias Rodrigues	Lugares	Urbana	Ativa	Ativa
Praça da Matriz de São Pedro	Lugares	Urbana	Ativa	Ativa
Praça do Mangal	Lugares	Urbana	Ativa	Ativa
Praça Ecológica de Pedro Afonso	Lugares	Urbana	Ativa	Ativa
Reza do Divino Espírito Santo	Celebrações	Urbana e rural	Ativa	Ativa
Rua Barão do Rio Branco	Lugares	Urbana	Em risco	Em risco
Tiro de Guerra 11-004	Lugares	Urbana	Ativo	Ativo
Aeroporto Coronel Lysias Rodrigues	Lugares	Urbana	Na memória	Na memória

Fonte: Bunge (2014). Adaptado por Núbia N. do Nascimento.

O Quadro 3 traz a relação e a situação dos bens culturais na cidade de Pedro Afonso nos anos de 2014 e 2015.

Na última coluna, podemos verificar a situação desses bens nos dias atuais em três estágios: na memória, em risco ou ativo. A seguir, veremos alguns desses patrimônio-memória mais evidentes, disponíveis no Quadro 3, que ainda permanecem nas lembranças dos cidadãos ou na paisagem da cidade.

⁴² Dados coletados por análises orais.

A Bunge teve esta iniciativa do ponto de vista de um olhar cultural e social da cidade de Pedro Afonso. Na época, foram postas algumas identificações por meio de placas nos pontos de memórias considerados pela equipe da Bunge que fez este trabalho (Figura 16).

Figura 16 – Placas de sinalização dos pontos de memória



Fonte: Figuras A, B e C - Fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento 19-06-2021.

A Figura A mostra uma placa de sinalização disponibilizada na frente da Matriz São Pedro. A Figura B mostra uma placa de sinalização posta no início da Rua Barão do Rio Branco como forma de identificar o ponto inicial da rua. Já a Figura C mostra uma placa na Praça do Mangal. Na imagem, podemos verificar que nesta última placa já não constam mais as informações necessárias de identificação da praça. A identificação da placa pode ter sido desgastada pela ação do tempo ou mesmo por questões fortuitas. As placas de identificação foram disponibilizadas apenas nesses três pontos mencionados na Figura 16.

6.1 Registro fotográfico: monumentos e memória

Para registrar esses momentos antecessores da modernização e os dias atuais, têm-se as fotografias como suporte da rememoração da paisagem de Pedro Afonso. A fotografia é um método utilizado como forma de retratar as paisagens antigas e contrapor com as paisagens atuais. O registro fotográfico tem um poder visual de trazer lembranças e reordenar as memórias de um tempo vivido.

De acordo com Mauad (2005), para uma análise fotográfica, é necessário observar três características: a produção, a relação de quem olha e reproduz a imagem que foi observada; a recepção, que está diretamente ligada ao valor que a imagem produz para a sociedade; e a fotografia como produto. Neste sentido, “entende-se aí a imagem consubstanciada em matéria, a capacidade da imagem potencializar a matéria em si mesma, como objetivação de trabalho humano, resultado do processo de produção de sentido e relação sociais” (MAUAD, 2005, p. 135).

Por meio das imagens, tem-se a contextualização de Pedro Afonso conforme seus momentos geográficos e históricos. Foi feito um levantamento exploratório nas principais bibliotecas e arquivos de Palmas a fim de obter alguma informação. Para nossa surpresa, não encontramos materiais que abordassem a cidade antes do desmembramento do estado em 1988. Por este motivo, resolvemos recorrer aos principais centros de memória de Pedro Afonso para fazer este levantamento da origem da cidade por meio de documentos primários.

Com o passar dos anos, notamos algumas mudanças tanto na arquitetura quanto na modernidade da cidade no contexto geral, não apenas na área urbana, mas principalmente na área rural. Pedro Afonso é uma das cidades com referências nacional e internacionalmente em termos de exportações de grãos por ter seus maquinários modernos de grande porte e tecnologia de ponta no ramo da agricultura.

Uma das habilidades do geógrafo descritivo está em caracterizar minuciosamente as particularidades da localidade, bem como a forma, os costumes e as tradições para que possamos compreender de forma geral o estudo da categoria em que será analisada, seja região, paisagem, espaço, território e lugar.

Conforme Melo (2001) menciona, a proposta estabelecida por Cosgrove para leitura das paisagens simbólicas destaca os trabalhos de campo, a elaboração e

interpretação de mapas, que são códigos simbólicos, bem como a linguagem na condição de uma importante ferramenta de comunicação através do texto. Um outro autor que reforça a concepção de Cosgrove é James Duncan em sua obra *The city as text* (1990), na qual traça três objetivos: propõe uma metodologia para interpretação de paisagens, mostra a paisagem compreendida como processo cultural que pode servir de reprodução por meio da sociedade e/ou a contestação do poder político e, por último, analisa a interface entre paisagem e poder político em um lugar e tempo determinado.

Conforme Gomes (2013, p. 31-32),

Imagens sempre operam simultaneamente, mostrando e escondendo coisas. Há, irremediavelmente, uma desigual atitude face ao fenômeno visual [...] o olhar percorre e não se fixa. Por isso, ver algo significa extraí-lo dessa homogeneidade indistinta do olhar [...] a diferença entre olhar e ver consiste, portanto, no fato de que o olhar dirige o foco e os ângulos de visão, constrói um campo visual; ver significa conferir atenção, notar, perceber, individualizar coisas dentro desse grande campo visual constituído pelo olhar.

Na citação anterior, Gomes (2013) nos faz compreender a importância de se observar atentamente um fenômeno visual. Assim, nas imagens seguintes, podemos fazer o exercício de observar com mais detalhes a paisagem que compõe o sítio histórico de Pedro Afonso e da cidade, bem como extrair algumas informações relevantes no que se refere às alterações sofridas ao longo dos anos. O patrimônio, memória e a paisagem estão intimamente ligados não apenas pela natureza dos objetos, mas pelo sentido dado aos objetos, transformando-os em patrimônio, que é lembrado pela memória e disponível na paisagem.

A escola Agroartesanal foi palco de algumas transformações e marcas existentes no presente. A escola foi fundada em 1970 por Dom James Collins, criada com foco no desenvolvimento de tecnologias para a agricultura local e na busca de melhoria das atividades agrícolas, pesquisa, gestão, formação de pastagens, uso de novas tecnologias, entre outros objetivos (PORTAL CNN, 2019). Este monumento passou por três mudanças em sua paisagem e em parte da sua estrutura. Primeiramente foi a antiga Escola Agroartesanal, depois foi transformado no Colégio Estadual Agrícola Dr. José de Sousa Porto, onde hoje funciona o Campus Avançado do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), com os cursos voltados para a proposta do entorno da cidade e da região, baseados na agricultura e na produção de grãos.

Vamos relacionar algumas mudanças da paisagem, algumas em três tempos, outras em dois. Vamos trazer imagens do arcaico ao moderno, com a proposta de compartilhar como os imóveis eram antes das transformações na paisagem e como estão na atualidade, com as possíveis descaracterizações nos dias atuais. As informações sobre a contextualização histórica das mudanças foram relatadas por testemunhos dos cidadãos de Pedro Afonso, fontes bibliográficas e análise visual.

Figura 17 – Antiga Escola Agroartesanal de Pedro Afonso (1975)



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso.

Na Figura 17, podemos notar duas imagens em uma mesma paisagem com características diferentes. A primeira imagem, em ruínas, prestes à demolição a qualquer momento pela ação do tempo e pela falta de preservação, está localizada no final da imagem (Figura 17-B). A segunda imagem conta com poucos riscos de desmoronamento e sinais evidentes de uma possível conservação.

De acordo com Miranda (1973, p. 21), “havia Frei Rafael fundado no aldeamento - São João⁴³ lugar onde primeiro aportou um colégio destinado a educação dos filhos dos silvícolas.” Assim, compreendemos que desde o início do povoado e depois cidade, já existia essa ideia futurizada do ensino agrícola, começando sua gênese por Frei Rafael de Taggia, explicitada na citação anterior. O colégio agrícola atendia as demandas educacionais dos moradores de Pedro Afonso, principalmente os filhos dos lavradores e fazendeiros que tinham uma

⁴³ São João, um povoado, foi o primeiro nome destinado a Pedro Afonso-TO por Frei Rafael de Taggia. Como havia poucos habitantes e a grande maioria era de indígenas, anos mais tarde tornou-se Pedro Afonso.

relação direta com a terra, na intenção da continuidade de habitação que os filhos permanecessem na região.

A Escola Agroartesanal foi o ponto de partida inicial para o desenvolvimento da agricultura na região. Se hoje a região é considerada a capital da soja, muitos levam a crer que o início se deu nas primeiras atividades de subsistência desenvolvidas na Escola Agroartesanal.

Marca também, para a história de Pedro Afonso, grande prova de progresso educacional e cultural, o funcionamento da Escola Agro-Artesanal, inaugurada em 9 de setembro de 1970. A escola conta com 23 alunos internos, três professores e um diretor – Dr. Frank M. Carthy. O objetivo da escola: ampliar os conhecimentos sobre a agricultura, mecânica, pecuária e conhecimentos gerais. Reina grande entusiasmo entre professores e alunos, **deixando-se antever um brilhante futuro**. (MIRANDA, 1973, p. 97, grifo nosso).

A partir da inauguração da Escola Agroartesanal, cidade de Pedro Afonso, um lugar geograficamente distante da capital, se desenvolveu de forma tão rápida principalmente na área agrícola e pecuária. Em termos de rentabilidade econômica, Miranda (1973), na citação anterior em negrito, teve um acerto ao afirmar que a cidade teria um futuro brilhante obtido pelos resultados dos ensinamentos da Escola Agroartesanal, deixando o ensino para os dias atuais no IFTO de Pedro Afonso.

Com a chegada de Gerard Schipper e Paul Zuidgeest, começou-se a trabalhar para a Fundação dos Voluntários Holandeses em conjunto com a Associação de Agricultores e Jardineiros Católicos Holandeses (KNBTB), uma organização de agricultores católicos que desenvolveu diversas atividades na preparação de áreas para plantio de verduras, frutas, plantas forrageiras e capim para gado, dando aqui início à Escola Agroartesanal (PORTAL CNN, 2018).

Neste mesmo período, em meados da década de 1970, houve uma parceria de crédito entre o Banco da Amazônia e os produtores rurais como uma medida de incentivo à produção e investimentos na agricultura na região.

Temos também, em pleno funcionamento e prestando inestimáveis serviços, a ACAR-P.A (Associação de Crédito e Assistência Rural de Pedro Afonso), ligado ao meio Rural, tais como: Sindicato Rural de Pedro Afonso, Cooperativa/ Agro-Pastoril, Escola Agro-Artesanal da Secretaria da Agricultura, Prefeitura Municipal e o Banco da

Amazônia S.A., sob a Direção do Sr. Felizardo Camargo Chaves, Extensionista Agrícola. (MIRANDA, 1973, p. 97)⁴⁴

Podemos notar que os incentivos de créditos neste período foram destinados aos órgãos que tinham como finalidade a intensificação da agricultura e pecuária na localidade. Talvez esse tenha sido um dos primeiros indícios de progresso para os pequenos agricultores, vindo posteriormente a captação de recursos para a cidade. Por outro lado, Oliveira, Santos e Pereira (2014, p. 15) afirmam que “é preciso repensar a maneira como os grandes empreendimentos se instalaram em uma região de fragilidade econômica, considerada nova fronteira agrícola do país, cogitando um nível de impacto mais abrangente [...]” e das proximidades às áreas urbanas.

A instalação de empresas em uma cidade nos faz pensar em questões atrativas, tanto relacionadas aos incentivos fiscais ou mesmo às garantias que a cidade oferece. Em uma cidade histórica como Pedro Afonso, além desses incentivos que são fatores primordiais para a permanência da indústria no lugar, temos de dar valor aos monumentos existentes, tornando-os parte indivisível do patrimônio histórico da cidade.

De acordo com Nascimento e Balsan (2017), “podemos perceber que não existe lugar, região, cidade ou um monumento mais admirável ou mais valioso do que o outro”. O patrimônio está presente nos vestígios que deixamos, com seus valores simbólicos e afetivos, assim não há mecanismo que possibilite a classificação de um valor pessoal.

Na imagem a seguir podemos ver nitidamente um reflexo no moderno e no arcaico em um único cenário. O IFTO foi construído em uma arquitetura atual para suprir uma demanda da população, mas, na mesma paisagem, podemos verificar o arcaico, ou seja, uma construção já em ruínas que não pode ser aproveitada e permanece em um estado crítico, passível de uma restauração em sua estrutura. Como afirma Choay (2006), o monumento histórico proporciona a consagração institucional de uma presença concreta e de um passado definitivo e irrevogável construído pela sociedade por meio das mutações impostas pela revolução industrial e as habilidades humanas do seu tempo cronológico. Assim, “[...] o monumento histórico parece lembrar aos membros dessa sociedade a glória de um gênio

⁴⁴ A citação está em consonância com as regras ortográficas correspondentes à época vigente da década de 1970.

ameaçado”. (CHOAY, 2006, p. 206). Na Figura 18, podemos notar a atual estrutura no IFTO. Atrás da árvore pode-se ver parte de uma descaracterização da arquitetura original.

Figura 18 – Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus de Pedro Afonso



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 11-02-2020.

Para Corrêa e Rosendahl (2012, p.12), “a paisagem geográfica ou cultural resulta da ação humana ao longo do tempo sobre a paisagem natural, ação que gera um conjunto de formas funcionalmente integradas entre si”. Neste sentido:

A paisagem geográfica apresenta simultaneamente várias dimensões que cada matriz epistemológica privilegia. Ela tem uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre as suas diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em uma certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias, tem assim uma dimensão simbólica (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 8).

Segundo os autores, a paisagem é a produção da ação humana datada no tempo, marcada pelo espaço. E este espaço pode conter vários significados, como eles explicam a seguir:

Decodificar o significado da paisagem geográfica é, efetivamente, tarefa do geógrafo, tarefa que vai além do seu estudo morfológico, e que permite estender o estudo de paisagem não apenas às áreas agrícolas, mas às paisagens urbanas dos *shopping centers*, das favelas, dos condomínios, das áreas industriais, assim como as paisagens dos monumentos e as impressas na pintura. Afinal de contas, a paisagem deste objeto geográfico, portanto a geografia, está em toda parte (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 11).

Reforçando a exposição dos autores, as paisagens podem estar presentes em áreas rurais/agrícolas ou em áreas urbanas.

Na Figura 19, podemos ver com mais detalhes a estrutura que antes pertencia à primeira escola Agroartesanal, construída em meados da década de 60-70. A percepção pode ser vista, dada e sentida por meio das relações internas e externas - paisagem artificial e natural.

Figura 19 – Antiga Escola Agroartesanal e o IFTO – o arcaico e o novo dividindo o mesmo cenário



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 11-02-2020.

O IFTO não se localiza no sítio histórico da cidade, onde se encontra grande parte dos imóveis com arquiteturas coloniais, mas consideramos um patrimônio, em virtude das suas características em arquitetura colonial e por representar na memória dos cidadãos a simbologia do ensino agrícola pela primeira escola agroartesanal. Concordamos com Diehl (2002) ao afirmar que a modernidade gera uma insegurança em que o passado e a memória passam a ser sinônimo de desconfiança e ainda complementa

A tradição da historiografia exemplar iluminista é corroída pelo tempo acelerado do progresso. Ao mesmo tempo em que o futuro passaria a ser o horizonte das expectativas, assegurado pela linearidade do tempo e pelo progresso cumulativo, **a memória é apresentada como ruína** e como restos de uma caminhada que conhece o seu sentido na frente (DIEHL, 2002, p. 156, grifo nosso).

Reforçamos as palavras do autor em negrito, ao afirmar que a memória é apresentada como ruína. Um fato evidente de ser presenciado na cidade de Pedro Afonso são as ruínas da escola Agroartesanal. Na Figura 19, vimos os traços de uma construção antiga que requer cuidados e reparos na sua estrutura e também podemos ver uma construção recente. As duas construções em um mesmo espaço podem acarretar algumas consequências, como o uso indevido deste espaço para outras atividades que não sejam ligadas ao ensino, risco de aparecimento de animais peçonhentos e um possível desmoronamento futuro devido às intempéries ambientais. Para uma possível restauração ou mesmo uma política de uso deste imóvel, seria interessante uma avaliação dos órgãos de proteção do patrimônio como o IPHAN⁴⁵ para estabelecer diretrizes de uso ou embargo. Como questiona o entrevistado G:

A escola Agroartesanal hoje é o IFTO já mudou muito, eles alteraram muito, construíram novos pavilhões, não são os originais, os outros que eram originais estão desabando no fundo [...]. Por ser um órgão federal quando os arquitetos vão fazer essas reformas geralmente trabalham em parceria com o IPHAN, pedem laudo para ver se preservam ou não, então faltou um compromisso com a história. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Atualmente não há uma lei municipal sobre a política de preservação do patrimônio na cidade de Pedro Afonso. Mas recentemente foi elaborado um documento pelo professor Fabrício, também coordenador do Museu Histórico Rafael de Taggia. Neste documento, estão incluídos dez imóveis⁴⁶ e/ou pontos da cidade considerados patrimônio local. No atual momento, o documento está em fase de análise pela Câmara do município de Pedro Afonso.

⁴⁵ Ainda não há nenhuma lei ou política de preservação do patrimônio em Pedro Afonso que tenha a contrapartida do IPHAN.

⁴⁶ Entre os imóveis e/ou pontos, destacam-se a Igreja Matriz São Pedro, a Praça da Matriz São Pedro, a Rua Barão do Rio Branco, a Passarela Modesto e Rosária Sales, o Bancrévea Clube, a Casa do Motor de Luz, o Colégio Cristo Rei, a Igreja Batista, a Ilha do Rio Tocantins e a Praça Ecológica de Pedro Afonso.

Lembramos que “os objetos não são simplesmente suportes da memória funcional. Eles tomam frequentemente uma forma simbólica [...]” (CLAVAL, 2007, p. 84-85). E esta simbologia apresenta algumas formas de manifestação, seja pela valorização do bem, pela contemplação, admiração ou mesmo pela proteção física para gerações futuras.

Figura 20 – Antiga escola Agroartesanal e o IFTO – fundo da instituição⁴⁷



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 11-02-2020.

Nestes monumentos mencionados anteriormente, vimos um processo de modernização. Portanto, “modernizar não é, nesse caso, dar a impressão de novo, mas colocar no corpo dos velhos edifícios um implante regenerador [...]”. (CHOAY, 2006, p. 217). Assim, “[...] espera-se que o interesse suscitado pela obra do presente se reflita na obra antiga, dando origem, assim, a uma dialética” (CHOAY, 2006, p. 217). Essa dialética é a permanência do arcaico e do novo dividindo a mesma paisagem, mas de forma grotesca, identificada por sua estrutura e pelo descaso da manutenção do patrimônio.

A descrição da paisagem não é um cenário único, mas com infinitas representatividades gerais com abordagem natural e física do lugar. Neste sentido “[...] a paisagem não é simplesmente uma cena real vista por um observador. A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais” (SAUER, 1998, p. 24).

⁴⁷ A antiga escola Agroartesanal mantém-se em ruínas em situação de abandono. Os órgãos do patrimônio bem como o município e/ou estado deveriam realizar obras emergenciais como restauração ou mesmo uma vistoria periódica na tentativa de garantir a estabilidade dos imóveis em ruínas. Assim evitariam um futuro desabamento por omissão.

Em centros históricos é comum nos depararmos com imóveis antigos que adquirem novas funções seja arquivo, museu ou centros de memórias. Em alguns casos, o local é utilizado como um espaço de convivência, ponto de encontros ou mesmo comércio, tornando-se algo visível de ser contemplado e aproveitado. Assim, “a memória visual demanda, para ser desenvolvida, toda uma ginástica do olhar. Esta pode se apoiar em procedimentos verbais: estes ensinam a recortar o campo visual, a percorrê-lo numa certa ordem, a reconhecer as direções estruturantes” (CLAVAL, 2007, p. 84).

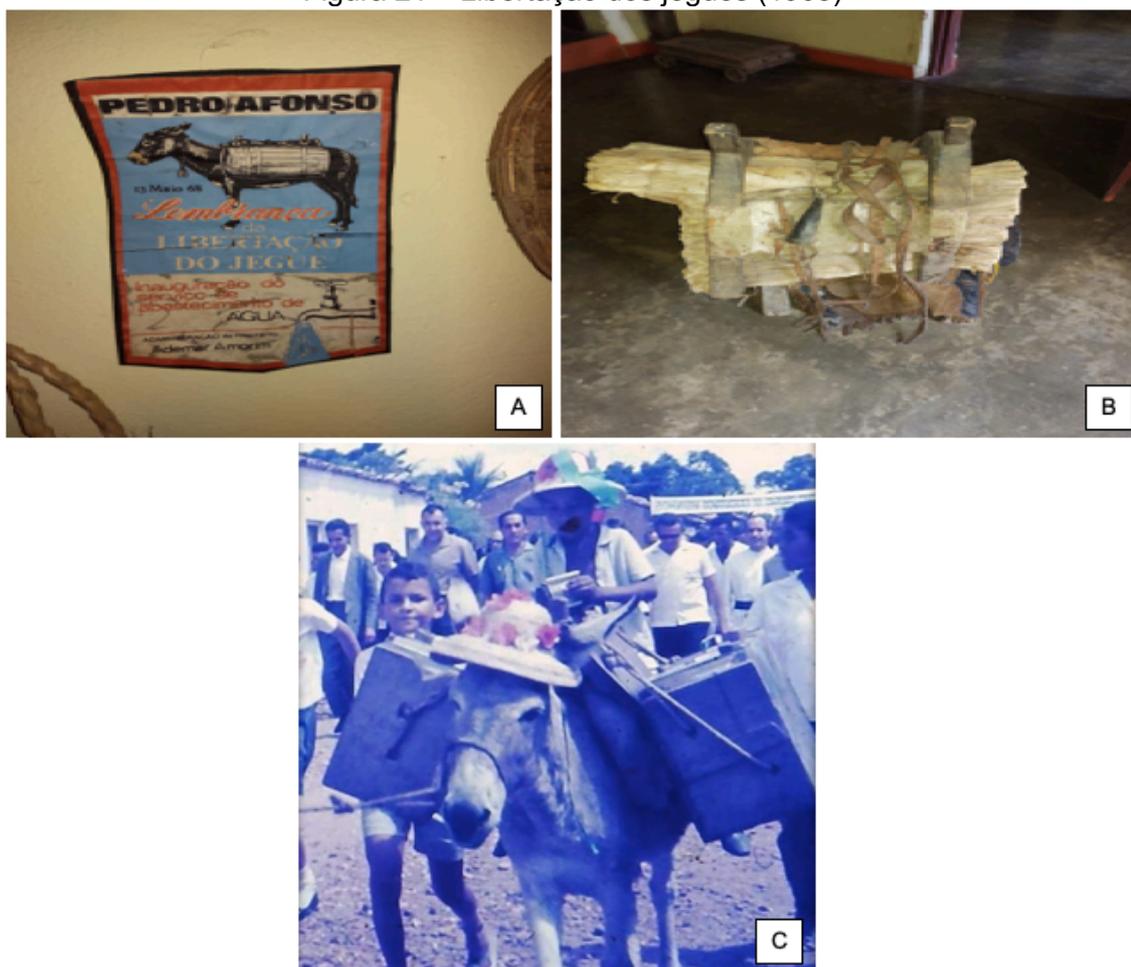
Ao atestar o fragmento do autor, vimos que a memória visual nos proporciona novos horizontes e interpretações e isso vai depender da vivência e da bagagem pessoal que cada sujeito carrega ao fazer uma leitura com expressão do moderno e do arcaico. Assim, “a cidade antiga, tornada obsoleta pelo devir da sociedade industrial, nem por isso deixa de ser reconhecida e constituída em uma figura histórica original” (CHOAY, 2006, p. 182).

No ano de 1968, houve um evento marcante na cidade de Pedro Afonso - a libertação dos jegues (Figura 21). Antes da água encanada na cidade, os jegues cumpriam esse ofício. Em seu lombo eram postos barris de água enchidos no Rio Tocantins, principalmente no Rio do Sono, para o abastecimento da cidade. De acordo com Oliveira (2007a, p. 3):

O termo “libertação” reveste-se de uma conotação mais significativa devido à data do evento: 13 de maio, dia e mês da também “libertação” dos escravos. Na ocasião houve uma cerimônia *sui generis*, com a participação do governador do Estado, de uma banda de música do Rio de Janeiro e, óbvio, com a presença dos jegues em “trajes de gala”.

Por meio da modernidade, os jegues deram lugar à água encanada. No Museu Histórico de Pedro Afonso, podemos ver uma peça disponível que marca este momento de revolução e modernização ao mesmo tempo.

Figura 21 – Libertação dos jegues (1968)



Fonte: Figuras A e C, acervo do Museu Histórico de Pedro Afonso (2020). Figura B, fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 10-02-2020.

Nota: Figura A - Bandeira da libertação dos jegues. Figura B – Cangalha usada no lombo do jegue. Figura C – jegue em traje de gala no dia da libertação.

A Figura 21 – B é uma peça disponível no museu histórico da cidade de Pedro Afonso, sendo representada por dois cavaletes que serviam de apoio para a sustentação do peso dos barris d'água, com os quais os jegues faziam o trajeto do Rio do Sono e do Rio Tocantins até as residências, por não haver água encanada nessa época, anterior a 1968. Após este período, os jegues receberam sua “libertação” quanto ao carregamento de água. Como afirma o entrevistado F “[...] a famosa libertação dos jegues foi quando Pedro Afonso passou a ter água encanada, na época se buscava água em jumento. As pessoas buscavam em bacias nos rios, não usavam água encanada [...]”.

Relembra a entrevistada E:

Então tinha umas pessoas que trabalhavam carregando água dos rios para aquelas famílias que eram mais ricas, carregavam nos jegues. E tem a questão da libertação dos jegues, então foi um marco histórico aqui para Pedro Afonso e tudo isso a gente encontra no Museu. O museu já tem um arquivo muito rico sobre as memórias. (Entrevistada E, 2021, informação verbal).

Já para o entrevistado H, que não nasceu em Pedro Afonso, mas lhe contaram

Um fato histórico também que me chama muita atenção, eu não presenciei ele em Pedro Afonso, mas é um fato denominado pelos moradores mais antigos daqui a libertação dos jegues foi quando a água potável era consumida pelas famílias pedro-afonsinas era transportada no lombo de burros, mulas, jegues até as residências. (Entrevistado H, 2021, informação verbal).

Logo em seguida, Rocha (2020), informação verbal,⁴⁸ afirma que alguns jegues continuaram fazendo o transporte dos barris de água, pois a primeira remessa de água retirada do poço que foi furado para o abastecimento na cidade era salobra, sendo imprópria para o consumo, utilizada apenas para o uso doméstico.

Alguns jegues permaneceram até 1991 transportando água para as residências. A partir desse ano, foi implantado o sistema de abastecimento de água vindo do Rio do Sono, e os jegues foram desaparecendo do cotidiano da cidade. Se houver jegues nos dias atuais, estão localizados isoladamente nas fazendas.

⁴⁸ Informação extraída da entrevista oral feita para a coleta de informações deste estudo.

Figura 22 – Jegue no transporte de água



Fonte: Figura A - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso e Figura B - Acervo digital de Martien van Nistelrooij⁴⁹.

Na Figura 22, podemos observar os jegues como ferramenta de trabalho para a população pedro-afonsina no transporte de água. Eram usados barris e latas para o carregamento da água retirada do Rio do Sono para a manutenção diária da cidade. Um documento avulso de um jornal local da cidade, Centro Norte, escrito por Abreu (2009), traz relatos de que os jegues traziam as latas de água em suas costas e eram entregues nas residências, a água coletada diretamente do Rio do Sono, considerada mais cara e valiosa, era usada para cozinhar e tomar banho.

Já a água do Rio Tocantins, considerada de má qualidade, era utilizada em outros afazeres como lavar louça, lavar roupa e outros. Essa valorização do Rio do Sono pode ser vista até os dias atuais, pois no uso da praia em épocas de temporadas, julho, a praia mais frequentada é a do Rio do Sono (Praia do Dunga), uma memória da qualidade da água trazida para os dias atuais.

Após a coleta d'água pelos jegues, era cobrada uma taxa mensal para aqueles que recebiam os barris e latas d'água em sua residência. O pagamento pela carga era de aproximadamente vinte cruzeiros⁵⁰ e cada família tinha sua cota máxima. No sábado, essa cota era dobrada, pois parte dos entregadores juntamente com os jegues não faziam a entrega da água domiciliar nos dias de domingo. Foi

⁴⁹ Mais informações e fotografias sobre Pedro Afonso disponível no blog pessoal de Martien van Nistelrooij, disponível em: <http://pedro-afonso-to.blogspot.com/2012/>. Acesso em: 5 jan. 2020. Martien van Nistelrooij foi um holandês que chegou acompanhado por dois amigos a Pedro Afonso para serviços voluntários no ano de 1967 a 1969.

⁵⁰ A moeda de vinte cruzeiros (20 Cr\$), em reais, equivale um valor de aproximadamente um real (1 R\$) na moeda atual brasileira.

uma mudança enorme, pois já havia um processo de dependência econômica que se efetivou com a água encanada. Como afirma a entrevistada B:

Eu ouvi meu pai falar, mas que eu não participei, foi a libertação dos jegues em Pedro Afonso, porque naquela época, as pessoas não tinham água encanada e carregava água no lombo dos jegues. O meu pai tinha um e meu irmão era quem fazia esse trajeto e vendia a água para as pessoas de melhores condições e aí na administração de seu Ademar Amorim, ele fez a encanação de água e fez uma festa. Foi um acontecimento a libertação dos jegues. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

Como afirma também o entrevistado D:

Essa eu não presenciei, mas me contaram. Em 1968, teve uma festa a qual foi denominada de “libertação dos jegues” e como lá não tinha água. A água dos rios era transportada pelos jumentos. Em maio de 1968, foi instalada a rede de água na cidade, então fizeram uma festa para a libertação desses jumentos. E ficou denominada “Libertação dos jegues”. (Entrevistado D, 2021, informação verbal).

Como afirma Bosi (1994, p. 90), “a história deve reproduzir-se de geração em geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original [...]”. Por mais que alguns moradores não tenham presenciado o acontecimento da libertação dos jegues, eles a mantêm viva e enraizada na memória, seja porque o pai, mãe ou alguém da cidade contou. As contações de histórias e causos passam de geração em geração, contagiando os recém-chegados à cidade.

Conforme Oliveira:

Fica evidente que a implantação do sistema de abastecimento trouxe uma mudança nos hábitos cotidianos do morador local, mas é preciso questionar que, na prática, a população de modo geral aprovou e usufruiu de tal modernização, pois ela veio facilitar o desempenho de suas atividades diárias. (OLIVEIRA, 2007a, p. 7).

Podemos perceber um avanço e uma melhoria na qualidade de vida dos pedro-afonsinos. Assim, “a modernização do abastecimento de água na cidade trouxe consigo elementos capazes de alterar o cotidiano da população e de afetar tanto a vida material do ribeirinho como seu *status* social” (OLIVEIRA, 2007a, p. 10).

São consideradas cidades ribeirinhas aquelas que surgiram às margens dos rios, e seus habitantes mantêm fortes relações socioculturais e econômicas com os

recursos hídricos (TRINDADE & TRINDADE JÚNIOR, 2012; OLIVEIRA, 1999). Com isso

[...] cidades ribeirinhas são aquelas que apresentam uma forte ligação não apenas material, mas também simbólica com os rios. Portanto, não se definem simplesmente por estarem localizadas às margens deste, mas principalmente por estabelecerem relações que apresentam um conteúdo sociogeográfico tributário das águas, fortemente ligado à dinâmica da natureza e a uma temporalidade cadenciada, que são traduzidas no seu modo de vida, na sua paisagem e nas suas inter-relações [...] (NUNES; TRINDADE JÚNIOR, 2012, p. 213).

A cidade se destaca por ser ribeirinha, pois traz consigo muitas histórias relatadas pelos moradores da forte ligação com o rio, útil para o transporte de pessoas e mercadorias. Como aponta professora Alderina, ao lembrar de seu pai como um dos barqueiros mais conhecidos em Pedro Afonso (Figura 23).

Figura 23 - Seu Erotides Costa Machado e seu barco



Fonte: Acervo pessoal de Alderina Peres Machado. Fotografia de meados de 1980.

Professora Alderina, uma das fundadoras da Escola Municipal Jandevan, uma das mais importantes do estado do Tocantins devido ao alto índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB), fez vários registros pessoais. Hoje aposentada e residindo em Brasília, mantém fortes relações com seu lugar de origem, Pedro Afonso. Relembra, em suas memórias, fatos e histórias de quando seu pai, Erotides Costa Machado, fazia o transporte de mercadoria e pessoas nas cidades ribeirinhas do Rio Tocantins.

Pelo rio, eram transportadas mercadorias como frutas e verduras para as cidadezinhas com menor número de habitantes, pois a cidade de Pedro Afonso era uma das maiores e mais desenvolvidas depois do apogeu da borracha (1910-1914). Os relatos da professora Alderina são válidos para reforçar os ditos de Oliveira (2007b) no que tange às transformações ocorridas na região, pois a construção da rodovia Belém-Brasília “[...] promoveu alterações significativas no norte de Goiás, principalmente pela contínua chegada de migrantes para os núcleos nascentes às margens da rodovia” (OLIVEIRA, 2007b, p. 73-74).

Esse contato direto dos barqueiros viajantes com o transporte de mercadorias e pessoas nas comunidades ribeirinhas localizadas às margens do Rio Tocantins e do Rio do Sono reforça uma marca na paisagem. Como afirma Oliveira (2007b, p. 74) “[...] os contatos entre etnias diferentes proporcionaram transformações tanto na paisagem geográfica como na humana”. Como afirma Matos (2017, p. 66), “não há um projeto modelo para a recuperação, para a incorporação e para a integração da paisagem ribeirinha na cidade, mas as boas ideias devem ser aproveitadas [...] o que torna as cidades peças flexíveis que se adaptam a novas situações [...]”.

Há também o barco João Paulo II, que pertencia ao barqueiro Sebastião de Matos Lima. Na década de 80, transportava aproximadamente 40 pessoas e fazia o trajeto entre as cidades ribeirinhas do Rio Tocantins. Segundo relatos do Antonio Barbosa Lima, filho de seu Sebastião “[...] foi feita a inauguração pelo padre Ricardo da reforma do barco [...], feita pelo marceneiro Pedro Dalorinda” (LIMA, 2020, Informação verbal)⁵¹. A inauguração contou com a bênção do padre e recebeu o nome de João Paulo II [...].

A população ribeirinha utilizava o barco João Paulo II como transporte para chegar a Pedro Afonso. A grande maioria era aposentados que faziam o trajeto para o recebimento do seu ordenado no Banco Basa (Banco da Amazônia).

⁵¹ Informação extraída da entrevista oral feita para a coleta de informações deste estudo.

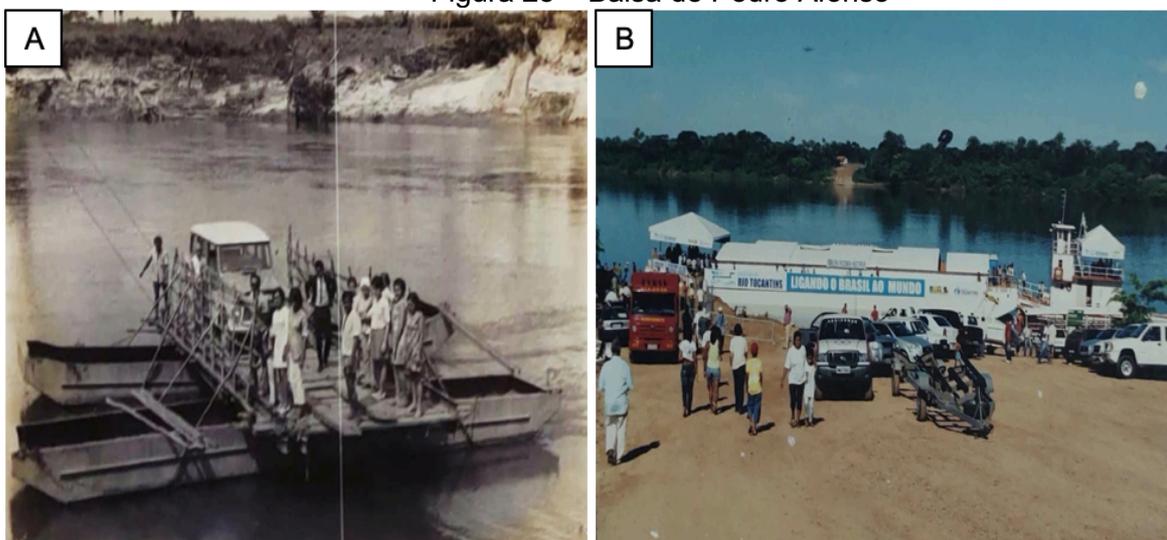
Figura 24 – Barco João Paulo II



Fonte: Acervo pessoal de Antonio Barbosa Lima (1980).

Segundo relatos de Antonio, “era feito o percurso de Pedro Afonso a Rio Sono e Pedro Afonso a Tupiratins, próximo à cidade de Tupiratins, também de Pedro Afonso a Miracema-TO” (LIMA, 2020, Informação verbal). Este era o destino do barco João Paulo II (Figura 24). Os barqueiros de Pedro Afonso foram Erotides, Balinha, Job, Elias e Sebastião Lima (*in memoriam*).

Figura 25 – Balsa de Pedro Afonso



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso.

Nota: Figura A – Primeira balsa de Pedro Afonso (1968). Figura B – Balsa no ano de (2006).

A Figura 25 mostra o transporte hidroviário (balsa) utilizado pelos cidadãos pedro-afonsinos e demais pessoas para a travessia no Rio do Sono e acesso à rodovia BR – 235 antes da construção da Ponte Prefeito Leônicio de Souza Miranda.

Assim, “ao visitante que chega a Pedro Afonso, é visível o contraste entre o arcaico e o moderno. Ainda hoje, para chegar até ela é preciso atravessar o Rio Tocantins numa balsa”. (OLIVEIRA, 2007a, p. 10). Aqui podemos notar a transição e a chegada da modernidade para a cidade de Pedro Afonso. Anteriormente ao ano de 2007, para ter acesso à cidade, era necessário atravessar o Rio Tocantins numa balsa, como mostra a Figura 25-B. Como lembra a entrevistada B:

[...] a gente atravessava na balsa na pipis e depois veio a construção da ponte, pra mim aquilo ali foi um progresso, um bum em Pedro Afonso, a construção da ponte no Rio Tocantins. Foi um fato muito importante, porque ligou Pedro Afonso, deu mais agilidade a tudo, do que ficar esperando aquela balsa na beira daquele rio a maior dificuldade, as pessoas adoeciam e era muito triste ver as pessoas assim. Às vezes perdiam a vida no rio, esperando aquela balsa chegar. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

A balsa foi útil como meio de transporte que a população tinha na época, mas que ainda traz memórias dolorosas com acontecimentos que poderiam ter sido evitados se não fosse o tempo de espera da balsa.

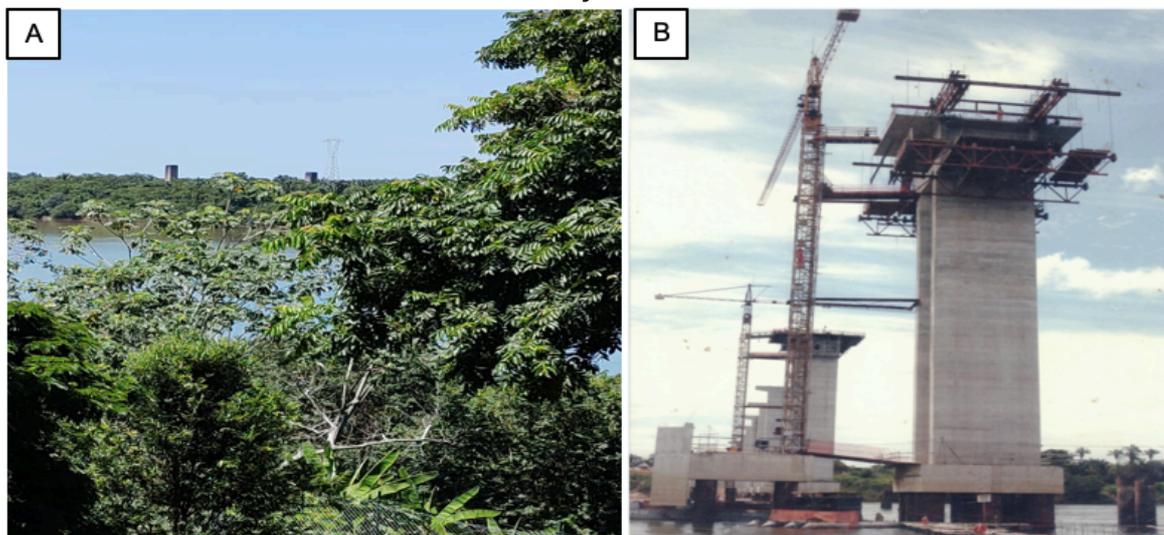
A Figura 26 mostra os pilares da primeira ponte, iniciada na década de 1970, mas não concluída.

Com o advento da BR-153, Belém-Brasília, na década de 1950, Pedro Afonso, distanciada da rodovia, sofre expressivo declínio com evasão de habitantes, reativando-se o progresso, **a partir de 1979, com a inauguração de uma ponte sobre o Rio do Sono e início das obras da ponte no Rio Tocantins**, melhorando, destarte, as vias de comunicação. (IBGE, 2020, p. 1, grifo nosso).

No grifo da citação, podemos verificar que o projeto da construção da ponte é antigo, mas nunca havia sido concluído devido às gestões políticas da época. Hoje é uma marca visível na cidade de Pedro Afonso, tendo permanecido apenas as ruínas de uma construção inacabada, mas no papel a ponte constava como concluída.

Na Figura 26-A, após o rio, entre as matas podem ser vistas duas colunas, os primeiros pilares levantados do início da primeira ponte em 1970.

Figura 26 – Ruínas dos pilares da ponte não concluída de 1970 e os pilares da nova ponte em construção em 2007



Fonte: Figura A - Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 10-02-2020 e Figura B - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso.

Nota: Figura A - Ruínas das pilastras da primeira ponte sobre o Rio Tocantins na década de 1970. Figura B - Início da construção da nova ponte que liga Tupirama a Pedro Afonso em meados de 2007.

Para conseguir algum financiamento para Pedro Afonso, os governantes utilizavam o discurso da distância e a falta de acesso como argumentos para conseguir verbas públicas. Como lembra Miranda (1973, p. 20), “a distância e a falta de transporte eram sempre os argumentos apresentados quando se pretendiam algum melhoramento, uma ajuda”

Com a construção da ponte ligando as rodovias BR-153, BR-010 e BR-235, houve aumento significativo da população de Pedro Afonso (Figura 27). Como afirma Oliveira (2007a), no ano de 2005 a população de Pedro Afonso era estimada em 9.019 habitantes. Já em 2019, este número aumentou para 13.578 habitantes. Conforme lembra a entrevistada B:

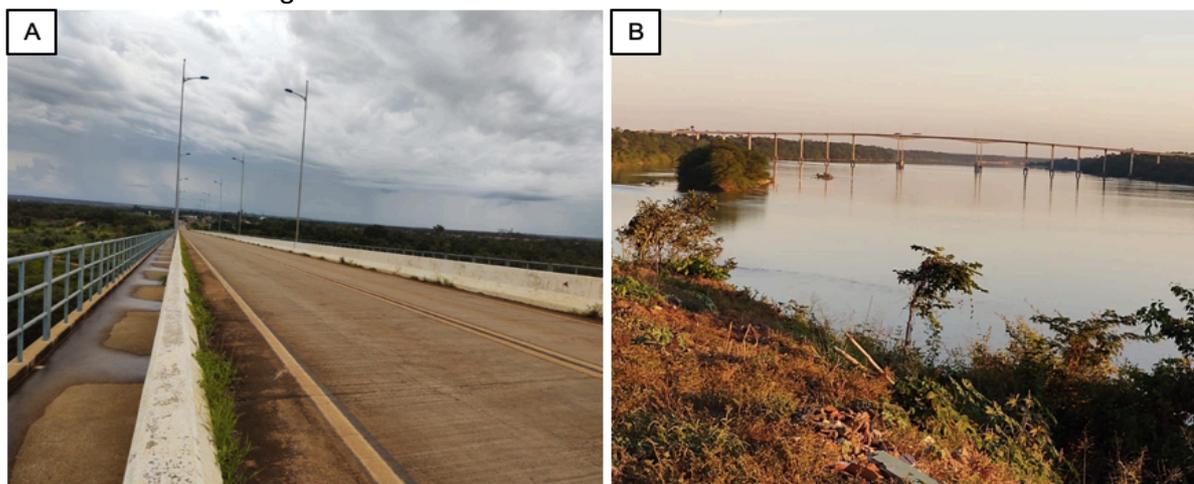
A construção da ponte sobre o Rio Tocantins pra mim foi um dos melhores, ou senão um dos mais importantes progressos que eu vi chegar a Pedro Afonso. Melhorou o fluxo, a saída e a entrada de Pedro Afonso. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

Por outro lado, o custo de vida na cidade também aumentou como afirma o entrevistado G:

Um dos legados da Bunge e da Coapa foi a supervalorização da cidade, nossa cidade é muito cara, extremamente cara, tem um aluguel e uma alimentação muito caros. Existia uma fala em Pedro Afonso que dizia que quando a ponte fosse implantada, que foi implantada em 21 de dezembro de 2007, as coisas iriam baratear em Pedro Afonso, diziam que a logística de trazer e passar na balsa e sua travessia era o que tornava os produtos muito caros. Mas pelo contrário, depois que implantou a Bunge e a ponte foi inaugurada, os preços dobraram. Pedro Afonso é uma cidade muito cara eu acho que o lado ruim da nossa cidade, o legado talvez a essas especulações trouxeram tanto a Bunge como o Prodecer. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

O entrevistado trás um desabafo quanto aos elevados custos que a cidade sofreu com a construção da ponte e a presença das duas empresas.

Figura 27 – Ponte Prefeito Leônicio de Souza Miranda



Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento. Figura A - 12-02-2020, Figura B - 18-06-2021.

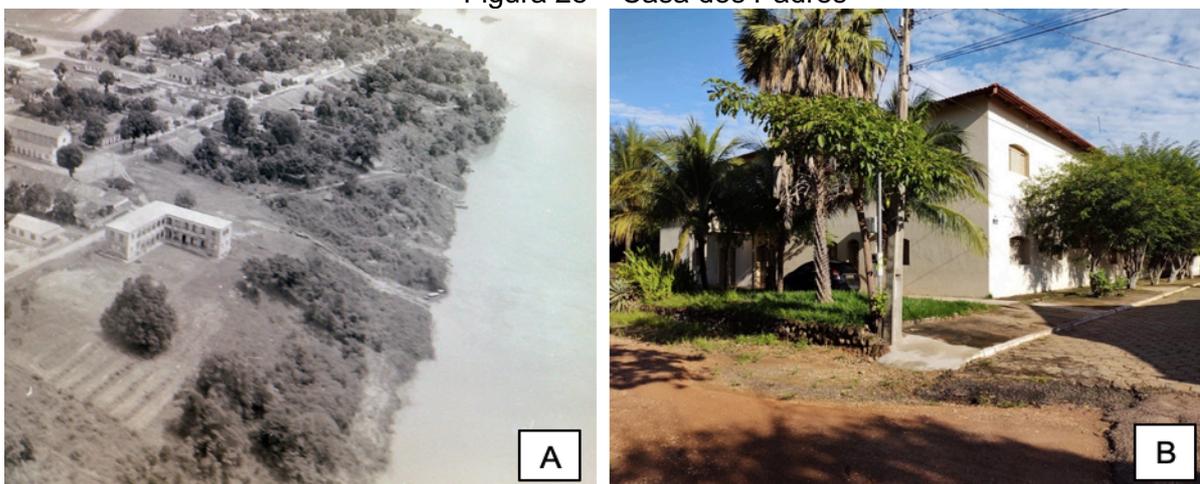
A construção da ponte é lembrada como um marco histórico e de modernidade como afirma a entrevistada E,

Um marco histórico também foi a inauguração da ponte sobre o Rio Tocantins, porque nós sofriamos muito com a questão de balsa e da travessia do Rio Tocantins, de acesso ao Tupirama e à BR-153. (Entrevistada E, 2021, informação verbal).

A ponte que liga Tupirama a Pedro Afonso foi inaugurada no dia 21 de dezembro de 2007 com a presença de personalidades locais e governantes públicos. Vários foram os fatores que ajudaram a postergar o processo de urbanização ou mesmo a crescente modernização na cidade de Pedro Afonso.

Talvez isso seja uma das inúmeras justificativas de permanência de imóveis com o mínimo possível de modificação em sua estrutura, como é o exemplo da Casa dos Padres fundada na década de 50. A primeira construção compunha-se de dois andares em sua estrutura original como mostra a Figura 28.

Figura 28 – Casa dos Padres



Fonte: Figura A - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Figura B - Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 10-02-2020.

Nota: Figura A - Fotografia aérea, Casa dos Padres. Figura B – foto atual da frente da Casa dos Padres.

A Figura 28-A mostra a estrutura da casa dos padres logo após sua construção, já figura 28-B mostra a casa dos padres nos dias atuais. Percebemos que, mesmo em virtude do tempo, houve poucas modificações internas e externas. Julgamos que nos anos que antecedem 2007, ano da construção da ponte, o acesso era mais difícil, sendo feito pelo Rio Tocantins e pelo Rio do Sono por meio de balsas, botes, voadeiras, entre outros. Possivelmente esta seja uma das hipóteses de terem sido prolongadas por mais anos as mudanças na paisagem, visíveis nas estruturas físicas representadas pelos monumentos.

Segundo relatos dos moradores, após a construção da ponte, houve aumento contingencial da população e, com isso, ocorreram demolições na área histórica. Neste sentido, “cidade é uma das formas de materialização da relação entre o homem e o ambiente natural, que configura o conceito de paisagem, uma paisagem que é construída temporalmente no âmbito das relações sociais”. (NASCIMENTO; BALSAN, 2017, p. 131).

Pedro Afonso tem algumas características de uma cidade histórico-resiliente, destacando-se os seguintes aspectos: é uma cidade não patrimonializada pelo

órgão de proteção do patrimônio, tem um caráter histórico memorável, há presença de monumentos históricos anteriores à década de 1960 e tem um patrimônio imaterial como as celebrações Devoção a Maria, Festejo de São Pedro e Reza do Divino Espírito Santo, entre outros, que são sustentados pelos cidadãos da geração atual. Com essas classificações, torna-se uma representatividade local e regional para a disseminação da sua cultura.

Outra marca evidente em Pedro Afonso é o casarão verde, o imóvel pertencente a Clóvis Tavares Noleto, um líder político da Família Noleto, uma família tradicional de Pedro Afonso. Esse casarão está localizado na Rua Benjamin Constant, avenida principal com a Rua Anhanguera na lateral.

O imóvel é extenso, ocupa quase a quadra inteira “[...] é considerado o segundo imóvel mais importante em termos de preservação da cidade de Pedro Afonso. (ROCHA, 2020, Informação verbal)⁵². (Figura 29).

Figura 29 – Casarão da Família Noleto



Fonte: Dados da pesquisa. Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 10-02-2020.

Nota: Figura A – Frente da residência Noleto, localizada na Rua Benjamin Constant. Figura B – Lateral da residência Noleto na Rua Anhanguera.

O casarão da Figura 29 pertence ao senhor Clóvis Tavares Noleto, mais conhecido em Pedro Afonso como casarão da família Noleto. Podemos perceber o beiral em tonalidade branca abaixo das telhas, que segue toda a estrutura do imóvel, um item marcante nos imóveis de origem colonial “[...] os beirais protegiam da chuva as paredes de taipa ou de pau-a-pique” (COLIN, 2010, p. 20). A eira é um pequeno

⁵² Informação extraída por meio de entrevista oral realizada para a coleta de informações desde estudo.

quintal no fundo da casa; a beira corresponde a uma decoração em alvenaria (COLIN, 2010).

Uma casa com eira e beira indicava posses, os imóveis com essas características geralmente pertenciam à alta sociedade. A expressão sem eira, nem beira veio desta época⁵³. Outra característica vista neste imóvel é a presença de telhas coloniais, que têm uma técnica manual para sua produção, cozida e secada ao sol.

Na Figura 29 - A, podemos notar uma descaracterização na paisagem pertencente ao imóvel dos Noletos. Sua estrutura anterior era inteiriça até a última casa vista na imagem, cor creme com marrom. Em razão das descaracterizações, houve algumas mudanças como a retirada das beiras, a cor da pintura e a troca dos telhados coloniais para telhas em cerâmica, visto nas demais casas após o casarão verde.

Outra descaracterização foi a demolição do mangal, local que ficava às margens do Rio Tocantins, servindo como mata ciliar de proteção. Este espaço é lembrado devido aos diversos eventos festivos realizados neste local, principalmente no período da tarde. Por ser um local fresco e arborizado, cheio de pés de manga, impedia a entrada dos raios solares, local ideal para ficar enquanto se tomava banho no rio. Era o ponto de encontro nos finais de semana da população pedro-afonsina. Como rememora com muita tristeza a entrevistada A

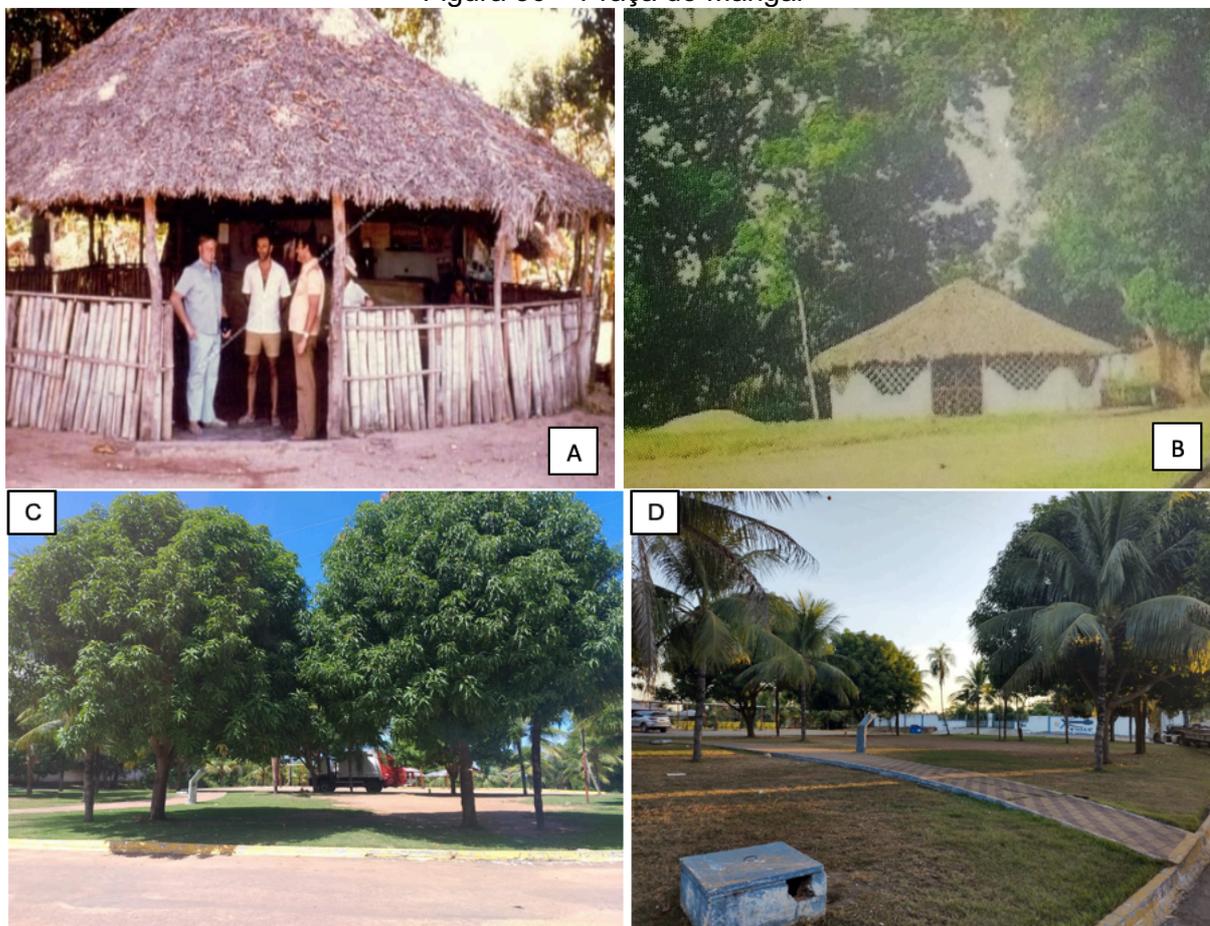
Agora uma coisa que me entristece muito foi a destruição do mangal, que era aquela praça perto da antiga balsa. Quando eu cheguei, ainda convivi uns três anos com o mangal, a gente ia lá, então eu fiquei muito triste, eu acho que muita gente ficou. (Entrevistada A, 2021, informação verbal).

Sua existência torna-se um valor simbólico e histórico, pois era considerada um “santuário ecológico, ponto turístico e cultural dessa cidade, a Praça do Mangal [existia] desde antes da década de 1930 e é composta por mangueiras da espécie comum também chamada de manga de porco.” (BUNGE, 2014, p. 82). Era um local onde eram comemoradas festas, carnavais, comícios, entre outras celebrações. Próximo ao Mangal estava o matadouro municipal e um bar tradicional na cidade, da

⁵³ Essa expressão é utilizada até hoje para conotar um sentido de que alguém não tem nada, alguém sem posses, “sem eira nem beira”.

dona Nilcinha e seu Vicente, bastante frequentado pelas pessoas que estavam na Praça do Mangal.

Figura 30 – Praça do Mangal



Fonte: Acervo pessoal de Lourivan Castro Figuras A e B, arquivo pessoal de Fabrício Souza. Figuras C e D - Núbia N. do Nascimento.

Nota: Figura A - Espaço onde se localizava o mangal, 1966. Figura B – Praça do Mangal, 1980. Figuras C e D – Mangal nos dias atuais.

Anualmente havia o festival do mangal, quando as mangas eram colhidas e preparadas para serem servidas como sucos, doces e o próprio fruto disponibilizado para a população local.

Após a construção da Ponte Prefeito Leôncio de Souza Miranda, houve a aniquilação das mangueiras. Com a ausência deste símbolo memorável, a população se mobilizou resultando no restabelecimento da praça, conforme a Lei 026/2011 “[...] 21 de setembro de 2011, e houve restauração de parte do patrimônio, com o plantio de 21 mangueiras. Hoje, a praça pode ser visitada por turistas e moradores.” (BUNGE, 2014, p. 82). Atualmente a praça conta com dez pés de

mangas, que foram plantadas pela população em resposta ao protesto de terem sido aniquiladas as mangueiras existentes anteriormente.

Outro marco, o Mercado Municipal era uma das principais fontes de renda para os cidadãos comerciantes. Era considerado a principal loja/mercado/mercearia em que os pedro-afonsinos faziam o abastecimento dos seus mantimentos diários.

É necessário ressaltar que o Sr. Pedro Tavares dos Reis deixou em sua passagem, como autoridade Municipal, uma boa parcela de melhoramentos. Construiu o Mercado Público dotado de todas as divisões indispensáveis ao funcionamento, o qual ainda existe, tendo apenas recebido ligeiras modificações e nova pintura. (MIRANDA, 1973, p. 58).

O mercado municipal atual, em Pedro Afonso, difere muito do mercado na década de 50 e 60. Nesta época, não havia muitas variedades nas bancas em que eram comercializadas as mercadorias “[...] não tinham muita escolha, eram poucas as variedades de cada objeto no máximo três tipos para se escolher [...]” (CASTRO, 2018, p. 8).

Figura 31 – Mercado municipal de Pedro Afonso



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso (Figuras A e B). Figuras C e D – fotos tiradas por Núbia N. do Nascimento 19-06-2021.

No mercado municipal as mercadorias e especiarias eram postas em cima de um balcão à mostra, para que o cliente pudesse conferir e verificar a qualidade do produto. As lojas que tivessem mais quantidade de mercadorias em sua porta exposta nos balcões eram consideradas de uma grandeza visual. Assim, atraíam os clientes, conseqüentemente eram as bancas que tinham mais rentabilidade nas vendas. Conforme as memórias relatadas por Rodrigues (1987), o professor⁵⁴ que o recebeu na cidade afirma que “[...] Pedro Afonso era uma grande cidade, muito comercial, e que o planalto coberto de mato que víamos, fora outrora cheio de casas e população densa” (RODRIGUES, 1987, p. 141).

⁵⁴ Em Pedro Afonso, Lysias não menciona o nome do professor, apenas cita sua acolhida e como foi recebido. A obra “O roteiro do Tocantins” traz as memórias de Lysias Rodrigues (1987) detalhadas em formato de roteiro de viagens, sua rota e suas observações sobre as cidades que percorreu durante os voos realizados. Importante ressaltar que o Brigadeiro foi encarregado de fazer um estudo de mapeamento dos locais propícios para a instalação dos campos de pouso (aerportos).

Conforme Azevedo (1992, p. 63), “os aglomerados urbanos eram, antes de tudo, o lugar onde se faziam as compras indispensáveis ao bem-estar dos habitantes e onde se realizavam os negócios, como também o ponto de concentração da vida religiosa”. O autor ainda destaca que a função comercial e religiosa teve importância no conjunto das vilas e cidades coloniais.

O fluxo comercial era um dos pontos fortes na cidade, e as mercadorias mais comercializadas na época eram “café, açúcar, fumo, sal, querosene, panela de ferro, tecidos e armarinhos em geral” (CASTRO, 2018, p. 8). De acordo com esses produtos mais vendidos na época, percebemos que a cidade ainda não havia passado por um processo de modernização, uma vez que o consumo do querosene provavelmente era para o abastecimento de luz na cidade por meio de lamparina e lampião. A panela de ferro, destacada aqui, torna-se mais um objeto que antecede os processos de modernização, apesar de ainda ser bastante utilizada nos dias atuais, pois remetia a uma época do uso do fogão caipira, conhecido também como fogão a lenha.

Nos dias atuais, percebemos que o mercado público da cidade sofreu modificações e perdeu sua principal função original, a venda de produtos primários. Hoje é constituído por uma galeria conhecida como o shopping da cidade, cuja função é mercadológica, compreendendo vários departamentos internos de vários segmentos, incluindo utensílios de casa, mesa, banho, loja de roupas, entre outros.

O antigo mercado municipal abria às 5h da manhã e era famoso pelas diversidades de açougue; o senhor Gerson Ribeiro da Silva e o senhor Gilberto Borges de Pádua eram os açougueiros (CASTRO, 2018). Para garantir a compra da carne fresca, os consumidores enfrentavam uma fila e tinham de chegar cedo, 3h da manhã até o mercado abrir e também precisavam levar uma vasilha para o recebimento da carne fresca, pois os açougues não tinham embalagens. Neste período, nota-se ausência do consumo de carnes congeladas, produtos enlatados e industrializados. Por falta de energia elétrica, conseqüentemente, o não uso da geladeira tornava-se um fator crucial para o uso da carne de sol.

Figura 32 – Quiosques ao lado do Mercado Municipal



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Data da fotografia julho de 2001.

Na Figura 32, podemos perceber uma confluência entre o moderno composto pela inclusão dos quiosques na lateral do mercado. Depois que o Mercado Municipal passou por uma reforma, foi aos poucos perdendo suas características originais. Como lembra a entrevistada C:

[...] antes tinha um mercado municipal aí na gestão do Dr. Belarmino foi transformado em um minishopping. E, hoje funciona umas lojinhas de calçados, roupas e papelarias. Então o que era o antigo mercado municipal foi transformado. Isso aí, eu acho que não foi um fator positivo. Que onde o pessoal da roça, da zona rural trazia seus produtos para serem negociados e agora ficou sendo na feira, que foi construída no local onde estão sendo vendidos os produtos. (Entrevistada C, 2021, informação verbal).

Neste sentido, foram construídos quiosques ao lado do mercado, que são dirigidos por trabalhadores que vendem comidas típicas da região como chambari e caldos. Neste sentido, são rememoradas as tradições anteriores existentes, mais um exemplo simbólico mostrado pela paisagem da cidade.

Tem-se também a Charqueada, como era conhecido o matadouro da cidade, um símbolo marcante para sociedade pedro-afonsina. Inicialmente a produção de carne bovina era comercializada para o consumo em Pedro Afonso, mas logo se estendeu para os frigoríficos de outros estados, como, Belém (PA), São Luís (MA), Fortaleza (CE), Manaus (AM) e até exportações para outros países como Caiena, na Guiana Francesa.

Eram abatidas diariamente cerca de 80 e 100 cabeças de gado. Toda a mercadoria era transportada por barco e, após a construção do aeroporto da cidade, a mercadoria passou a ser transportada também por via aérea “[...] comercializando a carne fresca para os frigoríficos. Essa atividade trouxe desenvolvimento para toda a região bonjesuína” (BUNGE, 2014, p. 54).

Figura 33 - Matadouro público de Pedro Afonso⁵⁵



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso.

Maranhão (1990) discorre sobre a localização da instalação da charqueada - “na margem oposta do Rio do Sono, havia sido instalada uma charqueada, a fim de fornecer carne verde a Belém, cuja empresa contribuía para aumentar o movimentado trânsito comercial, com o grande número de bois que ali eram vendidos.”

Em razão da construção da Belém - Brasília, as cargas passaram a ser transportadas em carretas via terrestre. Conforme a Bunge (2014), em 1965 houve uma tentativa de inovação das produções com a fabricação de salsicha, mortadela e linguiça, mas não prosperou, vindo à falência em 1972, causada pela falta de procura e pelos prejuízos causados pela queda de seis aviões que transportavam a carga de carnes. O fechamento do Matadouro (charqueada) “[...] trouxe dificuldades para o município, que viu sua principal fonte de recursos e trabalho ser encerrada”. (BUNGE, 2014, p. 54).

Na citação a seguir veremos o valor que tinha o gado no comércio:

⁵⁵ O antigo matadouro hoje é a atual sede da Cooperativa Agroindustrial do Tocantins (COAPA).

Se no Pará e Amazonas é a borracha, no Maranhão, o babaçu, a economia básica, por ora, nesta região, é ainda uma indústria empírica em formas rotineiras, ao léu, sujeitas a todas as intempéries e falta de proteção. Apesar de forte, vivo e ligeiro, é pequeno o boi, por falta de cruzamento com outras raças mais recomendáveis pelo peso e precocidade, que é o que interessa a essa indústria. **Aqui, há tempos em que os criadores chegam a perder a metade e mais dos seus rebanhos. Em certos meses do ano, julho-agosto-setembro, os pastos nativos secam e o gado “toca”. Nessa época é que se verifica a maior perca.** (ABREU, 1973 *apud* MIRANDA, 1973, p. 91, grifo nosso).

Na citação grifada, podemos notar a preocupação da fala do deputado João D' Abreu, citado no livro de Anna Britto Miranda (1973). Neste período, a produção de gado já não estava dando tanto lucro em virtude dos pastos secos principalmente nos três meses mais quentes do ano no estado do Tocantins.

Podemos notar aqui um dos primeiros indícios para uma nova industrialização para região.

O Município de Pedro Afonso que rendia, em 1930, a insignificante quantia de 7 contos e 721 mil réis, no ano de 1937, aumentou para 247 contos, 185 e cem réis, sendo que a renda geral da região, em 1930, foi de 139 contos, 826 mil e 311 réis, passando a ser em 1937 de 866 contos, 433 mil e cem réis. Foram exportados, em 1937, para os Estados da Bahia, Piauí e Maranhão - 36.136 bois, e para o sul do Estado mais de 6.000 cabeças de gado de corte. Para o Estado do Pará foram exportados 830.478 toneladas de babaçu, mais de 10.000 peles de animais silvestres e couro de gado, e 5.000 quilos de crina⁵⁶. (MIRANDA, 1973, p. 59).

Pedro Afonso contava com uma produção em larga escala nos matadouros. Este período deixou marcas na cidade, sendo visto até os dias atuais com as comemorações das vaquejadas e as exposições agropecuárias, fruto de uma tradição antiga deixada pela memória da charqueada. Como lembra a entrevistada B, “a charqueada ainda existe, sempre que a gente vai na chácara do cunhado a gente passa pela charqueada, para onde o matadouro mandava carnes para Belém e várias localidades, de avião” (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

Com abertura das rotas de aviação na década de 1930, Lysias Rodrigues faz em seu livro “Roteiros do Tocantins” relatos de suas viagens aéreas. Um dos primeiros aeroportos do estado do Tocantins foi construído no local da atual Praça

⁵⁶ Pelo flexível do cavalo e de alguns outros tipos de animais.

Lysias Rodrigues em Pedro Afonso. A praça recebeu este nome em homenagem ao comandante Coronel Lysias Augusto Rodrigues, natural do Rio de Janeiro. O comandante Major-Brigadeiro-do-Ar fazia o percurso pelas cidades do norte goiano seguindo a rota, passando por sete estados brasileiros. Saindo do Rio de Janeiro, fazia conexão nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará. No norte goiano, passava por seis cidades: Paranã, Peixe, Porto Nacional, Tocantínia, Pedro Afonso e Tocantinópolis (Figura 34). Todas as cidades que faziam a rota no Tocantins eram cidades ribeirinhas, ou seja, as cidades mais populosas entre as décadas de 1930 a 1960.

Este piloto foi tão importante para a memória do estado que o nome do atual aeroporto de Palmas é Lysias Rodrigues, em homenagem a este Major-Brigadeiro-do-Ar.

Figura 34 – Mapa da rota aérea feita por Lysias Rodrigues



Fonte: BRASIL (2020).

Em uma das idas a Pedro Afonso, Lysias Rodrigues relata em seu livro “Roteiro do Tocantins”, cujas falas remetem à cidade:

Como tivéssemos resolvido pousar aqui e não tivéssemos cartas de recomendação para pessoa alguma, resolvemos logo que subimos a escorregadia barranca do rio dirigimo-nos ao prefeito para pedir-lhes pousada. Um menino guiou-nos até lá. Decepção. A cara metade do prefeito informou-nos que ele estava viajando e, sabendo o que queríamos, indicou-nos o professor local como capaz de resolver o problema [...]. **O professor deu-nos um jantar de emergência, que muito apreciamos, e como estávamos molhados até os ossos, apressamo-nos em tirar a roupa e mudar o pijama. Ainda conversamos muito com o professor**, dizendo-lhe nossa missão, o que pretendíamos; disse-nos ele que tinha 60 alunos na sua bem montada escola. (RODRIGUES, 1987, p. 140-141, grifo nosso).

Nesta citação, na parte grifada, podemos perceber a forma como o Coronel foi recebido pelo professor, que lhe ofereceu um jantar e roupas, como agasalho para dormir. Na fala, o professor menciona “[...] sua escola bem montada [...]”, referindo-se ao Colégio Cristo Rei, que era a única escola com maior quantitativo de alunos naquela época.

De acordo com Miranda (1973), foi em 19 de novembro de 1935 que aterrissou em Pedro Afonso o avião denominado VACO – C-S-G, pilotado pelo Coronel Lysias Rodrigues, auxiliado pelo tenente Soriano Bastos. Este acontecimento gerou muita expectativa com a presença em massa da população para presenciar o pouso.

Foi assim que, de 1930 a 1934, começou a nova marcha para o progresso do município. Em 1931, desembarca em nosso porto, vindo pela lancha Benvinda o Cel. Lísias Rodrigues, acompanhado dos senhores Blotner Loremzer e Soriano Bastos. Vinham incumbidos da escolha do terreno destinado à construção do futuro aeroporto local. (MIRANDA, 1973, p. 51).

A Figura 35 mostra a pista em que o coronel Lysias Rodrigues fazia pouso na cidade de Pedro Afonso. Conforme Teixeira, no prólogo do livro de Miranda (1973, p. 14), “os pedro-afonsinos veem pela primeira vez aterrissar um avião, pilotado pelo coronel Lysias Rodrigues, do Correio Aéreo Nacional (CAN), no aeroporto de seu nome.”⁵⁷

⁵⁷ Estrutura ortográfica correspondente ao ano de 1973.

Figura 35 – Pista do Aeroporto de Pedro Afonso



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Fotografia do ano de 1968.

A inauguração do aeroporto de Pedro Afonso foi uma marca registrada na memória da população “[...] em homenagem ao herói dos céus norte-goiano, foi, com muita honra, dado ao aeroporto o nome de Cel. Lísias Rodrigues” (MIRANDA, 1973, p. 51). Assim, o progresso havia chegado, pois com as rotas, a cidade começou a exportar a carne abatida no matadouro local para outros estados e até países. E também facilitava o transporte de políticos para algum ato de realização em outras cidades e estados, uma vez que o único transporte utilizado naquela época era o fluvial, por meio de barcos.

Como afirma Oliveira (2007a, p. 6), a “região periférica do Estado de Goiás, o antigo norte passou diretamente da canoa e do cavalo para o avião, pois conheceu primeiro o transporte aéreo para só depois conhecer o rodoviário”. Neste argumento, a autora tece uma crítica sobre o desenvolvimento do norte esquecido, onde na década de 1930 o transporte aéreo já existia, mas as estradas não eram pavimentadas, e o acesso à cidade acontecia pelo ar e pelo rio, não por terra.

Figura 36 – Acidente aéreo em Pedro Afonso



Fonte: Figura A - Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento em 11-02-2020. Figura B - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso.

Nota: Figura A – Local do acidente nos dias atuais. Figura B – Acidente em 1975.

No dia 17 de junho de 1975, Pedro Afonso foi palco de um trágico acidente aéreo que levou a quatro óbitos. Uma aeronave da Varig atingiu uma casa de esquina, localizada entre a Rua Constâncio Gomes e a Rua 26 de julho. Este acontecimento é lembrado até hoje pelos cidadãos pelo fato de a cidade nunca ter sofrido um acidente deste porte, gerando comoção e muita tristeza para população local. Completa o Portal CNN (2015) [...], foram ceifadas vidas humanas, uma jovem mulher, duas crianças cheias de sonhos e o copiloto, um trabalhador, todos eles vítimas de uma aterrissagem mal-sucedida no centro de Pedro Afonso (Figura 36-B). Este acontecimento fez parte da memória da entrevistada

O que me marcou foi a queda do avião, eu acho que era o último voo da Varig, não sei bem qual a empresa, mas era um avião muito grande. Eu acho que eu era muito pequena e na época nós saímos correndo “o avião caiu, vai explodir” e nós saímos correndo tudo para beira do rio (risos). Depois não, não.... o avião já caiu, já entrou na casa e matou alguém então foi uma coisa que ficou, aquela cena daquele avião enorme dentro daquela casa, aquela multidão. Eu lembro que não sabia se ficava na praça vendo o avião ou se ia para o hospital ver as pessoas acidentadas. Na época estávamos todos em casa e aí não tinha telefone, a notícia era assim e nós saímos correndo para beira do rio, minha mãe, meu pai, vamos, vamos pra beira do rio, vamos nos afastar ao máximo possível. Aí depois, não o avião já caiu entrou na casa, matou a mãe do seu Zé de Moura que hoje é desembargador e parece que uma das filhas. Esse foi um dos fatos bem marcantes, eu era criança, mas presenciei na época. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

Já o entrevistado D:

Outro fato que eu presenciei foi em 17 de junho de 1975, quando um avião não conseguiu pousar na pista inteira e atingiu várias casas. Atingiu uma casa e matou quatro pessoas, então foi um fato marcante que eu tenho na minha memória. (Entrevistada D, 2021, informação verbal).

Na concepção do entrevistado H, que não nasceu em Pedro Afonso, mas que se sente pertencente à cidade

É uma história também que de pequenos aos adultos e idosos contam muito foi a queda do avião da Varig na praça Coronel Lysias Rodrigues, as pessoas que vivenciaram isso nessa época, eles relatam como se fosse ontem o acontecido, e marcou. É impressionante como isso impactou as pessoas, não exatamente a mim porque eu não vivia nessa época aqui, né, mas impactou de uma forma e isso vem passando de geração em geração, as crianças, os filhos das pessoas nascem contando essa história, é impressionante como isso marcou a vida de Pedro Afonso. (Entrevistado H, 2021, informação verbal).

Na Figura 36-A, está localizada a Praça Lysias Rodrigues de frente para avenida. No final da praça, podemos observar uma casa de muro na cor branca/creme. Neste local, ocorreu a tragédia que marcou a cidade no ano de 1975.

Após esta tragédia, o aeroporto mudou de local, para um lugar mais distante do perímetro urbano, com o objetivo de evitar futuros acidentes. No final da pista do antigo aeroporto, onde hoje se localiza a Praça Coronel Lysias Rodrigues, há alteração da paisagem original, dando início a uma nova configuração do espaço. Assim, a paisagem alterada em uma cidade abrange várias áreas de urbanização de planejamento urbano e de arquitetura do lugar.

Para Cavalcanti (1998, p. 88), os conceitos de paisagem, região, espaço, lugar e território “não são exclusivos da ciência geográfica, sendo utilizados, também, por outras ciências e pelo senso comum, de diferentes formas e com diversas acepções”. Milton Santos traz uma definição memorável sobre espaço

O espaço é formado por um conjunto indissociável [...] de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. [...] É um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes. [...] Sistemas de objetos

e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes (SANTOS, 2008, p. 63).

Portanto, paisagem e espaço não são sinônimos: “a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas que a vida anima” (SANTOS, 1997, p. 83). Conforme Santos (1980, p. 122):

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo [...] e que se manifestam através de processos e funções.

Conforme o autor, o testemunho histórico se dá pelo seu relato, ou mesmo pela sua contribuição deixada por processos, processos esses que denominamos aqui de “documentação do sujeito vivo”. Ou seja, a história oral é uma fonte documental preciosa e passível de revelações sobre o passado e um possível futuro. A documentação do sujeito vivo são os relatos orais obtidos pelo estudo exploratório por meio da sua vivência na cidade. Essa vivência é tida por meio da experiência relacionada à prática, ou mesmo pelos relatos documentais passando de geração a geração. Esses relatos podem ser obtidos pela oralidade ou mesmo por documentações como suporte para o conhecimento como os documentos avulsos, jornais, escritas locais entre outros.

A Figura 37 mostra como era a BR-235, ainda em cascalho, antes da pavimentação. Foi um período de descobertas das terras férteis para plantação e colheita farta.

Figura 37 – Rodovia BR - 235 – Pedro Afonso



Fonte: Figura A - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Figura B - Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 11-02-2020.

Nota: Figura A - Rodovia na década de 50-60. Figura B – Rodovia nos dias atuais.

A entrevistada A afirma que o elo de comunicação entre Pedro Afonso e outras cidades se deu pelo Prodecer. Em sua opinião, a estrada fez Pedro Afonso sumir do mapa.

[...] antigamente se não fosse Pedro Afonso não existia esse elo de comunicação, de negociação, com o norte mesmo, naquela região de Carolina, Filadélfia. Por que antes da BR realmente não tinha comunicação, né, embora todo mundo diz que a BR fez Pedro Afonso sumir do mapa e o Prodecer trouxe de volta a visibilidade, mas antigamente a gente até sabe que tinha voos semanais. Então é histórico pela trilha de desenvolvimento que ele trouxe do passado... eu acho.... (Entrevistada A, 2021, informação verbal).

Ainda afirma que a comunicação já existia bem antes da construção da BR-235, em virtude dos voos existentes na cidade.

A autora Miranda (1973) traz um relato de como eram a vida, o transporte e a falta de desenvolvimento da sociedade por meio dos acessos até chegar a Pedro Afonso. O primeiro marco, entre os anos de 1858 e 1869, à cidade interiorana do norte goiano passou por um esquecimento. Mas se reergueu economicamente em meados de 1914 com a comercialização do látex, peles de animais e exportação da carne. O último período de 1910 a 1948 é marcado pela agricultura de subsistência. Assim, Pedro Afonso passou por períodos de florescimento e decadência

Fôsse pelas dificuldades insuperáveis de transporte, ou pela pobreza econômica do Norte, pela deficiência de pessoal, ou por outros fatores que não vem a pelo examinar, **o primeiro ciclo de centralização dos serviços fazendários na própria mesopotâmia setentrional** do Estado findou sem que, tecnicamente, se procurassem maiores e melhores explicações. (MIRANDA, 1973, p. 68, grifo nosso).

Esta citação foi um esclarecimento da autora se referindo à Lei nº 482, de 21 de julho de 1914, que deu o tiro de Misericórdia na Mesa de Rendas⁵⁸. No artigo primeiro desta lei, Miranda (1973) relata a subordinação direta da cidade de Pedro Afonso à Secretaria de Finanças de Goiás. Neste primeiro artigo, notamos a total indignação da autora perante o abandono do norte, uma vez que o Norte só servia para arrecadação de renda para os homens públicos de Goiás na época.

Um detalhe interessante diz respeito a uma metáfora que a autora faz ao comparar a Mesopotâmia com a cidade de Pedro Afonso, uma vez que a Mesopotâmia está situada entre os Rios Tigres e Eufrates e Pedro Afonso, entre Rio Tocantins e o Rio do Sono. Outro pronunciamento desmerecendo as terras do norte é do Presidente João Alves de Castro⁵⁹, em 1858, em mensagem ao Congresso, afirmou o Magistrado:

Reunindo-se as parcelas correspondentes às coletorias do Norte, verifica-se que o total da arrecadação aí montou na insignificante quantia de 60:904\$765⁶⁰, ou seja pouco mais de dois por cento da receita do Estado, um pouco mais da metade que rendeu a coletoria de Catalão. “Continua sem solução, portanto, o problema fiscal da zona Norte”, **não se podendo compreender como é que essa região das mais florescentes no tocante à indústria animal e que pode ser considerada o celeiro de uma vasta porção dos Estados que com ela confinam**, concorre com tão diminuta quota para as finanças do Estado, insuficiente para o custeio dos próprios serviços [...] (MIRANDA, 1973, p. 68-69, grifo nosso)

Na citação anterior, podem ser percebidos o descaso e o abandono da cidade entre 1858 e 1869, alegando que as despesas de Pedro Afonso eram altas e

⁵⁸ “a Mesa de Rendas” é uma nomeação utilizada para fiscalização de receitas públicas, mais informações. Disponível em: <https://legisla.casacivil.go.gov.br/public/arquivos/8328>. Acesso em: 7 abr. 2020.

⁵⁹ Foi um político ativo na província de Goiás, eleito deputado para as legislaturas 1894-1896 e 1897-1899. Entre várias outras ocupações, foi secretário da Instrução Pública durante o governo do presidente estadual Miguel da Rocha Lima (1905-1909). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CASTRO,%20Jo%C3%A3o%20Alves%20de.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2021.

⁶⁰ Sessenta milhões, novecentos e quatro mil e setecentos e sessenta e cinco reis.

contava com baixa arrecadação para o estado de Goiás. Ou seja, a exposição por não trazer muitos lucros no período escasso da economia da cidade era então motivo de cobrança ou mesmo de julgamento por não manter os rendimentos e dar um retorno financeiro ao estado.

Os primeiros indícios de agricultura nos solos de Pedro Afonso foram evidenciados pela família “Braços fortes”. Esta família doou algumas posses de terras a Frei Rafael de Taggia com a finalidade de cultivar alimentos de subsistência. Com o decorrer dos anos, “não tardou que fossem transformadas em grandes lavouras as matas da região do caudaloso Tocantins [...]” (MIRANDA, 1973, p. 23).

Após a notícia ter se espalhado para outras regiões sobre a possibilidade de plantio e solo fértil, a cidade começou a crescer: “logo chegou a notícia da fertilidade do solo, a riqueza de suas pastagens, aos Estados vizinhos, diversos foram os interessados que para aqui vieram com suas famílias e seus bens” (MIRANDA, 1973, p. 23).

Nos dias atuais, na rodovia BR-235, depara-se com uma paisagem com plantações ainda em crescimento. Logo na chegada, entrada da estrada, podemos visualizar um vasto campo com paisagens extensas de soja (Figura 37-B). À margem da BR está localizada a Cooperativa Agrícola de Pedro Afonso (COAPA), um projeto de incentivo à agricultura, o Programa de Desenvolvimento do Cerrado (Prodecer III).

A Cooperativa Agrícola de Pedro Afonso (COAPA) foi fundada em 27 de junho de 1998, em razão da necessidade de organização e desenvolvimento dos produtores integrantes do Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento do Cerrado (Prodecer III). Resultados da pesquisa de Rodrigues, Vasconcelos e Barbiero (2009, p. 301) apontam que “o Prodecer III trouxe, por um lado, grandes avanços na vida econômica da população de Pedro Afonso, mas contribuiu, também, para o aumento do quadro de pobreza urbana e de exclusão social”.

Em seguida, a Coapa se tornou a cooperativa de todos os produtores da região de Pedro Afonso. Atualmente a Coapa atende 120 ha de propriedades de cooperados produtores de soja e da agricultura familiar, agrupados ou não em associações na região de Pedro Afonso, abrangendo 18 municípios. Segundo informações contidas no site da COAPA (2020), a meta de recepção de grãos para 2020 é 160.000 toneladas de soja e 50 mil toneladas de milho.

Na atualidade, vimos um novo cenário para a cidade de Pedro Afonso, mais direcionado ao agronegócio e a exportações, diferentemente de um cenário anterior em que a produção estava voltada mais para a população e que “a lavoura se resumia na produção para o consumo local [...] cultivavam a cana-de-açúcar, mas só fabricavam rapaduras, com que a população adoçava o café” (MARANHÃO, 1990, p. 20).

Pedro Afonso, por ser uma cidade pequena, foi palco de vários acontecimentos, muitos deles não registrados, mas presentes na memória dos cidadãos. O estado do Tocantins, bem como suas cidades, para a grande maioria falta incentivos de políticas públicas para a conservação, manutenção e preservação da memória local. Em algumas cidades tocantinenses, existem pontos de memória como “museus, bibliotecas e arquivos” (NORA, 1993), incluindo Natividade, Porto Nacional, Dianópolis, entre outras. Esses pontos de memória são responsáveis pela salvaguarda de materiais que pertenceram a uma geração passada, aos quais sociedade futura poderá ter acesso e ter conhecimento de seus antepassados, de como eram a vida, os costumes, bem como os objetos utilizados, que, ao longo do tempo, foram substituídos por equipamentos mais modernos e tecnológicos. Assim, “museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações são os marcos testemunhais de uma outra era [...]” (NORA, 1993, p. 13).

No interior do Tocantins, esse processo de valorização da memória existe ainda que pouco. Mas, com o passar dos anos, houve locais de memórias substituídos, esquecidos ou mesmo só lembrados, que não existem mais, como a Biblioteca Henrique Silva, do ano de 1928, em Pedro Afonso.

Em relação à memória escrita dos jornais antigos da cidade, algumas informações estão disponíveis no acervo do Portal CNN. Já os objetos de recordação histórica e alguns livros sobre a cidade estão armazenados no Museu Histórico de Pedro Afonso (Figura 38).

O Museu localizava-se no centro histórico e está ativo na cidade desde 15 de julho de 2015 (Figura 38-A). Mas foi transferido para outro local, a antiga sede dos Pioneiros Mirins e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), sendo totalmente restaurado, no valor de R\$ 141.281,49 (Figuras 38-B e D).

O museu estava localizado na Rua Anhanguera, de frente com a Barão do Rio Branco, umas das ruas mais expressivas do sítio histórico de Pedro Afonso.

Nesta rua, temos alguns ícones simbólicos como a Igreja Matriz de São Pedro, Igreja Batista, o Bancrévea Clube, o Tiro de Guerra e a Câmara Municipal, criada para abrigar a casa do juiz da cidade, onde começou a Escola Pádua Fleury e também funcionaram a Escola Jandevan e a Empresa de Correios e Telégrafos. (BUNGE, 2014). Segundo relatos da Senhora Odina Andrade, moradora desta rua “[...] em 1950, havia cerca de 50 moradias na Rua Barão do Rio Branco. Uma casa centenária chama atenção pela beleza e conservação arquitetônica. É essa a residência da família Andrade, que guarda várias histórias da família e da cidade”. (BUNGE, 2014, p. 85). Já os simulacros que pertenciam aos outros lugares de memória que já existiram na cidade, esses foram se perdendo ao longo dos anos. Portanto, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto” (NORA, 1993, p. 9).

O Museu Histórico de Pedro Afonso, antes, uma residência comum, veio adquirir uma nova função para abrigar os artefatos/peças históricas que trazem à tona as lembranças e memórias da cidade. Outra alteração nítida é a construção do novo Museu da cidade de Pedro Afonso, um lugar de memória e paisagem (Figuras 38-B e D). Neste sentido:

[...] o monumento é assim poupado aos riscos de desuso para ser exposto ao desgaste e usurpações do uso: dar-lhe uma nova destinação é uma operação difícil e complexa, que não deve se basear apenas em uma homologia com sua destinação original. Ela deve, antes de mais nada, levar em conta o estado material do edifício, o que requer uma avaliação do fluxo dos usuários potenciais. (CHOAY, 2006, p. 178).

A citação de Choay reflete os imóveis que ganharam uma nova função, sendo este um exemplo claro. Uma casa presente na área histórica recebe a função do museu. Mas a autora tece uma crítica, pois além da função estabelecida por um bem, existem outras questões que devemos levar em consideração, a infraestrutura, por exemplo, a avaliação física deste bem, pois só assim o imóvel estará apto a receber outras funções, e não colocar em risco a fragilidade do bem quanto à vida das pessoas, caso haja alguma fissura no imóvel ou mesmo desmoronamento. Reforçamos os ditos com Abreu (1998, p. 79) quando escreve que “o passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em ‘instituições de memória’, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos

lugares [...]”. O Museu torna-se uma das instituições mantenedoras da memória das cidades como afirma a entrevistada A:

[...] eu acho o museu fantástico, não fui lá depois dessa reforma, mas quando era lá na Praça da Matriz eu já ia, aquele casarão também é outro que devia servir para alguma coisa, ser tombado. Porque o museu está resgatando muita coisa e eu tenho certeza que muita coisa que está lá seria destruída se não estivesse lá. Então eu acho que a memória de Pedro Afonso está centralizada lá hoje. (Entrevistada A, 2021, informação verbal).

Afirma o entrevistado G:

A gente tem um próprio prédio do museu que era um local abandonado e que hoje foi revitalizado e ficou muito bonito [...] O museu está um luxo, teve um avanço. A primeira vez que a cultura tem um valor que deveria ter, porque o gestor nunca dá um prédio desse para um museu, eles nunca fazem um investimento de móveis que tem aqui, o imóvel ficou muito bonito e é bem interessante. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

A Figura 38 mostra a fachada do museu antigo, que se localizava próximo ao Rio Tocantins e das novas instalações, tendo sido inaugurado no ano de 2020, no centro da cidade.

Figura 38 – Fachada do Museu Histórico de Pedro Afonso



Fonte: Figuras A e B - Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 11-02-2020. Figura C, acervo fotográfico do Museu Histórico Rafael de Taggia. Figura D, Fotografia tirada por Núbia Nascimento 19-06-2021.

Nota: Figura A - Fachada do Museu no ano de 2015/2020 quando se localizava na área histórica. Figura B - Construção e revitalização da nova sede do Museu em 2019-2020. Figura C, antigo centro de apoio aos pioneiros mirins e atual sede do Museu representado na Figura D.

Foi construída uma nova estrutura para o Museu Histórico de Pedro Afonso, na Rua 26 de julho, bem diferente das antigas instalações. Conta com materiais novos para construção e um amplo espaço com a intenção de preservar o máximo possível as características coloniais para não descaracterizar as estruturas originais. Uma das funções sociais do Museu é o apoio à cultura local, como afirma o entrevistado G:

[...] o museu está apoiando a cultura e as festas religiosas antes não tinha apoio, faziam aleatoriamente: “ah eu sou devoto de São Reis, eu sou devoto de São Sebastião! Aí eles faziam as festas na casa normalmente. Agora não, o poder público entrou junto para dar visibilidade, apoiar financeiramente e dar publicidade ao evento na mídia local. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Antes da contrapartida do museu, os festejos religiosos na cidade eram feitos isoladamente na própria residência de um devoto. Hoje os festejos estão sendo

comemorados e divulgados pela população pedro-afonsina. O Museu está desenvolvendo um trabalho memorável na cidade de buscar informações ou mesmo de peças que retratam um passado não vivido pelos jovens. Como afirma o entrevistado G:

[...] aqui a gente está agora com o museu para tentar ver o que a gente pode fazer, intervir em que, ajudar, sentar com o poder público para tentar mudar um pouco essa realidade. Você sabe que não é fácil, mas já é um início. A gente não tinha museu na cidade não tinha nada de preservação da memória. A gente vai tentar pelo menos dar uma freada de alguns patrimônios nos próximos dias. A gente vai iniciar o processo de tombamento de alguns prédios, aqui não tem nenhum prédio tombado. A gente já vai levar essa proposta, vou fazer um relatório bem específico de uma construção próxima à Prefeitura Municipal que é a Delegacia da Receita, que ao lado tem um prédio muito bonito no estilo colonial. A gente vai começar a preservação através dele. A gente vai procurar fazer o tombamento dos prédios públicos porque os prédios públicos são mais fáceis de fazer o tombamento porque já é de alçada do município, então não tem nenhum tipo de polêmica porque é o prefeito que é o responsável para cuidar desse prédio é ele que tem que preservar o patrimônio então já é atribuição dele mesmo fazer isso. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Conforme o entrevistado G, a equipe do museu elaborou um documento que aborda alguns monumentos considerados relevantes para a cidade como proposta de tombamento no âmbito municipal⁶¹.

Por meio da oralidade, foram analisados os discursos utilizados pelos sujeitos para documentar e registrar sua vivência e experiência sobre a cidade, pois são umas fontes de informação preciosas para o estudo, tornando-se uma documentação do sujeito vivo. É aquele sujeito que habita o lugar e, ao mesmo tempo, colabora para a construção da história e da memória por meio da oralidade de histórias locais, fatos acontecidos ou mesmo fábulas e lendas locais, de modo que a posteridade mantenha essa memória local viva. Assemelha ao *mnemon*, proposta por Le Goff (1990), que é uma pessoa que guarda a lembrança do passado que é lembrado pela cidade como encarregado de conservar na sua memória o que é útil em matéria religiosa.

⁶¹ No capítulo VI, abordaremos com mais detalhes este documento em que são caracterizados os imóveis relevantes de Pedro Afonso.

Nesse sentido, o “patrimônio cultural não é mais que a memória de nós mesmos e, também por isso, são referenciais sociais, espaciais, históricos e existenciais” (CRUZ, 2012, p. 100).

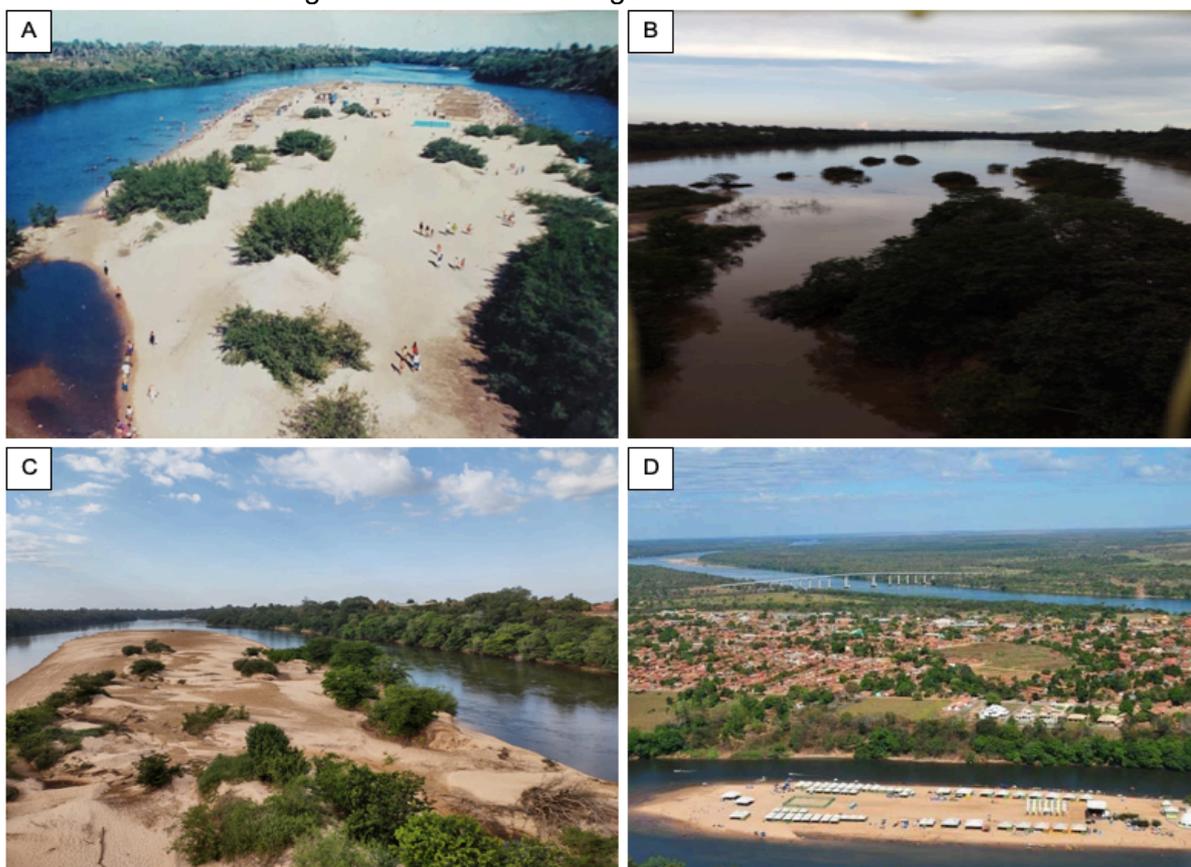
Pedro Afonso é lembrada como uma cidade praiana, principalmente em épocas de férias, especificamente mês de julho. O turismo é intenso na cidade com várias pessoas de outras regiões do estado e do Brasil. Tem dois rios, podendo as pessoas se refrescar com as águas do Rio Tocantins ou do Rio do Sono.

Isso foi um dos atrativos que a modernidade não corrompeu com o tempo. Ao se referir às substituições causadas pela modernidade, Giddens (2020) se manifestou sobre esta questão em contexto semelhante visto na citação seguinte

A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, **substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais**. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais. (GIDDENS, 2002, p. 38, grifo nosso).

Quando o autor menciona os efeitos da modernidade, no sentido de substituição, afirma que novas funções dão lugar às atribuições já existentes, o que de fato aconteceu na cidade. Por outro lado, há funções ainda insubstituíveis como a praia do Dunga em Pedro Afonso. (Figura 39).

Figura 39 – Praia do Dunga - Rio do Sono



Fonte: Figuras A e D - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Figura B - Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 11-02-2020 e Figura C tirada em 19-06-2021. Nota: Figura A – Praia do Dunga na década de 80-90. Figura B – Praia do Dunga no ano de 2020.

A praia do Dunga é uma margem de areia formada no meio do Rio do Sono. É um espaço de lazer para os pedro-afonsinos e turistas, mas em determinadas épocas do ano a praia se alaga em razão das altas precipitações, geralmente entre os meses de novembro e março (Figura 39-B). Assim, concordamos com os autores Carneiro, Gonçalves e Lopes (2009) ao falar sobre a mudança da paisagem

A paisagem da Terra muda ao longo de centenas, milhares ou milhões de anos. Além de não observarmos diretamente os processos, pode ser que a semelhança entre a nova paisagem e a anterior dificulte a comparação, fazendo-nos pensar que nada mudou. (CARNEIRO; GONÇALVES; LOPES, 2009, p. 54).

A Figura 39-D mostra a praia do Dunga em época de alta temporada no mês de julho. Mas por causa da pandemia da Covid 19, esse é o segundo ano consecutivo sem o pleno funcionamento. Como afirma a entrevistada E,

As praias, elas são maravilhosas e têm feito muita falta. Nesse período de pandemia não podemos usufruí-las no ano passado e provavelmente esse ano também não. Então para quem mora aqui e ama a praia como é o meu caso, é assim, um lugar maravilhoso. Amo as praias pedro-afonsinas, então no mês de julho para quem é pedro-afonsino nato não quer sair daqui para viajar ou ir para outras cidades porque é um lugar maravilhoso. Então para mim um lugar muito especial é a praia. (Entrevistada E, 2021, informação verbal).

A origem de Rio do Sono veio de uma lenda testemunhada pelos primeiros moradores de Pedro Afonso, relatada na obra de Miranda (1973). Certo dia houve o desaparecimento de uma jovem de 15 anos, que todos os dias descia ao rio para buscar água, tomar banho e colher flores na volta para casa. Com o seu desaparecimento, todas as pessoas da cidade entraram em desespero. Muitos acharam que havia morrido afogada no Rio do Sono, outros pensaram que tinha sido atacada por algum animal selvagem ou mesmo sequestrada pelos indígenas. Os índios haviam capturado a garota, amarrado e colocado uma mordaca. Alimentaram a garota, mas por causa das suas orações e sua fé, surgiu uma nuvem de mosquitos sobre os índios, que logo em seguida entraram em um sono profundo, e a garota pôde escapar. Por isso o rio é chamado Rio do Sono em razão desta lenda. (MIRANDA, 1973).

Outra lenda muito falada em Pedro Afonso é a “Lenda da Lagoa da Cruz”, cujo nome surgiu do relato de viajantes que vislumbravam de longe a bela pedra calcária situada no interior da lagoa, afirmando que mudava de lugar conforme o deslocamento dos viajantes. Afirmavam que em “um momento estava em lugar, em outro, parecia que a pedra tinha se deslocado” (T1 NOTÍCIAS, 2016). Outra versão da lenda remete à cobra boiuna, tendo uma cruz na frente da igreja sido fincada na cabeça e na cauda em direção ao rio. Como afirma o relato de uma das entrevistadas “[...] de marco que eu tenho era a lenda da Lagoa da Cruz que aqui tinha, meu pai contava que era uma cruz que quando essa cruz viesse a cair, diziam que a cidade acabava.” (Entrevistada C, 2021, informação verbal).

A entrevistada A complementa, “a praça da Lagoa da Cruz que ela era famosa pelas histórias e pela lenda, né, mas não era na verdade uma praça.” (Entrevistada A, 2021, informação verbal).

E como afirma Miranda na estrofe de um poema, a cidade é cheia de encantos:

*Como eu me sinto feliz,
Em te ver assim engalanada,
Cheia de encantos,
Cheia de festas,
Cheia de Magia,
A distribuir o teu riso esplêndido de fada,
Cheio de perfumes,
Cheio de alegria [...].*
(MIRANDA, 1973, p. 79-81).

O trecho do poema de Anna Britto Miranda retrata uma cidade vivenciada por meio dos folclores locais e da magia que permeia os contos e as lendas, que se mantêm na memória até hoje.

O nome Lagoa da Cruz remete à porção de água acumulada em volta da pequena igreja também chamada Lagoa da Cruz (Figura 40-A). A água era acumulada e ficava por dias em volta da capela pelas intensas temporadas de chuvas que havia na cidade antigamente, causando até inundações em algumas partes com o extravasamento das águas dos rios. Essa pequena igreja foi demolida em meados de 2001 e hoje há uma residência no local onde foi a capela (Figura 40-B). Como complementa o entrevistado G:

A gente tinha também a região da Lagoa da Cruz, perto da Igreja Santo Afonso. As construções foram entrando até chegar na Lagoa da Cruz, que é um local histórico da cidade. Então Pedro Afonso praticamente está atendendo só a demanda imobiliária de construção, preparando só para construir, construir, construir e construir [...]. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Figura 40 – Capela Lagoa da Cruz



Fonte: Figura A - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Figura B - Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 19-06-2021.

Nota: Figura A – Igreja da Lagoa da Santa Cruz. Figura B – local onde era a igreja, hoje há um imóvel residencial.

A Lagoa da Cruz, onde havia uma capelinha, foi completamente desconfigurada como afirma a entrevistada: “você conhece, né, a lenda da Lagoa da Cruz, lá eles desconstruíram a Lagoa da Cruz, não existe mais aquela cruz.” (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Lamenta a entrevistada E

[...] nós tínhamos um patrimônio que infelizmente não foi cuidado, era a Lagoa da Cruz, tinha a capelinha da Lagoa da Cruz, mas ela foi demolida. Alguém comprou e não priorizou por que era uma capelinha que tinha uma cruz que mantém até hoje, temos a lenda da Lagoa da Cruz. (Entrevistado E, 2021, informação verbal).

Na cidade de Pedro Afonso, durante anos, houve marcas em sua paisagem que desapareceram, seja pelo progresso em forma de estrada pavimentada, da ponte construída ou mesmo pelas modificações sofridas pelos imóveis da cidade histórico-resiliente ao longo do tempo. Tornando algo durável, mas também transitório ao longo do tempo.

No capítulo 6, proporemos uma possível área de tombamento da cidade de Pedro Afonso, conforme os relatos orais obtidos nas entrevistas. Os entrevistados, pela sua vivência na cidade, citaram algumas ruas importantes que fazem parte da gênese, bem como alguns imóveis antigos situados nessas ruas.

CAPÍTULO VII

7 DELIMITAÇÃO DA ÁREA HISTÓRICA DE PEDRO AFONSO-TO

Este capítulo se propõe apresentar uma possível delimitação da área histórica de Pedro Afonso, com base nas falas dos sujeitos que participaram das entrevistas. A delimitação será composta por duas áreas: uma maior, denominada “área de entorno”, que mostra a importância para a população em termos de memória, mas que tem suas características físicas originárias menos evidentes; e uma menor, que indica uma delimitação de área do quadrante de preservação onde são encontrados os imóveis mais antigos e com as características do período colonial, entre outras arquiteturas presentes nesta área.

Com o decorrer das entrevistas realizadas para este estudo, alguns entrevistados citaram nomes das ruas e alguns imóveis presentes nelas. A seguir, veremos com detalhes os imóveis que se destacam na cidade histórico-resiliente.

O perfil dos entrevistados era bem diverso, uns nasceram e se criaram em Pedro Afonso, outros nasceram e hoje moram na capital Palmas, e outros foram para Pedro Afonso por questões de trabalho, mas que consideram hoje seu lugar de pertencimento, mas todos os participantes contribuíram com a pesquisa considerando sua vivência e história de vida na cidade de Pedro Afonso.

Neste capítulo, não aprofundaremos sobre a proposta de um projeto de preservação, conforme estabelece o Iphan, pois demandaria “a elaboração de um projeto de intervenção física em patrimônio edificado ou em espaços públicos urbanos” (BRASIL, 2005, p. 14). Seria necessário um estudo minucioso sobre os imóveis nas áreas de preservação. Para este momento, vamos trazer apenas o traçado da área do entorno e o quadrante de preservação.

Um projeto de preservação se torna de fundamental importância para se manter a área de delimitação apresentada no mapa para que haja diminuição da descaracterização dos imóveis históricos e evidentes da cidade. Por isso, a importância de se preservar e delimitar a área apresentada no mapa (Figura 57) para que haja diminuição da descaracterização das casas históricas, principalmente com as novas construções, como afirma o entrevistado G:

Pedro Afonso é uma cidade impactada pelos seus ciclos econômicos principalmente depois da década de 1991 e 1996 com o Prodecer e depois dos anos 2000 com a implantação da Usina da Bunge; então a nossa cidade está muito descaracterizada. É uma cidade que muda constantemente sua arquitetura para atender essa demanda econômica muito forte na nossa região que tem gerado muitos problemas do ponto de vista ambiental na própria cidade, locais que as pessoas consideravam de preservação ambiental já foram loteados. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

O entrevistado pontua que desde a década de 90 a cidade vem sendo descaracterizada ao longo dos anos para suprir uma demanda econômica advinda do Prodecer e da Usina da Bunge. Menciona ainda que em alguns pontos da cidade houve loteamentos em espaços considerados de preservação ambiental, tornando assim um ponto negativo com a falta de compromisso com a questão ambiental.

Complementa que:

Uma opinião pessoal, eu acho que com esse boom imobiliário que surgiu em Pedro Afonso chegando muita gente, muitas pessoas com poder aquisitivo mais alto e essas pessoas automaticamente começaram a investir nas suas casas. Os casarões históricos geralmente são muito visados pelas pessoas que procuram alugar imóvel, geralmente a pessoa quer algo mais moderno. Então, um dos fatores que vão possibilitar a destruição das muitas casas do Centro Histórico de Pedro Afonso, muitas já foram demolidas exatamente para apresentar uma nova arquitetura de um novo tipo de casa para essas pessoas que estavam chegando; aí automaticamente acelerou esse processo. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Ainda argumenta que:

[...] tido essa corrida imobiliária igual aconteceu aqui em Pedro Afonso. Então, acredito que esse foi um dos fatores que contribuíram com a descaracterização do nosso patrimônio arquitetônico. Essa corrida se valorizou, então eu quero alugar meu imóvel, tenho que apresentar ele melhor. Como não se tinha lei de tombamento do patrimônio aqui, nem a fachada se preservou então derrubou a parte interna da casa e a externa toda, demoliu a casa por completo e a gente hoje tem uma descaracterização bem acentuada. Tem casas com a altura muito alta, a outra que era normal que tinha uma altura que obedecia a um padrão colonial já está descaracterizada porque a casa moderna tá aqui do lado, aí duas casas modernas e uma antiga. E a que é antiga já está com blindex e já colocou mais madeiras. Então a gente tem uma série de aberrações do patrimônio histórico de Pedro Afonso. (Entrevistado G, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Conforme o entrevistado G, a especulação imobiliária veio com o propósito de atender novos migrantes que chegaram à cidade com a geração de emprego pelas empresas. A cidade teve que se readequar a um novo público vindo de outras cidades e estados. Pedro Afonso vivia na simplicidade e a construção da ponte facilitou o acesso e, conseqüentemente, o aumento populacional. O que se torna um dos fatores mencionados pelo entrevistado pela descaracterização de alguns imóveis. Pois, na parte central, composta pela área histórica, houve demolições por causa das novas construções no estilo contemporâneo, como afirma a frase destacada em negrito.

Na fala seguinte, o entrevistado G pontua algumas críticas em relação à inexistência de políticas públicas locais

[...] faltam alguns projetos aqui de adequação desse patrimônio que ainda pode salvar muita coisa, se tiver um projeto, assim, que parta do poder público, porque as pessoas, quando elas vão reclamar, querem fazer do seu jeito, mas não tem dinheiro, aí o poder público incentivando a preservação, a população aceita, principalmente as pessoas de baixa renda, que são as que têm mais dificuldade de preservar o patrimônio e às vezes não. Às vezes as pessoas que têm a renda melhor são as primeiras a demolir o patrimônio, isso é muito relativo. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

O entrevistado G sugere um projeto de preservação do patrimônio com apoio da gestão local, pois em alguns casos o proprietário ou mesmo o residente do imóvel não tem condições financeiras para arcar com uma restauração ou mesmo sua manutenção em virtude de os materiais coloniais serem mais caros que os materiais de construções atuais, pois entrariam a telha colonial, o adobe e a massa preparada para alvenaria, que substituiria o cimento utilizado nos dias atuais. Essas matérias-primas e o modo de fazer não são fáceis de encontrar, tampouco o fornecedor que trabalhe de forma manual, para que se preserve o mais próximo possível o imóvel restaurado da estrutura antiga.

Conforme um documento elaborado por Souza (2019) juntamente com a equipe do museu, destacam-se os imóveis de relevância situados na área histórica. Desses dez itens mencionados por Souza, uns se localizam na área de preservação e na área de entorno; já outros estão disponíveis fora dessas áreas mencionadas (Figura 57).

O Quadro 4 mostra os bens patrimoniais de Pedro Afonso elencados por Souza (2019), bem como sua localização.

Quadro 4 – Os dez patrimônios de Pedro Afonso

Imóvel	Localização
Igreja Matriz São Pedro	Rua Anhanguera
Praça da Matriz São Pedro	Rua Barão do Rio Branco
Pavimentação em bloquetes	Rua Barão do Rio Branco
Passarela Modesto e Rosária Sales	Rua Guimarães Natal
Bancrévea Clube	Rua Barão do Rio Branco
Casa do Motor de Luz	Rua Guimarães Natal
Colégio Cristo Rei	Rua Constâncio Gomes
Igreja Batista	Rua Barão do Rio Branco
Praça Ecológica Pedro de Souza	Rua 15 de Novembro
Ilha do Rio Tocantins	Paralela com a Rua Barão do Rio Branco

Fonte: Souza (2019). Elaborado por Núbia N. do Nascimento (2021).

O documento elaborado por Souza (2019) tem como finalidade o reconhecimento desse patrimônio em âmbito municipal. Este material foi encaminhado para a câmara de vereadores para análise e possível tombamento desses imóveis isolados. Como afirma Villela (2008):

Ao definirmos alguns prédios ou monumentos para preservá-los, estamos construindo uma memória, também ao escolhermos determinados nomes para as ruas ou logradouros, estamos contribuindo para a produção dessa memória histórica que responde a uma determinada conjuntura política.

Além de considerar esses imóveis isolados, a delimitação da área de entorno e da área de preservação proposta nesta tese tem como objeto a preservação dos imóveis disponíveis nesta área.

7.1 Contexto das ruas históricas

Com base nos relatos obtidos pelas entrevistas, os moradores selecionaram algumas ruas que fazem parte do contexto histórico e o primeiro núcleo de formação da cidade.

Trata-se de evidenciar os imóveis presentes nas ruas mais citados pelos entrevistados. Seja uma lembrança, ou mesmo um lugar frequentado na infância ou lugares que não vivenciaram, mas que de alguma forma se ouviu falar.

Além do acesso entre o ir e vir, as ruas representam na cidade algumas marcas e acontecimentos que ficaram na memória das pessoas. Seja uma rua em que se brincou na infância ou uma rua que marcou pelo primeiro encontro com o namorado (a). As ruas simbolizam a vivência cotidiana da população e para cada tempo há seu público e as formas de como irão se lembrar das ruas e o que viveram, seja com boas lembranças ou não.

As ruas de Pedro Afonso tiveram um papel fundamental na vida dos entrevistados, principalmente daqueles que lá nasceram. As lembranças foram surgindo sobre sua história de vida perante a cidade e os acontecimentos que marcaram uma geração principalmente daqueles que viveram e participaram dessas memórias.

A seguir veremos as ruas que foram destacadas pelos entrevistados. As primeiras ruas mencionadas são as paralelas ao Rio Tocantins: Rua Barão do Rio Branco, Rua Getúlio Vargas, Rua Constâncio Gomes e Rua Benjamin Constant. E as perpendiculares ao Rio Tocantins, Rua Anhanguera e rua 15 de Novembro.

7.1.1 Rua Barão do Rio Branco

É conhecida também como Rua Grande, descrita por Miranda (1973), é considerada o marco inicial da cidade. Foi onde tudo começou, onde o Frei fincou a cruz em frente à Igreja como símbolo de uma nova vida relacionada ao ensinamento cristão. Esta rua tem alguns imóveis representativos e simbólicos para a memória pedro-afonsina. Também se destaca pela presença da Praça da Matriz São Pedro, que foi palco de várias manifestações culturais, artísticas e religiosas. E também palco de atrocidades que são lembradas como memórias da dor. Como afirma a entrevistada A

Eu acho a Praça da Matriz fascinante, sabe, porque é histórica e por causa da aura histórica dela. Porque lá aconteceram coisas drásticas, coisas boas, porque era um porto, então tem o cruzeiro, que é importantíssimo, e tem aquele espaço ali. É muito bacana, eu acho que todo mundo tem que conhecer aquela praça e aquela matriz. (Entrevistada A, 2021, informação verbal).

Figura 41 – Praça da Matriz São Pedro



Fonte: Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 18-06-2021.

Conforme a entrevistada, foi neste local da praça que ocorreram várias passagens, acontecimentos e momentos históricos para a rememoração de Pedro Afonso.

A primeira imagem refere-se ao primeiro imóvel da Rua Barão do Rio Branco e ao último imóvel (Figura 42).

Figura 42 - Rua Barão do Rio Branco



Fonte: Fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento 18-06-2021.

Nota: Figura A – Início da rua na Igreja Matriz São Pedro. Figura B – final da rua. A primeira rua paralela ao Rio Tocantins.

Em frente a Igreja Matriz, localiza-se na Rua Barão do Rio Branco, mas no endereço de localização atual, a Igreja está situada na Rua Anhanguera. Uma das

hipóteses é que a primeira capela construída no mesmo local tenha sido em frente à Rua Anhanguera, o que se faz confirmar é a lápide de Frei Rafael de Taggia, disponível no interior da igreja, com a frente voltada para a Rua Anhanguera. Suponhamos que em frente à Rua Anhanguera antigamente estivesse o altar, pois o posicionamento das lápides nas igrejas é sempre posto no altar principal, o que justifica esta hipótese.

Assim, o entrevistado G destaca a importância da Igreja para a memória da cidade

A igreja Matriz São Pedro [...] de uma tradição muito importante [...] as janelas com grandes vitrôs porque na época não se tinha ar-condicionado, então as pessoas faziam aquelas janelonas grandes que tivesse ventilação. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

A Figura 43 refere-se às casas com suas peculiaridades em relação à arquitetura ou mesmo ao material utilizado, que foram destacados na Rua Barão do Rio Branco, como complementam os entrevistados.

Figura 43 – Imóveis da Rua Barão do Rio Branco



Fonte: Fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento 18-06-2021.

Nota: Figura A – Casa da dona Odina. Figura B – Casa do seu Francesco Nicol. Figura C – Bancrevea Clube. Figura D – Hotel/Pousada dos Viajantes.

A Rua Barão do Rio Branco é evidente por despertar na memória dos entrevistados muitas lembranças, principalmente remetendo aos proprietários antigos. Como afirma a entrevistada, “nós temos umas casas na Rua Barão do Rio Branco, a casa da Dona Odina, a casa da filha dela do lado, tem a casa do filho também próxima.” (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

Para outra entrevistada, além da casa da dona Odina, também destaca a do Francesco Nicol: “eu gosto daquela casa do Francesco Nicol lá perto da dona Odina, a própria casa da dona Odina.” (Entrevistada A, 2021, informação verbal).

A própria avenida se destaca pelos imóveis, como afirma a entrevistada A:

Aquelas avenidas lá da Barão do Rio Branco, eu acho que é, aquela avenida é totalmente histórica, ela tinha que ser reformada. Aquela do Banco Basa, o Bancrevea, ela é histórica, os primeiros clubes, porque a gente teve destruição de praças no passado e agora acho que a gente deveria manter esse patrimônio. Pra mim, essas ruas daquela parte velha são um patrimônio inestimável, é lindo e tem que ser preservado. (Entrevistada A, 2021, informação verbal).

O Bancrevea Clube foi um local simbólico principalmente na década de 70/80 por ter sido o primeiro clube da cidade, em que se comemorava parte dos eventos da cidade, como aniversários, casamentos, entre outros eventos solenes. O Hotel dos Viajantes, localizado na lateral da Igreja Matriz São Pedro como afirma o entrevistado D “[...] temos o hotel dos viajantes que foi uma das primeiras construções na entrada da cidade, tem várias outras casas. Tem a prefeitura que o prédio é bastante antigo e foi reformado. (Entrevistado D, 2021, informação verbal).” O hotel é considerado um dos mais antigos da cidade, lá era onde se hospedavam os políticos e demais autoridades.

Além desses patrimônios, existem outros localizados na rua, mas mencionamos aqueles que foram destacados pelos entrevistados. Os imóveis trazem uma simbologia de despertar na lembrança do cidadão algo que é de pertencimento da rua, ou seja, a rua se torna um mosaico de lembranças pelos seus imóveis, tornando-os evidentes e lembrados pela população.

7.1.2 Rua Getúlio Vargas

Esta é a segunda rua paralela ao Rio Tocantins vista no mapa de delimitação (Figura 57). A Figura 44 mostra o início e o final da Rua Getúlio Vargas.

Figura 44 - Rua Getúlio Vargas



Fonte: Fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento 18-06-2021.

Nota: Figura A – Início da rua. Figura B – final da rua. A segunda rua paralela ao Rio Tocantins.

Torna-se um valor simbólico, pois a rua termina na Praça do Mangal, antigo local onde se faziam as embarcações nas balsas para a travessia do Rio Tocantins. Como afirma o entrevistado F:

Basicamente nas três primeiras ruas: Rua Anhanguera, onde pega lá da beira do Rio Tocantins, ali na Casa dos Padres que a gente chamava antigamente, até o final dela, já quase chegando na passarela do Rio do Sono. A rua Barão do Rio Branco que é essa também que cruza com a rua Anhanguera na Igreja Católica, **e vai até o final dela quase chegando ao antigo porto da balsa. A rua Getúlio Vargas que também chega do antigo mangal** até o fundo do Colégio-Ginásio Cristo Rei paroquial. Basicamente é o centro antigo, essas são as ruas mais antigas que nos dão saudade do nosso tempo. (Entrevistado F, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Como relembra o entrevistado H:

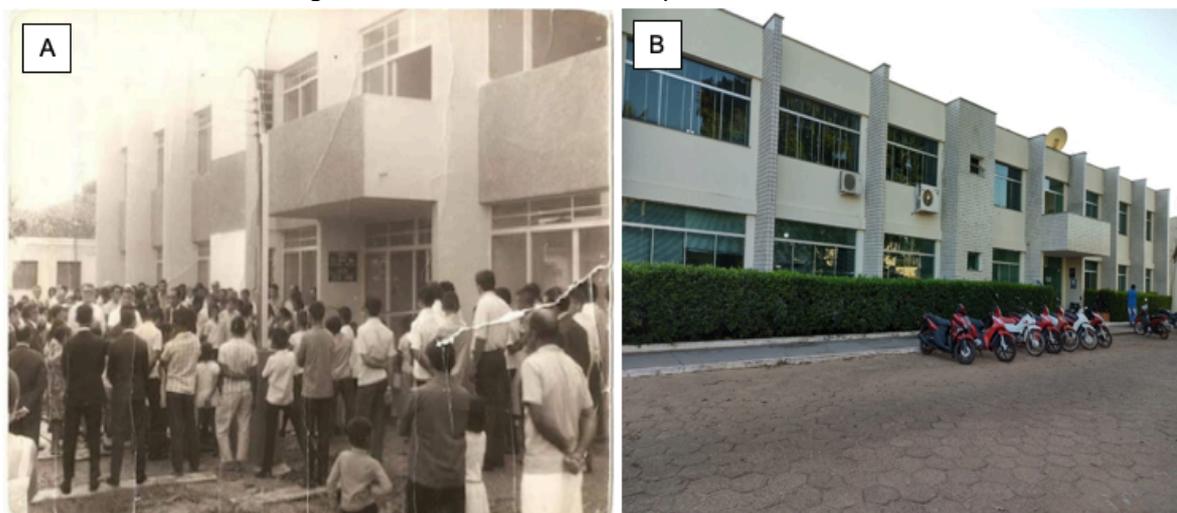
Tem ali a Rua Getúlio Vargas, rua Anhanguera, rua Barão do Rio Branco, a Praça Coronel Lysias Rodrigues, que é o centro histórico, onde fica a Câmara dos Vereadores. Tem outras partes da cidade, **antiga rua da descida para balsa**, como eu sou apaixonado pela cidade eu vivo aqui há mais de vinte anos. Esses são os locais das construções históricas, centenárias, vamos dizer assim ou quase que centenárias. (Entrevistado H, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Além da Praça do Mangal e do antigo porto da balsa que fazia a travessia do Rio Tocantins para a cidade de Tupirama, temos também a prefeitura, que se destaca nesta rua, como afirma o entrevistado E:

[...] outros pontos mais velhos a não ser os casarões, a câmara municipal daqui também é um casarão antigo e também sofreu reforma e ampliação e a prefeitura que há um bom tempo também sofreu reforma só que não foi modificada a estrutura do prédio, só a reforma mesmo. (Entrevistado E, 2021, informação verbal).

O entrevistado afirma que a prefeitura, apesar de a construção não ser tão antiga, merece um destaque pois vem mantendo sua originalidade desde a década de 1970.

Figura 45 – Prefeitura Municipal de Pedro Afonso



Fonte: Figura A - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Figura B – Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 18-06-2021.

A Figura 45-A mostra a prefeitura no dia de sua inauguração em 1970, trata-se é um imóvel que ainda mantém sua estrutura original (Figura 45-B).

Nesta mesma está situada a atual Delegacia Regional da Receita onde era a antiga Delegacia Fiscal na década de 1980.

Figura 46 – Delegacia Regional da Receita



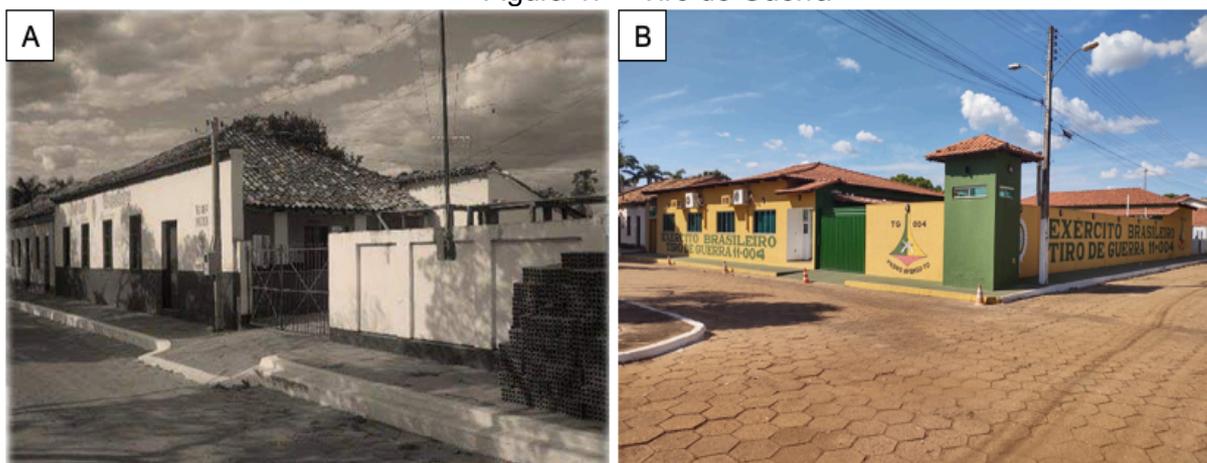
Fonte: Figura A - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Figura B – Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 18-06-2021.

A Figura 46-A mostra a Delegacia da Receita na década de 1980, um imóvel que ainda mantém traços de sua estrutura original. Como afirma o entrevistado F, sobre o seu valor patrimonial

Prédio da Prefeitura, prédio dos Correios, isso falando em prédios públicos, que fizeram parte da história de Pedro Afonso e continuam fazendo na atualidade. Delegacia fiscal/ Receita Estadual, em frente à lateral da prefeitura, prédio do Tiro de Guerra/quartel do exército, a nossa igreja católica São Pedro aí na praça. Se a gente for enumerar são vários, mas esses são os que consigo lembrar no presente momento. (Entrevistado F, 2021, informação verbal).

Além dos prédios mencionados pelos entrevistados, há outros de relevância no contexto histórico, como o Tiro de Guerra. Como afirma a entrevistada B “[...], o Tiro de Guerra, que também é um dos pontos de referência na história de Pedro Afonso [...]” (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

Figura 47 – Tiro de Guerra



Fonte: Figura A - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Figura B - Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 18-06-2021.

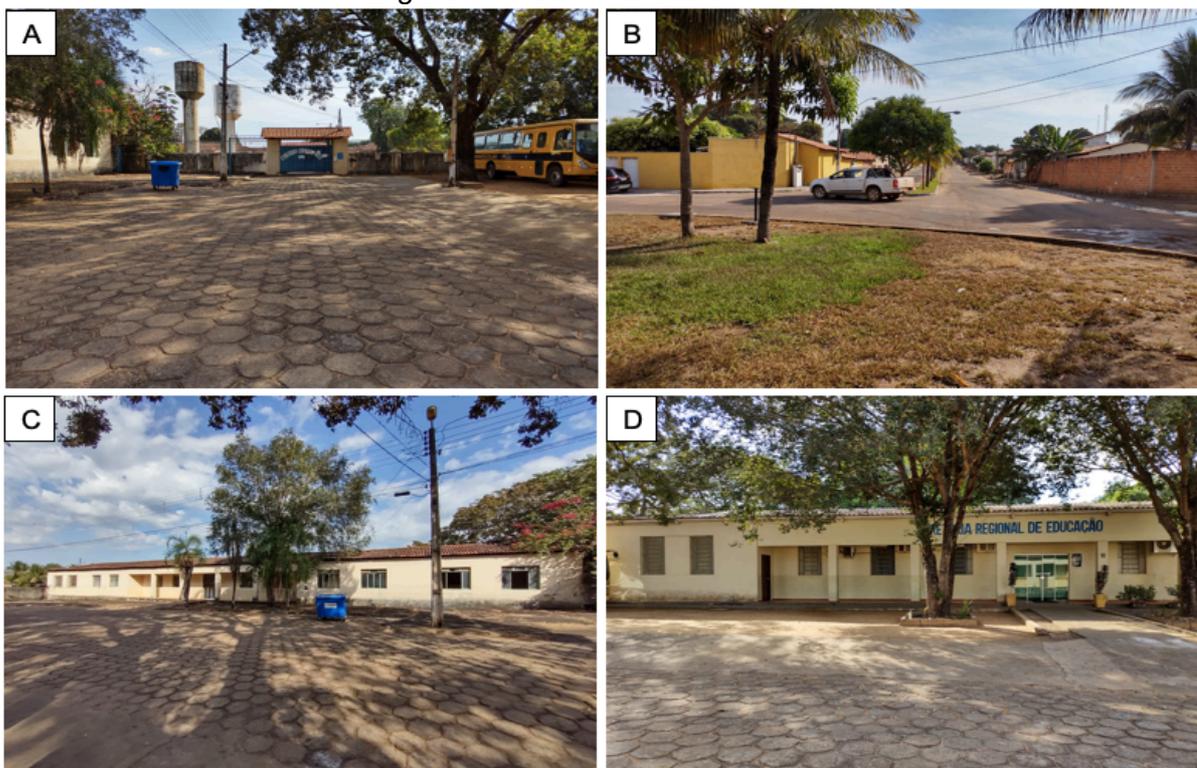
Concorda o entrevistado H “[...] o batalhão tiro de guerra, as casas próximas ali ao Tiro de Guerra são os referenciais históricos para mim aqui da cidade.” O batalhão do Tiro de Guerra teve sua memória preservada, pois foi o primeiro batalhão na região sul do Tocantins. Teve uma contribuição importante, principalmente na manutenção da segurança, policiamento e também nos atos simbólicos e comemorações locais com recebimento de autoridades.

O batalhão era apresentado pelas cavalarias e com honrarias sob os tiros quando a cidade passava por algum momento festivo ou mesmo homenagem cívica.

7.1.3 Rua Constâncio Gomes

A rua tem início no Colégio Cristo Rei, na lateral esquerda temos o antigo centro paroquial (Figura 48-C) e na lateral direita temos a antiga casa das irmãs Assunção e Palotinas, onde hoje funciona a Delegacia Regional de Ensino (DRE) (Figura 48-D).

Figura 48 - Rua Constâncio Gomes



Fonte: Fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento 19-06-2021.

Nota: Figura A – Início da rua no Colégio Cristo Rei. Figura B – final da rua na Praça do Mangal. Figura C – antigo Centro Paroquial. Figura D – antiga casa das irmãs Assunção e Palotinas.

A Rua Constâncio Gomes é a terceira rua paralela ao Rio Tocantins, sendo marcada pela presença de alguns imóveis como o Colégio Cristo Rei, como lembra a entrevistada A

Eu acho que é bem no centro mesmo, ali perto do Cristo Rei tem algumas ali. Naquelas ruas paralelas a Praça Lysias Rodrigues, ali atrás do Banco do Brasil, ali tem umas casas belíssimas e na última rua do Rio Tocantins, ali tem umas casas que mereciam restaurar, sabe, são casas em que moram pessoas, mas umas pessoas parece que de baixa renda que deve ter sido herança ou alguma coisa assim que não têm condição de manter a estrutura original. Ali tem umas casas bonitas.... é porque eu gosto de casas antigas. (Entrevistada A, 2021, informação verbal).

A entrevistada afirma o valor patrimonial dos imóveis, mas ao mesmo tempo questiona o baixo poder aquisitivo de alguns moradores, impossibilitando-lhes fazer restauração e pequenos reparos na sua estrutura.

Nesta rua ainda temos o Banco Mercantil do Brasil, que foi desativado na década de 1990 com o confisco no governo Fernando Collor de Melo.

Figura 49 – Banco Mercantil do Brasil



Fonte: Figura A - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso. Figura B - Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 19-06-2021.

Onde era o antigo Banco Mercantil, hoje funciona uma distribuição do ramo alimentício, o refeitório, que presta serviços para os funcionários da empresa Tabocas, direcionada ao ramo de linha de transmissão de eletricidade da cidade.

Tanto a Rua Getúlio Vargas quanto a Rua Constâncio Gomes terminam na Praça do Mangal e no porto da antiga balsa.

7.1.4 Rua Benjamin Constant

A Rua Benjamin Constant faz parte das ruas presentes no quadrante de preservação (Figura 57). Por ter sido uma rua que mais sofreu modificações em seus imóveis, são poucos os bens materializados que se destacam por sua estrutura. A Figura 50 mostra o início e o final na rua, um detalhe interessante é que a rua termina no meio de onde começa a Avenida E.

Figura 50 – Rua Benjamin Constant



Fonte: Fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento 19-06-2021.

Nota: Figura A – Início da rua no colégio Cristo Rei. Figura B – final da rua. A quarta rua paralela ao Rio Tocantins.

Uma das hipóteses é que antigamente a cidade ia até a Praça Lysias Rodrigues, a partir desse ponto iniciava-se a área de pouso do aeroporto, como mostra a Figura 51.

Figura 51 – Pedro Afonso em 1968



Fonte: Figura A - Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso.

Na Figura 51, o círculo mostra onde hoje é a esquina do Lojão Branquinho presente na Figura 50-A. Podemos notar que a caixa d'água existe na cidade até os

dias atuais como símbolo importante, lembrada pela água encanada e ao mesmo tempo pelo ato simbólico da libertação dos jegues em 1968.

Outro imóvel que chama bastante atenção nesta rua é o antigo hotel, o primeiro da cidade de Pedro Afonso (Figura 52).

Figura 52 – Primeiro Hotel de Pedro Afonso



Fonte: Fotografia tirada por Núbia N. do Nascimento 19-06-2021.

O primeiro Hotel da cidade pertencia a Dona Terezinha Baima. Após um tempo, foi vendido para o senhor Alfredo, vindo a ser o Hotel Central. Podemos visualizar na imagem anterior que o Hotel foi modificado, mas a parte de trás ainda preserva algumas características da arquitetura medieval, como parte da torre vista na imagem. É um imóvel simbólico, pois se trata de um monumento da década de 1940, está desativado após o falecimento do último proprietário. O imóvel atualmente se encontra em ruínas.

7.1.5 Rua Anhanguera

A Figura 53 mostra o início da rua Anhanguera com a Casa dos Padres, conforme lembra a entrevistada: “tem a casa pastoral, onde os padres moram, são construções muito antigas que permanecem trazendo uma longa história e bonita também.” (Entrevistada C, 2021, informação verbal).

Tem-se também a antiga casa onde Frei Rafael de Taggia morou (Figura 53-A), já no final da rua não presenciamos imóveis pertencentes ao período colonial.

Figura 53 – Rua Anhanguera



Fonte: Fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento 19-06-2021.

Nota: Figura A – Início da rua na casa dos padres. Figura B – final da rua. A primeira rua perpendicular ao Rio Tocantins.

A rua Anhanguera assim como a rua Barão do Rio Branco são consideradas as ruas com mais destaque para os pedro-afonsinos. A ligação das duas vem em formato de “L”, como mostra a Figura 56.

Nas duas ruas que eu te falei, na rua Anhanguera e na rua Barão do Rio Branco, na rua Constâncio Gomes ainda existem algumas casas, mas as ruas que ainda conservam as moradias com aquele modelo antigo são as ruas Anhanguera e Barão do Rio Branco. (Entrevistada B, 2021, informação verbal).

Conforme a entrevistada E:

A rua Anhanguera, a rua 15 de Novembro, a rua Benjamin Constant, Constâncio Gomes e a rua Barão do Rio Branco, todas essas ruas têm casas bem antigas que são ligadas pela mesma parede daquela de adobe bem grossão. Então são casas bem antigas. (Entrevistada E, 2021, informação verbal).

O entrevistado D concorda com as entrevistadas anteriores quando afirmam que “na rua Anhanguera e na rua Barão do Rio Branco, ainda existem as casas mais antigas.” (Entrevistado D, 2021, informação verbal).

[...] as casas da rua Anhanguera e Barão do Rio Branco passaram por muitas transformações: destruíram a fachada, destruíram também a questão das portas e janelas; as maiores alterações na Anhanguera e na Barão do Rio Branco são as portas e janelas de veneziana ou o blindex. (Entrevistado G, 2021, informação verbal).

De acordo com o entrevistado G, as duas ruas que mais sofreram alterações em sua estrutura física foram a Rua Anhanguera e a Rua Barão do Rio Branco. Uma das hipóteses talvez seja em virtude de terem sido as primeiras ruas formadas na cidade desde a chegada de Frei Rafael de Taggia. Outra hipótese seria a implantação do Prodecer e da Usina da Bunge, conforme reforça em destaque o entrevistado G

[...] talvez se não tivesse o Prodecer, se não tivesse a implantação da usina da Bunge, Pedro Afonso ainda seria aquela cidade pacata do início dos anos 90 e esse Patrimônio Histórico principalmente no centro histórico da Rua Barão do Rio Branco, Rua Anhanguera, Rua 26 de Julho e Rua Guimarães elas estariam preservadas pelo menos uns 70% [...]. (Entrevistado G, 2021, informação verbal, grifo nosso).

De acordo com o entrevistado G, por mais que os imóveis tenham sofrido alterações ao longo dos anos, a valorização pelo patrimônio ainda se mantém, principalmente pela existência das pessoas que viveram em determinada época e que hoje podem repassar suas memórias, “causos”, saberes e fazeres, como consta em destaque na fala do entrevistado

Patrimônio em Pedro Afonso é esse conjunto que a gente ainda tem e que pertence à nossa identidade cultural que é desde quando começaram os primeiros processos de povoamento na nossa cidade, na Rua Barão do Rio Branco e na Rua Anhanguera a gente preserva o calçamento, a gente preserva a arquitetura. Então, esse patrimônio que a gente tem principalmente edificado, que é o patrimônio construído, é um patrimônio ainda que se faz presente mesmo que ele tenha sido deturpado ou descaracterizado, mas a gente ainda sente a presença desse patrimônio histórico através das pinturas das casas, das cores e das pessoas também. **Principalmente as pessoas e ainda tem muitas pessoas aqui que viveram em épocas passadas e têm seus causos, suas tradições, seus saberes e fazeres e que preservam isso.** Então o patrimônio é desde as nossas ruas da nossa arquitetura e principalmente a nossa população mais experiente que ainda preserva muitos saberes e fazeres do nosso cotidiano. (Entrevistado G, 2021, informação verbal, grifo nosso).

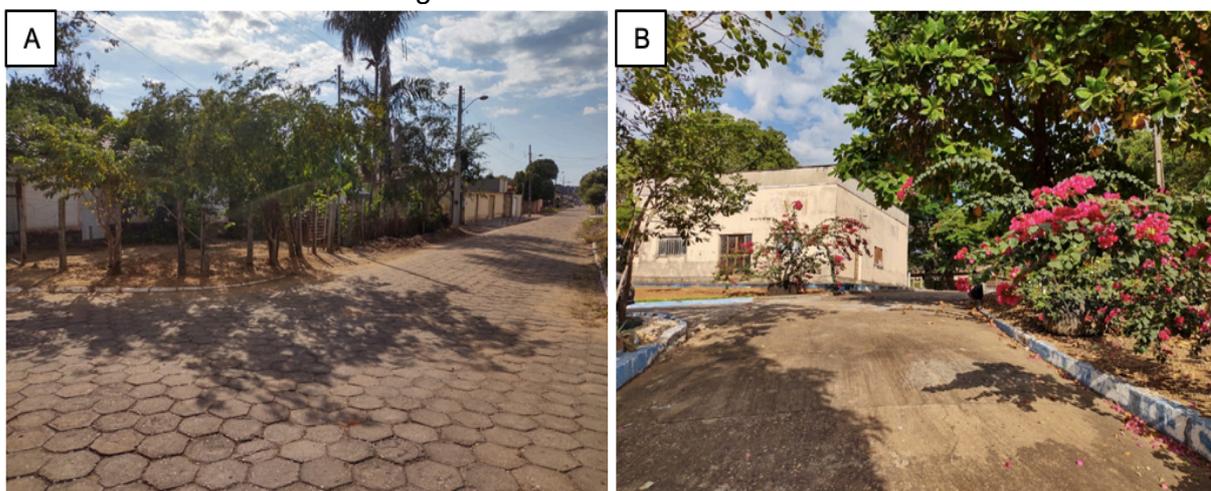
O entrevistado toca em um ponto interessante, o patrimônio pode ser visto pelo que está edificado, mas, ao mesmo tempo, o patrimônio também é feito de pessoas, os principais atores para a construção da memória e da história local.

7.1.6 Rua 15 de Novembro

A Rua 15 de novembro é a segunda rua perpendicular ao Rio Tocantins. Nesta rua temos a notável rampa onde eram feitas as coletas de água por meio do transporte dos jegues. Também era o local onde acontecia a travessia de Pedro Afonso para a cidade de Bom Jesus, quando não havia pavimentação asfáltica, hoje a BR- 235.

Do lado da rampa do Rio do Sono, temos hoje a Praça Ecológica Pedro Souza Pinheiro, considerada a maior praça do Brasil composta por material reciclável.

Figura 54 – Rua 15 de Novembro



Fonte: Fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento - 19-06-2021.

Nota: Figura A – Início da rua no cruzamento com a rua 7 de Setembro. Figura B – final da rua na Praça Ecológica Pedro de Souza Pinheiro, onde era a antiga rampa dos jegues no transporte de água.

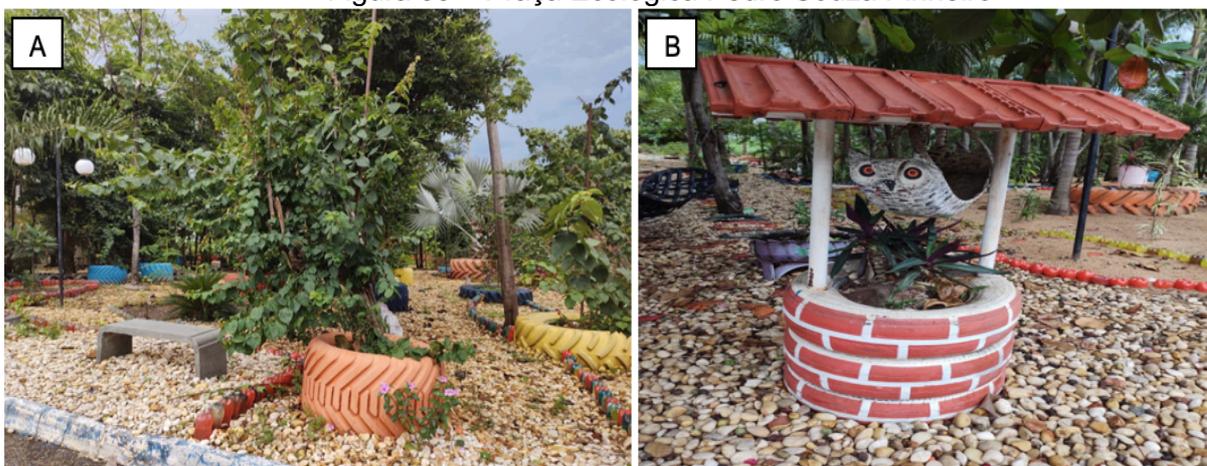
As praças ecológicas são revestidas por materiais reciclados como as garrafas pets, pneus, entre outros materiais coletados por alunos e voluntários do grupo Amigos do Meio Ambiente (AMA).

Tanto a Coapa quando a Bunge têm participação social para a manutenção das duas praças ecológicas: uma na entrada da cidade, que teve ajuda da unidade

do sistema prisional feminino para ser construída, e a Pedro de Souza Pinheiro (Figura 55).

A Coapa está sempre presente em ações desenvolvidas na cidade, tanto na questão ambiental, quanto na social e cultural. Já a Bunge faz doação dos pneus que seriam descartados, um ato sustentável ao meio ambiente. Desses pneus, são feitos vasos de plantas, redes, entre outras ornamentações que são destaque nas praças ecológicas (Figura 55).

Figura 55 – Praça Ecológica Pedro Souza Pinheiro



Fonte: Fotografias tiradas por Núbia N. do Nascimento - 10-02-2020.

Antes de o local ser uma praça ecológica, era considerado um lixão em que parte da população jogava seus resíduos. Era um local marginalizado, frequentado, muitas vezes, por usuários de drogas ilícitas, como afirma a entrevistada C

Outro marco foi a construção das praças ecológicas que antigamente era um lixão e foi construído essa praça. O professor Fabrício contribuiu muito na criação dessa praça, onde são plantadas várias variedades de plantas de ornamentação e ali também tinha muitos encontros no qual vinham prejudicar. Agora, no entanto, são encontros feitos por familiares, são comemorados aniversários lá nessa praça. Então, de um lugar que trazia uma visão tão ruim, veio causar lazer agora pra gente. (Entrevistada C, 2021, informação verbal).

A praça ecológica foi um local totalmente modificado para melhor. Hoje é frequentada e lembrada pelos moradores com orgulho e reconhecimento. À primeira vista, a praça encanta os olhos de quem a vê, pois, além de todo material disponível

de ações voluntárias, as plantas chamam muita atenção, seja pelas flores ou mesmo pelas plantas nativas do cerrado.

Outra rua composta na delimitação, não menos importante que as demais anteriores, é a Rua Sete de setembro, que abrange parte da casa dos padres e parte lateral da casa onde Rafael de Taggia morou. No final da rua, temos o cemitério da cidade, um local de memória e revisitação do passado com um olhar para a materialidade vista por meio dos túmulos. Traz um rememorar conforme a época vivida, os traços de importância que a pessoa teve em sua trajetória de vida como pedro-afonsino.

Além do cemitério, alguns outros pontos merecem destaque no rememorar dos moradores, como afirma o entrevistado F, ao mencionar a Casa do Motor e da Luz, destacando-a como ponto de memória da cidade “[...] a chegada da energia elétrica em Pedro Afonso que funcionava através de motor, um fato histórico importantíssimo na época (Entrevistado F, 2021, informação verbal).”

A Casa do Motor e da Luz era onde estava todo equipamento para o abastecimento da eletricidade em Pedro Afonso, havendo, hoje, apenas alguns motores disponíveis no local, mas sem função. A Usina Elétrica de Pedro Afonso foi construída com recursos do Ministério de Minas e Energia em 31-12-1966.

Hoje funciona o Clube de Mães Sempre Unidas, Figura 56, local destinado às mulheres para a confecção de artesanato e reuniões com grupos da terceira idade.

Figura 56 – Clube de Mães Sempre Unidas



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Histórico de Pedro Afonso (2016).

A figura anterior nos traz a Casa do Motor e da Luz, um bem patrimonial que hoje adquiriu outra função.

Todos os imóveis representativos neste estudo, tanto pelos entrevistados elencados para a pesquisa quanto pelo documento elaborado pelo Museu Histórico, têm seu valor inquestionável para a população.

Neste sentido, selecionamos como proposta um mapa de delimitação da área de entorno e da área de preservação em Pedro Afonso (Figura 57).

De acordo com o entrevistado G, na Rua Barão do Rio Branco e na Rua Anhanguera, principalmente na parte inicial, podemos encontrar imóveis com menos alterações em sua estrutura física.

As duas ruas são evidenciadas por terem mais imóveis com traços coloniais e poucas alterações em suas estruturas. O Quadro 5 enumera os imóveis em destaque na Rua Anhanguera e na Rua Barão do Rio branco.

Quadro 5 – Imóveis da Rua Anhanguera e da Rua Barão do Rio Branco⁶²

Rua Anhanguera	Rua Barão do Rio Branco
Igreja Matriz São Pedro	Praça da Matriz São Pedro
Antiga Biblioteca Olímpio Dias Furtado	Pavimentação em bloquetes
Antigo Museu Histórico	Bancrévea Clube
Casa dos Padres	Igreja Batista
Antiga casa de Frei Rafael de Taggia	Casa da Dona Odina
	Tiro de Guerra
	Rua Barão do Rio Branco
	Câmara Municipal
	Casa do seu Francesco Nicol

Fonte: Souza (2019). Elaborado por Núbia N. do Nascimento (2021).

Essas duas ruas estão na memória dos pedro-afonsinos principalmente pelos monumentos disponíveis nelas, simbolicamente denominados como patrimônio pela população.

Outra proposta é a apresentação de um mapa turístico cultural visto na figura seguinte.

⁶² O Quadro 5 tem por base os imóveis destacados pelos entrevistados, pelo documento elaborado pelo Museu e pelos que foram citados neste estudo.

Figura 58 – Mapa de pontos turísticos culturais de Pedro Afonso



Fonte: Elaborado por Núbia N. do Nascimento e organizado por Lucas da S. Ribeiro (2021).

Neste mapa, Figura 58, constam os imóveis mais evidentes da cidade. Este mapa de pontos turísticos culturais tem como objetivo ofertar para os turistas um pouco da histórica local por meio do patrimônio. Torna-se uma estratégia de um possível roteiro geo-turístico⁶³ por meio de visitas e explicações sobre o contexto histórico e pela representatividade que cada imóvel teve e tem para o fortalecimento da história e da memória local.

Neste mapa, podemos ver imóveis disponíveis em duas áreas distintas: a área de entorno e no quadrante de preservação. A primeira área é composta por quatro monumentos: Museu Histórico Rafael de Taggia, Mercado Municipal (atual shopping da cidade), Colégio Cristo Rei e o Cemitério. Enquanto o segundo quadrante de preservação é composto por doze monumentos: Igreja São Pedro, Praça da Matriz São Pedro, Casa dos padres, Hotel dos Viajantes, Tiro de Guerra,

⁶³ O roteiro geo-turístico é uma proposta adotada na cidade de Porto Nacional com objetivo de percorrer o centro histórico e apresentar aos visitantes turistas os pontos de memórias/pontos históricos da cidade, bem como sua origem e sua história. Para mais detalhes ver a publicação do livro organizado por Balsan, Ribeiro e Bressanin (2021).

Bancrevea Clube, Delegacia da Receita, Câmara Municipal, Instituto Messias Tavares, Igreja Batista, Lanchonete de bolo caseiro e Casa do Motor e da luz (atual Clube de Mães Sempre Unidas).

Além de ser um mapa histórico, torna-se informativo principalmente para atrair os turistas nos meses de temporadas de praias. Com este mapa, o turista poderá se localizar na cidade sozinho, caso seja uma opção de visitação.

Um roteiro geo-turístico seria uma atividade essencial para a manutenção da memória pedro-afonsina, como sugere a entrevistada A

[...] tem alguns pontos de Pedro Afonso que poderiam ser melhores preservados pra visitação ou mesmo contação, alguém para estar falando desses pontos turísticos e dos pontos históricos de Pedro Afonso. A lagoa da Cruz, a Praça da Igreja Matriz, os portos, porque antes aqui em Pedro Afonso, os meios de transportes eram só os barcos, então os portos de Pedro Afonso têm toda uma história, os barcos a motor e tudo isso a gente vê com o tempo se perdendo. (Entrevistada A, 2021, informação verbal, grifo nosso).

Na fala em destaque, podemos perceber a necessidade da preservação, divulgação e da visibilidade que esses imóveis poderiam ter na cidade. Neste sentido, o mapa pictórico será um auxílio tanto para a população local quanto para os turistas e/os visitantes como um suporte do patrimônio existente na cidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como pretensão a apresentação como objeto de estudo, Pedro Afonso, uma cidade histórica do Tocantins. Apresentamos um pouco da sua formação na condição de cidade, bem como o processo de povoamento e urbanização.

As duas cidades patrimonializadas do Tocantins, Natividade e Porto Nacional, e as demais cidades históricas, não menos importantes, Arraias, Paranã, Conceição do Norte, Natividade, Almas, Dianópolis, Monte do Carmo, Tocantinópolis e o objeto deste estudo, Pedro Afonso, têm valor histórico por terem em sua composição urbana marcos de um passado vivificado, representado pelos monumentos ainda existentes. Nós denominamos essas cidades de cidades histórico-resilientes, que apenas mencionamos, mas não nos aprofundamos em seu histórico.

Com o decorrer dos anos, há várias transformações na paisagem, em vários aspectos, como demolições, construções em áreas de preservação ou até mesmo a descaracterização da arquitetura original, aspectos aprofundados neste estudo sobre a análise da paisagem na cidade de Pedro Afonso.

A tese teve como objetivo discutir alguns conceitos como patrimônio, memória e paisagem. E a construção do conceito de cidade histórico-resiliente desenvolvido como embasamento teórico aplicado à prática pela percepção da cidade considerando a análise da paisagem e os relatos orais obtidos pelos personagens. Uma das respostas de pesquisa proposta no questionário teve como objetivo verificar a transformação da paisagem local pela preservação dos imóveis vistos nas ruas históricas.

Após as entrevistas, tivemos como respostas, se após a chegada das empresas multinacionais, a cidade passou por um processo de modernização ou não? E a maioria das respostas girou em torno de as empresas terem contribuído para o desenvolvimento da cidade, principalmente na geração de empregos. Já sobre a descaracterização dos imóveis, a maioria dos entrevistados afirma que foi causada pela ação do tempo ou mesmo pelas reformas nos imóveis por parte dos próprios proprietários. Os sítios históricos ainda permanecem os mesmos? A população local preserva sua memória? A maioria dos sítios históricos permanece os mesmos principalmente nas ruas mais evidentes, Rua Anhanguera e Rua Barão

do Rio Branco, o que leva a cidade ter uma conscientização da preservação do patrimônio local.

O tempo trouxe inovações para o futuro, cheio de simulacros, evidenciando um patrimônio substituído por novos instrumentos e funções advindas da modernidade. A modernização acelerou a modificação da paisagem, mas, por outro lado, trouxe alguns benefícios para Pedro Afonso como a água encanada e o abandono dos jegues, a construção da ponte e a extinção da balsa, abrindo caminho para o desenvolvimento agrícola e a aceleração do agronegócio. Mas, por um outro lado, essa modernização trouxe alguns marcos ainda presentes na paisagem. No campus do IFTO, notamos um mosaico entrelaçado, que, ao mesmo tempo, se mistura de forma heterogênea entre o novo e o velho. Em que o arcaico, esquecido pela sociedade, poderá ter um fim trágico, com uma demolição inesperada pelo abandono advindo da ação do tempo. Vimos também o mercado municipal da cidade que se transformou em um “minishopping”. Essas duas descaracterizações aconteceram na parte nova da cidade, ou seja, não está inserida na área delimitada como sítio histórico. Neste sentido a cidade se torna histórico-resiliente por não ser patrimonializada e por ainda manter suas características originárias na área histórica denominada quadrante de preservação.

Delimitar e discutir o patrimônio na cidade histórico-resiliente nos traz um desafio extremo para entender a dinâmica estabelecida em uma determinada época em que a cidade tinha atrativos para uma sociedade praticamente agrícola, tendo, ao longo do tempo, esta sociedade se modernizado. Com essa modernização, os valores considerados anteriormente poderão se perder ao longo dos anos em virtude de uma nova demanda urbana que pouco conhece a história da cidade.

Assim, a manutenção do patrimônio na cidade de Pedro Afonso foi um dos traçados para a rememoração futura de toda uma cultura que existiu e que ainda existe e que pode ser lembrada pelas entrevistas.

De acordo com as análises das entrevistas, com relação às duas empresas presentes na cidade, de um lado tem-se a questão ambiental que ainda é questionada pelos moradores em relação a uma política de preservação dos recursos hídricos e do uso da terra, composta pelo cerrado, ou mesmo a garantia de permanência na cidade a longo prazo. Por outro lado, como medida compensatória, as empresas Bunge e Coapa proporcionam empregos para os moradores locais, gerando renda para a cidade. Além da geração de empregos, a contribuição social

também é bem lembrada pelos cidadãos locais. A Bunge faz doações de pneus dos tratores para a construção e manutenção das praças ecológicas e a a Coapa cumpre uma função social com ajuda financeira e voluntária para a distribuição de cestas básicas e festividades religiosas locais.

As duas empresas vieram com o propósito de somar na vida dos pedro-afonsinos com a geração de empregos e com as contrapartidas sociais que atingem diretamente a população mais carente.

Como proposta final desta tese, apresentamos um estudo de uma delimitação da área histórica de Pedro Afonso, que corresponde às ruas com casarios e estruturas semelhantes do período colonial. Essa delimitação é apenas uma sugestão para um tombamento futuro, levando em consideração que requer um estudo mais aprofundado de historiadores e arquitetos para mensurar o século provável de cada imóvel, bem como a composição de elementos evidentes nas estruturas físicas.

Essa delimitação tem como objetivo apresentar como resposta e devolutiva para a população local e para os tocantinenses como reforço de manutenção da memória e de sua história. Tem como característica destacar a importância da preservação desta cidade, que mesmo não sendo patrimonializada, tem papel fundamental para história e na memória da população tocantinense.

A cidade de Pedro Afonso, embora não sendo reconhecida nacionalmente pelos órgãos competentes de preservação do patrimônio, é considerada uma das cidades históricas do estado. O estudo torna-se de fundamental importância para a população tocantinense, pois é uma cidade que carrega em si lutas e memórias desde sua gênese até sua formação como cidade. Tem um valor simbólico movido pelas tradições culturais e manifestações em busca de não deixar perder seus hábitos culturais e sua identidade local.

E que Pedro Afonso seja lembrada não apenas por ter terra fértil e belas praias, mas também pela preservação da sua memória e história por meio da paisagem refletida no patrimônio edificado e não edificado da cidade.

Podemos perceber que a cidade de Pedro Afonso tem uma memória enraizada a ponto de externalizar para os cidadãos e os demais que chegam toda sua trajetória histórica. A conscientização nas escolas e da população é um grande início para que os monumentos representados na cidade não sejam vistos apenas como um patrimônio material palpável, mas que se conheça o real significado por

trás de cada monumento, que, em sua grande maioria, advém de lutas e movimentos sociais em prol de uma ressignificação de um patrimônio visto por meio da paisagem para perpetuar na memória.

O estudo patrimonial de Pedro Afonso não se esgota por aqui, o mapa de delimitação surge como proposta para futuros trabalhos como um diagnóstico e seleção dos imóveis. Um estudo minucioso nesta delimitação torna-se essencial para um futuro tombamento desta cidade, que tem tanta história e memórias para contar.

Patrimônio, memória e paisagem são uma tríade composta pelos monumentos, sejam eles edificadas ou lembrados compondo a memória local por meio da paisagem.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras - Geografia I**, Porto Alegre, v. 14, p. 77-97. 1998.

ABREU, Wellitânia. **Centro Norte Notícias**: memória viva: libertação dos jegues. Pedro Afonso, 2009. (Documento avulso do Museu de Pedro Afonso).

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro, RJ: Ed. FGV, 2005. 235 p.

ANDRIOLO, Arley. A paisagem da cidade histórica e turística: fenomenologia da experiência estética. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 91-105, dez. 2016. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1068/499>. Acesso em: 5 abr. 2019.

ATITUDE PORTAL DE NOTÍCIAS. Membro fundador da Academia Tocantinense de Letras falece aos 97 anos, 2020. Disponível em: <https://www.atitudeto.com.br/noticias/destaque/membro-fundador-da-academia-tocantinense-de-letras-falece-aos-97-anos/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

AZEVEDO, Aroldo. Vilas e cidades do Brasil colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva. **Terra Livre – AGB: Geografia, espaço e memória**, São Paulo, n. 10, jan./jun. 1992. p. 23-78. Disponível em: <https://agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/113/111>. Acesso em: 25 maio 2020.

BALSAN, Rosane; RIBEIRO, Laíres José Gonçalves da Silva; BRESSANIN, César Evangelista Fernandes (org.). **Roteiro Geo-turístico em Porto Nacional**: reflexões de ensino, pesquisa e extensão. Palmas: Eduft, 2020. 146 p. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora/article/view/10686/18393>. Acesso em: 25 out. 2021.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2011. 1182 p.

BONFIM, Wátila Mislá Fernandes. **Os filigraneiros de Natividade, Tocantins**: patrimônio imaterial, identidade e turismo. Goiânia: Editora Kelps, 2019.

BORGES, Ana Maria; PALACIN, Luiz. **Patrimônio histórico de Goiás**. 2. ed. Brasília, DF: SPHAN, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 17. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.

BP BUNGE BIOENERGIA. **Por um futuro com mais energia**. Disponível em: <http://bpbunge.com.br/>. Acesso em: 18 fev. 2020.

BRANDÃO, Juliana Mendanha; MAHFOUD, Miguel; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia**, São Paulo, v. 21, n. 49, p. 263-271, maio/ago. 2011.

BRASIL. Agência Nacional de Águas (ANA). **Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil 2019**: informe anual. Brasília, DF: ANA, 2019. Disponível em: http://www.snirh.gov.br/portal/snirh/centrais-de-conteudos/conjuntura-dos-recursos-hidricos/conjuntura_informe_anual_2019-versao_web-0212-1.pdf Acesso em: 24 abr. 2020.

BRASIL. **Decreto-lei nº. 8.534**, de 02 de janeiro de 1946. Passa à Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o Serviço do mesmo nome, criado pela Lei número 378, de 13 de janeiro de 1937, e dá novas providências. Rio de Janeiro/Capital Federal, 1946.

BRASIL. **Lei nº. 378**, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Rio de Janeiro/Capital Federal, 1937.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Programa Monumenta. **Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural**. Elaboração José Hailon Gomide, Patrícia Reis da Silva, Sylvia Maria Nelo Braga. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Programa Monumenta, 2005. 76 p. (Programa Monumenta, cadernos técnicos 1).

BRASIL. Ministério da Cultura. **Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural**. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Programa Monumenta, 2005. 76 p. (Programa Monumenta; cadernos técnicos, 1). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/CadTec1_Manual_de_Elaboracao_de_Projetos_m.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. Força Aérea Brasileira. **Major-Brigadeiro-do-Ar: Lysias Augusto Rodrigues: pioneiro do correio aéreo nacional Patrono do INCAER**, [2020]. Disponível em: https://www2.fab.mil.br/incaer/images/eventgallery/instituto/Opusculos/Textos/opusculo_lyusias_rodrigues.pdf. Acesso em: 5 jun. 2020.

BUAINAIN, Antônio Márcio Garcia; GARCIA, Junior Ruiz; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. **Dinâmica da economia e da agropecuária no Matopiba**. Brasília, DF: Rio de Janeiro: Ipea, 2017. (Texto para discussão; 2283).

BUNGE. **Patrimônio do Delta**: cultura, memória e patrimônio nas cidades de Bom Jesus do Tocantins, Pedro Afonso e Tupirama, região do Delta do Tocantins, 2014.

BURY, John. **Arquitetura e arte no Brasil colonial**. Organização Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira. Brasília, DF: IPHAN/MONUMENTA, 2006. 253 p. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/files/johnbury.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

CANCLINI, Néstor García. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 95 – 115, 1994.

CARNEIRO, Celso Dal Ré; GONÇALVES, Pedro Wagner; LOPES Osvaldo R. O ciclo das rochas na natureza. **Terrae Didática**, Campinas, SP, v. 5, n. 1, 2009, p. 50-62. Disponível em: https://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/v5/pdf-v5/TD_V-a5.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.

CASTIGLIONI, Benedetta; PARASCANDOLO, Fabio; TANCA, Marcello. Landscape as mediator, landscape as commons: an introduction. *In*: CASTIGLIONI, Benedetta; PARASCANDOLO, Fabio; TANCA, Marcello (ed.). **Landscape as mediator: landscape as commons international perspectives on landscape research**. Padova: Cleup sc, 2015. p. 7-28.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CASTRO, Lourivan. **Pedro Afonso: um passado próximo e uma realidade distante**, 2018. (Documento em folheto disponível no Museu Histórico de Pedro Afonso).

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução Luíz Fugazolla Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.

COAPA. Cooperativa Agroindustrial do Tocantins. **Nossa história**. Disponível em: <https://www.coapa.com.br/pagina/?id=1>. Acesso em: 12 fev. 2020.

COLIN, Silvio. **Técnicas construtivas do período colonial**. [Betim, MG]: Implic, Instituto Histórico, [2010].

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Tempo e cultura. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 7-11.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 92-123.

COSTA, Everaldo Batista da. Cidades, imagem e patrimônio: consideração metodológica. *In*: PORTUGUEZ, Andreson Pereira; NAZCO, Diamiry Cabrera; ESCALONA, Yulianne Pérez (orgs.). **Turismo, território e patrimônio histórico-cultural: experiências cubanas e brasileiras**. Ituitaba: Barlavento, 2015, v. 1, p. 49-69.

COSTA, Everaldo Batista. Fundamentos de uma emergente Patrimonialização Global. **Geografia**, Rio Claro, v. 39, n. 2, p. 241-256, maio/ago. 2014.

COSTA, Everaldo Batista da; PELUSO, Marília. Territórios da memória candanga na construção da capital do Brasil (1956-1971). SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 12., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: UERJ, 2013, p. 1-28.

COSTA, Everaldo Batista da; STEINKE, Valdir Adilson. Riscos ao patrimônio mundial motor de desenvolvimento: desígnios à cultura e à natureza. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, São Paulo, v. 25, p. 200-230. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/75181>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CRUZ, Rita de Cassia Ariza da. “Patrimonialização do patrimônio”: ensaio sobre a relação entre turismo, “patrimônio cultural” e produção do espaço. **Revista Geosp – espaço e tempo**, São Paulo, n. 31, p. 95-104. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74255/77898> Acesso em: 7 out. 2019.

DIEHL, Astor Antônio. Memória e identidade: perspectiva para a história. *In*: TEDESCO, Joao Carlos. (org.). **Usos de memórias**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 141-159.

DUNCAN, James. **The city as text: the politics of landscapes interpretation in the Kandyan Kingdom**. USA: Cambridge University Press, 1990.

EMBRAPA. **Matopiba**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-matopiba>. Acesso em: 5 dez. 2020.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

FAVARETO, Arilson da Silva (coord.). **Segure a linha: a expansão do agronegócio e a disputa pelo cerrado**. São Paulo: Greenpeace, 2018.

FLORA DO BRASIL. **Licania tomentosa (Benth.) Fritsch**. [Rio de Janeiro]: [s.n.], 2021. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/FichaPublicaTaxonUC/FichaPublicaTaxonUC.do?id=FB16857>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Campo Teórico).

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. 351 p.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, Edvânia Torres Aguiar. Natureza e cultura: representações na paisagem. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, RJ: EDUERJ, 2001. p. 29-48.

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GRAHAM, Laura. **Povos Indígenas no Brasil**: xavante. [S. l.]: ISA, [2008]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavante>. Acesso em: 28 jan. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. 2. ed. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

IBGE. **Pedro Afonso-TO**: histórico, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/tocantins/pedroafonso.pdf>. Acesso em: 2 maio 2020.

IBGE. **Produto Interno Bruto (PIB)**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>. Acesso em: 4 jan. 2021.

IPHAN. **Mário de Andrade**, 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1024/mario-de-andrade>. Acesso em: 12 jul. 2020.

LEENHARDT, Jacques. Paisagem e morte. **Revista Paisagens Híbridas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 46-69. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ph/article/view/22033>. Acesso em: 22 dez. 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LOPES, Leonardo Esteves; BRAZ, Vívian A. Aves da região de Pedro Afonso, Tocantins, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, [Brasília, DF], v. 15, n. 31, dez. 2007, p- 530-537. Disponível em: <http://revbrasilornitol.com.br/BJO/article/view/3103>. Acesso em: 25 maio. 2020.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (Re) significação da paisagem no período contemporâneo. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, RJ: EDUERJ, 2001. p. 9-28.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas: amostragens e técnicas de pesquisa: elaboração, análise e interpretação de dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARANHÃO, Othon. **Setentrião goiano**. 2. ed. Pedro Afonso, TO: Ed. do autor, 1990. 142 p.

MAPBIOMAS. **Relatório anual do desmatamento no Brasil**. São Paulo: [s.n.], 2019. 49 p. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/alerta.mapbiomas.org/relatrios/MBI-relatorio-desmatamento-2019-FINAL5.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

MATOS, Karenina Cardoso. **A cidade ribeirinha**: desafios e possibilidades para o planejamento urbano-ambiental dos rios Parnaíba e Poti em Teresina-PI. 2017. 301f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142005000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142005000100005>.

MELO, Vera Mayrinck. Paisagem e simbolismo. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro, RJ: EDUERJ, 2001. p. 29-48.

MESSIAS, Noeci Carvalho. **Religiosidade e devoção**: As festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e Natividade/TO. 2010. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

MIRANDA, Anna Britto. **História de Pedro Afonso**. Goiânia: Oriente, 1973. 134 p.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

NASCIMENTO, Núbia Nogueira do. **Turismo cultural e a patrimonialização do Polígono de Tombamento do Centro Histórico de Porto Nacional-TO**. 2014. 222 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2014.

NASCIMENTO, Núbia Nogueira do; BALSAN, Rosane. Discurso sobre o processo de tombamento do Centro Histórico de Porto Nacional-TO. **Cultur**, Ilhéus, ano 11, n. 2, p. 109-135, jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/1117>. Acesso em: 20 jan. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 10 jan. 2021.

NUNES, Débora Aquino; TRINDADE JÚNIOR, Saint Clair Cordeiro da. (Sobre) vivências ribeirinhas na orla fluvial de Marabá-Pará: agentes, processos e espacialidades urbanas. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 15, n. 1, jun. 2012. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3286/1/Artigo_SobrevivenciasRibeirinhasOrla.pdf. Acesso em: 8 jan. 2020.

OLIVEIRA, J. A. As pequenas cidades da Amazônia: espaços perdidos e reencontrados. *In*: DAMIANI, A. L. *et al.* **Espaço no fim do século**: a nova raridade. São Paulo: Contexto. 1999.

OLIVEIRA, Lucimara Albieri; SANTOS, André Luiz; PEREIRA, Ana Paula Borges. Análise das transformações na dinâmica urbana em dois pequenos municípios após a implantação de uma empresa multinacional de agronegócio no estado do Tocantins. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO ARQUITETURA, CIDADE E PROJETO: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA, 3., 2014. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo, 2014. Tema: arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. Eixo temático: Habitação e Direito à Cidade, p. 1-15. Disponível em: http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/POSTER/SC-HDC-064_OLIVEIRA_SANTOS_PEREIRA.pdf. Acesso em: 25 abr. 2020.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. A libertação dos jegues e a questão identitária. **História Revista**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-13, jan./jun. 2007a. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/issue/view/634>. Acesso em: 20 fev. 2020

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Cidades ribeirinhas do Rio Tocantins**: identidades e fronteiras. 2007b. 223 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007b. Versões impressa e eletrônica. Disponível em: https://portais.ufg.br/up/113/o/oliveira_MariadeFatima.pdf. Acesso em: 15 fev. 2020.

PACHECO, Susana Mara Miranda. Resiliência urbana e comercial em áreas centrais. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 23, ano 14, p. 459-478, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/4814/5419>. Acesso em: 5 dez. 2020.

PEDRO AFONSO (Município). Secretaria Municipal de Cultura. **Tombamento de edificações históricas do município**. Coordenado por Fabrício Rocha de Souza, 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 20 dez. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-2012, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 5 jan. 2021.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. *In*: FERREIRA, Maneta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 67-72.

PORTAL CNN. **Cidades:** Martien van Nistelrooij, holandês que amava Pedro Afonso, morre aos 77 anos. 2018. Disponível em: <https://www.centronortenoticias.com.br/noticia-1522926463-martien-van-nistelrooij-holand-s-que-amava-pedro-afonso-morre-aos-77-anos>. Acesso em: 13 maio 2020.

PORTAL CNN. **Cidades:** visita importante: depois de quase 50 anos, voluntário holandês voltará a Pedro Afonso. 2019. Disponível em: <https://www.centronortenoticias.com.br/noticia-1551991702-depois-de-quase-50-anos-volunt-rio-holand-s-voltar-a-pedro-afonso>. Acesso em: 30 maio 2020.

PORTAL CNN. **40 anos depois:** a tragédia que Pedro Afonso não esquece. 2015. Disponível em: <https://www.centronortenoticias.com.br/noticia-1428130445-40-anos-depois-a-tragedia-que-pedro-afonso-nao-esquece>. Acesso em: 8 jun. 2020.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo:** colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 446 p.

REZENDE, Maria Beatriz *et al.* (org.) Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN. *In:* REZENDE, Maria Beatriz *et al.* (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007. (Pesquisa e Documentação do IPHAN: 1).

RODRIGUES, Jean Carlos; SANTOS, Robson Francisco Barros dos. A geografia política do Estado do Tocantins: Análise da criação/emancipação de municípios tocaninenses. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 2, n. 1, p. 21-35, jan./jul. 2015.

RODRIGUES, Lysias Augusto. **Roteiro do Tocantins**. Rio de Janeiro: Ed. Revista Aeronáutica, 1987. 257 p.

RODRIGUES, Waldecy; VASCONCELOS, Silvio Jucá; BARBIERO, Alan Kardec. Análise da efetividade Socioeconômica do Prodecir III no município de Pedro Afonso, Tocantins. **Pesquisa Agropecuária Tropical (Agricultural Research in the Tropics)**, v. 39, n. 4, p. 301-306, 18 nov. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/pat/article/view/5581>. Acesso em: 3 jun. 2020.

ROSEMAN, Mark. Memória sobrevivente: verdade e inexatidão nos depoimentos sobre o holocausto. *In:* FERREIRA, Maneta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). **História oral:** desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 123- 134.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo: razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova:** da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. 174 p.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. Cap. 5

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

SAUER, Carl O. Morfologia da paisagem. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 12-74.

SODRÉ, Reges; RAMIRES, Julio Cesar de Lima. Os papéis urbanos da cidade de Carolina na fronteira agrícola da Amazônia Legal. **Revista Interespaco**, Grajaú, v. 4, n. 14, p. 145-167, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/7352>. Acesso em: 8 set. 2020.

TAGGIA, Rafael de, Frei. Mappas dos índios cherentes e chavantes na nova povoação de Thereza Cristina no rio Tocantins e dos índios charaós. **Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil**, Rio de Janeiro, p. 119-124, nov. 1898. (Publicação escrita em 24 de novembro de 1852, publicado na revista IHGB em 1898). Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/0QD00002.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2020.

TEIXEIRA, Amália Hermano. Apresentação. *In*: MIRANDA, Anna Britto. **História de Pedro Afonso**. Goiânia: Oriente, 1973. 134 p.

TOCANTINS. **Projeto de Lei n.º 1.595-C, 11 de julho de 2007**. Denomina de "Prefeito Leôncio Miranda" a ponte na BR-235, sobre o rio Tocantins. Pedro Afonso: Câmara Municipal, [2007]. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=1763CB75DEFBA275CC697C5680B4CB52.node1?codteor=588815&filename=Avulso+-PL+1595/2007. Acesso em: 20 mar. 2020.

TOCANTINS. Secretária da Comunicação. **Governador inaugura Passarela sobre o Rio Sono e participa de instalação do Programa Guarda Mirim**. 2020. Disponível em: <https://secom.to.gov.br/noticias/governador-inaugura-passarela-sobre-o-rio-sono-e-participa-de-instalacao-do-programa-guarda-mirim-957/>. Acesso em: 2 jun. 2020. (Reportagem de Kassandra Valduga publicada em 15/07/2003).

TOCANTINS. Secretaria da Fazenda e Planejamento. **Produto Interno Bruto dos Municípios do Estado do Tocantins - 2018**. Palmas, TO: SEFAZ/GECORE, 2020. Disponível em: <https://www.to.gov.br/sefaz/noticias/secretaria-da-fazenda-de-planejamento-divulga-pib-2018-dos-municipios-tocantinenses/1cfaa13t9btt>. Acesso em: 4 jan. 2021.

TRINDADE, Gesiane Oliveira; TRINDADE JÚNIOR, Saint Clair Cordeiro da. A ver navios, barcos e canoas... vivências urbanas e relação cidade-rio na Amazônia

Ribeirinha. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 16, n.1, p. 35-54, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7321/4360>. Acesso em: 5 fev. 2020.

T1 NOTÍCIAS. **Turismo**: de Confusão a Lagoa não tem nada, é só beleza e diversão; confira detalhes, 2016. Disponível em: <https://www.t1noticias.com.br/turismo/de-confusao-a-lagoa-nao-tem-nada-e-so-beleza-e-diversao-confira-detalhes/80133/>. Acesso em: 24 maio 2021.

VELHO, Gilberto. Memória, cultura e sociedade. *In*: LEIBING, Annete; BENNINGHOFF-LUHL, Sibylle (orgs.). **Devorando o tempo**: Brasil, o país sem memória. São Paulo: Mandarim, 2001. p. 10-11.

VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. *In*: DÉAK, Csaba; SHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2010. 346 p.

VILLELA, Américo Baptista. A cidade representada: as ruas da cidade e a memória republicana em Campinas. **Revista CPC**, São Paulo, n. 6, p. 102-118, maio/out. 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268311546.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, n. 8, p. 75-84. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf> Acesso em: 13 jul.2020.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Você é morador (a) da cidade de Pedro Afonso-TO?
2. Você nasceu em Pedro Afonso?
3. Há quanto tempo você mora na cidade?
4. O que significa morar em Pedro Afonso?
5. Por que você escolheu esta cidade?
6. Qual é o lugar da cidade mais importante e por quê?
7. Na sua opinião qual é o símbolo/objeto na cidade que mais representa Pedro Afonso?
8. Você sabe se existe empresas de grande porte/multinacionais em Pedro Afonso?
9. Além da Bunge/Coapa existem outras empresas multinacionais na cidade; se existe você pode citar?
10. Você acha interessante a presença da Bunge e a Coapa na cidade e por quê?
11. Você acha que houve alguma mudança na cidade após a chegada da Bunge e Coapa?
12. Você conseguiria me dizer se houve alguma descaracterização/ demolição de casas antigas no centro da cidade. Se sim, há quanto tempo e qual o motivo?
13. Onde existem casas mais antigas/históricas? Qual a localização?
14. Você considera Pedro Afonso uma cidade histórica e qual sua opinião?
15. Na sua opinião quais os imóveis mais importantes?
16. Na sua opinião o que significa patrimônio em Pedro Afonso?
17. Na sua opinião o que significa memória em Pedro Afonso?
18. Conte-nos de três a quatro fatos marcante na história de Pedro Afonso na ordem de importância? Seja alguma mudança da paisagem/ alguma demolição, novas construções/ desabamentos que você presenciou ou que seus pais/ avós contaram
19. Alguns imóveis evidentes passaram por algum tipo de reforma na sua estrutura? Como casa dos padres, Igreja São Pedro entre outros imóveis? Escola Agroartesanal?
20. Você já ouviu falar da festa do Imperador (festa do Divino/ folia do Divino Espírito Santo) e da festa da Imperatriz em meados de 1913?
21. Atualmente você já acompanhou ou viu alguma festividade na cidade? Tipo festa de Padroeiro São Pedro comemorada em 29 de junho ou alguma outra festa?
22. Conte-nos a sua contribuição para a memória da cidade

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: **MEMÓRIA E PATRIMÔNIO EM PEDRO AFONSO-TO: CIDADE RESISTENTE NO ESTADO DO TOCANTINS**, e nós gostaríamos de entrevistá-lo.

Essa pesquisa está sendo conduzida pela Universidade de Brasília (UnB). Caso haja alguma palavra ou frase que o (a) senhor (a) não consiga entender, converse com a pesquisadora responsável pelo estudo, **Núbia Nogueira do Nascimento** para esclarecê-lo.

Qual a importância da pesquisa para a população pedro-afonsino? esta pesquisa vai analisar o patrimônio histórico da cidade, verificar se houve modificações na área antiga/histórica da cidade, ver a opinião por meio das falas de vocês. Este estudo será importante para o reconhecimento da cidade enquanto patrimônio nacional.

Quais levantamentos serão realizados com os envolvidos? Nosso primeiro contato faremos uma roda de conversa sobre nossa proposta de pesquisa. Após tirar as dúvidas dos participantes, se concordar em participar do projeto de pesquisa, irão assinar esse Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), lembrando que você tem o livre arbítrio de participar ou não, mesmo que a entrevista já tenha sido realizada. O passo seguinte, as entrevistas serão realizadas pessoal e individual entre você e o entrevistador para que se sinta à vontade e sem interferência nas suas ideias e colocações por meio das lembranças e descrições de fatos antigos. Caso você sinta-se dificuldade no deslocamento a pesquisadora vai até você coletar as informações para compor a pesquisa. A entrevista ocorrerá em um lugar tranquilo e silencioso provavelmente será realizada no Museu Histórico ou na Praça da cidade, mas se você preferir poderá ser em sua residência, caso você tenha alguma sugestão de lugar, será feita esta vontade. Serão realizadas dezesseis perguntas abertas na entrevista, gravadas, com o tempo estimado de 15 a 20 minutos. As perguntas são para conhecer um pouco mais sobre o reconhecimento da cidade como patrimônio na visão dos moradores, bem como a chegada da indústria.

Quais os custos da minha participação e os riscos e benefícios? A sua participação na pesquisa é gratuita, você não terá nenhum gasto com a sua participação. Mas, se houver esses serão cobertos pela pesquisadora. Serão feitas dezesseis perguntas e para não haver riscos do(a) sr(a) não se sentir à vontade com algum desconforto, constrangimento ou cansaço ao responder as perguntas, devido à incompreensão ou tamanho da entrevista, pode me falar que lhe esclareço. Se o tempo não for suficiente, podemos continuar a entrevista em outro dia, conforme achar melhor. Para evitar esses riscos, realizaremos a entrevista em um lugar reservado e tranquilo, caso ainda esteja em dúvida, nos respeitaremos sua opinião e forneceremos esclarecimentos.

A sua participação será significativa para a preservação e o reconhecimento do Patrimônio da cidade de Pedro Afonso-TO.

Quanto ao sigilo e minha liberdade de participação? Sua participação é voluntária e o(a) sr(a) pode interromper a entrevista mesmo depois de ter concordado em participar. O(a) sr(a) tem liberdade para não responder a qualquer pergunta da entrevista. Em caso de recusa ou interrupção da entrevista, o(a) sr(a) não será exposto(a) a qualquer tipo de penalidade.

O sr(a) aceita participar dessa pesquisa? () Sim () Não, recusou

Rubrica da(o) Participante

Rubrica da Pesquisadora

A sua participação será mantida em completo sigilo. Todas as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais. Seu nome, endereço e outras informações pessoais serão transformados em um código de identificação único. As informações coletadas na entrevista serão identificadas apenas através do código, sem nenhuma identificação pessoal. Os seus dados pessoais, como nome e endereço, serão usados, apenas, para o envio dos resultados da pesquisa, se o(a) sr(a) consentir.

Se eu tiver algum dano decorrente da pesquisa? Em caso de dano físico, moral, psíquico, intelectual, social, cultural ou espiritual, diretamente causado pela divulgação de dados pessoais do participante, este terá direito a indenizações legalmente estabelecidas.

Quem devo entrar em contato em caso de dúvida? Caso o(a) sr(a) tenha qualquer dúvida sobre esta pesquisa, o sr(a) pode me perguntar ou entrar em contato com o pesquisador responsável NÚBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO, pelo telefone (63)98133-1750 ou com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/ FESP / Fundação Escola de Saúde Pública de Palmas [HM6, Lote 03, Q. 411 Sul Avenida LO 9, 405 Palmas/TO, Instituto Vinte de Maio, telefone (63)3212-7166 de segunda a sexta no horário comercial (exceto feriados)], órgão responsável pelo esclarecimento de dúvidas relativas aos procedimentos éticos da pesquisa e pelo acolhimento de eventuais denúncias quanto à condução do estudo.

DECLARAÇÃO PESQUISADOR/RESPONSÁVEL

DECLARO estar ciente de todos os detalhes inerentes a pesquisa e COMPROMETO-ME a acompanhar todo o processo, presando pela ética tal qual expresso na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS n.466/12 e, especialmente, pela integridade do sujeito da pesquisa.

Esse termo de consentimento foi elaborado em duas vias. Após a sua confirmação em participar, uma via permanecerá retida com o pesquisador responsável e a outra com o(a) sr(a).

Palmas/TO. /.

Assinatura do Pesquisador responsável
Tel: (63)98133-1750

Rubrica do(a) participante

1ª via para o pesquisador e 2ª via para o participante da pesquisa

APÊNDICE C

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

Entrevistada A 28/01/2021 – 9:44 min/ 19:33 min

Núbia: Você é moradora da cidade de Pedro Afonso-TO?

Sim, vai fazer 21 anos.

Núbia: Você nasceu em Pedro Afonso?

Não, nasci em Minas Gerais.

Núbia: Há quanto tempo você mora na cidade?

21 anos.

Núbia: O que significa morar em Pedro Afonso?

Olha pra mim que veio de fora e chegou nessa cidade onde a qualidade de vida é maravilhosa sabe. Uma cidade pequena que a gente ainda não tem 16 mil habitantes e dar de cara com a cultura que tem aqui pra mim é maravilhoso eu não troco Pedro Afonso por nada.

Núbia: Por que você escolheu esta cidade?

Olha na verdade foi ela quem me escolheu, porque eu vim para ficar 10 meses né, eu vim em 2000, agora dia primeiro vai fazer 21 anos e eu fui me envolvendo sabe com a própria história com a própria cidade com as próprias pessoas e fui me envolvendo e como a cooperativa estava trazendo desenvolvimento eu engajei nisso e continuei.

Nubia: Qual é o lugar da cidade mais importante e por quê?

Eu acho a Praça da Matriz fascinante, sabe, porque é histórica e por causa da aura histórica dela. Porque lá aconteceram coisas drásticas, coisas boas, porque era um porto, então tem o cruzeiro, que é importantíssimo, e tem aquele espaço ali. É muito bacana, eu acho que todo mundo tem que conhecer aquela praça e aquela matriz.

Núbia: Na sua opinião qual é o símbolo/objeto na cidade que mais representa Pedro Afonso?

Eu acho que é o cruzeiro, a cruz em frente a matriz mesmo [...] eu gosto muito dela.

Núbia: Você sabe se existe empresas de grande porte/multinacionais em Pedro Afonso?

Só tem a Bunge né, hoje ela é parte americana parece e parte inglesa né. E, tem a Coapa que é a cooperativa que vem crescendo né, ela é a segunda maior.

Núbia: Além da Bunge/Coapa existem outras empresas multinacionais na cidade; se existe você pode citar?

A internet caiu e ficamos sem conexão.

Núbia: Você acha interessante a presença da Bunge e a Coapa na cidade e por quê?

Sim, a Bunge se consolidou na prestação de serviços, né, então antes ela trazia muita gente de fora, foi assim um pouco complicado, mas agora ela tem retido os talentos da região. A mão de obra está assim, capacitando para o pessoal trabalhar com ela, então é importante. E, a Coapa no desenvolvimento regional porque ela abrange muito as cidades vizinhas né a gente abrange quatorze cidades aqui da região. Então o desenvolvimento está vindo porque a pressão de produtora é importante né, eles estão abrindo áreas e isso daí vai forçando construções de asfalto, pontes, muito importante.

Núbia: Você acha que houve alguma mudança na cidade após a chegada da Bunge e Coapa?

Sim, sim. A Coapa trouxe abertura de áreas e a produção, aumentou muito a produção de soja, é que a Coapa foi a primeira e pioneira na produção do plantio de soja aqui no estado e quando o pessoal viu que o nosso cerrado era bom, começou a vir muita gente de fora, então foi muito importante. E a Bunge, por sua vez, trouxe a indústria, né, é uma coisa que nunca tivemos. Desenvolveu muito, no início como eu te disse foi um pouco complicado pois veio muita gente de fora pra os dois municípios, que não tinham praticamente estrutura nenhuma foi Pedro Afonso e Bom Jesus, mas acho que já se superou, já se humanizou isso.

Núbia: Você conseguiria me dizer se houve alguma descaracterização/demolição de casas antigas no centro da cidade. Se sim, há quanto tempo e qual o motivo? Olha que eu me lembro de demolição mesmo eu só vi dois casos e assim mesmo, por falta de manutenção que eram casas muito antigas. Uma bem no centro na rua 26 de julho, ela era bem antiga, bem bonita, mas ela simplesmente caiu. E, uma outra que era uma casa das freiras parece, era bem próximo ali da igreja em frente o tiro de guerra. Eu lembro que existia uma casa muito grande ali e também ela foi desmoronando. Foram as únicas que eu me lembro. Eles restauraram bastante casas ultimamente.

Núbia: Onde existem casas mais antigas/históricas? Qual a localização?

Eu acho que é bem no centro mesmo, ali perto do Cristo Rei tem algumas ali. Naquelas ruas paralelas a Praça Lysias Rodrigues, ali atrás do Banco do Brasil, ali tem umas casas belíssimas e na última rua do Rio Tocantins, ali tem umas casas que mereciam restaurar, sabe, são casas em que moram pessoas, mas umas pessoas parece que de baixa renda que deve ter sido herança ou alguma coisa assim que não têm condição de manter a estrutura original. Ali tem umas casas bonitas.... é porque eu gosto de casas antigas.

Núbia: Você considera Pedro Afonso uma cidade histórica e qual sua opinião?

Considero sim, porque eu acho que antigamente se não fosse Pedro Afonso não existia esse elo de comunicação, de negociação, com o norte mesmo, naquela região de Carolina, Filadélfia. Por que antes da BR realmente não tinha comunicação, né, embora todo mundo diz que a BR fez Pedro Afonso sumir do mapa e o Prodecer trouxe de volta a visibilidade, mas antigamente a gente até sabe que tinha voos semanais. Então é histórico pela trilha de desenvolvimento que ele trouxe do passado... eu acho....

Núbia: Na sua opinião quais os imóveis mais importantes?

Olha eu gosto muito da Igreja como eu te disse, a casa paroquial eu acho fantástica. Eu acho que é uma arquitetura bonita, não é muito antiga, mas ela é diferente, não tem hoje aquelas coisas. Eu gosto daquela casa do Francesco Nicol lá perto da dona Odina, a própria casa da dona Odina. Aquela do lado que era da Ruraltins ou é ainda, que a Ruraltins está usando, aquela casa é uma relíquia eu conheço ela, já entrei, eu acho uma casa fantástica. E recentemente que foi restaurado que eu acho que ela é nova, mas ela é importante, é a atual Secretaria da Educação, eu acho que aquela estrutura ficou tantos anos abandonada jogada lá, que essa reforma dela tornou ela um marco. Eu acho essas obras.

Núbia: Na sua opinião o que significa patrimônio em Pedro Afonso?

Olha eu acho que é a manutenção do histórico, as ruas de pedras, aquelas pouquíssimas que ainda tem. Aquelas avenidas lá da Barão do Rio Branco, eu acho que é, aquela avenida é totalmente histórica, ela tinha que ser reformada. Aquela do Banco Basa, o Bancrevea, ela é histórica, os primeiros clubes, porque a gente teve destruição de praças no passado e agora acho que a gente deveria manter esse patrimônio. Pra mim, essas ruas daquela parte velha são um patrimônio inestimável, é lindo e tem que ser preservado.

Núbia: Na sua opinião o que significa memória em Pedro Afonso?

Olha pra mim hoje é o museu, eu acho o museu fantástico, não fui lá depois dessa reforma, mas quando era lá na praça da Matriz eu já ia, aquele casarão também é outro que devia servir para alguma coisa, ser tombado. Por que o museu está resgatando muita coisa e eu tenho certeza que muita coisa que está lá seria destruído se não estivesse lá. Então eu acho que a memória de Pedro Afonso está centralizada lá hoje.

Núbia: Conte-nos de três a quatro fatos marcante na história de Pedro Afonso na ordem de importância? Seja alguma mudança da paisagem/ alguma demolição, novas construções/ desabamentos que você presenciou ou que seus pais/ avós contaram

Olha que eu ouvi marcante mesmo foi a inundação, a cidade praticamente ligou os dois rios e isso existem fotos. Eu acho impressionante quando você olha os dois rios e imaginar que essa cidade poderia unir os dois rios né, isso aconteceu em 1980. Agora uma coisa que me entristece muito foi a destruição do mangal, que era aquela praça perto da antiga balsa. Quando eu cheguei, ainda convivi uns três anos com o mangal, a gente ia lá, então eu fiquei muito triste, eu acho que muita gente ficou. E a terceira que eu não me conformo é um acontecimento muito recente é o corte dos pequis da praça, na Pedro Mariano, a avenida da rodoviária nos tínhamos um espaço maravilhoso de pequi e cajueiros e foi destruído para construção. Então a Avenida era linda, era um espaço, uma praça toda de pequis que hoje estão sendo construídos casas. Então é uma história recente, ano passado que aconteceu isso, então era muito lindo, era uma área verde muito linda... deu muito problema, mas...

Núbia: Alguns imóveis evidentes passaram por algum tipo de reforma na sua estrutura? Como casa dos padres, Igreja São Pedro entre outros imóveis? Escola Agroartesanal?

Olha a própria prefeitura ela foi reformada algum tempo atrás, essa casa do Francesco Nicol, a casa do Pedro Afonso, do pai dele se não me engano e a Igreja

ela vem sendo mantida né. E a praça da Lagoa da Cruz que ela era famosa pelas histórias e pela lenda né, mas não era na verdade uma praça. Hoje ela é uma praça muito bonita e está mantendo o espaço que já era, fora a lagoa mesmo. Então a praça ela foi totalmente reformulada.

Núbia: Você já ouviu falar da festa do Imperador (festa do Divino/ folia do Divino Espírito Santo) e da festa da Imperatriz em meados de 1913?

Eu lembro vagamente da Festa da Imperatriz, mas eu nunca vi, nunca presenciei. A folia de reis e do Divino eu já ate participei, inclusive a de São Lazaro, eu acho essas histórias de terços muito bonitas.

Núbia: Atualmente você já acompanhou ou viu alguma festividade na cidade? Tipo festa de Padroeiro São Pedro comemorada em 29 de junho ou alguma outra festa?

Sim, sim a de São Pedro na procissão eu participei, já participei a de São Lazaro que é um terço bem legal e das procissões do Divino que visita as casas com a bandeira. As festas ainda acontecem, a de São Lazaro é agora dia 11 de fevereiro, a do Divino eu acho que é mais para meados, não é agora não. E a de São Pedro em junho.

Núbia: Conte-nos a sua contribuição para a memória da cidade

Olha eu acho que é cuidar do acervo do Prodecer porque embora o Prodecer só tenha 30 anos, ele é um marco. Então eu fico guardando isso e com certeza a gente vai doar algum material para o Museu que é histórico. Eu quero daqui a 30 anos que isso seja uma história. Então a minha contribuição é participar, se alguém precisa de mim para proteger alguma coisa eu costumo engajar nas brigas e tô aqui admirando o museu, guardando coisas e de vez em quando doando alguma coisa que eu consigo encontrar por aí.

Temos um arquivo na COAPA ainda está tudo encaixotado é a história do próprio Prodecer fotos de quando eles chegaram, foto de quando o filho de Dom Pedrinho esteve aqui, que é bisneto de Pedro Afonso então essas coisas a gente costuma guardar.

Entrevistada B 02/02/2021 – 34:03 min

Núbia: Você é morador (a) da cidade de Pedro Afonso-TO?

Sim.

Núbia: Você nasceu em Pedro Afonso?

Também.

Núbia: Há quanto tempo você mora na cidade?

A vida inteira. Eu me ausentei de Pedro Afonso apenas três anos, eu sempre morei aqui.

Núbia: O que significa morar em Pedro Afonso?

Ahh... Tranquilidade, paz, poder morar onde você nasceu e cresceu ao lado dos seus pais, dos seus amigos esse contato com a natureza é maravilhoso. Muita paz, muita tranquilidade, ainda podemos dizer que Pedro Afonso é uma cidade tranquila, calma.

Núbia: Por que você escolheu esta cidade?

A cidade em que eu nasci e assim, meus pais não tinha tantas condições financeiras né. Então aqui eu estudei no Colégio Cristo Rei e terminei meu segundo grau, depois fui para o colégio agrícola fiz o meu curso técnico, me casei. Depois de casada e que surgiu a oportunidade de fazer faculdade na cidade vizinha Guaraí. Então nunca tive a oportunidade de sair por condições financeiras mesmo e aí no mais a família toda aqui e as oportunidades eram poucas. Era só até o segundo grau e o curso técnico. Quando teve a oportunidade de uma faculdade aqui próximo pronto, fiquei por aqui mesmo.

Núbia: Qual é o lugar da cidade mais importante e por quê?

Ah o lugar mais importante da cidade em primeiro é a Igreja Matriz o ponto histórico da cidade, né, ali é onde tudo começou. É onde Frei Rafael chegou, já fez uma barraquinha, já deu aquela bênção e ali é o ponto de chegada. Depois da Igreja Matriz aí vem os dois rios maravilhosos o rio do Sono e o Rio Tocantins, nossa cidade é banhada por dois rios.

Núbia: Na sua opinião qual é o símbolo/objeto na cidade que mais representa Pedro Afonso?

A que mais representa Pedro Afonso para mim é os rios. Eu tô aqui entre a igreja Matriz né que é o centro histórico e os rios porque a nossa Igreja é de frente para o rio Tocantins lugar maravilhoso. A igreja pra mim é o símbolo.

Núbia: Você sabe se existe empresas de grande porte/multinacionais em Pedro Afonso?

Existe a Bunge né que é uma empresa que trabalha com os grãos e álcool, planta cana, a Bunge que é multinacional.

Núbia: Além da Bunge/Coapa existem outras empresas multinacionais na cidade; se existe você pode citar?

Não, a Bunge chegou e agregou várias outras empresas menores ela chegou e trouxe outras empresas, mas ela é a maior.

Núbia: Você acha interessante a presença da Bunge e a Coapa na cidade e por quê?

Olha todas essas empresas tem seus pros e contras né. Uma empresa grande como esta é claro que ela traz benefícios pra cidade, agrega empregos né, consegue trazer muitas oportunidades. O outro lado vem a questão ambiental, né, que, às vezes, a questão da cana, né, a questão de toda essa agressão ao meio ambiente. Todo mundo sabe que com uma empresa dessas que chega à cidade é claro que vem toda, por mais que eles tragam pessoas pra dar cursos para falar sobre essa questão, mas a gente sabe que lá no fundo a agressão ao meio ambiente é muito clara. Mas a Bunge trouxe muitas oportunidades, a Coapa chegou há muitos anos, primeiro que a Bunge, ela veio através do Prodecer III e começou a explorar a região do cerrado, vem por toda essa questão de abrir matas e termina tirando toda essa questão de reserva, por mais que eles falam que deixam uma parte preservada, mas termina que os agricultores... a ganância é muito grande, você vê que áreas enormes... você vê que fica pouca área de mata. Mas é uma empresa que agrega valores de trabalho de rendas pra cidade, tem a questão da cultura, então, assim, tem seu lado positivo e o lado negativo. Infelizmente o progresso vem com tudo isso.

Núbia: Você acha que houve alguma mudança na cidade após a chegada da Bunge e Coapa?

Sim, a cidade cresceu, houve muitos investimentos na questão de moradia, muitas pessoas vieram pra cá e começaram a investir em Pedro Afonso, a cidade cresceu para todos os lados. Você vê, Pedro Afonso cresceu muito, então a questão do aluguel, de escola teve que se adequar para poder receber a população, que era bem pouquinha e, de repente, dobrou. A cidade teve que se adequar a essa questão de moradias de melhorar o tipo de moradia que existia, porque as casas eram muito humildes em Pedro Afonso, e de repente as pessoas tiveram que pensar em moradias melhores para acolher essas pessoas que vinham de fora, pessoal do sul e de todas as regiões do Brasil.

Núbia: Você conseguiria me dizer se houve alguma descaracterização/demolição de casas antigas no centro da cidade. Se sim, há quanto tempo e qual o motivo?

Olha, até que no Centro histórico de Pedro Afonso, eles tentaram preservar até porque a parte do centro histórico fica mais no norte da cidade e essa expansão de construção de moradias é mais para o sul da cidade. A parte histórica, as duas primeiras ruas, a Barão do Rio Branco e a Rua Anhanguera estão preservadas, assim, alguns moradores descaracterizaram as próprias casas, mas os próprios moradores sentiram essa necessidade de melhorar. Mas por conta da Bunge ou da COAPA não, então não houve esse desmoronamento porque a cidade expandiu mais para a região sul da cidade para os outros setores. A parte histórica está preservada.

Núbia: Onde existem casas mais antigas/históricas? Qual a localização?

Nas duas ruas que eu te falei, na rua Anhanguera e na rua Barão do Rio Branco, na rua Constâncio Gomes ainda existem algumas casas, mas as ruas que ainda conservam as moradias com aquele modelo antigo são as ruas Anhanguera e Barão do Rio Branco.

Núbia: Você considera Pedro Afonso uma cidade histórica e qual sua opinião?

Eu acho que é uma cidade que tem uma história muito rica, mas acho que esse patrimônio não foi preservado, não houve um interesse do governo federal, estadual e municipal. Mas é uma cidade que tem uma história muito rica você sabe que é uma cidade muito antiga, com mais de cem anos e esse patrimônio não foi preservado. Tem a sua história, mas você vê que aos poucos as pessoas mais velhas que contavam essas histórias não foram preservadas isso aí. Só agora há oito anos que o último prefeito criou o museu e ali tem uma longa história de Pedro Afonso, mas muitas coisas foram perdidas, não houve essa preocupação de preservar.

Núbia: Na sua opinião quais os imóveis mais importantes?

A Igreja Matriz está bem preservada, nós temos a praça da Igreja Matriz ali, onde aconteceram várias atrocidades, tem uma escada que ela poderia ter sido resgatada e não foi. Tem a Rua da Cruz, onde Frei Rafael implantou a primeira cruz, tem toda uma história. Você conhece, né, a lenda da Lagoa da Cruz, lá eles desconstruíram a Lagoa da Cruz, não existe mais aquela cruz. Então, tem alguns pontos de Pedro Afonso que poderiam ser melhores preservados pra visitação ou mesmo contação, alguém para estar falando desses pontos turísticos e dos pontos históricos de Pedro

Afonso. A lagoa da Cruz, a Praça da Igreja Matriz, os portos, porque antes aqui em Pedro Afonso, os meios de transportes eram só os barcos, então os portos de Pedro Afonso têm toda uma história, os barcos a motor e tudo isso a gente vê com o tempo se perdendo.

Núbia: Na sua opinião o que significa patrimônio em Pedro Afonso?

É a sua história que precisa ser preservada, os mais novos têm que saber de toda essa história de Pedro Afonso porque hoje nas escolas os nossos alunos não sabem que Pedro Afonso já produziu borracha, daqui de Pedro Afonso saía borracha pra Belém, daqui saía carne para Belém nos barcos a motor. Esse patrimônio, essa história e toda essa história comercial nós estamos perdendo, isso porque os livros que existiam, acho que ainda existem alguns de Nana Britto, alguns escritores que escreveram, mas isso não é divulgado. A história de Pedro Afonso é muito rica e falta divulgar.

Núbia: Na sua opinião o que significa memória em Pedro Afonso?

Guardar essa memória no museu essa história de Pedro Afonso, todos esses dados pra quem chegar em Pedro Afonso conhecer toda essa trajetória. Acredito que a memória de Pedro Afonso está registrada o Museu está sendo um bom caminho para isso, para que as pessoas conheçam um pouco dessa história que é tão rica.

Núbia: Conte-nos de três a quatro fatos marcante na história de Pedro Afonso na ordem de importância? Seja alguma mudança da paisagem/ alguma demolição, novas construções/ desabamentos que você presenciou ou que seus pais/ avós contaram

O que me marcou foi a queda do avião, eu acho que era o último voo da Varig, não sei bem qual a empresa, mas era um avião muito grande. Eu acho que eu era muito pequena e na época nós saímos correndo “o avião caiu, vai explodir” e nós saímos correndo tudo para beira do rio (risos). Depois não, não... o avião já caiu, já entrou na casa e matou alguém então foi uma coisa que ficou, aquela cena daquele avião enorme dentro daquela casa, aquela multidão. Eu lembro que não sabia se ficava na praça vendo o avião ou se ia para o hospital ver as pessoas acidentadas. Na época estávamos todos em casa e aí não tinha telefone, a notícia era assim e nós saímos correndo para beira do rio, minha mãe, meu pai, vamos, vamos pra beira do rio, vamos nos afastar ao máximo possível. Aí depois, não o avião já caiu entrou na casa, matou a mãe do seu Zé de Moura que hoje é desembargador e parece que uma das filhas. Esse foi um dos fatos bem marcantes, eu era criança, mas presenciei na época. Outro fato na época da minha faculdade, a gente atravessava na balsa na pipis e depois veio a construção da ponte, pra mim aquilo ali foi um progresso, um bum em Pedro Afonso, a construção da ponte no Rio Tocantins. Foi um fato muito importante, porque ligou Pedro Afonso, deu mais agilidade a tudo, do que ficar esperando aquela balsa na beira daquele rio a maior dificuldade, as pessoas adoeciam e era muito triste ver as pessoas assim. Às vezes perdiam a vida no rio, esperando aquela balsa chegar. A construção da ponte sobre o Rio Tocantins pra mim foi um dos melhores, ou senão um dos mais importantes progressos que eu vi chegar a Pedro Afonso. Melhorou o fluxo, a saída e a entrada de Pedro Afonso. Eu ouvi meu pai falar, mas que eu não participei, foi a libertação dos jegues em Pedro Afonso, porque naquela época, as pessoas não tinham água encanada e carregava água no lombo dos jegues. O meu pai tinha um e meu irmão era quem

fazia esse trajeto e vendia a água para as pessoas de melhores condições e aí na administração de seu Ademar Amorim, ele fez a encanação de água e fez uma festa. Foi um acontecimento a libertação dos jegues.

Núbia: Alguns imóveis evidentes passaram por algum tipo de reforma na sua estrutura? Como casa dos padres, Igreja São Pedro entre outros imóveis? Escola Agroartesanal?

A igreja passou por reformas, a escola agro artesanal agora, hoje virou o IFTO tem vários cursos técnicos, houve a expansão do prédio, quadras, houve uma melhoria muito grande e tem vários cursos. E, o nosso colégio Cristo Rei que toda vida nos almejamos uma reforma. É uma construção que foi referência no norte de Goiás, o nosso colégio Cristo Rei precisa dessa reforma e nunca aconteceu, mas todas as escolas de Pedro Afonso foram reformadas, a igreja, o colégio agrícola, o Tiro de Guerra, que também é um dos pontos de referência na história de Pedro Afonso, a AGENFA-Coletoria, a prefeitura. Então, vários órgãos com a chegada dessas empresas tiveram que se adequar com a chegada de muitos moradores em Pedro Afonso.

Núbia: Você já ouviu falar da festa do Imperador (festa do Divino/ folia do Divino Espírito Santo) e da festa da Imperatriz em meados de 1913?

Do Divino Espírito Santo sim, do Imperador não.

Núbia: Atualmente você já acompanhou ou viu alguma festividade na cidade? Tipo festa de Padroeiro São Pedro comemorada em 29 de junho ou alguma outra festa?

Sim, Aqui em Pedro Afonso acontece ainda a folia do Divino Espírito Santo, as pessoas ainda têm essa tradição, ano passado devido à questão da pandemia não tivemos a folia de Reis, mas as pessoas fazem a folia de Reis, fazem a do Divino Espírito Santo. Eles saem fazendo de casa em casa, daquela mesma forma de antigamente e aí depois no dia do Divino Espírito Santo, se reúnem, as pessoas colaboram e tem aquela comida e a reza. Então, todo ano ainda acontece em Pedro Afonso, tem a folia de Reis e a folia do Divino Espírito Santo e os festejos de São Pedro ainda acontecem também. Ano passado, devido a pandemia, não tivemos, só a parte de liturgia.

Núbia: Conte-nos a sua contribuição para a memória da cidade

A minha contribuição, foi quando eu estive secretaria, eu comecei juntar partes dessa historia de Pedro Afonso junto com o prefeito da época nos fizemos uma parceria com a secretaria da agricultura e tentamos na época criar o museu histórico de Pedro Afonso, daí começamos a juntar peças históricas, então eu deixei várias peças na prefeitura, para a criação desse museu. Eu criei um projeto, o nome do projeto era “conhecer para preservar”, na época. E aí depois eu sai da prefeitura e o prefeito também não teve muito interesse, mas eu sempre divulgo a história da nossa cidade na escola, eu sempre dou palestras sobre a história de Pedro Afonso, sobre as lendas, na época do folclore nós nos reunimos para fazer a contação de histórias sobre as principais lendas da nossa cidade. Nós temos a lenda do rio do Sono, temos a lenda da lagoa da Cruz e desta forma a gente vem trabalhando e tentando repassar para os nossos alunos um pouco da história de Pedro Afonso por meio de palestras.

Vou te contar um fato novo, falando da borracha que era da mangabeira, agora em Pedro Afonso tem o plantio da seringueira, esses dias nos fomos fazer uma trilha de pedal. E, o nome da trilha é “trilha da seringueira” e justamente essa fazenda é do pessoal da dona Odina e lá eles plantam a seringueira e eles já estão extraíndo a borracha. Eu achei muito incrível aquilo ali porque eles são muito de preservar a história de Pedro Afonso, mas olha é uma plantação a perder de vista é muito lindo. É uma plantação enorme de seringueira, porque lá na fazenda deles, eles plantam soja, eles têm o plantio de seringueira e criam gado de corte para engorda, então eles têm várias atividades, mas essa da seringueira eu fiquei muito encantada no meio da plantação, muito lindo [...] voltando as origens.

A charqueada ainda existe, sempre que a gente vai na chácara do cunhado a gente passa pela charqueada, para onde o matadouro mandava carnes para Belém e várias localidades, de avião.

Entrevistada C 11/02/2021 – 30:32 min

Núbia: Você é morador (a) da cidade de Pedro Afonso-TO?

Sim.

Núbia: Você nasceu em Pedro Afonso?

Nasci em Pedro Afonso, quando antigamente era Goiás, aí já nasci aqui em Pedro Afonso.

Núbia: Há quanto tempo você mora na cidade?

Desde que eu nasci, eu tenho 60 anos né, então a minha vida toda foi sair para trabalhar fora, mas retornei depois de casada, construí família, aí eu voltei para Pedro Afonso novamente.

Núbia: O que significa morar em Pedro Afonso?

Ah, para mim significa muito, porque como eu nasci aqui, estudei aqui, fiz o curso primário na cidade próxima aqui que é Bom Jesus que também era município de Pedro Afonso, fiz o curso primário lá e depois fiz o antigo ginásio em Pedro Afonso no colégio Cristo Rei e fiz meu curso normal aqui também e depois eu sai para trabalhar fora, porque antigamente o curso normal era como se tivesse um curso superior. Então já abria as portas para gente trabalhar na regência de sala. Eu trabalhei na Fundação Bradesco em Aruanã foi meu primeiro trabalho de 1979 aí em 1980 vim para Itaporã do Tocantins e depois Colméia e retornei para Pedro Afonso. O estudo normal tinha no colégio Cristo Rei, primeiramente era as normalistas e depois que veio a denominação para magistério, aí posteriormente veio o normal superior, só que eu fiz matemática.

Núbia: Por que você escolheu esta cidade?

Ah, primeiro porque é minha cidade natal e aqui como é uma cidade pacata o pessoal tudo é companheiro, então eu me sinto bem em morar aqui, tenho família aqui, cidade do interior aconchegante, muito bom e as oportunidades também.

Núbia: Qual é o lugar da cidade mais importante e por quê?

Eu gosto muito do rio Sono, rio Tocantins, as margens dele suas praias. Também tem o colégio onde eu trabalhei a vida quase toda profissional, a praça da Igreja Matriz, todos esses são lugares que me traz boas lembranças.

Núbia: Na sua opinião qual é o símbolo/objeto na cidade que mais representa Pedro Afonso?

O que mais representa é a praça da Igreja Matriz, porque lá tem um marco da fundação e onde aconteceu toda história, esse marco eu acho muito importante.

Núbia: Você sabe se existe empresas de grande porte/multinacionais em Pedro Afonso?

Sim, tem a Bunge que é uma empresa de álcool e açúcar que veio trazer emprego e abriu as portas. Tem a Coapa que é uma cooperativa. Por que aqui o que desenvolve aqui na cidade é o agronegócio, então quase tudo é voltado para o agronegócio. Então são essas duas grandes empresas que existe na região é que se destaca. A Coapa é de grãos, soja, milho e a Bunge é da cana-de-açúcar.

Núbia: Além da Bunge/Coapa existem outras empresas multinacionais na cidade; se existe você pode citar?

Não, multinacional mesmo propriamente é a Bunge a Coapa já não é multinacional, é daqui do estado do Tocantins.

Núbia: Você acha interessante a presença da Bunge e a Coapa na cidade e por quê?

Eu acho importante porque são duas empresas que oferecem muito empregos para Pedro Afonso e para região, nas cidades vizinhas. Eu acho muito importante que elas permaneçam por muito e muito tempo.

Núbia: Você acha que houve alguma mudança na cidade após a chegada da Bunge e Coapa?

Sim, principalmente na infraestrutura, teve a necessidade de abrir novas empresas no ramo alimentício, hotéis, lanchonetes e até mesmo a moradia foi desenvolvida, a cidade cresceu muito nesse campo do comércio de moradia devido a vinda dessas empresas em Pedro Afonso.

Núbia: Você conseguiria me dizer se houve alguma descaracterização/demolição de casas antigas no centro da cidade. Se sim, há quanto tempo e qual o motivo?

Não, até que aqui não tem esses problemas, eles procuram preservar bastante as ruas antigas e as construções. Enquanto isso eu não tenho o que falar, que houve demolição, eles aproveitam o que já tem.

Núbia: Onde existem casas mais antigas/históricas? Qual a localização?

Na rua Anhanguera, existem muitas casas ainda, e na Rua Barão do Rio Branco, que são as duas ruas da cidade que mais têm casas históricas.

Núbia: Você considera Pedro Afonso uma cidade histórica e qual sua opinião?

Eu considero porque desde a sua criação tem uma longa história. Era uma cidade antiga e foi colonizada porque existia muitos índios que moravam aqui, então é mais por essa parte, por sua fundação e desde sua criação.

Núbia: Na sua opinião quais os imóveis mais importantes?

Existe a prefeitura, existe o museu que recentemente foi inaugurado onde traz muitas relíquias, muitas histórias. Tem a casa pastoral, onde os padres moram, são

construções muito antigas que permanecem trazendo uma longa história e bonita também.

Núbia: Na sua opinião o que significa patrimônio em Pedro Afonso?

Patrimônio são tudo que nos traz o que é de bem na cidade, que nos traz história, que nos traz benefícios, tudo isso.

Núbia: Na sua opinião o que significa memória em Pedro Afonso?

São as memórias que ficam que nos traz aprendizado de lutas e vitórias.

Núbia: Conte-nos de três a quatro fatos marcante na história de Pedro Afonso na ordem de importância? Seja alguma mudança da paisagem/ alguma demolição, novas construções/ desabamentos que você presenciou ou que seus pais/ avós contaram

De marco que eu tenho era a lenda da Lagoa da Cruz que aqui tinha, meu pai contava que era uma cruz que quando essa cruz viesse a cair diziam que a cidade acabava. Outro marco foi a construção das praças ecológicas que antigamente era um lixão e foi construído essa praça. O professor Fabrício contribuiu muito na criação dessa praça, onde são plantadas várias variedades de plantas de ornamentação e ali também tinha muitos encontros no qual vinham prejudicar. Agora, no entanto, são encontros feitos por familiares, são comemorados aniversários lá nessa praça. Então, de um lugar que trazia uma visão tão ruim, veio causar lazer agora pra gente. O que eu tenho lembranças são as ornamentações de praças também que antigamente não tinha e arborizações e tombamento no momento eu não recordo. As arborizações estão relacionadas ao plantio de árvores nativas, de ornamentação e também a reciclagem de garrafa pet, pneus, tudo foi reciclado no qual tem nas praças.

Núbia: Alguns imóveis evidentes passaram por algum tipo de reforma na sua estrutura? Como casa dos padres, Igreja São Pedro entre outros imóveis? Escola Agroartesanal?

Houve, na casa dos padres foi reformada, a igreja Matriz também e a prefeitura também. Ah, antes tinha um mercado municipal aí na gestão do Dr. Belarmino foi transformado em um minishoping. E, hoje funciona umas lojinhas de calçados, roupas e papelarias. Então o que era o antigo mercado municipal foi transformado. Isso aí, eu acho que não foi um fator positivo. Que onde o pessoal da roça, da zona rural trazia seus produtos para serem negociados e agora ficou sendo na feira, que foi construída no local onde estão sendo vendidos os produtos.

Núbia: Você já ouviu falar da festa do Imperador (festa do Divino/ folia do Divino Espírito Santo) e da festa da Imperatriz em meados de 1913?

Não, o que eu tenho conhecimento é que meus pais contavam, mas que eu cheguei a conhecer foi a festa do Divino Espírito Santo, a festa de Reis, até agora ainda estava sendo feita, mas a festa do Imperador eu não me recordo.

Núbia: Atualmente você já acompanhou ou viu alguma festividade na cidade? Tipo festa de Padroeiro São Pedro comemorada em 29 de junho ou alguma outra festa?

Já participei da festa de São Pedro tem uma procissão no Rio Tocantins, aí esse ano devido à pandemia desde o ano passado não se comemora, mas eu já

participei. Participei também da festa do Divino da Folia de Reis, eu acompanhava por um pequeno trecho, nessas eu tenho conhecimento e participei. A procissão é do Rio Tocantins, vai da Igreja, a saída da igreja e vai todo mundo através de barcos, balsas, aí retornava novamente para Igreja. Ia até o pontal, que é o encontro dos dois rios, que aqui em Pedro Afonso é formado pelo encontro de dois rios, ia até lá e retornava. Só o ano passado e esse ano devido à pandemia não foi realizado. Esse ano é em junho, talvez possa mudar esse cenário que está tendo hoje e que possa ser novamente retornado.

O público é muito grande.

Quando aqui não existia a ponte e tinha o uso de balsa, o proprietário disponibilizava, era uma parceria que tem com os barqueiros também, faz a parceria para a realização desse evento. A parceria tem barcos, lanchas é feito essa parceria.

Núbia: Conte-nos a sua contribuição para a memória da cidade

A minha maior contribuição foi no setor da educação, fui professora, eu trabalhei aqui na cidade uns 20 e poucos anos administrando aulas de matemática e depois eu trabalhei na diretoria regional de ensino. Então eu acredito que minha maior contribuição foi na educação, eu me sinto privilegiada dos meus alunos também serem membros da comunidade, do comércio, advogados, dentistas, historiadores, então esse é o retorno que a gente tem. A minha maior contribuição foi essa.

Eu já ganhei o prêmio Rafael de Taggia em 2019. Esse evento é feito no aniversário da cidade dia 15 de julho, onde são as personalidades da cidade são homenageadas. No qual eu faço parte dessa equipe e também fui homenageada. Fui homenageada também pela secretaria de educação com um prêmio de um projeto que eu desenvolvi na escola.

Entrevistado D 18/02/2021 – 21:13 min

Núbia: Você é morador (a) da cidade de Pedro Afonso-TO?

Sou morador de lá.

Núbia: Você nasceu em Pedro Afonso?

Foi, nasci em Pedro Afonso.

Núbia: Há quanto tempo você mora na cidade?

Uns quarenta anos aproximadamente.

Núbia: O que significa morar em Pedro Afonso?

Me sinto privilegiado, é uma cidade boa tem dois rios que é muito importante, uma agricultura muito forte. Então, é uma região que está sempre se desenvolvendo, então me sinto horado em ter nascido no município de Pedro Afonso e estar morando a muito anos em Pedro Afonso.

Núbia: Por que você escolheu esta cidade?

Eu nem escolhi, eu já nasci lá próximo e meus pais mudaram para lá e depois que eu comecei a estudar eu resolvi permanecer morando lá em Pedro Afonso. É uma cidade muito boa, eu praticamente gosto muito da cidade, tem muitas oportunidades de serviço de trabalho para as pessoas. Então, isso foi um fator que fez com que eu permanecesse em Pedro Afonso.

Núbia: Qual é o lugar da cidade mais importante e por quê?

Eu considero a frente da Igreja Matriz que foi onde o Frei Rafael de Taggia desembarcou para iniciar o povoado. Então ali é um ponto de referência da cidade.

Núbia: Na sua opinião qual é o símbolo/objeto na cidade que mais representa Pedro Afonso?

Hoje o símbolo mais representativo que eu vejo em Pedro Afonso é a passarela que liga as duas cidades Pedro Afonso a Bom Jesus, fica sobre o Rio do Sono e tem aproximadamente 500m de extensão. É uma passarela muito bonita, um símbolo muito importante para a cidade.

Núbia: Você sabe se existe empresas de grande porte/multinacionais em Pedro Afonso?

Existe. Pedro Afonso tem a empresa da Bunge alimentos, o nome da empresa mesmo é Pedro Afonso açúcar e álcool é uma empresa multinacional, tem aproximadamente uns 1.500 funcionários.

Núbia: Além da Bunge/Coapa existem outras empresas multinacionais na cidade; se existe você pode citar?

Não, multinacional acho que não tem. Tem outras empresas de médio porte, de grande porte só tem essa.

Núbia: Você acha interessante a presença da Bunge e a Coapa na cidade e por quê?

É de grande importância, sempre como eu digo muitas cidades do Tocantins queriam ter a Bunge e a COAPA na cidade, porque além de gerar riqueza, gera emprego, gera conhecimento para as pessoas, para o desenvolvimento em tudo. Vamos dizer assim que é cem por cento de importância o município ter umas empresas como a Bunge e a COAPA.

Núbia: Você acha que houve alguma mudança na cidade após a chegada da Bunge e Coapa?

Ah com certeza, houve e muito. Houve muita mudança, tanto na área estrutural, a própria prefeitura mudou porque a cidade cresceu teve de ter mais investimento, as pessoas tiveram mais aquisição financeira. Houve mais emprego, mais gente mudaram para a cidade então surgiu mais supermercado, mais autoescolas, mais postos de combustível. Então, mudou bastante a cidade foi uma grande evolução.

Núbia: Você conseguiria me dizer se houve alguma descaracterização/demolição de casas antigas no centro da cidade. Se sim, há quanto tempo e qual o motivo?

Teve mais foi os próprios donos que descaracterizaram. Algumas casas o dono quis mudar alguma estrutura e mudou, mas na parte pública não teve nenhuma descaracterização.

Núbia: Onde existem casas mais antigas/históricas? Qual a localização?

Na rua Anhanguera e na rua Barão do Rio Branco, ainda existem casas mais antigas.

Núbia: Você considera Pedro Afonso uma cidade histórica e qual sua opinião?

Sim eu considero histórica. Se eu não me engano é a segunda cidade mais velha do estado. Só que falta mais a conscientização das pessoas para preservar as casas, as instituições, algum monumento. Por que a própria população não está ainda ciente dessa importância. Isso seria muito importante.

Núbia: Na sua opinião quais os imóveis mais importantes?

O Colégio Cristo Rei, é um colégio tradicional é de muito tempo. Hoje eu acho que seria o imóvel mais importante dentro da cidade, de referência seria o Cristo Rei, imóveis públicos. Agora casas, temos o hotel dos viajantes que foi uma das primeiras construções na entrada da cidade, tem várias outras casas. Tem a prefeitura que o prédio é bastante antigo e foi reformado.

Núbia: Na sua opinião o que significa patrimônio em Pedro Afonso?

Patrimônio é a memória para as próximas gerações saberem como foi a cidade, porque se todo mundo for mudando daqui em pouco tempo a cidade descaracteriza e fica uma cidade normal que não tem nenhum tipo de referência para que as futuras gerações possam saber como era antigamente. Como era a cidade, como as pessoas viviam, como era o tipo das construções. Então, isso eu considero como patrimônio.

Núbia: Na sua opinião o que significa memória em Pedro Afonso?

Como Pedro Afonso é uma cidade antiga teve muitas pessoas que ajudaram na construção da cidade, do estado, foram pessoas importantes. Então, tem que ter essa memória para que essas pessoas fiquem sempre sendo lembradas. O que elas fizeram pela cidade, o que elas fizeram pela região, pelo estado, naquele tempo o estado de Goiás. Foram pessoas que ajudaram para o desenvolvimento para a criação do estado do Tocantins. Então isso eu acho que a memória é ter essas pessoas guardadas na mente das que vai passando de geração a geração. Daqui 30 a 40 anos vão saber que tal pessoa contribuiu com o nosso município. Eu acho que é uma memória.

Núbia: Conte-nos de três a quatro fatos marcante na história de Pedro Afonso na ordem de importância? Seja alguma mudança da paisagem/ alguma demolição, novas construções/ desabamentos que você presenciou ou que seus pais/ avós contaram

Essa eu não presenciei, mas me contaram. Em 1968 teve uma festa na qual foi denominada de “libertação dos jegues” e como lá não tinha água. A água dos rios era transportada pelos jumentos. Em maio de 1968 foi instalada a rede de água na cidade, então fizeram uma festa para a libertação desses jumentos. E ficou denominada, “Libertação dos jegues”. Outro fato que eu presenciei foi em 17 de junho de 1975, quando um avião não conseguiu pousar na pista inteira e atingiu várias casas. Atingiu uma casa e matou quatro pessoas, então foi um fato marcante que eu tenho na minha memória. Outro fato marcante também foi em 1980 que teve uma grande enchente nos dois rios a cidade ficou praticamente só uma ilhazinha. Tinha água, além dos rios os córregos acima da cidade represaram e ficaram só uma ilha. Então isso foi um fato bem marcante na minha memória. Algumas casas na beira rio a enxurrada derrubou, várias casas.

Núbia: Alguns imóveis evidentes passaram por algum tipo de reforma na sua estrutura? Como casa dos padres, Igreja São Pedro entre outros imóveis? Escola Agroartesanal?

Aconteceu sim, a reforma na Igreja Matriz, na Casa dos padres, no museu também. Praticamente o museu foi construído um novo agora, antes era em uma casa antiga, antiga Emater e foi reformada e agora está sendo o Museu. A escola agroindustrial que era o colégio agrícola antigamente também foi reformada.

Núbia: Você já ouviu falar da festa do Imperador (festa do Divino/ folia do Divino Espírito Santo) e da festa da Imperatriz em meados de 1913?

Já ouvi falar.

Núbia: Atualmente você já acompanhou ou viu alguma festividade na cidade? Tipo festa de Padroeiro São Pedro comemorada em 29 de junho ou alguma outra festa?

Já, inclusive já participei dos festejos de São Pedro, de Santo Afonso que também é outro festejo que tem da outra igreja. Já participei dessas festas religiosas.

Núbia: Conte-nos a sua contribuição para a memória da cidade

Inclusive agora eu escrevi três livros sobre a cidade de Pedro Afonso. O primeiro eu escrevi sobre o poder legislativo, quem foram os vereadores, eu busquei de 1947 até 2017. Foram 70 anos do legislativo, busquei na Câmara e fiz um livro relatando que foi os vereadores, quem foi a primeira mulher a ser vereadora. Quem foram os vereadores que tiveram mais mandatos, então eu fiz esse livro. E fiz mais dois livros, um contando a história de Pedro Afonso de 1975 pra cá foi quando eu já cheguei na cidade para estudar, tinha mais ou menos uns 10 a 8 anos de idade e cheguei na cidade para estudar e escrevi mais ou menos baseado nisso. E o terceiro eu fiz baseado em quem foram as pessoas ilustres que deram nome a praças, avenidas, ruas, setores e realmente fiz para que esse livro seja guardado para que daqui muitos anos quem sabe as próximas gerações possam saber. Foi muito interessante quando fiz o livro da câmara muitas pessoas hoje, jovens não sabia que seu avô seu tio tinha sido vereador. Então, foi uma descoberta muito interessante quando fiz este levantamento desse material, porque isso tem na câmara, mas esses papeis estão muito deteriorados, em pequeno espaço de tempo eles estão todos danificados. Então eu resolvi colocar no livro para que fosse guardado essa memória. E, sempre tenho procurado valorizar coisas de Pedro Afonso, por onde eu passo vou levar o nome de Pedro Afonso, distribuir meu material para vários estados do país e levar o nome de Pedro Afonso para vários lugares. Inclusive agora estive no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e levei meus livros e distribuí em vários locais para que as pessoas possam ter um conhecimento da nossa cidade.

Entrevistada E 17/03/2021 – 30:54 min

Núbia: Você é morador (a) da cidade de Pedro Afonso-TO?

Sou.

Núbia: Você nasceu em Pedro Afonso?

Não, eu nasci em Gurupi só que eu moro em Pedro Afonso desde os meus três anos de idade, então eu só nasci em lá e nessa época meus pais morava na zona rural e

daí já morei uns três anos na zona rural e depois vim pra cá e até os dias atuais sempre residi aqui.

Núbia: Há quanto tempo você mora na cidade?

Eu moro em Pedro Afonso quarenta anos praticamente.

Núbia: O que significa morar em Pedro Afonso?

É um significado bem abrangente para mim. Aqui nos temos um apelido carinhoso, piazzinho de açúcar, então para nós pedro-afonsinos que amamos essa terra, significa muito. Eu gosto muito de estar aqui, eu acredito no potencial dentro do nosso município apesar de ser uma cidade do interior aqui nos temos quase tudo. Então a gente consegue resolver muita coisa aqui em todos os âmbitos, então para mim Pedro Afonso atende e muito as necessidades da população. Lógico que precisa melhorar, mas para o meu caso que sou pedro-afonsina nata morar aqui tem um significado muito especial, muito especial mesmo.

Núbia: Por que você escolheu esta cidade?

Oh meu pai veio do Maranhão ainda criança e se estruturou aqui na zona rural, naquela época o trabalho aqui, a mão-de-obra era mais na zona rural, era roça de toco, a agricultura familiar. E a gente sempre morou aqui desde que meu pai veio criança e constituiu família então eu sempre morei aqui. E, eu sou a filha mais nova de uma família de nove filhos, bem numerosa. Mesmo os meus irmãos mais velhos alguns migraram foram para outras cidades outros estados, mas eu sendo a mais nova sempre fiquei cuidando dos pais, morando com os pais. E acabei constituindo família também e carreira profissional aqui no município e daí não surgiu mais interesse em mudar daqui. Quando eu estava na adolescência, tive, na época de estar cursando o ensino médio, em buscar um curso superior porque naquela época não tinha faculdade aqui. A mais próxima era Guaraí, mais ainda em regime especial nesses quesitos que dificultavam um pouco a vida de quem queria estudar. Mas aí, casei muito cedo e passou essa fase de querer ir embora para fazer a faculdade, depois do casamento é que eu fui fazer a faculdade. Então, passou a época de querer ir embora e hoje não tenho planos de sair daqui.

Núbia: Qual é o lugar da cidade mais importante e por quê?

As praias, elas são maravilhosas e tem feito muita falta. Nesse período de pandemia não podemos usufruí-las no ano passado e provavelmente esse ano também não. Então para quem mora aqui e ama a praia como é o meu caso, é assim, um lugar maravilhoso. Amo as praias pedro-afonsinas, então no mês de julho para quem é pedro-afonsino nato não quer sair daqui para viajar ou ir para outras cidades porque é um lugar maravilhoso. Então para mim um lugar muito especial é a praia.

Núbia: Na sua opinião qual é o símbolo/objeto na cidade que mais representa Pedro Afonso?

A igreja, Matriz São Pedro.

Núbia: Você sabe se existe empresas de grande porte/multinacionais em Pedro Afonso?

Nos temos a Bunge, agora é BP Bunge temos aqui em Pedro Afonso, tínhamos o Prodecer que era um projeto voltado para soja e hoje nos temos a cooperativa a Coapa que abrande os agricultores, então tem um grande potencial na pecuária e na

agricultura. Então nos temos essas empresas que são voltadas para este ramo na cidade.

Núbia: Além da Bunge/Coapa existem outras empresas multinacionais na cidade; se existe você pode citar?

Multinacional não. Nos temos uma fazenda a “fazenda Brejinho” que é uma fazenda modelo para muitos estados e também municípios de Pedro Afonso que trabalha com a agricultura, pecuária, trabalham com látex. É uma fazenda modelo, muito organizada e tem um número de funcionários muito grande. Ela já foi objeto de estudo e tem alguns projetos, tem pessoas que vem fazer suas teses nessa fazenda aqui.

Núbia: Você acha interessante a presença da Bunge e a Coapa na cidade e por quê?

Acho interessante porque favorece o emprego então temos muitas pessoas muitos pedro-afonsinos que trabalham nessas duas empresas e muitas pessoas também de outras cidades de outros estados que vem para Pedro Afonso para trabalhar e acabam contribuindo muito para a economia. Lógico que com o progresso também aumenta a violência, tem os casos positivos e os negativos, mas aqui no nosso município tem sido muito produtivo porque é uma fonte de emprego muito grande, a Bunge a Coapa, esta fazenda que eu citei, dentre outras pequenas empresas que temos aqui.

Núbia: Você conseguiria me dizer se houve alguma descaracterização/demolição de casas antigas no centro da cidade. Se sim, há quanto tempo e qual o motivo?

Olha eu não vou saber te responder se houve. Houve essas reformas em algumas casas, temos da rua Anhanguera que é uma rua bem antiga, temos a 15 de Novembro, Benjamin Constant que são casas bem antigas, não tenho certeza mas algumas são tombadas pelo patrimônio histórico, elas são reformadas mas os proprietários não mudaram a fachada das casas, só uma que fica em frente ao tiro de guerra que foi modificada. E, uma casa também que era bem antiga que eu não sei quem é o proprietário, acabou que, por ficar largada acabou caindo e ela tinha uma arquitetura bem antiga também. Mas, outras casas eu não sei, do município ou de alguém se foi derrubada ou não acredito que não tenha tido.

Núbia: Onde existem casas mais antigas/históricas? Qual a localização?

Na rua Anhanguera, a rua 15 de Novembro, a rua Benjamin Constant, Constâncio Gomes e a rua Barão do Rio Branco, todas essas ruas têm casas bem antigas que são ligadas pela mesma parede daquela de adobe bem grossão. Então são casas bem antigas.

Núbia: Você considera Pedro Afonso uma cidade histórica e qual sua opinião?

Sim, considero ela uma cidade histórica contando a questão da idade somos uma cidade com mais de 170 anos e a gente tem um patrimônio histórico muito grande. Colocamos a questão das casas, temos a Paróquia São Pedro, nós tínhamos um patrimônio que infelizmente não foi cuidado, era a lagoa da Cruz, tinha a capelinha da Lagoa da Cruz, mas ela foi demolida. Alguém comprou e não priorizou por que era uma capelinha que tinha uma cruz que mantém até hoje, temos a lenda da Lagoa da Cruz. Temos vários pontos que eu considero a cidade de grande

relevância para a história municipal, quanto estadual. Em outros cenários Pedro Afonso era vista também até em caráter nacional há muitos anos atrás devido a relevância que tinha e ultimamente os gestores tem buscado trazer de volta vindo para Pedro Afonso. Temos um patrimônio histórico muito interessante, temos o Museu, dirigido pelo professor Fabrício, tem muita riqueza histórica lá dentro de história local.

Núbia: Na sua opinião quais os imóveis mais importantes?

O colégio Cristo Rei tem história dentro de Pedro Afonso e precisa ser preservado, ser cuidado, precisa urgentemente de uma reforma. A nossa igreja Matriz a Paróquia São Pedro, a Casa dos padres que é uma casa bem antiga e cheia de histórias e o Colégio Padre Fleury que foi desativado, mas é um prédio que conta bastante a história de Pedro Afonso, a Prefeitura Municipal, o Bancrevea Clube que é um prédio bastante antigo, mas também está desativado e está precisando de reforma. E os casarões os que ficam nas ruas que eu já citei, é uma arquitetura muito bonita, então precisa ser preservada acredito que são de grande relevância para o município.

Núbia: Na sua opinião o que significa patrimônio em Pedro Afonso?

Patrimônio é aquilo que a gente toma como se fosse da gente. Então, patrimônio seria o que outra pessoa não pode mexer, isso é patrimônio histórico, foi tombado pelo município e precisa permanecer daquela forma, precisa ser cuidado para que não se acabe com o tempo, mas ele precisa ser conhecido pela população como sendo de Pedro Afonso. Independente de gestor, independente de qualquer coisa ele é um patrimônio do município, ele é um patrimônio de Pedro Afonso.

Núbia: Na sua opinião o que significa memória em Pedro Afonso?

O trabalho do professor Fabrício no museu, o resgate das memórias, muitas coisas que estavam esquecidas para os nossos municis aqui, e que estão lá no museu sendo lembrado, sendo recordado. Tem uma galeria de fotos dos prefeitos, fotos de pessoas que fizeram parte da história de Pedro Afonso. Há muito tempo atrás nos não tínhamos água doce, nossa água era salgada. Então tinha umas pessoas que trabalhavam carregando água dos rios para aquelas famílias que eram mais ricas, carregavam nos jegues. E tem a questão da libertação dos jegues, então foi um marco histórico aqui para Pedro Afonso e tudo isso a gente encontra no Museu. O museu já tem um arquivo muito rico sobre as memórias. Nós temos o Colégio Cristo Rei que tem muitas memórias porque é um colégio muito antigo. E boa parte da população pedro-afonsina passou por lá e ainda passa, pois é a única escola pública estadual do município. Então são dois lugares que eu considero bastante relevante a Paróquia de São Pedro, pois conta a história da criação de Pedro Afonso, inclusive os restos mortais do Frei Rafael de Taggia, que foi um dos fundadores de Pedro Afonso, estão dentro da Igreja da Paróquia de São Pedro.

Núbia: Conte-nos de três a quatro fatos marcante na história de Pedro Afonso na ordem de importância? Seja alguma mudança da paisagem/ alguma demolição, novas construções/ desabamentos que você presenciou ou que seus pais/ avós contaram

Uma que marcou Pedro Afonso e marca até hoje, foi a queda do avião que caiu em cima de uma casa e acabou fazendo vítimas, então essa história é bem conhecida e marcante aqui para o nosso município. Um marco histórico também foi a inauguração da ponte sobre o Rio Tocantins, porque nós sofríamos muito com a

questão de balsa e da travessia do Rio Tocantins, de acesso ao Tupirama e à BR-153. Então a construção da ponte sobre o Rio Tocantins foi um marco histórico. A passarela que liga Pedro Afonso a Bom Jesus, temos uma construção muito importante para o desenvolvimento do município de Bom Jesus. Para facilitar também que as pessoas de lá possam vir para Pedro Afonso. E o campus do IFTO que veio para Pedro Afonso e com isso facilitou que os nossos estudantes, nossos jovens pudessem fazer cursos técnicos e agora até curso superior que abriu o curso de agronomia, espero em Deus que possam vir mais cursos para facilitar que os nossos jovens, não só de Pedro Afonso, mas das cidades circunvizinhas possam estar usufruindo do IFTO que é um Instituto tão importante e tão renomado e o melhor ainda que favorece todas as classes, aquelas que não tem condições financeiras de arcar com o ensino superior e ele pode estar cursando aqui. Espero em Deus que abra novos cursos, novos horizontes para nossos jovens.

Núbia: Alguns imóveis evidentes passaram por algum tipo de reforma na sua estrutura? Como casa dos padres, Igreja São Pedro entre outros imóveis? Escola Agroartesanal?

Mudou sim, a Igreja Matriz, alguns casarões que eu citei para você mudaram a fachada. E, onde funciona o museu que era um prédio bastante antigo também, ele foi preservado a mesma estrutura, mas foi reformado. Acredito que só, porque os outros pontos mais velhos a não ser os casarões, a câmara municipal daqui também é um casarão antigo e também sofreu reforma e ampliação e a prefeitura que há um bom tempo também sofreu reforma só que não foi modificada a estrutura do prédio, só a reforma mesmo.

Núbia: Você já ouviu falar da festa do Imperador (festa do Divino/ folia do Divino Espírito Santo) e da festa da Imperatriz em meados de 1913?

A festa do Imperador não, mas a festa do Divino Espírito Santos sim. Inclusive ela ainda acontece até os dias atuais, ultimamente não tem acontecido por causa da pandemia, mas aqui a gente tem várias famílias que fazem as divindades nas ruas, fazem as rezas do Divino Espírito Santo e a Igreja Católica também faz as novenas.

Núbia: Atualmente você já acompanhou ou viu alguma festividade na cidade? Tipo festa de Padroeiro São Pedro comemorada em 29 de junho ou alguma outra festa?

Aqui nós temos dois padroeiros, São Pedro e Santo Afonso. Então na de São Pedro temos os festejos em tempos normais, que são os nove dias e na de Santo Afonso a gente tem a novena que é feita no final do mês de julho e a quermesse que é feita lá pelo mês de agosto e setembro. É feita dessa forma porque no mês de julho aqui tem as praias, como eu já disse para você, então, o movimento financeiro fica mais para as praias. E no início do mês de agosto tem o festejo da cidade de Bom Jesus que é um festejo bem grande e bem chamativo, então bate as datas com a de Santo Afonso, então a quermesse é modificada para essa outra data. Temos também das outras capelas, nós temos a sagrada família e todas elas fazem a quermesse. Temos na agrovila que é de Nossa Senhora Aparecida, temos a Santa Rita, tem vários lugares aqui que fazem as novenas, fazem as festas. A Folia do Divino, tínhamos uma família tradicional aqui que fazia a de Reis em janeiro, então ainda acontece essas festividades aqui no nosso município.

Núbia: Conte-nos a sua contribuição para a memória da cidade

Eu acredito que vou deixar minha contribuição na educação. Há um bom tempo que eu trabalho na educação, eu costumo dizer que não estou velha, comecei muito jovem. Sou bem conhecida na área da educação devido ter começado há um bom tempo atrás, comecei lá na Paroquial que é uma escola que hoje está desativada é anexa ao colégio Cristo Rei era gerida nesta época pela irmã Neli. Antes, aqui o colégio Cristo Rei era sempre gerido pela Igreja o padre ou a irmã porque é uma escola conveniada com a Igreja Católica. Então eu comecei ainda nessa época, daí vim para a rede municipal, trabalhei em vários lugares, inclusive no colégio Cristo Rei também e hoje eu estou na Secretaria Municipal de Educação, mas sempre envolvida com a educação. Acredito que minha contribuição será lembrada, e espero ser lembrada pela professora Lucimaria Ribeiro. Quero deixar minha contribuição na educação do município o que tiver ao meu alcance e eu puder fazer, eu sempre estarei fazendo porque para mim Pedro Afonso ter sucesso é tornar os pedro-afonsinos (as) felizes. E o pedro-afonsino que ama esta terra como eu amo, ver Pedro Afonso brilhando é muito gratificante, é muito prazeroso e deixa com certeza a gente muito feliz.

Entrevistado F 18/03/2021 – 23:05 min

Núbia: Você é morador (a) da cidade de Pedro Afonso-TO?

Não, hoje não. Eu sou filho de Pedro Afonso residi aí por muitos anos, hoje eu moro em Palmas, mas constantemente me encontro aí porque tenho amigos e familiares além da paixão pela terra.

Núbia: Você nasceu em Pedro Afonso?

Sim.

Núbia: Há quanto tempo você mora na cidade?

Essa pergunta é meio relativa porque eu tenho aí um escritório de advocacia e atuo junto com o Dr. Carlos, mas eu sai daí tão logo conclui o segundo grau e naquela ocasião para estudar fora. Mas, constantemente presente em Pedro Afonso, quando eu digo não morar, eu digo moradia fixa, estar aí 24h. Mas eu tenho aí na rua João Damasceno junto com o Dr. Carlos Noleto, como auxiliar dele na advocacia.

Núbia: O que significa morar em Pedro Afonso?

Olha para gente não há honra melhor do que morar e estar junto do povo que a gente ama. Uma cidade que para mim, acolhedora com seus filhos como com aqueles que chegam para trabalhar. Então para mim sempre foi uma honra residir em Pedro Afonso e continuar servir Pedro Afonso.

Núbia: Por que você escolheu esta cidade?

Bom, uma porque eu nasci aí e vou mais ou menos semelhante a pergunta e a resposta anterior. Pedro Afonso, primeiro é uma cidade acolhedora de um povo humilde, com suas belezas naturais incomparáveis e também uma cidade que tende a progredir no seleiro estadual.

Núbia: Qual é o lugar da cidade mais importante e por quê?

Olha é o centro antigo, se você for colocar um. Se for ver, são vários! Mas o centro antigo justamente por ter sido onde Pedro Afonso tem a sua história e onde foi que

eu vivi a minha infância e adolescência, além das belezas que são as praias dos rios Tocantins e rio Sono.

Núbia: Na sua opinião qual é o símbolo/objeto na cidade que mais representa Pedro Afonso?

Hoje para ser sincero Pedro Afonso em nível estadual e nacional é sua produção de grãos, a soja. Mas se falar em história Pedro Afonso também é vista como eu falei na resposta anterior, é a questão das belas praias e de um período que o Brasil inteiro vem a Pedro Afonso para usufruir dessa maravilha da natureza que são as praias dos dois rios.

Núbia: Você sabe se existe empresas de grande porte/multinacionais em Pedro Afonso?

Sim, uma delas é a própria Bunge apesar de alguns contratemplos, mas é uma empresa multinacional que está instalada em Pedro Afonso que também concede muitos empregos para seus filhos. Como nós temos localizada a Coapa, a cooperativa nossa que é o esteio da cidade. Então, basicamente são essas duas ao meu conhecimento agora.

Núbia: Além da Bunge/Coapa existem outras empresas multinacionais na cidade; se existe você pode citar?

Não, de rápida memória confesso que não tenho conhecimento.

Núbia: Você acha interessante a presença da Bunge e a Coapa na cidade e por quê?

Sem dúvida, volto também um pouquinho na resposta anterior apesar de alguns percalços da Bunge, ela oferece ao Tocantins e a Pedro Afonso a condição de uma indústria para que haja empregos e rendas para seus filhos, para os jovens de Pedro Afonso. Por que eu me lembro que outrora na nossa época, nós tínhamos que sair de Pedro Afonso em busca de emprego no então sul de Goiás e com essas empresas localizadas aí, muito mudou a favor do nosso povo.

Núbia: Você acha que houve alguma mudança na cidade após a chegada da Bunge e Coapa?

Demais, claro, claro! Principalmente na circulação de valores de dinheiro quanto também na movimentação de pessoas. Pedro Afonso se nos fomos buscar na história tem a era antes e após as empresas. Essas empresas com a plantação de soja alterou todo o comportamento da comunidade de Pedro Afonso, desenvolveu demais, dentre tantas em razão delas também.

Núbia: Você conseguiria me dizer se houve alguma descaracterização/demolição de casas antigas no centro da cidade. Se sim, há quanto tempo e qual o motivo?

Olha, demolição eu desconheço, agora desmoronamento, cair em razão do próprio tempo isso há de se ver em uma parte antiga da cidade existem residências e prédios antigos que por falta de revitalização e de manutenção constantemente tem realmente causado dano material.

Núbia: Onde existem casas mais antigas/históricas? Qual a localização?

Basicamente nas três primeiras ruas: Rua Anhanguera, onde pega lá da beira do Rio Tocantins, ali na Casa dos Padres que a gente chamava antigamente, até o final dela, já quase chegando na passarela do Rio do Sono. A rua Barão do Rio Branco que é essa também que cruza com a rua Anhanguera na Igreja Católica, e vai até o final dela quase chegando ao antigo porto da balsa. A rua Getúlio Vargas que também chega do antigo mangal até o fundo do Colégio-Ginásio Cristo Rei paroquial. Basicamente é o centro antigo, essas são as ruas mais antigas que nos dão saudade do nosso tempo.

Núbia: Você considera Pedro Afonso uma cidade histórica e qual sua opinião?

Sem dúvidas, eu considero (risos). Ela faz parte da história não só do Tocantins. Pedro Afonso faz parte da história do estado de Goiás ainda quando o Tocantins era o norte de Goiás. Pedro Afonso dentre as dez cidades do Tocantins ela é constatada nos livros da história como isso, portanto, assim há de ser preservada.

Núbia: Na sua opinião quais os imóveis mais importantes?

Bom, o Ginásio Cristo Rei, Escola paroquial, Casa das freiras que hoje funciona a delegacia de ensino/superintendência de ensino/ diretoria de ensino. Prédio da Prefeitura, prédio dos Correios, isso falando em prédios públicos, que fizeram parte da história de Pedro Afonso e continuam fazendo na atualidade. Delegacia fiscal/ Receita Estadual, em frente à lateral da prefeitura, prédio do Tiro de Guerra/quartel do exército, a nossa igreja católica São Pedro aí na praça. Se a gente for enumerar são vários, mas esses são os que consigo lembrar no presente momento. Você perguntou a questão de demolição, nos temos aí, um outro imóvel antigo que, pelo passar do tempo tem se acabado que é o antigo Bancrevea clube, no fundo da prefeitura.

Núbia: Na sua opinião o que significa patrimônio em Pedro Afonso?

É aquilo de maior recurso que a cidade possui principalmente para manter viva a sua história, porque uma cidade sem história é um povo sem história e não tem futuro. Então, o patrimônio pra mim em Pedro Afonso é isso, é resguardar é manter isso para que Pedro Afonso prossiga ser lembrando e seja busca de pesquisas nacional e porque não internacional. Então patrimônio é isso é um recurso impar para cada um de nós que conseguimos valorizar o que temos.

Núbia: Na sua opinião o que significa memória em Pedro Afonso?

Memória é a gente guardar as boas lembranças de tudo aquilo que se passou da sua época, da primeira chegada do primeiro cidadão que inaugurou Pedro Afonso, que foi Rafael de Taggia, aos dias de hoje. Então a memória é que nós não esqueçamos o que fomos, o que somos e o que poderemos ser, baseados nisso.

Núbia: Conte-nos de três a quatro fatos marcante na história de Pedro Afonso na ordem de importância? Seja alguma mudança da paisagem/ alguma demolição, novas construções/ desabamentos que você presenciou ou que seus pais/ avós contaram

Vamos lá, talvez eu possa não falar em ordem cronológica, mas famosa libertação dos jegues foi quando Pedro Afonso passou a ter água encanada, na época se buscava água em jumento. As pessoas buscavam em bacias nos rios, não usavam água encanada, item um. Item dois, a chegada da energia elétrica em Pedro Afonso

que funcionava através de motor, um fato histórico importantíssimo na época. Logo depois, mais recente, o retorno da sede do terceiro batalhão da polícia militar que era histórico em Pedro Afonso, o quartel pertencia ao então norte de Goiás, era a única da região, se nos pegássemos de Gurupi pra baixo. A construção da ponte no Rio Tocantins, Pedro Afonso a Tupirama é um fato de relevância. E, para não deixar esquecer da minha memória, um fato triste foi a queda do avião da Varig que causou fatalidade e mortes de pessoas de famílias amigos da gente e a enchente de 1980 que também causou muitos danos materiais para várias pessoas na nossa cidade.

Núbia: Alguns imóveis evidentes passaram por algum tipo de reforma na sua estrutura? Como casa dos padres, Igreja São Pedro entre outros imóveis? Escola Agroartesanal?

Sim, sim, o Cristo Rei me parece que não. O Cristo Rei e o colégio Padre Fleury lá na rua Anhanguera eles carecem de uma atenção maior, mas os outros, prefeitura foram feitas reformas, os correios antigo teve também algumas pequenas reformas, mas teve. O colégio Ana Amorim, logo abaixo da praça, também teve reformas, alguns tiveram, claro que outros precisam também.

Núbia: Você já ouviu falar da festa do Imperador (festa do Divino/ folia do Divino Espírito Santo) e da festa da Imperatriz em meados de 1913?

Só na história e pequena lembrança, a gente ouve isso como história, como fatos acontecidos, mas não muito aguçado na memória de hoje.

Núbia: Atualmente você já acompanhou ou viu alguma festividade na cidade? Tipo festa de Padroeiro São Pedro comemorada em 29 de junho ou alguma outra festa?

Veja bem, você citou uma das festas tradicionais de Pedro Afonso que também faz parte da lembrança da minha infância e juventude. Os festejos de São Pedro que eram feitos na frente da igreja, nesse vão que hoje é uma praça, sempre teve. Então, tinha também várias festas culturais que eram feitas no Bancrevea Clube aonde os filhos de Pedro Afonso retornavam. Tem hoje aí a tradicional festa, não sei se entra aí nesse rol que você pergunta, em apoio a Apae que constantemente programa festividades para que tenha retorno e apoio aos seus alunos. A Apae também passou a adotar o boi no rolete que se tornou e está se tornando tradicional. A festa dos garis em que se arrecadam fundos para aqueles que mais precisam. Então Pedro Afonso na minha leitura sempre foi muito atuante nesses festejos e/ou festas em prol da comunidade no todo.

Núbia: Conte-nos a sua contribuição para a memória da cidade

Bom eu não sei se passado para o futuro quando eu estive na função de comandante geral da polícia militar do estado do Tocantins. Eu consegui aí no fundo do colégio agrícola, nesse trevo de saída do posto, perto da ponte a área para a construção definitiva do quartel da polícia militar. Por que o quartel hoje, apesar de ser histórico ele funciona em uma instalação precária aonde era o antigo centro comunitário, foi improvisado aquilo ali. Então eu creio que a construção, o dia que continuarem e terminar será sim uma contribuição para que se mantenha a história da polícia militar em Pedro Afonso.

Entrevistado G 8/03/2021 – 54:41 min**Núbia: Você é morador (a) da cidade de Pedro Afonso-TO?**

Sim eu sou morador de Pedro Afonso desde julho de 1983, eu nasci em Goiânia e cheguei aqui aos sete meses de idade. Minha mãe deu para minha avó me criar, eu cheguei aqui em Pedro Afonso com sete meses de idade e permaneço aqui até hoje.

Núbia: Você nasceu em Pedro Afonso?

Sim, eu nasci em 1982, então pode considerar 1983 que eu cheguei aqui.

Núbia: Há quanto tempo você mora na cidade?

Uns 37 a 38 anos por aí.

Núbia: O que significa morar em Pedro Afonso?

Significa um sentimento de pertencimento porque eu nasci e me criei na cidade onde a gente tem a presença de dois rios e isso sempre foi um fator muito importante para gente que é morador aqui ter os rios, né! Enquanto muitas cidades não têm a presença do rio aqui nós sempre teve dois rios para a gente tá se divertindo, passando a infância. Sempre a infância da maioria das crianças daqui se dá na beira do rio, né! Antigamente se pescava muito na beira do rio, minha avó lavava roupa na beira do rio, então a nossa história está muito ligada ao rio. Meu avô era barqueiro, tinha um barco e fazia a travessia de pessoas da cidade Rio Sono até Pedro Afonso. E também de Pedro Afonso a Itapiratins, Tocantins. Então minha vida sempre esteve ligada à questão ribeirinha, a gente tem essa situação de pertencimento então seja pela concessão de ribeirinho legítimo.

Núbia: Por que você escolheu esta cidade?

É por uma questão familiar, minha mãe nasceu em Pedro Afonso mudou para Goiânia para trabalhar e quando ela ficou grávida de mim ela não tinha condições financeira aí ela pediu para minha avó me criar. Aí me mandou para Pedro Afonso, aí até hoje estou nesta cidade. Considero a cidade, muito boa e acolhedora, é uma cidade com uma perspectiva muito grande de futuro, principalmente da atualidade essa questão da produção da Bunge, essa ideia toda que se constrói a cada momento de tecnologia aqui na nossa cidade e agora implantou o IFTO, a cidade está andando, né. E a gente tem que ter perspectiva, sou funcionário público atualmente, então tem uma certa estabilidade morar aqui e sou feliz, morando aqui em Pedro Afonso.

Núbia: Qual é o lugar da cidade mais importante e por quê?

O lugar mais importante de Pedro Afonso que eu considero é o Rio do Sono, porque é um local com o qual a comunidade sempre interagiu, que é a questão do rio. Então o Rio do Sono que é o rio que margeia o lado direito aqui da nossa cidade. Eu acho que é o Rio do Sono o local mais importante porque todo desenvolvimento, toda relação que a gente estabelece no lazer, no encontro e da perspectiva de sustentabilidade está relacionada ao rio. Aí tem o Rio Tocantins, mas o Rio do Sono é mais relacionado com o nosso pertencimento porque a gente sempre usou mais para banhar, para lavar roupa, então a qualidade de água é melhor, né, inclusive o rio nasce lá em Mateiros no Jalapão, daí tem uma água mais limpa. Então é um rio que representa mais, até porque também a praia do Rio do Sono era a praia que a gente tinha e era mais tradicional, sempre foi nesse rio, então a população sempre

esteve ligada mais ao Rio do Sono aqui na cidade, a passarela passa por cima do rio a outra ponte, então é um local de memória mais relevante acho que é o Rio do Sono.

Núbia: Na sua opinião qual é o símbolo/objeto na cidade que mais representa Pedro Afonso?

É o centro histórico, no centro histórico temos a Igreja Matriz São Pedro. É um marco porque ela está relacionada ao episódio de fundação de Pedro Afonso em 26 de julho de 1847 pelo padre Capuchinho Frei Rafael de Taggia. Então aquela praça ali com a chegada dele e a construção da igreja matriz São Pedro ela passa seu marco zero né da nossa história. Embora o centro histórico hoje esteja um pouco esquecido, mas se a gente voltar ali nessa região central na história de Pedro Afonso, o primeiro local que a gente vai relacionar a história e sentir a questão de historicidade da cidade é ali na igreja naquele local ali. Onde nasce a cidade é onde vai ter os conflitos por poder de mando local né igual o livro da Anna Britto Miranda traz sobre a questão de mando local. Foi um local que teve muito conflito ali naquela região, um local de muito sofrimento também ali na frente da Igreja. Então é local de forte memória e continua sendo mais relevante até hoje.

Núbia: Você sabe se existe empresas de grande porte/multinacionais em Pedro Afonso?

A gente tem a Bunge, uma empresa multinacional. A gente tem também a Coapa é considerada uma empresa de grande porte ligada à questão agrícola. É uma empresa que tem uma maior capacidade de armazenamento de grãos no estado, os filhos da Coapa lá que a gente tem em Pedro Afonso têm o poder de armazenamento muito grande. A Coapa é uma cooperativa que implantou e se tornou uma grande empresa aqui da região, emprega muitas pessoas, e implementou também a ideia de cooperar na nossa região, que não tinha muito a ideia de cooperativa e, a partir da implantação da Coapa em 1998, aí essa ideia de cooperativismo foi lançada. Essa sementinha foi plantada e tem dado frutos, a gente tem a Cooperativa de Educadores de Pedro Afonso (COED), que é uma escola que nasceu a partir dessa perspectiva de cooperativa. A gente tem a loja Agroveterinária da própria Coapa, tem também a própria sede da empresa, que a gente considera de grande porte para nossa região, sem falar que ela tem a maior capacidade de armazenagem de grãos do Estado do Tocantins. A gente tem a Bunge, que é uma multinacional, a usina da Bunge foi implantada em 2007, mas precisamente o projeto, mas a usina mesmo foi já inaugurada em 2012. É uma usina ativa na produção de cana-de-açúcar e biodiesel e assim ela trouxe uma perspectiva econômica muito grande para cidade nacionalmente porque ela praticamente emprega todas as famílias de Pedro Afonso. Nas famílias, sempre tem alguém que está empregado lá, alguém que trabalha hoje na Bunge né. Então hoje se você for pegar a questão de renda per capita de Pedro Afonso no nos dados do IBGE você vai observar que Pedro Afonso estará entre umas das maiores população do Tocantins em poder aquisitivo, ela está entre os seis primeiros do Estado do Tocantins, exatamente devido à instalação dessa multinacional, sempre tem alguém da família que está trabalhando lá ou no serviço público, ou em alguma empresa aqui dentro da cidade. Então quase todas as famílias aqui estão assistidas por essa multinacional do ponto de vista de empregabilidade.

Núbia: Além da Bunge/Coapa existem outras empresas multinacionais na cidade; se existe você pode citar?

Eu acho que não existe, acho que é só a Bunge mesmo. Assim, tem outras empresas terceirizadas que prestam serviço para Bunge, mas é daqui mesmo, brasileira, no ramo de transporte de ônibus. Mas, eu acho que é só que só a Bunge mesmo que a gente tem na nossa região.

Núbia: Você acha interessante a presença da Bunge e a Coapa na cidade e por quê?

A Coapa trouxe essa ideia de cooperativismo e acaba tendo trabalho social muito relevante a Coapa sempre está no meio das ações que envolvem o benefício da comunidade através de doação de alimentos. Em 2020 teve uma atuação bastante significativa na mobilização de doação de alimentos quer seja alimentos da cesta básica tradicional; quer seja alimentos do campo como abóbora e milho. Então a Coapa puxou uma campanha muito relevante que levou comida para muitas mesas aqui dos pedro-afonsinos. Sempre a Coapa tem feito isso, a Coapa sempre se deu aqui através do trabalho social; tem a parte dos cooperados que eles produzem e divide a questão do lucro. Mas assim sempre a Coapa tem se preocupado com todas questões sociais de todos os seguimentos daqui: do esporte, ação social, cultura a Coapa sempre está apoiando, ela tem essa participação. Já a Bunge foi implantada, mas o legado social dela ainda está em construção. A Bunge tem algumas participações inclusive ela fez um projeto paralelo ao museu daqui de resgate da memória local, mas esse projeto não teve continuidade, eles começam aí param. E, também há uma pressão muito grande do impacto ambiental que a empresa trouxe para cidade. As pessoas acham interessante pois trouxe muito emprego para as famílias, mas, ao mesmo tempo, a própria comunidade se questiona se esse desenvolvimento é temporário ou depois de exaurir o solo a empresa vai embora. Como é que vai ficar essa situação com a terra já infértil e improdutiva! Então, há muitos questionamentos em torno desse presente e desse futuro próximo que a gente não sabe, né. Então, assim, a Bunge em si não passa aquela confiança do ponto de vista de permanência duradoura e também da questão ambiental, que tem sido muito questionado. Principalmente nos últimos três anos o Rio Tocantins, aqui próximo de Pedro Afonso, tem secado muito rápido no mês de verão e as pessoas sempre associa que lá no local de captação da água começa a assorear o rio nesse local. Eles tem o maior pivô parece de irrigação central do mundo era na Bunge, não sei se ainda é mas até um tempo atrás eles tinham esse pivô de irrigação que saia irrigando a cana todinha a partir de pegar a água dessas nascentes, desse local onde eles fazem a coleta da água e aí as pessoas questionam muito sabe, se esse benefício que a Bunge traz hoje se lá na frente não pode ser o malefício então nós estamos nesse dilema. Pedro Afonso na verdade vive um dilema, até onde esse desenvolvimento da Bunge aonde coloca a comida dentro de casa das famílias pedro-afonsinas que eu acredito que deve empregar de 30% a 35% da nossa população, mais ou menos nessa proporção aí que a Bunge consegue empregar. E, se está sendo viável a longo prazo ou se é uma coisa que realmente vai ter êxito no futuro em relação ao meio ambiente. Então esse questionamento aí ele paira, é uma coisa que é outras ciências, outras áreas daí nós vamos ter que responder esse questionamento, talvez não seja o seu objeto de pesquisa, mas é uma questão dúbia vivenciada na atualidade.

Núbia: Você acha que houve alguma mudança na cidade após a chegada da Bunge e Coapa?

Um dos legados da Bunge e da Coapa foi a supervalorização da cidade, nossa cidade é muito cara, extremamente cara, tem um aluguel e uma alimentação muito caros. Existia uma fala em Pedro Afonso que dizia que quando a ponte fosse implantada, que foi implantada em 21 de dezembro de 2007, as coisas iriam baratear em Pedro Afonso, diziam que a logística de trazer e passar na balsa e sua travessia era o que tornava os produtos muito caros. Mas pelo contrário, depois que implantou a Bunge e a ponte foi inaugurada, os preços dobraram. Pedro Afonso é uma cidade muito cara eu acho que o lado ruim da nossa cidade, o legado talvez a essas especulações trouxeram tanto a Bunge como o Prodecer. O Prodecer é o Programa de Desenvolvimento do Cerrado que vai surgir e partir daí a Coapa vai ser organizada para os produtores que chegam para cuidar desses lotes, produzir nesses lotes, que daí vai montar a Coapa a cooperativa a partir da implantação do Prodecer III que foi implantado em três regiões Pedro Afonso, Estreito-Maranhão e Luís Eduardo Magalhães na Bahia. Então Pedro Afonso se tornou uma cidade muito cara, então nós temos um problema ambiental advindo desse processo de produção exacerbado, nós temos a questão do aluguel muito caro é muito caro para morar, a alimentação muito cara. O lado bom é a questão do emprego, trouxe emprego, renda e cursos de qualificação para as pessoas. Assim, despertou o interesse de estudar, muita gente procurou estudar para evoluir e ter as oportunidades. Mas ainda há uma crítica é que as pessoas que tem os melhores cargos na Bunge e em outras empresas todas são pessoas que vêm de fora, essa mão de obra qualificada ainda não foi absolvido ou não se tem de fato como deveria.

Núbia: Você conseguiria me dizer se houve alguma descaracterização/demolição de casas antigas no centro da cidade. Se sim, há quanto tempo e qual o motivo?

Uma opinião pessoal, eu acho que com esse boom imobiliário que surgiu em Pedro Afonso chegando muita gente, muitas pessoas com poder aquisitivo mais alto e essas pessoas automaticamente começaram a investir nas suas casas. Os casarões históricos geralmente são muito visados pelas pessoas que procuram alugar imóvel, geralmente a pessoa quer algo mais moderno. Então, um dos fatores que vão possibilitar a destruição das muitas casas do Centro Histórico de Pedro Afonso, muitas já foram demolidas exatamente para apresentar uma nova arquitetura de um novo tipo de casa para essas pessoas que estavam chegando; aí automaticamente acelerou esse processo. Então, talvez se não tivesse o Prodecer, se não tivesse a implantação da usina da Bunge, Pedro Afonso ainda seria aquela cidade pacata do início dos anos 90 e esse Patrimônio Histórico principalmente no centro histórico da Rua Barão do Rio Branco, Rua Anhanguera, Rua 26 de julho e Rua Guimarães elas estariam preservadas pelo menos uns 70% porque não havia tido essa corrida imobiliária igual aconteceu aqui em Pedro Afonso. Então, acredito que esse foi um dos fatores que contribuíram com a descaracterização do nosso patrimônio arquitetônico. Essa corrida se valorizou, então eu quero alugar meu imóvel, tenho que apresentar ele melhor. Como não se tinha lei de tombamento do patrimônio aqui, nem a fachada se preservou então derrubou a parte interna da casa e a externa toda, demoliu a casa por completo e a gente hoje tem uma descaracterização bem acentuada. Tem casas com a altura muito alta, a outra que era normal que tinha uma altura que obedecia a um padrão colonial já está descaracterizada porque a casa moderna tá aqui do lado, aí duas casas modernas e

uma antiga. E a que é antiga já está com blindex e já colocou mais madeiras. Então a gente tem uma série de aberrações do patrimônio histórico de Pedro Afonso.

Núbia: Onde existem casas mais antigas/históricas? Qual a localização?

A gente tem uma margem de casas históricas tanto no início da Rua Barão do Rio Branco como no início da Rua Anhanguera, a gente tem um conjunto, segue uma sequência de cinco seis casas na mesma altura, embora já estejam com vidro, vitrô ou blindex a gente ainda tem uma fachada. Se a gente fizer algumas correções como projetos incentivando os moradores ou o poder público a financiar a troca das janelas e portas por uma de madeira no estilo colonial a gente consegue resgatar muitas casas. Então, faltam alguns projetos aqui de adequação desse patrimônio que ainda pode salvar muita coisa, se tiver um projeto, assim, que parta do poder público, porque as pessoas, quando elas vão reclamar, querem fazer do seu jeito, mas não tem dinheiro, aí o poder público incentivando a preservação, a população aceita, principalmente as pessoas de baixa renda, que são as que têm mais dificuldade de preservar o patrimônio e às vezes não. Às vezes as pessoas que têm a renda melhor são as primeiras a demolir o patrimônio, isso é muito relativo.

Núbia: Você considera Pedro Afonso uma cidade histórica e qual sua opinião?

Pedro Afonso é uma cidade impactada pelos seus ciclos econômicos principalmente depois da década de 1991 e 1996 com o Prodecer e depois dos anos 2000 com a implantação da Usina da Bunge; então a nossa cidade está muito descaracterizada. É uma cidade que muda constantemente sua arquitetura para atender essa demanda econômica muito forte na nossa região que tem gerado muitos problemas do ponto de vista ambiental na própria cidade, locais que as pessoas consideravam de preservação ambiental já foram loteados. Agora mesmo recentemente ali perto da Só Frio tinha um local que era considerado área verde, mas devido essa pressão imobiliária tirou toda essa pasta da área verde que tinha muitos pés de pequi na entrada da cidade, foi um momento muito controverso quando cortaram esses pés de pequi. Disseram que tinha vendido aquele local, outros diziam que era área verde e cidade se revoltou, mas a gente sempre vê o poder econômico sempre prevalece diante da comoção popular, diante dessa crítica toda que se levanta quando acontece momentos como esse. A gente tinha também a região da Lagoa da Cruz, perto da Igreja Santo Afonso as construções foram entrando até chegar na Lagoa da Cruz que é um local histórico da cidade. Então Pedro Afonso praticamente está atendendo só a demanda imobiliária de construção, preparando só para construir, construir, construir e aqui a gente está agora com o museu para tentar ver o que a gente pode fazer, intervir em que, ajudar, sentar com o poder público para tentar mudar um pouco essa realidade. Você sabe que não é fácil, mas já é um início. A gente não tinha museu na cidade não tinha nada de preservação da memória. A gente vai tentar pelo menos dar uma freada de alguns patrimônios nos próximos dias. A gente vai iniciar o processo de tombamento de alguns prédios, aqui não tem nenhum prédio tombado. A gente já vai levar essa proposta, vou fazer um relatório bem específico de uma construção próxima à Prefeitura Municipal que é a Delegacia da Receita, que ao lado tem um prédio muito bonito no estilo colonial. A gente vai começar a preservação através dele. A gente vai procurar fazer o tombamento dos prédios públicos porque os prédios públicos são mais fáceis de fazer o tombamento porque já é de alçada do município, então não tem nenhum tipo de polêmica porque é o prefeito que é o responsável para cuidar desse prédio é ele que tem que preservar o patrimônio então já é atribuição dele mesmo fazer isso. Ele

já vai estar na esfera certa, aí depois a gente vai tentar um processo com a dona Odina, a casa dela é colonial, são pessoas sensíveis, a gente vai mexendo devagarzinho porque quando se fala em tombamento é um processo muito complexo que envolve cursos, envolve não alterar o patrimônio e investimento também tem que ter, não adiantar a gente só tomar. Até São Luís que é patrimônio da humanidade em todos os monumentos de importância mundial então definindo, no Rio de Janeiro Salvador São Luís e etc. né. Temos que garantir o tombamento, mas garantir o financiamento e a salvaguarda desses monumentos.

Núbia: Na sua opinião quais os imóveis mais importantes?

A igreja Matriz São Pedro, a gente tem Colégio Cristo Rei de uma tradição muito importante é uma escola construída com grande espaço físico que era para atender as famílias muito numerosas da época. As janelas com grandes vitrôs porque na época não se tinha ar-condicionado, então as pessoas faziam aquelas janelonas grandes que tivesse ventilação. A gente tem a Igreja Matriz, o Colégio Cristo Rei, tem a Delegacia da Receita esse prédio que eu estou falando para você. Nós temos umas casas na Rua Barão do Rio Branco, a casa da Dona Odina, a casa da filha dela do lado, tem a casa do filho também próxima. Nós temos aqui a casa do Pedro de Souza Pinheiro próximo da Praça ecológica que também já está caindo e que infelizmente está se descaracterizando. A gente tem um próprio prédio do museu que era um local abandonado e que hoje foi revitalizado e ficou muito bonito [...] O museu está um luxo, teve um avanço. A primeira vez que a cultura tem um valor que deveria ter, porque o gestor nunca dá um prédio desse para um museu, eles nunca fazem um investimento de móveis que tem aqui, o imóvel ficou muito bonito e é bem interessante. A gente também tem a Escola Padre Fleury que é um prédio já histórico da cidade, tem o Bancrevea clube na Rua na Rua Barão do Rio Branco que é outro prédio relevante. Nós temos a casa dos padres que é um prédio de época que fica próximo ao Rio Tocantins, nos temos a casa das irmãs que funciona a Diretoria Regional de ensino. Nós temos a escola paroquial, nos temos muitos prédios antigos. Temos o próprio prédio do IFTO que é antigo, acho que esses são os mais relevantes que a gente tem.

Núbia: Na sua opinião o que significa patrimônio em Pedro Afonso?

Patrimônio em Pedro Afonso é esse conjunto que a gente ainda tem e que pertence à nossa identidade cultural que é desde quando começaram os primeiros processos de povoamento na nossa cidade, na Rua Barão do Rio Branco e na Rua Anhanguera a gente preserva o calçamento, a gente preserva a arquitetura. Então, esse patrimônio que a gente tem principalmente edificado, que é o patrimônio construído, é um patrimônio ainda que se faz presente mesmo que ele tenha sido deturpado ou descaracterizado, mas a gente ainda sente a presença desse patrimônio histórico através das pinturas das casas, das cores e das pessoas também. Principalmente as pessoas e ainda tem muitas pessoas aqui que viveram em épocas passadas e têm seus costumes, suas tradições, seus saberes e fazeres e que preservam isso. Então o patrimônio é desde as nossas ruas da nossa arquitetura e principalmente a nossa população mais experiente que ainda preserva muitos saberes e fazeres do nosso cotidiano.

Núbia: Na sua opinião o que significa memória em Pedro Afonso?

A memória é exatamente esse desafio que a gente tem a todo momento de resgatar as nossas tradições. A memória de Pedro Afonso é uma memória que está sendo

reconstruída a partir da implantação do Museu. Nos anos de 2000 a gente tinha uma memória não materializada. A gente tinha uma memória assim: as pessoas falavam com a gente em uma praça, quando íamos visitar uma pessoa idosa ela contava, mas precisávamos materializar essa nossa memória através de tese, de conclusão de curso mestrado, doutorado, pós-graduação, enfim, a gente precisava materializar essa memória. Então saímos colhendo esse tipo de material que tem história de Pedro Afonso, o livro de Anna Britto Miranda, Setentrião Goiano, nesse livro que a gente tem da nossa cidade a gente começou a tentar resgatar essa memória. A memória igual você perguntou em Pedro Afonso como é que você vê essa memória, é a memória de reconstrução, a gente está no processo de pesquisa muito ampla, muita coisa a se descobrir, a se materializar e principalmente tornar pública [...]. A nossa memória de Pedro Afonso tem que ser resgatada para ser valorizada para divulgação que a gente pretende fazer.

Núbia: Conte-nos de três a quatro fatos marcante na história de Pedro Afonso na ordem de importância? Seja alguma mudança da paisagem/ alguma demolição, novas construções/ desabamentos que você presenciou ou que seus pais/ avós contaram

Primeiro temos a implantação do Colégio Cristo Rei em 1952 trazendo para Pedro Afonso um ensino de maior qualidade no antigo Norte Goiano, era equiparado com de Porto Nacional o Colégio Sagrado Coração de Jesus. Então o Cristo Rei foi uma escola que nasceu por esse vózeis, a implantação do colégio Cristo Rei na década de 50. Segundo a libertação dos jegues em treze de maio de 1968; terceiro, já vou falar dos fatos contemporâneos em Pedro Afonso, que foi a implantação Prodecer III em 1996 em que Pedro Afonso vai voltar a ter importância no cenário estadual. E o último a construção da ponte em 21 de dezembro de 2007 a partir da ponte trouxe aquela ideia que Pedro Afonso tinha deixado o passado, aquele subdesenvolvimento para trás né que aconteceria como o divisor da carestia, dos produtos caros e que ia ficar no passado. A cidade então ia se desenvolver e se valorizar, até que valorizou, mas para uma elite, que tem casa para alugar. Para a população mais simples dificultou a vida de muitos aqui.

Núbia: Alguns imóveis evidentes passaram por algum tipo de reforma na sua estrutura? Como casa dos padres, Igreja São Pedro entre outros imóveis? Escola Agroartesanal?

Sim, eles mudaram. A casa dos padres preservou a arquitetura, uma das modificações foi a introdução das venezianas, mas está preservada. A escola Agroartesanal hoje é o IFTO já mudou muito, eles alteraram muito, construíram novos pavilhões, não são os originais, os outros que eram originais estão desabando no fundo [...]. Por ser um órgão federal quando os arquitetos vão fazer essas reformas geralmente trabalham em parceria com o IPHAN, pedem laudo para ver se preservam ou não, então faltou um compromisso com a história. Aqui no Museu a gente quer amarrar essas coisas, se lá atrás a gente tivesse tombado o conjunto arquitetônico do colégio agrícola, certeza que eles eram obrigados a preservar se tivesse uma lei de tombamento. O colégio Cristo Rei permanece bem caracterizado, as casas da rua Anhanguera e Barão do Rio Branco passaram por muitas transformações: destruíram a fachada, destruíram também a questão das portas e janelas; as maiores alterações na Anhanguera e na Barão do Rio Branco são as portas e janelas de veneziana ou o blindex.

Núbia: Você já ouviu falar da festa do Imperador (festa do Divino/ folia do Divino Espírito Santo) e da festa da Imperatriz em meados de 1913?

Sim eu já li algo sobre essas festas, inclusive hoje a gente ainda tem algumas festas aqui. Recentemente a gente apoiou a festa de São Sebastião a folia de São Lázaro que teve agora inclusive a gente do museu apoiou, porque a gente começou agora uma nova visão que se o poder público ele não apoia as tradições religiosas elas desaparecem. Tem pessoa que quer fazer, mas não tem um bolo para oferta, não tem a janta ou almoço igual foi o dia do festejo de São Lázaro que tem que ter os cachorros, faz comida e dá para os cachorros junto com o povo. O povo come normal do lado, o cachorro com o prato que é uma tradição que se tem aqui. A festa do Divino Espírito Santo que vai ter agora, a data específica não estou sabendo, mas é em junho que eles fazem aqui então, essas festas permanecem. A do Imperador e essa questão um pouco fora eu lembro que eu li mas eu tenho que pesquisar, estou um pouco a par se ainda tem aqui, vou até pesquisar. Mas eu sei que a do Divino e a Folia de Reis tem.

[...] o museu está apoiando a cultura e as festas religiosas antes não tinha apoio, faziam aleatoriamente: “ah eu sou devoto de São Reis, eu sou devoto de São Sebastião! Aí eles faziam as festas na casa normalmente. Agora não, o poder público entrou junto para dar visibilidade, apoiar financeiramente e dar publicidade ao evento na mídia local.

Núbia: Atualmente você já acompanhou ou viu alguma festividade na cidade? Tipo festa de Padroeiro São Pedro comemorada em 29 de junho ou alguma outra festa?

Recentemente acompanhei a festa de São Sebastião, a gente fez no Setor Aeroporto 2, teve a reza do terço e depois teve um momento da culinária que foram os bolos manguão, bolo de tapioca, esses bolos que fazem aqui. A equipe do museu, a Raimundinha que trabalha comigo foi fazer uns bolos aqui no Museu para ajudar. À noite a gente foi e levou, teve a reza e depois a de São Lázaro. Nós já estamos preparando a de São José, já estamos organizando para ter. E o festejo de São Pedro não foi realizado no passado por causa da pandemia a gente deixou de realizar, mas em 2019 foi realizado o festejo. Já não é um evento tão grande porque se tornou mais um evento festivo, o povo diminuiu, mas mesmo assim quando é na época eles fazem aquelas barraquinhas na frente da igreja, vendem as comidas típicas, às vezes eles pegam o padroeiro e vão no meio do Rio Tocantins de barco, fazem aquela procissão jogam flores no rio e fazem orações no rio andando de barco.

Núbia: Conte-nos a sua contribuição para a memória da cidade

A contribuição enquanto profissional, a gente tem um projeto que eu iniciei em 2010 chamado amigos do meio ambiente esse projeto inicialmente tinha o objetivo de ajudar a comunidade e posteriormente esse projeto se estendeu para comunidade juntando material reciclado, ajudando as pessoas a limpar o meio ambiente e depois disso foi crescendo e a gente teve uma responsabilidade social maior com crianças, com a famílias, principalmente na parte social. Essa parte social estava relacionada tanto a questão de doação de alimentos, doação de cestas básicas, roupas, calçados e mantimentos de forma geral. Posteriormente a gente conseguiu construir a Praça Ecológica que deu uma visibilidade muito grande para nossa cidade a nível nacional, emplacamos outro projeto posterior que foi a construção da nova Praça Ecológica envolvendo presidiárias aqui da cidade junto com os alunos, foi um

momento muito importante porque foi primeira vez que pegamos pessoas que estão privadas de liberdade e colocar junto com crianças, teoricamente não poderia ter aquele momento de interação. E, a gente vai conseguir fazer outro projeto com participação de empresas de crianças e conseqüentemente a gente vai levar essa ideia a nível de Brasil através STF do prêmio Innovare, é um prêmio relevante, a gente vai conseguiu ganhar ele 2015 através desse trabalho todo que a gente faz com a comunidade de forma geral. No segundo momento surgiu essa necessidade de construção do acervo do museu, a gente estava na cidade, aí eu me formei em história e observava que a gente não tinha um museu, não tinha um local de preservação da memória e eu comecei através do meu projeto Amigos do Meio Ambiente arrecadar esse acervo material e imaterial para a gente começar a criar esse espaço que propiciasse a pesquisa da história local. Então a gente confere nesse trabalho que voltado para a questão ambiental a gente conseguiu o resultado, um trabalho voltado para a questão social a gente conseguiu atender e até hoje atende. Na época da pandemia a gente conseguiu arrecadar mais de mil cestas básica e por último a questão do museu que era resgatar a história na cidade, a gente tá em processo de andamento, mas com muitos resultados concreto aqui do nosso trabalho. Então nosso trabalho tem um respaldo aqui na cidade tanto do ponto de vista ambiental social, cultural e histórico.

Entrevistado H 18/03/2021 – 23:47 min

Núbia: Você é morador (a) da cidade de Pedro Afonso-TO?

Sim, sou.

Núbia: Você nasceu em Pedro Afonso?

Não, eu mudei pra cá no mês de setembro do ano de 1996.

Núbia: Há quanto tempo você mora na cidade?

24 para 25 anos.

Núbia: O que significa morar em Pedro Afonso?

Olha, eu sou muito feliz em Pedro Afonso, eu gosto muito. Pra mim significa realização de um sonho que eu consegui ser produtor rural, sempre tive esse sonho, até então antes de vir para cá. Eu sou engenheiro agrônomo de formação e era arrendatário de terras e Pedro Afonso me possibilitou um sonho profissional e um encantamento pela cidade, pela mistura de cenários. Cenários de alta tecnologia rural, você vê os campos adotando tecnologias modernas e a conservação e aqueles ares de cidade do século passado ainda, quando eu cheguei aqui foi um encantamento.

Núbia: Por que você escolheu esta cidade?

Olha porque em 1996 eu tinha esse sonho de ser produtor rural e aqui nasceu em 1996 um projeto de colonização dirigido chamado Prodecer Programa de Desenvolvimento do Cerrado. Eu me candidatei a ser beneficiário em um dos lotes do Prodecer, eu fui selecionado, vamos dizer assim, e apresentei os pré-requisitos e assim eu fiz e vim pra cá. Mas o que motivou minha vinda foi o programa Prodecer.

Núbia: Qual é o lugar da cidade mais importante e por quê?

Olha o lugar mais importante, eu nunca pensei nessa pergunta (risos). Mas o lugar mais importante da cidade ao meu entendimento, quer dizer, depende de que olhar você vê né. Eu acho a cidade toda importante. Você me pegou meio de surpresa com essa pergunta. Mas eu responderia, como eu participei da fundação de uma cooperativa a COAPA, Cooperativa Industrial do Tocantins eu tenho como lugar mais importante para mim aqui.

Núbia: Na sua opinião qual é o símbolo/objeto na cidade que mais representa Pedro Afonso?

O encontro dos rios, rio Tocantins e rio do Sono.

Núbia: Você sabe se existe empresas de grande porte/multinacionais em Pedro Afonso?

Talvez com sede em Pedro Afonso não. Mas existem muitas empresas que atuam em Pedro Afonso, algumas multinacionais e outras não, mas também de grande porte, existem sim.

Núbia: Além da Bunge/Coapa existem outras empresas multinacionais na cidade; se existe você pode citar?

Sim, veja, existe aqui um entreposto, um escritório de representação da Cargil que é uma empresa multinacional. Existe um entreposto aqui de representação de uma empresa que é uma cooperativa de crédito Sicred, tem uma agência aqui. Temos uma agência do Banco do Brasil, Banco da Amazônia eu considero empresas de grande porte, cada uma com sua fatia de atuação. E temos empresas que não são de grande porte, mas muito significativa também.

Núbia: Você acha interessante a presença da Bunge e a Coapa na cidade e por quê?

Eu acho importante sim, a Bunge primeiro porque ela tem um empreendimento sucroalcooleiro aqui que tem uma empregabilidade alta, fornece um bom número de empregos. E, a Coapa também, não tantos empregos, mas ela permite um fortalecimento da micro e pequena empresa aqui da cidade. Isso é fácil entender porque nós temos duas cadeias produtivas aqui, com essas duas empresas, a Bunge e a Coapa. A cana-de-açúcar e grãos, soja e milho, isso por si só justifica. Claro que estou sendo objetivo na resposta, tem todo um pré-requisitos que fundamenta porque que eu acho importante. E muito importante sim, claro que tem algumas condicionantes é preciso ter uma política de desenvolvimento adequada e por aí vai, mas é de fundamental importância para economia do município para o desenvolvimento socioeconômico essas duas empresas.

Núbia: Você acha que houve alguma mudança na cidade após a chegada da Bunge e Coapa?

Sim, o próprio desenvolvimento socioeconômico da cidade pelos números de empregos, pelo desenvolvimento das cadeias produtivas de cana-de-açúcar e de grãos. E o desenvolvimento do pequeno comércio, desenvolvimento das áreas plantadas, os profissionais autônomos é de fundamental importância sim, houve uma aceleração do desenvolvimento extraordinária.

Núbia: Você conseguiria me dizer se houve alguma descaracterização/demolição de casas antigas no centro da cidade. Se sim, há quanto tempo e qual o motivo?

A descaracterização das construções das casas do centro histórico de Pedro Afonso ao meu conhecimento não houve e se houve com certeza não foi um fato isolado e não creio que tenha sido pela presença da Bunge e da Coapa. Realmente não creio que tenha sido, não faz parte da preocupação diária, dos afazeres da Bunge e da Coapa de alguma coisa intencional para descaracterizar construções históricas da cidade, não creio que isso seja efetivo.

Núbia: Onde existem casas mais antigas/históricas? Qual a localização?

Tem ali a Rua Getúlio Vargas, rua Anhanguera, rua Barão do Rio Branco, a Praça Coronel Lysias Rodrigues, que é o centro histórico, onde fica a Câmara dos Vereadores. Tem outras partes da cidade, antiga rua da descida para balsa, como eu sou apaixonado pela cidade eu vivo aqui há mais de vinte anos. Esses são os locais das construções históricas, centenárias, vamos dizer assim ou quase que centenárias.

Núbia: Você considera Pedro Afonso uma cidade histórica e qual sua opinião?

Considero sim, ao tomar conhecimento desde a minha mudança aqui para Pedro Afonso eu considero uma cidade histórica sim. Pedro Afonso tem uma importância histórica no antigo norte goiano e agora para o estado do Tocantins, a partir da criação do Tocantins, eu considero sim, por uma série de motivos uma cidade histórica.

Núbia: Na sua opinião quais os imóveis mais importantes?

Imóveis mais importantes, o antigo mercado municipal que foi remodelado, a praça Coronel Lysias Rodrigues apesar de não ser um imóvel, mas tem alguns imóveis, o Bancreva clube, a Igreja matriz de Pedro Afonso, São Pedro próximo as margens do rio Tocantins. Enfim, algumas casas de alguns moradores antigos de Pedro Afonso de pedro-afonsinos legítimos mesmo de nascimento. A casa dos Edgar, a casa do seu Emiliano Câmara Portilho, a casa da família do atual prefeito do Dr. Joaquim, a câmara de vereadores, o batalhão Tiro de Guerra, as casas próximas ali ao Tiro de Guerra são os referenciais históricos para mim aqui da cidade.

Núbia: Na sua opinião o que significa patrimônio em Pedro Afonso?

Olha patrimônio no sentido, você pode interpretar de algumas formas ou você pode conceituar o bem patrimonial sobre algumas óticas, mas com certeza do ponto de vista histórico, eu entendo como patrimônio as construções as localidades que a gente situou aqui já. E um patrimônio também, é que pode assim não ter uma conotação de história antiga, mas é um patrimônio muito significativo de duas décadas e meia que é um patrimônio de acervo tecnológico do desenvolvimento agropecuário do estado. Então depende muito da ótica que a gente analisa né [...]. O que significa exatamente patrimônio é aquele bem ou construção ou um patrimônio relativo ou subjetivo, mas o que eu considero patrimônio é exatamente isso é esse entendimento que eu tenho de patrimônio. É tudo aquilo que serve de um referencial para a humanidade.

Núbia: Na sua opinião o que significa memória em Pedro Afonso?

Memória significa a história contada e escrita de tal forma que nos permita ter conhecimento de que e como surgiu Pedro Afonso, a forma que surgiu, o processo de evolução ao longo dos anos, isso é que eu entendo.

Núbia: Conte-nos de três a quatro fatos marcante na história de Pedro Afonso na ordem de importância? Seja alguma mudança da paisagem/ alguma demolição, novas construções/ desabamentos que você presenciou ou que seus pais/ avós contaram

O fato histórico que eu acho importante é um marco na história de Pedro Afonso foi a implantação de um projeto binacional entre Brasil e Japão chamado Prodecer (Programa de Desenvolvimento do Cerrado), esse é um fato divisor de águas porque ele é o Pedro Afonso moderno de desenvolvimento agropecuário pujante é um referencial para o estado e para o país. Um fato histórico também que me chama muita atenção, eu não presenciei ele em Pedro Afonso, mas é um fato denominado pelos moradores mais antigos daqui a libertação dos jegues foi quando a água potável era consumida pelas famílias pedro-afonsinas era transportada no lombo de burros, mulas, jegues até as residências. Então com o advento do bombeamento na beira do rio do Sono, nas margens do rio do Sono. Isso, para mim que gosto muito de história e gosto muito de todas essas histórias, isso é um fato que me chama muita atenção. É uma história também que de pequenos aos adultos e idosos contam muito foi a queda do avião da Varig na praça Coronel Lysias Rodrigues, as pessoas que vivenciaram isso nessa época, eles relatam como se fosse ontem o acontecido, e marcou. E impressionante como isso impactou as pessoas, não exatamente a mim porque eu não vivia nessa época aqui, né, mas impactou de uma forma e isso vem passando de geração em geração, as crianças, os filhos das pessoas nascem contando essa história, é impressionante como isso marcou a vida de Pedro Afonso.

Núbia: Alguns imóveis evidentes passaram por algum tipo de reforma na sua estrutura? Como casa dos padres, Igreja São Pedro entre outros imóveis? Escola Agroartesanal?

Eu acompanhei não tão de perto, mas eu acompanhei a restauração, a reforma da Igreja Matriz de São Pedro. Eu acho que ali procurou-se preservar o estilo arquitetônico e tudo. A casa dos padres não tenho tanta lembrança, mas eu sei que passou por uma reforma, tenho lembrança que passou por uma reforma. A praça coronel Lysias Rodrigues ganhou ares de modernidade a uns quinze ou vinte anos atrás, porém não vejo grandes alterações, mas não vejo nada assim para mim citar pra você de forma significativa, mas procurou-se preservar. O pedro-afonsino de uma maneira geral é preservacionista, isso que eu consigo depreender daqui.

Núbia: Você já ouviu falar da festa do Imperador (festa do Divino/ folia do Divino Espírito Santo) e da festa da Imperatriz em meados de 1913?

Não, eu sei por ter lido e por ter conversado com as pessoas mais idosas daqui de Pedro Afonso das folias de reis. Agora especificamente festa da Imperatriz não tenho conhecimento, não poderia te dar maiores detalhes.

Núbia: Atualmente você já acompanhou ou viu alguma festividade na cidade? Tipo festa de Padroeiro São Pedro comemorada em 29 de junho ou alguma outra festa?

Tenho conhecimento e participo ativamente, gosto muito das quermesses ali nas portas da Igreja Matriz de São Pedro, gosto muito de participar. Tem um apelo popular muito forte, as pessoas gostam muito desses festejos aqui e eu também né gosto muito e participo sim.

Núbia: Conte-nos a sua contribuição para a memória da cidade

Falar da minha contribuição na medida que eu sou um cidadão brasileiro, hoje me considero um cidadão pedro-afonsino tenho cravado dentro do meu peito esse sentimento de cidadão pedro-afonsino eu procuro muito respeitar a história. Conhecer a história e na medida do que me é permitido contribuir com ideias e sugestões. Do ponto de vista material também já participei de algumas ações preservacionistas também por fazer parte e ocupar a presidência de uma cooperativa agropecuária a COAPA, ajudar e poder ter a oportunidade e a satisfação de apoiar financeiramente projetos preservacionistas. Então a minha atuação é uma atuação na medida em que me é permitido ter essa atuação, não sou ente público sou um ente privado, produtor rural e presidente de uma cooperativa agropecuária e um curioso, um estudioso e procuro participar e colaborar na medida do que eu posso e do que eu sou provocado para isso, quando eu sou chamado para isso. Por não ser ente público, não ter uma participação direta na gestão da coisa pública, mas na medida quando for solicitado procuro sempre apoiar e ajudar.

ANEXO A

PROJETO APROVADO NA PLATAFORMA BRASIL

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DE PALMAS - 

Continuação do Parecer: 3.758.249

Documento da Instituição Campo Autorizando o Estudo – apresenta autorização da Secretaria municipal de Cultura e Esporte de Pedro Afonso-TO, assinado pelo secretário João Batista Santiago Adorno;

Projeto de pesquisa - anexado de forma original.

Instrumentos de coleta – Não consta em anexo

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram observados óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1384524.pdf	05/12/2019 22:19:04		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/12/2019 22:14:43	NUBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	carta_orientacao.pdf	05/12/2019 22:09:38	NUBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	nubia_projeto.pdf	05/12/2019 22:09:12	NUBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO	Aceito
Parecer Anterior	parecer.pdf	18/10/2019 17:27:19	NUBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_cidade.pdf	18/10/2019 17:24:09	NUBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	Solicitacao_orientadora.pdf	18/10/2019 17:23:53	NUBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto.pdf	18/10/2019 17:20:30	NUBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_pesquisadora.pdf	05/08/2019 19:52:44	NUBIA NOGUEIRA DO NASCIMENTO	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: 405 SUL AVENIDA LO 9, s/n - lote 11, térreo.
 Bairro: PLANO DIRETOR SUL CEP: 77.015-611
 UF: TO Município: PALMAS
 Telefone: (63)3212-7166 E-mail: cepfesp.palmas@gmail.com

ESTUDOS FUTUROS

Estudar o patrimônio imaterial de Pedro Afonso – as festas religiosas: São Lázaro (Protetor dos cachorros), São Sebastião, São Pedro, Folia do Divino e Folia de Reis. E uma pesquisa exaustiva e historiográfica sobre a Festa do Imperador e da Imperatriz;

Estudo aprofundado com análise dos túmulos pertencentes aos personagens que foram destaque na cidade de Pedro Afonso: lavadeira, barqueiro, escritor (a), políticos entre outros;

Aprofundar nos estudos sobre as procissões existentes na cidade, em especial a do Rio Tocantins;

Um estudo sobre o roteiro geo-turístico com demarcação de pontos para serem visitados principalmente no período de julho em que a cidade recebe vários turistas em virtude das praias.